This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at http://books.google.com/

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

M
1895

DOMI NUS ILLU MINA TIO MEA

Taylor Institution.

H. 193.

MISCELLANEA CURIOSA, E PROVEITOSA, OU COMPILAÇAÕ,

Tirada das melhores Obras das Nações Estrangeiras;

*Traduzida, e ordenada por *** C. I.*

Turpe est ignorare quod omnibus scire convenit.
Arist.

TOMO III.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

MDCCLXXXI.

Com Licença da Real Meza Censoria.

MISCELLANEA
CURIOSA, E PROVEITOSA.

CARTA ESCRITA AO EDITOR.

AMIGO, e Senhor: Naõ posso deixar de manifestar-lhe o gosto, que tenho tido em lêr a sua *Miscellanea*. Na verdade teve v. m. boa idéa em ajuntar todas aquellas noticias, para muitos novas, e para todos necessarias. Esta qualidade de escrito ao mesmo tempo que deleita, instrue. Nesta Cidade tem achado bom acolhimento, e espera que v. m. naõ esfrie em continuar com mais Volumes, e com a mesma deducçaõ, methodo, e escolha de materias. Todas as Nações tem buscado este methodo de Composiçaõ naõ só para deleitar, como para introduzir o gosto de muitas Artes, Sciencias, e ainda da Mecánica; cujos conhecimentos muitas vezes, ou se naõ encontrariaõ com facilidade, ou sería preciso lêr grandes Tratados para os alcançarem. No Seculo passado tivemos algumas destas Miscellaneas; porém, ou eraõ tecidas de insulsas Novellas, ou de quimeras, e patranhas, que mais introduziaõ o abuso, o fanatismo, e a relaxaçaõ. Quando vi o seu Cartaz assentei logo em comprar o primeiro Volume;

mas persuadido de que toparía com cousa, que me enfastiasse, ou me provocasse o riso. Porém considerando no desabuso do Seculo, em que estamos, nos muitos Homens grandes, que temos, e na apurada Critica, com que já hoje se escreve, e mórmente na perspicacia, e gosto de hum Tribunal Censorio, que rege as Artes, assentei, que naõ sería cousa que servisse mais de descredito ao Compilador, do que de gloria; porém achei tudo como o pensava. O certo he, que nestas *Miscellaneas* ha hum certo tóque, que nem todos para ellas tem geito. Pois as materias, que as fornecem, nem devem ser totalmente sérias, e graves, nem tambem joco-sérias, e insignificantes. Tem hum certo meio, com que custa a atinar. Na escolha de objectos está toda a difficuldade para que estes Livros sirvaõ de utilidade a todos. A experiencia, Amigo, tem mostrado, que esta liçaõ tem sido a causa de se estudarem a fundo muitas Sciencias; de se ter arrancado muita superstiçaõ; de se desabusarem muitos. Em hum breve olhar conseguem verem muitas vezes o que com muito exame naõ alcançaríaõ. Ora a sua *Miscellanea* tem este condaõ; nella tudo ha bom, e só desejaría, que naõ affrouxasse na sua continuaçaõ; e ainda que nella introduzisse alguns Tratados de Artes, ou Sciencias, com mais alguma extensaõ, nada perdería. Esteja persuadido, que se por todas as Cidades forem taõ veneradas, como nesta Cidade, estou certo, que teráõ grande consumo; e veja se lhe sirvo de algum prestimo, que me achará promptissimo como

O seu Venerador amigo do C.

Braga, 6 de Novembro de 1779.

Marcos José de Barros.

MA-

MANOBRA DOS NAVIOS.

O NOME *Manobra* tem dous ſignificados entre os Marinheiros; dá-ſe ás cordas, que ſuſtentaõ a ſua maſtreaçaõ, e que ſervem de orientar as Velas; mas agora o tomamos em outro ſignificado mais nobre, e mais extenſo, que he a Sciencia das forças moventes applicada á Marinha. Enſina eſta Sciencia a voltar o navio, ou fazello mudar de ſituaçaõ; como tambem a dar-lhe a maior velocidade, quando ſe quer paſſar de hum lugar para outro; ou eludir em parte o effeito do Vento pelo meſmo Vento. Os conhecimentos, que daqui ſe tiraõ, naõ ſaõ menos neceſſarios á navegaçaõ, do que os que dependem da Pilotagem. Ha eſta unica differença entre o Piloto, e o Manobreiro, que o primeiro naõ he mais, do que hum obſervador, quando toma a altura dos Aſtros, ou quando conſulta a buſſola; mas o outro he obrigado a operações de mais lida, de ſórte, que deve entrar em grande acçaõ, e uſar de varias máquinas, quando ſe trata de dar ao navio os movimentos neceſſarios. Pelo que a Manobra eſtá eſſencialmente ſujeita á Pilotagem: hum indica a direcçaõ, e preſcreve a derrota, que ſe deve ſeguir; o outro docil a eſta indicaçaõ, e a eſtes preceitos, emprega as maiores forças, encoſtado aos principios da mais engenhoſa Mecanica, para fazer com que o navio obedeça á vóz do Piloto, a pezar do enorme pezo da ſua maſſa, e obſtaculos, que naſcem da agitaçaõ das aguas, e impetuoſidade dos Ventos.

A

A Arte de Conftrucçaõ, e da Pilotagem foraõ muito imperfeitas entre os Antigos; porém póde-fe dizer, que as regras da boa Manobra lhe eraõ menos conhecidas. Com Vento favoravel precifamente haviaõ navegar com tanta promptidaõ, como hoje; naõ fabiaõ dar ao navio por meio das vélas todos os movimentos, que queriaõ; ignoravaõ o maravilhofo fegredo, achado pelos Modernos, de fe fervirem do mefmo Vento para navegarem para duas partes inteiramente contrárias; por cuja caufa antepunhaõ navios de remos, do que de vélas, e deftes ultimos fómente fe ferviaõ para carga: os outros, que fe eftimáraõ por aperfeiçoar com todo o cuidado, por fer mais facil a fua Manobra, lhe ferviaõ para a guerra, e todas as occafiões importantes; e com razaõ, porque no pé, em que eftava a fua Marinha, as fuas galeras navegavaõ melhor, do que os feus navios de véla.

Alguns AA. nos dizem, quantos dias gaftavaõ em fazerem certas traveffias, cuja extenfaõ fabemos. Diz Herodoto, que fe navegava no Ponto Euxino de Oriente a Occidente em nove dias, e oito noites; e do Norte ao Meio-Dia em tres dias, e tres noites. O primeiro efpaço naõ tem mais, do que quafi 10 gráos, que fazem 200 legoas Marinhas, que hoje com Vento bom fe pódem bem navegar em tres dias, e tres noites. Plinio no *Liv. VI Cap. XXIII.* conta, que de Carthago a Roma fe navegava em quatro dias, e efta traveffia fe póde hoje fazer em menos de dous dias. Conforme o mefmo Author *Liv. XV. Cap. LXVIII.* fe gaftavaõ 40 dias em hir do Mar roxo para a Cofta do Malabar por huma derrota em linha recta por Hippolus. A diftancia he qua-

fi 450 legoas maritimas, que dá pouco mais de 21 legoas por dia. Luciano pinta hum navio de véla vindo de Alexandria a aviſtar a Ilha de Chypre em 7 dias: eſtes dous termos diſtaõ unicamente 80 legoas, pelo que o navio naõ fazia mais, do que 19 legoas por dia: que differença entre a navegaçaõ veloz dos noſſos navios, que muitas vezes vencem mais de 100 legoas em 24 horas?

A invençaõ da buſſola, que tanto tem contribuido para a perfeiçaõ da Pilotagem, deo igualmente occaſiaõ á perfeiçaõ da Manobra. Deo afoûteza para emprehender grandes traveſſias com todo o tempo; augmentou-ſe a capacidade dos navios, e multiplicáraõ-ſe as vélas, a que ſe deo hum equilibrio exacto entre as de proa, e de poppa, a fim de poder ſer ſenhor do Vento, e tirar o maior proveito. Por eſte modo vemos, que pelos fins do Seculo 13 teve grande augmento a *Sciencia Nautica*, pois entaõ, como refere Marco Paulo, ſe navegava em 20, ou 25 dias da Coſta de Malabar á Ilha de Madagaſcar, cuja traveſſia he de quaſi 700 legoas; e he, porque neſſe tempo ſe ſoube fazer a carreira mais rápida: ſopeava-ſe o navio na ſituaçaõ, que ſe queria, e aproveitavaõ-ſe da força do Vento contra o meſmo Vento, apreſentando-lhe obliquamente a proa, e as vélas; em fim naõ ſe limitavaõ a hir ſempre pelo meſmo caminho, e algumas vezes ſe deixavaõ levar do Vento: Eſte artificio foi praticado pela primeira vez por Hippalo no Mar da India. Eſte marinheiro na viagem, de que ſe fez mençaõ, do Mar Roxo á Coſta do Malabar ſe deixou levar do Vento Sudoeſte, que eſperava, que voltaſſe.

Ain-

Ainda se apuráraõ mais nos Seculos seguintes: No principio do Seculo 16 se uníraõ nos navios quasi todos os portentos, que pódem operar as forças moventes. O célebre Andre Doria zombava dos Ventos com tanta facilidade, que os que o viaõ, pouco experimentados na Arte o tinhaõ por feiticeiro: já hoje naõ assombraõ os admiraveis successos, depois que Tourdeville, Baart, Duquesne, Dugue-Trouen, e outros Homens maritimos taõ grandes, que ha actualmente na França, nos tem costumado a semelhantes espectaculos.

Ao tempo que estes illustres Generaes punhaõ em prática no fim do Seculo ultimo todas as delicadezas da Arte da Manobra, sabios Authores trabalhavaõ em formar a sua theorica. O Padre Pardies se occupou neste ponto em 1673: devemos sempre agradecer-lhe a empreza, ainda que naõ fosse feliz, porque assentava em hum principio erroneo: O Cavalleiro Renau muito versado na prática da Marinha, teve melhor exito na sua Obra ácerca da Manobra dos navios, impressa em 1689. O Padre Host deo grande luz a este ponto na sua Collecçaõ de Tratados de Mathematica, onde resolveo grande número de Problemas: devemos ainda maiores obrigações a Mrs. Huygens, Joaõ Bernouilli, Pitot, Mac Laurin, e Euler, que publicáraõ Obras muito importantes ácerca deste ponto; mas por muita utilidade, que se possa tirar dos seus trabalhos neste genero, póde-se segurar, que o Público necessitava ainda do Tratado de Mecanica, em que o célebre Bouguer reduzio a soluções muito simplices os Problemas de Marinha mais difficeis, que se dirigem á Manobra dos navios; que se imprimio em Pariz em 1757

Es-

Este habil Homem, cujos passos naõ podemos deixar de seguir, na succinta exposiçaõ dos principios da Manobra, mostra que todos se fundaõ em duas Sciencias, a Mecanica, e a Dynamica, a quem dedicou a primeira parte da sua Obra, dividida em tres Livros. Esta primeira parte dividida em tres Selsões, sobdividida em muitos Capitulos, trata primeiramente do equilibrio entre os corpos solidos, que obraõ huns contra outros, pela sua tendencia ao movimento; donde tira assumpto para explicar o uso das roldanas nas Mecanicas, e em particular na Marinha; o do plano inclinado, da alavanca, que saõ as máquinas simplices, e daqui faz caminho para as máquinas compostas, de que usaõ nos navios, quaes saõ o Catrehoste, os remos, ou páos: o leme, a rosca, a verruma, e a cunha. A acçaõ destas máquinas depende da sua disposiçaõ; e para conceber o seu effeito he necessario saber, como se compoem as suas forças, e movimentos, e como se descompoem. As regras, e as demonstrações, que o Author dá neste ponto, se accommodaõ á comprehensaõ de todos: Huma dellas ensina a avaliar o equilibrio, que conservaõ as forças entre si pelas velocidades, que teriaõ os pezos no caso, que as forças se alterassem. No Cap. IV. da primeira Sessaõ mostra o Author com toda a clareza, que no caso de equilibrio os movimentos das forças, que naõ saõ mais do que os productos das forças pela distancia das suas direcções ao fulcro, saõ exactamente iguaes: Indaga no Cap. VI. os meios de determinar o centro da gravidade dos corpos, ou seja pelos principios Geometricos, ou pela experiencia. Nos Cap. VIII., e IX examina a natureza do rossado,

de

de que máquina nenhuma póde privar-se, e a difficuldade, que as cordas tem em dobrar; de que resultaõ effeitos, que se devem calcular, e precaver, se se quer conseguir o fim proposto nas máquinas. Vê-se que M. Bouguer em toda esta Sessaõ considera, como os outros Mecanicos, as máquinas quietas, e o equilibrio dos córpos, que obraõ huns contra os outros pela simples tendencia ao movimento.

Mas na Sessaõ seguinte trata da acçaõ, e equilibrio dos córpos em movimento. O Author se applica a dar a conhecer, que a inercia dos córpos, ou a difficuldade, que oppoem, quando se querem mover, ou parar depois de estarem em movimento, he cousa muito differente do seu pezo; e com effeito a Mecanica consegue o aproveitar-se da acçaõ desta segunda força; mas naõ lhe he possivel destruir, nem diminuir o effeito da primeira. A materia resiste á mudança de estado, á proporçaõ de sua massa, ou quantidade; assim huma bala de artilheria no fim do seu movimento, e quando já tem sómente a velocidade de huma bóla ordinaria, naõ se póde parar, senaõ com huma força muito superior á que sería necessario para suster a bóla; o que provém de que a bóla he sinco, ou seis vezes mais pezada, isto he conter seis, ou sete vezes mais materia, do que a outra bóla.

Muitos confundem a velocidade com o movimento, cousa que se deve destinguir muito bem. A velocidade se mede pelo caminho andado, sem attender á massa, que se move. Hum navio, por exemplo, que anda tres legoas em huma hora, ao mesmo tempo, que huma galera naõ anda mais, que huma, tem velocidade tripla da de gale-

ra:

ta: Por movimento entendem os Mecanicos o producto da massa pela velocidade; se o navio, que anda tres legoas por hora, peza 400 toneladas, e a galéra, que anda sómente huma legoa, naõ peza mais de 100, o navio teve 12 vezes maior quantidade de movimento, que a galéra; porque 3 vezes mais de velocidade multiplicados por quatro vezes mais de massa, daõ o producto 12 vezes mais.

O movimento de hum corpo constitue o que se chama a sua força: Se dous córpos tem hum movimento igual, hum terá tanta, força como outro, e se equilibraõ, quando as suas acções saõ directamente oppostas: segue-se daqui, que todos os prodigios da Mecanica consistem unicamente em mudar hum movimento contra outro, que lhe he aquivalente; mas que he o resultado de massas, e velocidades differentes. Com certa quantidade de força póde mover-se, e levantar-se hum corpo cem vezes mais pezado pela disposiçaõ das máquinas, como v. g. moutões, alavancas, planos inclinados &c. Porém este corpo, que se move, deve neste caso ter huma velocidade cem vezes menor; pelo que toda a Arte das forças moventes se reduz a introduzir huma nova distribuiçaõ entre a massa, e velocidade.

O pezo do corpo he a causa da acceleraçaõ da sua velocidade quando cahe: esta acceleraçaõ se faz por gráos, que augmentaõ igualmente em progressaõ arithmetica, conforme a ordem dos números naturaes; isto he, que hum grave, que anda 15 pés e huma polegada no primeiro segundo da sua quéda, como tem mostrado a experiencia, adquire huma velocidade dupla no segundo instante, tripla no terceiro, e assim successivamente.

te. O movimento dos córpos, que se lançaõ de baixo para sima, segue a mesma proporçaõ; mas em ordem contraria, isto he, as velocidades diminuem á proporçaõ, que o corpo sobe, do mesmo modo que augmentariaõ se o corpo descesse.

Este fenomeno, que he hum dos mais geraes da Natureza, póde servir de medida a todas as velocidades, que tem os corpos. Por esta razaõ he, que algumas destas miudezas merecem toda a attençaõ dos Mecanicos. M. Bouguer naõ podia deixar de examinar os seus effeitos pelos planos inclinados nas vibrações das molas, nas oscilações dos pendulos, e nas outras circunstancias, que saõ o assumpto da segunda Sessaõ do seu primeiro Livro.

Na Sessaõ, que se segue, trata da acçaõ dos córpos fluidos, e mostra, como se póde calcular a força do Vento, e agua contra superficies de certa grandeza dada. As suas explicações vem acompanhadas de taboas, que poupaõ ao leitor a difficuldade, e o embaraço do calculo. Explica no *Cap. II.* o modo, como as vélas aceleraõ o movimento do navio, e occupa-se principalmente no resto desta Sessaõ em examinar a propriedade, que tem os liquidos, de impellir para sima os córpos, que nadaõ sobre a sua superficie: exame, que o induz a determinar o metacentro, ou ponto, que serve de limite á maior altura do centro de gravidade do navio, a habilidade, ou força, com que o mesmo navio conserva a situaçaõ horisontal, e as oscilações, isto he, os effeitos de rolar, e de arfar, a que está sujeito.

As indagações, que se contem no segundo Livro, daõ a conhecer a utilidade das regras da Mecanica, e Dynamica, que o Author estabele-

ceo

ceo no primeiro. Trata-se de fazer, com que o navio obedeça a todos os movimentos, que se lhe daõ por meio do leme, e das vélas.

O impulso absoluto, que o leme lhe dá, sempre he muito pequeno, comparado com o pezo absoluto do navio; mas como este instrumento obra por huma grande alavanca, cuja direcçaõ passa a huma distancia consideravel do centro da gravidade do navio, a força impulsiva da agua contra o leme he taõ forte, que communica a esta massa enorme hum movimento de rotaçaõ proporcionada ao angulo, que forma o leme, desviando-se da direcçaõ da quilha do navio: quanto mais agudo he este angulo, mais fortemente bate a agua, que entaõ obra mais perpendicularmente contra o leme; mas á medida que este angulo se fecha, a direcçaõ do impulso do leme passa a huma menor distancia do centro da gravidade do navio, o que encurta o braço da alavanca; por outra parte se este braço se alonga muito, alargando o mesmo angulo, o leme he ferido muito obliquamente pelo fluido.

Pelo que se deve guardar certo meio, para que o movimento do leme faça o maior effeito possivel. Os Geometras, que se tem applicado a indagar, qual he a abertura mais vantajosa do angulo, que deve fazer o leme com o prolongamento da quilha, o tem fixado a 54 gráos 44 minutos. M. Bouguer concede, que este angulo se poderia preferir a todos, no caso que a agua, que vem bater contra o leme, seguisse exactamente a direcçaõ perpendicular á quilha; mas naõ succede assim, porque a agua superficial do Mar he obrigada a seguir a curvídade dos lados do poraõ, mudança da direcçaõ, que altera a exactidaõ das

ſoluções, que os Geometras tem dado deſte Problema, e por iſſo o noſſo Author decide, que ſe devem contentar com hum angulo de quaſi 45 gráos, e condemna o uſo de o naõ fazerem commummente maior de 30 gráos.

Quando ſe pertende, que a proa do navio volte para hum lado, convem empurrar o leme para o meſmo lado, o que ſe faz puchando a cana para a parte contrária: iſto ſe deve entender no caſo que o navio avance, porque quando recua tudo he pelo contrario, o leme naõ opera entaõ quando o navio, e o Mar eſtaõ quietos, mas quanto mais movimento tem o navio, relativamente ao Mar, mais forte he a força do leme; ſe o navio recua, e tenha movimento real a reſpeito da agua, o leme ſerá impellido pela parte oppoſta, e ſendo a poppa impellida para a meſma parte, a proa voltará ás aveſſas; iſto he para o lado para, onde ſe inclina a cana.

Deve-ſe notar mais, que huma parte da força do leme he nociva ao caminho, iſto he, diminue a velocidade da navegaçaõ, porque a difficuldade, que a proa do navio tem em romper a agua, ſe acha augmentada pela reſiſtencia do leme.

O effeito das vélas naõ he menos vantajoſo, do que o do leme, para fazer movimentos de evoluções do navio: as primeiras pódem operar em circuſtancias, em que o ultimo póde ſer inutil, como por exemplo quando o navio eſtá parado, ou quando he levado da corrente, que lhe communica toda a ſua velocidade.

Nos navios ha quatro maſtros principaes: o maſtro grande, que eſtá poſto no meio do comprimento do navio: o de Mezena, poſto diante no extremo da quilha, o do gurupéz, que naõ

he

he vertical, como os outros, mas inclinado sobre a proa, e sahe para fóra do navio; o do artimaõ menos alto, e mais delgado, do que os outros, que fica da parte da poppa.

Quando se quer que o navio aproveite o Vento, que vem de ilharga, se dá ás vélas a respeito do comprimento do navio huma dispoſiçaõ obliqua, sem isto naõ receberiaõ o impulso do Vento, ou naõ seríaõ feridas, senaõ pela superficie anterior, o que se opporia á navegaçaõ, e faría rodar o navio: Quando o navio he assim impellido de ilharga pelo Vento, anda necessariamente caminhando para a parte opposta, a hum dos lados do poraõ, que he o que fica ao Vento, he mais exposto ao embate da agua; entaõ convem que as vélas da proa, e poppa se contrabalanceem exactamente; de outro modo se as vélas de proa fossem mais fracas, que as de poppa, rodaria o navio: ao mesmo tempo he preciso que a força total das vélas fique em equilibrio com a força absoluta da agua contra a poppa, e que estas duas forças operem precisamente na mesma linha, mas oppostas huma a outra; aliás o navio obrigado a ceder a huma, ou outra dellas, naõ conservaria hum movimento uniforme.

Quando o navio vai Vento em poppa, a maior parte das vélas saõ inuteis; entaõ se prefere o usar das de proa. Carrega-se a véla grande para que o Vento faça effeito sobre a mezena: serve-se todavia da do traquete, e papagaio, que ficaõ sobre a véla grande, como tambem da cevadeira: esta recebe a parte do Vento, que passa por baixo da mezena, que sem isto sería perdida.

Nestas circunstancias o navio avança em linha re-

recta, e segue a direcçaõ da sua quilha sem voltar mais para huma parte do que para outra; e entaõ naõ decahe do seu rumo, e a força da agua he igual á do Vento. Com tudo este equilibrio naõ he exacto mais do que alguns instantes muito curtos; porque a inconstancia do Vento, e a irregularidade do movimento das ondas a interrompem incessantemente: Por esta razaõ os marinheiros se occupaõ continuadamente a pôr o navio por meio do leme, que estaõ a menear para a direita, e para a esquerda, em caminho; do que se segue, que a sangradura naõ he por linha recta, mas sim em cotovelos.

Quando se quer, que o navio apresente mais a poppa ao Vento, se elle naõ obedece ao leme, he necessario carregar, ou colher algumas vélas de proa, o que tira o equilibrio: As vélas de poppa, que entraõ, fazem o mesmo que o pezo na balança, a quem se alliviou huma das conchas, empurraõ a poppa para o Vento, e fazem inclinar o navio. Pelo contrario, quando se quer que o navio arribe, isto he, que offereça menos poppa ao Vento, se carrega a cana do leme para o Vento, e se isto naõ basta para o navio obedecer, se carregaõ as vélas da poupa, e empurra esta parte do navio para sota-Vento; mas destas operações a primeira he mais facil, do que a segunda: Do que se segue, que o movimento da rotaçaõ do navio, quando se quer fazer que arribe, se faz com vagar em razaõ da força da agua, que se oppoem; e da sua direcçaõ, que sobre a proa passa a diante do centro da gravidade.

Se se carregaõ, e se amainaõ junto com presteza todas as vélas do navio, faz-se cessar quasi immediatamente a impulsaõ do Vento; mas nem

por

por isso acaba a velocidade da carreira. O navio continúar a seguir a sua derrota pelos primeiros instantes, e seu conves he sempre impellido pelo choque da agua: esta força, que he muito grande, faz necessariamente voltar o navio, o qual voltando apresenta a proa ao Vento; mas podesse embaraçar este effeito carregando as vélas com vagar, porque diminuindo-lhes o tamanho a todas proporcionalmente, perde o navio a velocidade da sua carreira, e o impulso da agua continuadamente diminue, até a ser nenhum, quando por fim estaõ colhidas as vélas, e consequentemente deve o navio ficar quieto, e naõ voltar. Do que se colhe esta regra geralmente: que todas as vezes, que naõ se combate com a força da agua, senaõ por huma linha obliqua, se deve executar esta Manobra com a maior celeridade: quando porém a força da agua resiste; he util manobrar lentamente.

Naõ he a direcçaõ do choque da agua, que faz a separaçaõ das vélas da poppa, e de proa, mas o centro da gravidade do navio; porque qualquer força naõ diligencea fazer virar hum corpo, senaõ quando a sua direcçaõ naõ passa pelo centro da gravidade deste corpo; e a direcçaõ, para onde se faz o movimento da rotaçaõ, sempre he determinado pelo lado, para o qual está inclinado a direcçaõ da força motriz. Pelo que, qualquer que seja a situaçaõ de huma véla a respeito da direcçaõ do choque da agua, sempre contribuirá para fazer arribar o navio, com tanto, que fique avante do centro de gravidade.

Como o mastro grande sempre está muito visinho deste centro, e a distribuiçaõ da carga do navio póde mudar de diante para traz, ou pelo

contrario, succede tambem que a véla grande humas vezes faz as funcções da véla da proa, e outras de véla de poppa, o que merece attençaõ. As vélas da poppa, e as de proa pódem tambem ter usos contrarios, aos que lhes demos, fazendo certas Manobras, que M. Bouguer indica no *Cap. IV. Sect. I. Liv. II.* No mesmo lugar dá duas regras para orientar huma véla, de modo, que produza o maior effeito possivel, fazendo voltar o navio. No Cap. seguinte dá os meios de fazer revirar hum navio, ou fazello passar de huma derrota mais perto para outra mais perto: revirar ao Vento por da vante, ou por poppa; porse em panno, isto he, a travéz o Vento: por-se á capa, isto he, portar-se de modo, que o navio esteja sensivelmente no mesmo lugar.

A segunda Sessaõ do mesmo Livro trata de examinar as circunstancias do movimento, que tomaõ os navios voltando, e de indagar os meios, que pódem augmentar a facilidade, e promptidaõ deste movimento.

Ainda que os instrumentos, de que usa para voltar os navios grandes, tenhaõ mais força, do que os de que usa para voltarem os pequenos, com tudo, como a difficuldade de mover os primeiros he ainda maior sem guardar proporçaõ com a grandeza, segue-se, que o tempo, que se gasta nas mesmas evoluções em varios navios saõ como os seus comprimentos. Assim supponde, que hum navio tenha dobrado comprimento, e dobrada largura, e dobrada altura, que outro, fará no mesmo tempo hum angulo de rotaçaõ quatro vezes menor, que o angulo de rotaçaõ do pequeno: este incoveniente augmenta o perigo, a que estaõ expostos os navios grandes, quando

do estaõ visinhos de costas. Hum navio grande he pouco agitado pelo choque das ondas; e he menos sujeito a rolar, e a metter continuamente a proa, mas isto procede, de que huma grande maça conserva mais tempo a força do movimento.

Huma das cousas, que podia haver mais uteis para a Manobra, sería achar hum meio cómmodo de determinar os pontos do comprimento do navio, onde se acha o centro da gravidade, e da rotaçaõ. Os que offerece a theorica, querem calculos muito extensos, e espinhosos, e por isso M. Bouguer se valeo de algumas experiencias directas. Manda elle examinar no porto as boas, ou ruins qualidades de hum navio, relativas ao modo de o governar no Mar para conhecer as mudanças, que sería conveniente fazer na distribuiçaõ da carga, e das mais partes do navio, que se póde mudar de lugar. Quer mais, que se examine no Mar o estado, em que melhor navega qualquer navio, attendendo ao número das toneladas, com que está carregado, ao volume da agua, que occupa o poraõ, á quantidade, que mette da proa, e poppa, á altura do seu centro de gravidade, á inclinaçaõ, que lhe causa certo pezo, posto em certa distancia contada do meio para hum dos lados; o número, e duraçaõ das suas oscillações, quando rola livremente; e principalmente a propriedade, que deve ter o navio de voltar com facilidade, ou bem governar por meio das vélas, e leme. O Author dá sobre todos estes pontos instrucções da prática, a que remettemos os Leitores para passar a fazer a analyse do seu III. Livro.

Nelle ensina o melhor methodo de dispôr as

vélas dos navios, com a maior utilidade possivel, naõ só relativamente ao movimento da rotaçaõ; mas para navegar promptamente, ou fazello hir para sitios muito remotos. Este ponto se explica com a resoluçaõ de tres Problemas principaes, a que se dirigem outros muitos. O primeiro, que he de hum uso continuado, consiste em dispôr as vélas, quando se trata de seguir determinada derrota: para ter bom effeito convem ordinariamente conhecer bem a direcçaõ real do Vento, que differe ordinariamente dà apparente, indicada pela flammula, e bandeiras do navio. Segundo: Convem saber distinguir os objectos, que se tem ao Vento, e os que ficaõ a sota-Vento, quando se faz a derrota. O *Cap. I.*, *e II.* daõ varios modos para conhecer estes dous pontos.

Da derrota, e das duas direcções do Vento, real, e apparente, resultaõ tres linhas, que fazem hum triangulo, cujos lados representaõ a razaõ das tres velocidades, a saber: a velocidade absoluta do Vento, a da navegaçaõ, e a velocidade apparente do Vento. Ora quando se quer dar ao navio a maior velocidade possivel, demonstra M. Bouguer, que se póde considerar, como constante a velocidade apparente do Vento: suppostos estes Preliminares, indica qual he a disposiçaõ mais vantajosa da véla para fazer derrota, ganhar o Vento, e affastar-se de huma costa, para dar caça a hum navio, e cortar-lhe o caminho &c.

Estas ultimas operações dependem da resoluçaõ de outro Problema principal, em que se trata de escolher a derrota, quando se quer fugir o mais que he possivel de huma linha recta dada de posiçaõ. Entaõ naõ he o fim correr com a maior

velocidade absolutamente; mas sim ter a maior velocidade relativamente á determinada direcçaõ, differente da derrota.

Como nem sempre o navio navega directamente, convem saber escolher qual das derrotas obliquas he a em que temos a maior velocidade possivel: he a materia do terceiro Problema principal.

O nosso Author resolve estes tres Problemas com tres Hypotheses diversas; de que humas saõ mais complicadas que as outras, e daõ lugar a dividir o seu ultimo Livro em tres Sessões. Na primeira considera os navios, que naõ tem mais que huma véla, e de que se póde escusar o angulo, que faz a quilha com a derrota, o que he permittido, quando as derrotas saõ pouco obliquas, e em algumas circunstancias mais. Acha que nestes navios a véla deve dividir o angulo formado pela direcçaõ apparente do Vento, e pela derrota em duas partes, que sejaõ taes, que o seno do excesso do primeiro angulo parcial sobre o segundo seja o terço do seno do angulo total. No caso do segundo Problema he necessario, que o angulo formado pela direcçaõ real do Vento, e pela véla, seja igual ao angulo formado pela derrota, e pela linha recta, de que se quer affastar: ultimamente no terceiro Problema a direcçaõ real do Vento deve ser perpendicular á véla; e a tangente do angulo de incidencia apparente do Vento sobre a véla deve ser dupla da tangente do angulo, formado pela véla, e pela quilha do navio, como no primeiro Problema.

A segunda Sessaõ rola sobre o movimento dos navios, cujo angulo da quilha he attendivel. Dá o Author meios de distinguir este angulo, que

aug-

augmenta consideravelmente, quando se derrota pelo mais perto, e quando as vélas estaõ postas obliquamente do angulo occidental, que póde ser o effeito das correntes. O angulo da quilha muitas vezes he indicado pelas agoagens. Entendem os Marinheiros por este nome o final, que fica no Mar, em quanto as aguas da superficie naõ perdem o seu movimento particular; porque cortando o navio a agua com violencia, lhe imprime maior agitaçaõ, e a impelle para os lados, donde vem com precipitaçaõ occupar o lugar, que deixou o navio; o que forma atraz da poppa hum redemoinho, pelo qual se indica sensivelmente a direcçaõ do navio.

A terceira, e ultima Sessaõ do seu excellente Livro, de que damos pouco apurada idéa, se encaminha aos navios de muitas vélas, cujo angulo se naõ póde desprezar: as vélas de hum mastro todas se consideraõ, como huma superficie, mas a multiplicidade dos mastros produz a das vélas, porque fórma varios planos, em que o impulso do Vento he sujeito a varias mudanças, que requerem novas regras, ou novos calculos. Por mui complicadas que sejaõ estas indagações, o Author as simplifica, e sabe unir a clareza com a precisaõ, e mais profunda sagacidade. Todas estas qualidades saõ necessarias para se poderem conseguir as incomparaveis vantagens, que daõ á humanidade os grandes trabalhos desta famosa Academia.

QUA-

QUALIDADES DO TERRENO

Mais proprio para a cultura das Arvores fructiferas.

QUANTO vou dizer ácerca do Terreno proprio, para plantar Arvores fructiferas, naõ hé Hypothese, he verdade fundada em repetidas experiencias, que tenho feito com bom successo ácerca das Arvores fructiferas assim antigas, como plantadas de novo.

A Terra, em que tenho experiencia, que se daõ melhor as Arvores fructiferas, saõ as de côr avermelhada, negra, escura, ou côr de ferro; de qualidade fórte mais inclinada para greda, do que para arêa: na profundidade de dous pés, quando tem mais, saõ melhores, e que naõ tem embaixo nem agua, nem arêa; mas rocha, marne, ou barro firme, com tanto, que seja medianamente secco.

Naõ ha casta de Terra, que tenha particulas sólidas taõ pequenas, como a greda, de sórte, que na greda se acha muita materia em pequeno espaço. Conserva por mais tempo a humidade, do que a arêa, cujas partes sólidas saõ muito maiores, como tambem os intersticios, que as separaõ, por entre os quaes vaõ muito facilmente os succos salinos, e em muita quantidade os mais ligeiros saõ facilmente evaporados pelos raios do Sol, que secca muito depressa a superficie no Estio. Bem que a greda conserve a humidade mais tem-

tempo, faz hum corpo taõ compacto, que nem a chuva, nem os orvalhos o penetraõ facilmente, mas ficaõ na superficie no Estio, até que o Vento, ou o Sol a sequem, e muito pouco desce até á raiz das plantas. As raizes naõ se pódem espalhar taõ facilmente pela argilla, como nas terras mais leves, e porosas, e por isto como a arêa deixa ás raizes a liberdade de se estenderem, e o barro retem os succos, que ellas deviaõ absorver, sou de opiniaõ, que a mistura destas duas terras he melhor, que cada huma de per si. Todo o Terreno muito humido naõ he bom para Arvores fructiferas, ou estejaõ ao Vento, ou abrigadas, ou decotadas &c. A humidade muitas vezes faz apodrecer as cereijeiras: as maceiras, as pereiras &c. se cobrem de musgo: os extremos dos seus ramos estaõ rachados, e seccaõ; e o fructo, quando o dá, he pequeno, e de ruim sabor. Os Pessegueiros, os Alpercheiros, os Damasqueiros, tambem se naõ daõ bem. As Arvores, se se conservaõ, daõ huma madeira esponjosa, que se come de ferrugem, e pouco sã: e o fructo, que daõ, he insipido. As vinhas, e as figueiras ainda querem Terreno mais secco, do que as Arvores, de que acabo de tratar.

AVISOS ECONOMICOS

Sobre a Cultura do Carvalho, e Castanheiro.

RARO he o Paiz meridional da Europa, em que se naõ tema falta de lenha, que cada vez he mais rara: o grande preço, a que tem subido, justifica os temores, de que venha a faltar, e abre os olhos a todos ácerca do risco, a que estaõ expostos de se verem em pouco tempo sem hum genero, que se naõ póde escusar, e de que antes havia de sobrexcellente. Todos os dias se sorribaõ terras de matos para se semear graõ, ou talvez para pôr vinhas, e naõ se cuida em os substituir com novas plantações: a maior parte dos que nos ficaõ, saõ taõ antigos como o Terreno, em que crescêraõ, de sórte, que muitos saõ quasi inuteis: a sua distancia das estradas reaes, a falta de Canaes, e Rios navegaveis capazes de conducçaõ, fazem com que se naõ aproveitem, e se poriaõ ahi mesmo, onde nascêraõ, por nos poderem cobrir os gastos dos carretos, que seríaõ maiores do que o producto das fazendas. Naõ basta ter meios, he além disso necessario, que naõ fiquem remotos para se poderem servir.

Este incoveniente naõ he difficil de remediar: ha Terrenos sufficientes, e commodos, que se podiaõ empregar em matos; mas poucos tem ensinado meios simplices para se crearem matos. A des-

despeza, e o primeiro desembolso assustaõ, e assenta-se que o beneficio, que daqui póde resultar, he muito pouco, e que tarda muito tempo: o lucro, que se vê muito ao longe, naõ commove os que tem vontade de se abalançarem a emprezas; esta razaõ, que naõ deixa de ser especiosa, he pouco sólida, se se quer aprofundar; com tudo he a maior causa de vermos longas terras desertas, e incultas, viva pintura da nossa indolencia, e falta de industria, e que talvez naõ sería difficil de fazer valer, plantando matos, se nos soubessemos aproveitar. Hum Seculo taõ illustrado, como he o nosso sobre a Agricultura, e que parece ter banido o gosto a bacatellas, para só cuidar em cousas uteis, será indifferente a respeito de objectos, que bem que importantes, naõ estaõ mostrando o espectaculo de ruina, e miseria? Os que lerem estas Memorias, acharáõ nellas razões, e meios sólidos para trabalhar nesta grande obra: livres de preoccupações, que tem adoptado ácerca da plantaçaõ dos matos, se veráõ alentados do zelo para o bem público, e a consideraçaõ do seu particular interesse, acabará de os obrigar a formarem taõ boas emprezas.

Natureza das Terras incultas, suas propriedades para matos.

SE podessemos vêr juntas todas as Terras incultas, que ha repartidas pelas Provincias, ninguem deixaría de se admirar do seu número, e de que se diga, que todo o Paiz está aproveitado, e cultivado. A maior parte das Terras se reduzem a alguma das quatro especies seguintes: ou saõ terras de natureza fria, e humida, ou areentas

sec-

ſeccas ; e eſtereis ; ou Terrenos encravados de rochedos, e ſituados ſobre montanhas, e outeiros eſcarpados, ou hum fundo de greda coberto de huma codea delgada de terra boa, mas muito pouco profunda para naſcerem Arvores. As duas primeiras eſpecies ſaõ as mais communs; e ſe deixaõ ſem cultivo, porque ſe naõ julgaõ boas para couſa alguma, depois de terem tentado aproveitallas cultivando grãos, ou vinha: mas póde-ſe dizer com verdade, que a maior parte, ou ſejaõ terras frias, ou ſeccas, areentas, e ao parecer eſtereis, ſaõ muito convenientes para matos: as primeiras produziráõ muito bem Carvalhos, e os fundos areentos ſe devem examinar, ſe tem alguma conſiſtencia, que neſte caſo creſceráõ bem nelle os Caſtanheiros, aliás ſe pódem plantar pinheiros: agora trataremos ſómente da Cultura do Carvalho, e Caſtanheiro; e os preceitos, que dermos para hum, tambem ſerviráõ para os outros, e vamos indicar os meios mais ſimplices, e mais certos para fazer, com que eſtas caſtas de Arvores dem, com que reſarcir os que as plantarem, e além diſſo fiquem dando boa renda.

Cultura do Carvalho em terras frias, que ſómente produzem poucas moutas.

O QUE tiver hum Terreno frio, onde ſe naõ dê trigo ſenaõ á força de trabalho, e eſterco, deve plantallo de mato, ſe o quer aproveitar: para o conſeguir, primeiro o alimpe de todos os cardos, e raizes de Arvores, que tenha, e arrancar as Arvores de todo o mais fundo, que for poſſivel: tambem ſe tiveſſe moutas, ſería neceſſario cortallas; e fazendo depois demorar em ſima al-

algum gado com huma camada de palha. ficaría com hum efterco bem util para melhorar terras frias: ha Paizes, que em vez de cardos fe vem fómente gieftas, e *zajões*.

Todos conhecem a giefta; mas poucos o *Zajon*, que he nome, que lhe daõ no Perigordo, e por iffo darei a fua difcripçaõ. He hum arbufto fempre verde, que tem as folhas picantes, como de genebra, com a flor femelhannte á da giefta, e a madeira dura, e amarella quafi como o bucho. Eftes arbuftos fe encontraõ ordinariamente em terras frias, e nos Paizes, de que fallo, os lavradores fazem delle eftrume, ou pondo-lhe os gados em fima, ou lançando-o a calcar pelas ruas dos Lugares, que eftaõ cheias delle. Primeiro que tudo fe devem cortar todos eftes arbuftos, depois fe forribaráõ as terras de fórte, que todas as raizes, e pequenos fios fiquem fóra a hum pé, ou 15 polegadas ao menos da profundidade: depois fe cortará o mefmo Terreno a travez de fórte, que toda a terra fique cortada em pequenas parcellas, ou quadrados de duas, ou tres polegadas para toda a parte. Ifto acabado fe tornará efta terra a voltar debaixo para fima com a charrua; mas como eftes trabalhos faõ mui pezados convem efcolher o melhor tempo, e fazello immediatamente depois das fementeiras, ou no Inverno, quando as chuvas tem embebido bem as terras. Porfe-lhe-hão os cavallos, ou bois precifos á proporçaõ do pezo dos inftrumentos, para que poffaõ vencer todos os obftaculos, que lhe puzerem as raizes, e a mefma terra: fe efte primeiro fabrico fe lhe póder dar antes de cahirem as geadas, fería hum grande avanço, e a terra receberia huma preparaçaõ, que augmentaria muito a quali-

da-

dade nutritiva. As geadas, a chuva quando penetrassem a terra, deixariaõ nella depositadas os succos, de que vem empregnados, e a terra depois se polverizaría facilmente, quando lhe dessem segundo fabrico no mez de Fevreiro. Depois deste segundo fabrico se gradará, e se disporá para semear, ou plantar estacas para adiantar o crescimento. Para este fim se usará de hum grande cordel de cem braças de comprido ao menos, em que se poráõ nós de 9 em 9 palmos, e com huma especie de cordel se faráõ defronte dos nós buracos de tres polegadas de diametro, e 18 polegadas de fundo. Este cordel se mudará, quando estiverem feitos os buracos, e se transportará para a distancia de 9 palmos da primeira fieira, e assim successivamente se vai praticando por todo o Terreno, que se quer plantar, e por este meio haveráõ cóvas nos espaços, que ficaõ em quadrado, ou xadrez.

Antes de se plantar este campo, hum anno antes se arranque de outros sitios relva com raizes, e terra, ou folhas, que se poráõ em montes para tudo se consumir; e quando se quizer começar a plantar, se transportaráõ algumas correntes destas terras amontoadas antes de se abrirem as covas; e com ellas se hiráõ fechando os buracos á medida, que se abritem: tanto que se tiverem enchido os buracos desta terra, ou á medida que se encherem, hum trabalhador porá em cada buraco tres bolotas da melhor especie. Para que as bolotas naõ aqueçaõ, nem sequem no Inverno, se poráõ em alguma parte cubertas de arêa, e por sima se lhes lançará esterco de cavallo, e todas estas operações se devem fazer tanto, que estiverem juntas debaixo da Arvore,

is-

isto he no mez de Outubro; e quando quizerem usar destas bolotas, estaraõ verdes, e quasi todas greladas. Hum alqueire destas bolotas, bem escolhidas, basta para huma geira; e he de consequencia, que as bolotas tenhaõ grelado antes de se plantarem, pois isto dá certeza, de que naõ tardaráõ em rebentarem, e he o meio de impedir, que as toupeiras, os corvos, e outros animaes as naõ vaõ roer. Feita esta operaçaõ naõ se tocará mais nesta obra até ao mez de Junho, e até que as pedicolas do Carvalho tenhaõ 5 polegadas; o que succederá por este tempo por acharem muita substancia nesta nova terra, de que estaõ cheios os buracos. Como dous, ou tres troncos em hum buraco pódem embaraçar huns aos outros, he util ao diante arrancar á maõ os menos fortes, e deixar sómente o mais vigoroso, e que dá melhor esperança: neste principio custa pouco a arrancar estas plantas tenras, e para isto se usa de huma rodilha, para naõ fazer mal ás mãos.

Depois desta operaçaõ se sachaõ estes pequenos troncos até á distancia de hum pé com hum podaõ leve, e á profundidade de tres polegadas sómente para as livrar de hervas ruins: calçar-se-ha hum pouco a planta com a mesma terra, que se lhe chega em róda, e depois se usará de huma charrua ligeira, com que se lavrará toda a terra lançando-a para junto das pequenas Arvores com a orelha da charrua.

Se por acaso em alguma das cóvas naõ nascesse nada (o que naõ he provavel, pois naõ póde deixar de nascer huma das tres bolotas) se lhe poráõ no mesmo sitio novas bolotas na proxima Primavera, remechendo hum pouco a terra.

Des-

Deste modo se pódem encher nos tres primeiros annos, porque passado este tempo, naõ sería facil fazellas crescer, porque as outras as abafariaõ. No mez de Abril do segundo anno se tornaráõ a sachar as plantas tenras, como na primeira vez, e se profundará com o arado leve até hum bom meio pé em crescente dos primeiros regos, isto he trabalhando o campo cruzando o trabalho antigo. Para este fim se poem as Arvores em xadrez, e tambem para que o Terreno fique mais bem repartido entre todos os pés, e que todas se criem igualmente bem.

Desde o primeiro anno, e tanto que se acaba de semear o campo, se cercará de huma grande valla, e se lhe fará hum vallado de silvas, que nascem muito bem nestas terras. A terra, que se quer plantar de silvas, se fabricará, se o naõ foi já com o arado, mas deve haver reparo, que no fabrico vale mais ser de mais, que de menos. Se acaso ha cuidado de alinhar as estacas no fosso, se lhe vai lançando, quando elle se abre a terra sobre as silvas, que assim ficaõ plantadas insensivelmente no meio do revez da válla, que sempre deve ser da parte do campo, que se quer fechar. Os primeiros annos fará bastante arrancar as hervas, que pódem nascer na nova valla; e em menos de 3 annos estará capaz de defender, que entrem no campo gados, com tanto, que nos primeiros tempos haja a cautela de embaraçar, que o venhaõ roer.

Se nos tres primeiros annos, ou quatro ha cuidado de cavar estas plantas, póde-se esperar, que em seis annos tenhaõ boas duas polegadas de grossura. No 6, ou 7 anno se cortaráõ todos os troncos á flor da terra; ainda he fraca esta co-

colheita, mas como he a primeira, convem contentar com ella. Cada tronco brotará muitos filhos, deixar-se-haõ dous, ou tres dos mais fortes: no mez de Agosto seguinte se alargaráõ para ter mais vigor: nos tres primeiros annos, que se seguirem ao decóte, se cavará a terra huma vez, e ver-se-ha, que no fim de 10 annos dá hum grande decóte: a maior parte dos troncos teráõ em baixo mais de 4 polegadas de diametro, e daráõ madeira capaz de lenha, e melhor, que hum mato velho de cem annos: a experiencia me tem demonstrado isto, e a ella me reporto.

Convem notar primeiro, que estando a terra bem sorribada a quinze polegadas de fundo se acha branda na Primavera, como se estivesse cultivada ha muitos annos. A profundidade do fabrico fará, com que as chuvas, nevoas, e mais influencias do ar, deponhaõ succos vegetaveis, que a fecundem: fazendo as covas nos sitios, onde se plantaõ as bolotas, e enchendo o buraco as plantas tenras, lançaráõ facilmente raizes, e tomaráõ vigor; por fim as raizes, que lançaõ a sua raiz direita, e perpendicularmente na terra, que conforme sabem os agricultores, fazem com que as Arvores grandes cheguem a durar muitos annos, acháraõ nesta terra, que estará nas covas com altura de 18 polegadas, facilidade de penetrarem muito avante; para que logo no primeiro anno se livrem de seccas, e geadas: estando toda a terra em róda bem fofa com altura de 15 polegadas, as novas plantas estenderáõ as raizes facilmente, e a humidade desta terra, juntamente com os succos as sustentará, e lhes dará vigor de resistir a tudo quanto embaraçar o seu crescimen-

to.

to no princípio. Os fabricos á enchada, que destroem as hervas ruins, como tambem o da charrua, abrirãõ os póros desta terra, e darão lugar de penetrarem a chuva, e o ar, para a fazerem mais fecunda: tudo isto me parece da ultima evidencia; pelo contrário se se contentassem de dar unicamente hum fabrico com a charrua ordinaria, esta terra ficaría toda em torrões, que gastariaõ muito tempo antes de se polverizar, como mostra a experiencia; porque estes torrões endurecem, e ficaõ quasi impenetraveis á chuva, e consequentemente naõ pódem receber a fecundidade. As aguas, que cahem no Inverno naõ achando passagem por entre os póros destas terras, correm pela superficie, e em vez de deporem os saes, e particulas proprias para a vegetaçaõ, vaõ com o lodo, e as partes mais soltas da terra, o que lhe tira a substancia. Que differença para as Arvores, que se lhe plantaõ em semelhante terra! Gastaría tempos infinitos antes de arraigarem; se se semeaõ a esmo com a maõ, ou em regos de arado, como fazem ordinariamente, as bolotas naõ se repartiráõ com igualdade: conforme a differente posiçaõ do Terreno, haverá sitios, em que dem melhor, que em outros, e estas plantas previlegiadas medraráõ mais, que as outras, e assim os outros sitios naõ seráõ taõ bem providos: ultimamente se conforme o uso vulgar se naõ cuida dellas nos primeiros annos, as hervas ruins, os espinhos, que naõ forem bem arrancados, tornaráõ a crear força, e suffocaráõ as plantas tenras, que como temos dito, gastáraõ tempo infinito sem penetrarem a massa dura, e compacta da greda, que he causa de frieza destas terras, e consequentemente de ficarem incultas. Nos primeiros annos,

isto he, até a Arvore ter altura bastante para cobrir o Terreno, as geadas fortes do Inverno, e os orvalhos da Primavera, as seccuras do Estio faráõ impressaõ nas raizes, que ainda estaõ muito á flor da terra, as gelaráõ, seccaráõ, ou ao menos retardaráõ notavelmente o seu progresso. Huma deveza cultivada, e conduzida pelo methodo, que até agora se tem praticado, naõ dá tanto no fim de cem annos, como outra de 20 annos plantada, e governada pelo modo, que acabamos de dizer.

Tanto que a Arvore tem adquirido força em hum Terreno frio, e argilloso, já se naõ deve temer a natureza do Terreno: he cousa contestada pela experiencia. Pelo contrário os seus grandes troncos quebraõ, e embaraçaõ o effeito do Vento: as folhas, os tronquinhos, que cahem, as hervas, e a mesma relva, ou limo que cresce na terra, e que a cobre, a falta das geadas: as chuvas, que cahem todos os annos se demoraõ: no Estio os ramos, e folhas das Arvores impedem, quando a agua da chuva cahio de repente por terra, e lhe daõ tempo de se poder embeber quasi toda na terra: as folhas podres, e o limo retem tambem por alguns instantes, de sórte, que tem vagar de entrar, e penetrar pelos póros, e por outra parte as raizes das Arvores, que as aguas encontraõ, lhe daõ cada vez mais meios de entrarem muito, e consequentemente de deporem os saes na terra de modo favoravel á vegetaçaõ: por fim resulta dos discursos, que temos feito, que as mesmas Arvores concorrem para benificiar, e melhorar os terrenos frios de natureza, e que sómente saõ ingratos em razaõ da contextura muito apertada, e compacta das suas particulas. Se á

for-

força de trabalho se consegue a dispor a terra para fecundar mais promptamente, he visivel, que he meio seguro para ter Arvores, que dem mais sedo proveito, e que em pouco tempo tambem contribuaõ para o melhoramento das terras, que occupaõ. Nunca se vio, que as matas cançassem Terreno algum, antes pelo contrário, quando se arroteaõ de novo, saõ muito fecundas ao menos os primeiros annos para toda a casta de Cultura, mas logo cançaõ, quando se semeaõ de graõ.

Tem-se notado, que guardada proporçaõ as matas, e devezas escorrem muito menos agua do que as terras lavradías; logo he verdade, que a conservaõ muito melhor do que as terras rotas, e lavradas. O que além disso próva, que as aguas da chuva se embebem melhor nas matos, quanto mais bastas saõ, e depoem mais substancia nitrosa á proporçaõ do que nas outras terras semeadas de graõ; e por isso as aguas, que sahem das matas; ainda que em pouca quantidade naõ criaõ as hervas dos prados, como as que vem de terras lavradías, e bem cultivadas, pois as primeiras tem deixado nos matos os seus succos, quando se filtram, e penetraõ por entre mil obstaculos, que as retem, e as que sahem de hum campo cultivado, senaõ he fabricado até certa profundidade, logo se embebem, e vem correr á superficie, e levaõ com sigo os succos, ou nateiros; e por isso vaõ turbas em razaõ das particulas ligeiras, que levaõ com sigo da terra. Pelo contrário nos soutos, e devezas sahem filtradas, e crystallinas: de que devemos concluir, que he muito util plantar matas nos Terrenos, que de sua natureza saõ ingratos para outra qualquer cultura, pois huma vez bem pegadas as Arvores, nunca a ter-

ra ſe cança, e ſempre ſe deve eſperar o meſmo producto.

Deſpeza em cultivar de matas huma geira de terra fria cheia de eſpinhos, e de fazer, com que dentro em 25 annos dê 3 milheiros de feixes por geira.

NAÕ fallo da deſpeza, que faz em limpar o campo, arrancar os çardos, e moutas &c.; o que ſe tira paga ordinariamente eſta deſpeza: quanto menos tem, menos cuſta, e quanto mais he mais rende: ha Paizes, a quem daõ em paga do arranco do mato, e mais arbuſtos metade do ſeu producto; pelo que ſó trataremos aqui do primeiro trabalho. Saõ neceſſarias duas juntas de bois para o arado, e dous Homens: hum para os governar, e outro para o arado, e ſendo os bois do dono do campo, que os empregará neſte trabalho, quando naõ tem outro, naõ ſe fará conta mais do que com o ſuſtento: que nas Provincias he couſa de pouca entidade. Tambem o ordenado de dous criados, que ſe empregaõ niſto no Inverno, he couſa pouca, e naõ cuſta tudo iſto mais de hum cruzado novo por dia: Ora ſaõ neceſſarios dous dias para fabricar, e contrafabricar cada geira de terra, e outro tanto para fabricalla com a charrua, e toda eſta deſpeza ſerá de tres cruzados novos.

No mez de Fevreiro do anno ſeguinte ſe lhe dará hum fabrico com a charrua: entaõ he neceſſario dia, e meio para fabricar huma geira de terra, e meio dia para ſe accarretarem as terras, com que ſe haõ de encher as covas, em que ſe poem

poem as estacas, ou plantaõ as Arvores: esta despeza he de dous cruzados novos.

Como a geira contém 8100 palmos quadrados, terá 1000 covas: hum Homem facilmente abre 200 cada dia, porque estando a terra fofa até a altura de 15 polegadas, sómente he necessario penetrar tres, ou quatro polegadas: logo terá o gasto de sinco trabalhadores, que nas Provincias valerá 600 réis. Mais sinco Homens para acarretar as terras, e bolotas, faz outros 600 por dia, e esta despeza será de 1200.

Quando se sacha a terra em róda das Arvores tenras, hum Homem póde sachar em hum dia huma geira de terra; ou hum abre a terra, e outro vai acabando, e temos 240 para ambos: o primeiro fabrico, que se lhe dá, basta que se faça com hum par de bois, que faz mais 240 de despeza: Outra cultura semelhante fará a despeza de doze vintens cada anno, e em tres annos 720. Pelo que toda a despeza depois de seis annos sommará quando muito a 4800 por geira.

No sexto anno se desbastaráõ os troncos das Arvores novas, e de cada quatro se póde fazer hum molho: mil troncos daráõ 250 molhos, que valeráõ bem a 960 o cento, e daõ 2400; e tirando 800 para gastos, o resto he o terço da despeza.

A cultura dos tres primeiros annos depois do decote dos troncos, com o trabalho de os limpar poderá subir a 1200 por geira: mas tambem naõ tem outro trabalho senaõ ao decotar, isto he, quando as Arvores tiverem 25 annos depois de plantadas.

Quanto ao vallado para se fechar, como senaõ cultiva huma geira sómente, e que algumas ve-

zes se prepáraõ até 100 de hum só, ou de muitos proprietarios, para fechar 100 geiras, suppondo em quadrado, 1116 braças de fosso de quatro pés de largura, e outro tanto de fundo, a quasi seis soldos a braça importa 80:000, e tocá a cada geira 800 reis; com que a despeza total de cada geira plantada, com todos os gastos até 25 annos fica sendo de 4:000. Vejamos agora a sua renda. O decóte dos páos aos dezaseis annos será na maior força, e quando os ramos mais pequenos tem tres, ou quatro polegadas de diametro em baixo, dá ao menos tres milheiros de feixes, a dezasseis tostões o cento, ou 1:600 reis o milheiro ao menos: este valor he mediocre, e consequentemente renderá ao menos cada geira de terra 48:000; pelo que tem já dado 48:000 com mais 1:600 do primeiro córte teremos 49:600: dai agora 7:200 para os gastos deste decóte ficaráõ 37:600 liquidos pelo producto de 20 annos de cada geira de terra plantada de mata por este methodo, cujo Terreno antes produzia sómente pouca hervagem.

Por este tempo se póde determinar o rendimento desta mata, ou a queiraõ decotar, ou para madeira. Se se quer para madeira se arrancará em cada cova dous pés deixando o melhor, a que se decotaráõ alguns ramos superfluos, que embaraçaõ o crescimento. Vinte annos depois dará boa lenha para queimar: e se deixará em cada geira o número de pés do regimento, porém para a renda ser mais certa, he melhor deixar crescer a madeira da mata limpa, que arrebenta, para fazer hum decóte cada déz annos: por este meio se conserva mais tempo, porque deixando os Carvalhos novos, succede, que as

as Arvores abafaõ os novos troncos das visinhas, que insensivelmente perdem o seu vigor, cousa assaz notada nas florestas. Quando se cortaõ grossas vigas, isto he no fim de cem annos, naõ torna a raiz a rebentar, e se secca com todas as que estavaõ em roda, e fica hum vasio, que com difficuldade se repára; porque a sombra destas grandes Arvores, ainda que as bolotas rebentem, naõ pódem tomar vigor bastante para depois crearem novos Carvalhos, mas os choupos Libycos, os carpes, que he huma especie de bordo, e os tís, que saõ Arvores brandas, e pouco estimadas para obras de carpinteiro, e ainda para lenha, e que se porpetuaõ com as raizes, daõ muito bem. De que succede, que tanto que a mata se enche, estes renovos tomaõ posse do Terreno, e os Carvalhos saõ obrigados a ceder-lhes o lugar, como vemos em muitos bosques antigos, depois que os Regimentos das aguas, e florestas obrigáraõ aos particulares a deixarem certo número de troncos por geira. Só citarei para exemplo a mata de Der na Campanha, onde se naõ vem Carvalhos novos para se deixarem páos, que se supprem com outras madeiras de nenhum prestimo nem para a Marinha, nem para os carpinteiros. Esta reflexaõ, que eu tenho feito em muitos sitios, próva mais a necessidade, que havería de renovar de tempos a tempos as nossas florestas, quando ellas começaõ a degenerar: pois se se naõ segue sériamente este partido, em menos de duzentos annos a maior parte das matas do Rei, dos particulares, das Communidades, naõ teráõ hum só Carvalho, pelo que he necessario cultivar para matas huns poucos de tojaes, que naõ daõ nada; que por este methodo viráõ a converter-se em grandes

des matas, e supprir pelas, que temos actualmente, e que pela natureza dos seus decótes, e pelos regimentos haõ de vir a faltar: a este tempo se poderiaõ surribar estes ultimos.

Hum Terreno, que tem servido de mata muitos Seculos, he admiravel para se tornar a cultivar, custará menos, e em menos tempo se poria bom; pois huma vez capazes de se queimar, os troncos escolhidos teriaõ huma admiravel forma, e viriaõ a ser páos muito altos, e direitos como juncos. Com tudo os officiaes das aguas, e florestas deviaõ ter cuidado em conservarem tambem alguns, que estivessem tortos, mas bons, pois servem para a Marinha, e embarcações; e he o que se naõ observa: a maior parte dos que marcaõ os troncos para ficarem, naõ tem os conhecimentos necessarios para se applicarem a objectos, cuja consequencia ignoraõ, e he tambem hum ponto essencial, que falta nos nossos Regimentos, e que sería util accrescentar-lhe para obrigar a confirmar-se com elle, os que tem a seu cargo esta parte nas Provincias.

Modo de cultivar as Arvores depois dos 20 annos.

PARA Cultivar huma mata, cujos troncos de Carvalho estaõ bons, e fazer com que lancem muitos ramos vigorosos, he necessario em cada decóte, depois de apanhado dar-lhe huma cava, e arrancar as outras Arvores, que tiverem nascido: com esta cautela nos dous primeiros annos tomaráõ muito vigor os renovos, que nascem: he necessario fazer por entre as matas caminhos bem repartidos, que se deixaráõ calcar para em to-

todo o tempo se poderem conduzir os carros sem atravessar: Cada córte parará em alguns destes caminhos, no fim dos quaes haverá sitios para se enfeixar a madeira tirada: O dono deve cuidar á *medida*, que vai cortando, em ter officiaes, que ao mesmo tempo preparem a madeira, ou em *feixes*, ou em páos para vigas: começar-se-ha a cortar pelas Arvores maiores: o primeiro decóte se póde fazer em Outubro, e deve estar acabada a obra toda em Dezembro, para se poderem abater as Arvores grandes, e os trabalhadores terem o campo livre para o trabalharem: os Regimentos das aguas, e florestas deveriaõ prover a isto, impondo por obrigaçaõ, que por fins de Março tudo esteja acabado: Se o mercador tem muita madeira, que naõ podesse tirar, ao menos a póde arrumar aos lados dos caminhos, e o mesmo succede com as taboas para aduellas, com os barrotes, e com as ripas: tudo se deve pôr ás ilhargas das ruas. Alli enfeixará a madeira para lenha, porá os molhos em pilhas, fará carvaõ nos sitios destinados para isto; os caminhos seráõ espaçosos, e bastantes, para que tudo se faça sem confusaõ. As orlas das ruas seráõ guarnecidas com grandes Arvores, que pela sua multidaõ, e extensaõ das suas raizes faráõ, com que tudo se aproveite.

Esta circunstancia he essencial: e he mágoa, que se naõ observa, o que ella contém, o que prejudica muito ás matas, pois succede sempre como tenho reparado nos matos, onde ha tojo alto, que o mercador deixa a sua fazenda hum anno cortada. Peor succede nas Provincias, onde se permitte cortar as matas huns annos antes das Arvores grandes; as raizes destas matas cortadas

naõ

naõ pódem rebentar abafadas dos grandes Carvalhos, que ficaõ em pé, principalmente a especie de Carvalho. O anno depois se abatem as grandes Arvores, que se destinaõ para o córte: os trabalhadores, e officiaes a nada attendem, e estroem os novos renovos: ultimamente as fazendas a quem a Lei concede hum anno para o decóte, deixaõ a madeira hum anno no chaõ, e naõ a recolhem, senaõ no anno seguinte, e muitas vezes depois de passado hum Veraõ a suar, e estar mais capaz de hir a nado: ou tambem esperaõ, que os caminhos estejaõ mais firmes, para se conduzirem mais commodamente para os Rios. A má distribuiçaõ, ou repartimento dos caminhos pelas nossas florestas, he causa de ser necessario, que as Leis se conformem aos usos, que acabo de dizer; pois se se quizessem obrigar os mercadores a fazerem o decóte, e carregarem as madeiras logo, que saõ cortadas, que succedería? tudo succedería mal, pois offereceriaõ hum preço mediocre, o que seria directamente contra os interesses dos proprietarios. Se se reflectisse maduramente neste ponto, conhecer-se-hía quanto he importante para o Estado, applicar os meios conducentes para atalhar taes inconvenientes, que fazem notavel damno ás nossas matas; pois por perto de tres annos estaõ as Arvores expostas a hum gasto continuado, e as raizes dos novos Carvalhos em vez de rebentarem saõ pizadas pelos carros, e ficaõ sem medrarem. Naõ succede o mesmo com as Arvores, que deitaõ raizes; quaes saõ os choupos, teixos &c. Estas ruins Arvores crescem mais, e se estendem sobre os Carvalhos, e conseguem affogallos, e quando naõ houvesse outro inconveniente, sempre retardaría tres annos o corte

te

te seguinte. Pelo contrário se antes da Primavera, toda a venda se acabasse, e as mercadorias estivessem transportadas para a margem das estradas, teria a fazenda maior proveito, juntar-se-hiaõ todos os officiaes em hum sitio, e mais á vista do director da venda; as mercadorias repartidas em classes podería seccar, e ser transportada em qualquer Estaçaõ do anno, sem prejudicar as matas. O proprietario podería mandar cavar, e limpar as suas matas de tudo quanto póde estorvar o crescimento dos Carvalhos; com isto se acceleraria o sazonar das seves. Se se arrancarem os cardos, espinhos, choupos, e mais Arvores de pouco valor, e por fim ruins hervas, e musgo, as mesmas folhas enterradas lhe serviriaõ de esterco ás terras, porque todas estas cousas naõ deixaõ de dissipar os succos para a terra, para lhos tornar com proveito, quando estando tudo lavrado se acha o Terreno muito melhorado. O mesmo se faria depois de ter mondado as pequenas varas, e ramos dos primeiros renovos, naõ deixando, senaõ quanto póde nutrir as raizes. Para este trabalho se escolhem pessoas capazes de julgarem á primeira vista o número conveniente destes troncos, para que se naõ vissem nas matas páos seccos, que sempre saõ de perda para os proprietarios. Além disto he porque sinco, ou 6 annos depois do primeiro córte se póde examinar nos ramos cortados, se estaõ bem providos de succo, a fim de cortar os ramos superfluos, e limpallos de quanto póde embaraçar o crescerem, mas deve haver cuidado, como temos dito, de emprégar pessoas seguras, que, ou por ignorancia, ou malicia naõ estruaõ os ramos, que se devem conservar. Estes ramos cortados daráõ ao proprietario

rio, com que pague dobrada defpeza: no anno feguinte os troncos defcarregados deftes troncos inuteis, e damnofos, e que aliás teriaõ feccado, fariaõ com que fe aproveitaffem todos os fuccos, que as fuas raizes embeberiaõ da terra, e vêr fe-hiaõ engroffar mais de preffa, e em certo modo a olhos viftos.

He prudencia nos Graõs Meftres das aguas, e floreftas naõ deixar envelhecer muito, o que fe córta; de fórte, que as raizes naõ poffaõ rebentar como fuccede, quando fe deixa paffar trinta annos fem cortar. Naõ ha coufa mais damnofa ás Arvores, como o naõ cortarem os feus ramos fenaõ depois, que elles tem certa groffura: naõ pódem brotar todos os córtes das raizes, e quando a cortiça das Arvores tem grangeado com os annos certa groffura, entaõ ha de feccar a raiz, por lhe faltar a fahida natural, por onde a feve paffa aos troncos.

Nefte ponto convence mais a experiencia, do que todos os difcurfos, o que fe devia fazer: mas a maior parte dos que nifto deviaõ pôr maior cuidado, fe regem conforme o feu capricho, por coftume, e fem reflexaõ: nem fempre dependem da groffura do tronco os ramos, que devem rebentar das raizes, porém mais da fua idade, que dá á cortiça mais, ou menos confiftencia, que a faz mais, ou menos penetravel aos gomos, que contém.

Em a natureza vegetativa tudo tem tempo prefixo para a fua propagaçaõ, e crefcimento: a madeira principalmente eftá nefte cafo. Indagai as Arvores corpulentas, que fe cortaõ nas floreftas, logo que paffaõ fincoenta annos, e naõ tornaõ a rebentar: ha algumas, cujos gomos aos vinte

ſinco annos já naõ rebentaõ: iſto depende da natureza do Terreno, ou de que a ſua caſca he muito groſſa, e carregada de muſgo. Ordinariamente eſtes ſaõ os menos fecundos: naõ nos devemos governar pela groſſura das Arvores para determinar o tempo do ſeu decóte: Vale mais cortallas antes do tempo preſcrito pela natureza, do que eſperar, que naõ poſſaõ tornar a rebentar.

Tenho viſto Arvores, que chegando a certa groſſura naõ creſcem mais, e ficaõ no meſmo eſtado. Neſta claſſe entraõ todas as Arvores, que tem adquirido a ſua groſſura natural, cuja ſeve naõ ſerve mais do que de dar folhas, e fructos: Os Carvalhos conforme a qualidade do Terreno, onde eſtaõ, chegaõ com mais, ou menos preſteza a eſte eſtado de ſazonamento. Muitas vezes para o creſcimento, quando as raizes eſtaõ mui viſinhas humas a outras, naõ pódem tirar das terras toda a ſeve, que he neceſſaria para ſuſtentar as folhas, e fructos, porque entaõ os ſuccos da terra naõ ſaõ abundantes de ſórte, que ſobejem. E naõ ſería imprudencia deixar huma mata neſte eſtado de inacçaõ? he o meio de tirar proveito, e fazer com que perca tempo: he todavia, o que vemos quaſi ſempre ainda nas melhores terras: ſe ſe deixaõ os córtes ſem ſe tirarem vinte ſinco annos, vê-ſe que naõ engroſſaõ mais, e que he tempo perdido eſperar para ſe cortarem, além de que os pés naõ ſe pódem ſubſtituir por novos troncos. Todas eſtas reflexões tem feito muito poucas peſſoas, capazes de aſſim julgarem; e deſgraçadamente naõ ſaõ a quem compete remediar, ou repreſentar as conſequencias aos Superiores.

Mo-

Modo de governar os matos de lenha, onde não ha páos para barrotes.

AS Arvores, que manda conservar o Regimento depois do decóte, tem hum merecimento digno de louvor: a madeira he infinitamente mais sólida, e mais dura, do que o que cresce em matas, cujas Arvores saõ da mesma grossura, e muito proximas para naõ deixarem crescer outras Arvores. Esta vantagem vem da largura, que se dá a estas Arvores de reserva, que permitte, que o ar as engrosse: esta largura lhes dá cómmodo de poderem estender os troncos, e raizes, que puchaõ toda a substancia visinha, de que se nutrem com prejuizo dos arbustos, que nascem por entre ellas: com tudo eu entendo, que sería muito conveniente, que houvesse matas destinadas para madeiros á medida da necessidade, que houvesse delles para a consummaçaõ da Marinha, e edificios particulares, e se deixasse ao público a liberdade de cultivar matas destinadas para fórnos, e mais gastos: daqui resultariaõ bens infinitos: estas ultimas seriaõ muito mais abundantes, e renderiaõ mais: naõ sería necessario tanto Terreno para o consumo ordinario, o que já se observa: por quanto as matas, que ficaõ nas visinhanças das Villas populosas, se criaõ para lenhas, humas para se fazerem molhos, e outras para se gastarem em achas: Os primeiros se cortaõ todos os oito, ou déz annos, os outros em vinte annos: com este methodo as raizes dos Carvalhos naõ seccaõ, e as Arvores daõ bem: se a isto se juntassé o cuidado de os cultivar immediatamente depois de cada córte, cresceriaõ com muito maior promptidaõ,

dao, do que fazem agora. Quando huma ramada se lhe corta muitas vezes, os troncos engrossaõ, e se levantaõ muito, e deitaõ tantos troncos, que pelos naõ poderem nutrir todos, ficaõ pequenos, e assim nunca os páos engrossaõ bastante. Quando as pessoas verdadeiramente economicas vem, que os páos se levantaõ mais de hum pé, e meio da terra, naõ deixaõ de as rebaixar cortando-as junto á raiz: he verdade, que entaõ rebentaõ menos ramos, mas saõ mais fortes, e mais bem criados, o que faz o tronco muito mais formoso, porque por mais que façaõ, a terra tem certa porçaõ de succos, e naõ póde dar mais: se estes succos se repartem entre muitos tròncos ficaráõ sempre mais debeis, e mais delgados á proporçaõ da quantidade, que se achar, e nunca os troncos engrossaráõ convenientemente ou seja para feixes, ou para achas, n'huma palavra para qualquer uso, que seja, e por isso disse antes, que convinha no segundo anno depois do decóte alargar, e mondar as varas, que cada raiz tiver rebentado.

Do modo de fazer caminhos sólidos entre as devezas; ou em outra parte, quando o terreno he barrento.

HA sitios, onde se naõ achaõ pedras, nem seixos, nem saibro, nem arêa para dar aos caminhos bastante consistencia para se naõ alluirem com o pezo dos carros. Esta falta me embaraçou muito tempo, mas achando em taes terrenos huma certa terra amarellenta misturada com arêa, e greda bastantemente sólida, quando tem certa grossura para soster o pezo de toda a casta de carros,

no-

notei que os caminhos antigos se conservavaõ muito bons em huns sitios, quando n'outros havia covas profundas. Certificado que esta differença provinha de que esta terra areenta se achava em maior abundancia, e com mais grossura em huns sitios, do que n'outros, mandei-a juntar de toda a parte, e acarretar para as barrocas, que haviaõ no meio das estradas novamente traçadas a travez do campo, onde a lançava da grossura de dous pés, e meio, deixando hum combro no meio com declive para os lados para escoar a agua. Tendo visto bom effeito deste methodo para fazer os caminhos firmes; e sólidos, naõ posso deixar de propôr o seu uso para toda a parte, onde ha taes terras: ora em toda a parte onde crescem fetos, se encontraõ: e sempre ha huma camada de sinco, ou seis polegadas ao menos sobre a greda, que faz a base do terreno. Em quanto os carros, ou regatos das aguas naõ penetraõ esta primeira camada de terra, os caminhos saõ admiraveis, e taõ bons como os que tém saibro grosso: pelo que he conveniente para sortir bom effeito, fazer-lhe escoamento de dous, ou tres pés de fundo, que se guarnecem daquella terra junta nos campos sorribados, onde se criaõ silvas, e espinhos; mas esta terra naõ se deve tirar dos campos lavrados, porque a relha do arado a traz misturada com o fundo argilloso, que lhe serve de base: e raras vezes se achaõ Paizes frios, gordos, e argillosos, onde senaõ encontra huma certa grossura desta especie de terra na superficie. Ha terrenos, em que os pedreiros usaõ desta terra para a argamaça, com que fazem paredes de taipa, que duraõ muito tempo, com tanto, que naõ fiquem expostas á chuva. Esta terra nunca

gra-

grata: a chuva, e geada nunca a embebem muito, he mais compacta, que as outras terras; e he bem facil nas florestas, em que ha abundancia, fazer caminhos, que venhaõ das devezas até aos portos: sei de varios Paizes, que naõ estaõ distantes de Rios navegaveis mais, do que duas, ou tres legoas, onde a conducçaõ da lenha custa tanto até ao porto, como o que se dá por ella, em razaõ dos ruins caminhos, principalmente no Inverno. Isto he nocivo ao Estado, que daqui tira muito pouco lucro. Os trabalhadores estropeaõ os seus gados nestes carretos penosos, e os donos tiraõ pouco proveito das suas matas. O Commercio desta mercadoria se retarda, a consummaçaõ nas Cidades populosas, e portos de Mar, e outros sitios, he muito menor em razaõ da carestia, causada pelo trabalho dos transportes; e tudo isto influe sobre o Commercio, e Agricultura, e causa hum prejuizo notavel a estes dous ramos uteis, que saõ o manancial das riquezas. Os Homens, e os gados, destinados para a lavoura das terras, gastaõ o tempo precioso em acarretar lenha, com a esperança de hum lucro, que o estanceiro paga a dinheiro, mas que he muito pouco comparado com as perdas, que occasiona a negligencia da cultura dos campos; ou he necessario ter mais número de bestas de carga, e de trabalhadores, o que augmenta a carestia das forragens, e outros viveres. Insensivelmente padecem as colheitas, e saõ menores pelo descuido da Agricultura, pois tudo he relativo: O mesmo se deve dizer a respeito do Commercio, que sempre esmorece á proporçaõ, que tem menos vigor a Agricultura, e que os generos de extrema necessidade, quaes saõ os grãos, e lenha, sobem a

preço excessivo, e absorvem o cabedal dos Cidadãos.

Observações Economicas sobre a Cultura dos Castanheiros.

OS Castanheiros eraõ em outro tempo muito vulgares na França; de que as geadas grandes de 1709 destruíraõ a maior parte: quasi tudo tem gelado, e resta pequena quantidade nas Provincias, onde esta Arvore se tem em certa maneira naturalizado: O Perigordo, Limoges, e Languedoc Superior, o Delfinado &c. saõ abundantes delles, e he hum ramo do seu Commercio; mas como dizem os antigos habitantes, estas Arvores nunca seráõ taõ formosas, nem produziráõ tanto como antes, que os grandes frios matassem a melhor parte. Devemos lamentar a negligencia dos Póvos, de naõ terem trabalhado sem descançar em remediar perda tamanha, cujas qualidades por muitas razões saõ melhores, que as do Carvalho. O seu fructo he ordinario alimento do Povo, até aos mesmos ricos serve de acepipe: a sua madeira, quando engrossa, he excellente para obras: vemos edificios antigos, em que naõ entrou outra madeira mais do que de Castanho, que ainda está taõ sã, como quando se pôz: he qualidade, que elle tem superior ao Carvalho: he mais leve, e tem quasi a mesma força para sustentar pezos: quando se emprega em verde dentro na agua, com tanto, que esteja sempre mergulhado, he incorruptivel: Pódem-se fazer pranchas, vigotes, folhas, que naõ saõ inferiores ás de Carvalho: Os tanchões de Castanheiro para as vinhas saõ muito melhores, do que os de Carvalho, e tem

a ex-

a experiencia mostrado, que duraõ dobrado; mas o que lhe dá a preferencia a toda a mais madeira he, que para fazer caixões, naõ ha nenhum melhor, nem mais cómmodo: em quanto está verde, dobra-se tanto, que se lhe dá a forma, que se quer, e resiste mais que todas á humidade das covas. Todas estas boas qualidades nos deviaõ fazer applicados a multiplicar por toda a parte esta madeira taõ util, e póde-se dizer taõ necessaria á Sociedade.

A sua Cultura imita á do Carvalho, e nasce nas mesmas terras, onde aquelles se criaõ: mas dá-se melhor em terras ligeiras, e areentas. Admira-me, que naõ se tenhaõ lembrado de fazer viveiros desta Arvore principalmente nas Provincias, onde ellas saõ raras, como fazem dos chopos para se plantarem nas lamedas, e grandes estradas, ao menos nos sitios, onde os choupos, e Arvores aquaticas naõ produzem, e saõ boas para os Castanheiros. Acaso receiaõ multiplicar com demasia esta Arvore, e o seu fructo?

O Castanheiro imita muito o Carvalho: nasce melhor semeado do que plantado, com tudo, quando o terreno lhe he favoravel, vi que sendo replantados, cresciaõ muito bem, e davaõ muito fructo.

Esta Arvore naõ dá, senaõ fructa brava, ainda que se busquem as melhores castanhas; e tem isto commum com muitas Arvores fructiferas: e he sem dúvida, que as poeiras seminaes saõ causa destas mudanças, faz-se huma communicaçaõ de especies, que degenera o germen, e por consequencia para ter boas castanhas he sempre preciso enxertar com os garfos, que se tiraõ das Arvores, cujo fructo he de boa qualidade: o enxerto do

Caſtanheiro ſe faz em hum canudo de cana em troncos tenros de hum anno, quando começa a ſeve a pular.

Ha varias eſpecies de Caſtanheiro; contaõ-ſe ſete, ou oito, que ſe contaõ pelo fructo: a mais eſtimada he o *marron*, que ſe diſtingue das outras em ter a caſtanha a pele muito luzidia, liza, e mais delgada: o fructo he hum pouco mais redondo, e a ſegunda pele mais delgada, e quaſi ſem coſtura: tem goſto mais delicado do que as outras caſtanhas: á medida que o fructo tem mais ſemelhança com o que acabo de dizer, melhor he a Arvore. Para dar boa fructa he neceſſario, que os Caſtanheiros naõ eſtejaõ muito juntos, pois ſe eſtiverem em terreno bem cultivado, e que ſeja bom para elles, em menos de ſeſſenta annos ſe tocariaõ os ramos. Eſta Arvore creſce mais depreſſa, e dura quaſi tanto, como o Carvalho, e ha algumas muito groſſas: Vi algumas, que reſiſtíraõ ao grande frio de 1709, que tinhaõ quaſi ſeis palmos de diametro. Eſta Arvore quer terras de ſevada, e quer ſer cultivada, ainda eſtercada: a ſevada dá melhor debaixo dos ſeus ramos, do que á ſombra das outras Arvores, quando tem a ſua grandeza natural.

Se ſe fazem ſoutos della, faz-ſe taõ formoſa, e taõ creſcida, como o Carvalho, mas entaõ naõ ha de ſer de garfo; porque aſſim como os Carvalhos, que daõ glande mais miuda ſaõ os que creſcem mais, tambem os Caſtanheiros, que daõ mais ramagem, ſaõ os que daõ caſtanha mais miuda.

Nos Paizes de vinhas naõ ha melhor renda, nem mais certa do que a dos tanchões de Caſtanheiros, e das varas, que ſe cortaõ para arcos de pipas.

Se

Se querem tirar logo renda de huma terra, que se semea de Castanheiros, convem cultivalla como disse a respeito do Carvalho: em vez de diminuir o número dos fabricos sería util augmentallos, e dar-lhe todos os annos mais hum fabrico.

Vi nas visinhanças de *Bourdeaux* hum souto assim cultivado, que rendia muito. Vinte annos depois de plantado, cada geira dava quasi 96:000 réis de renda em cada decóte, e os córtes desta madeira para arcos de pipas, se faziaõ regularmente todos os quatro annos, e o anno commum rendia 24:900. Naõ ha terreno cultivado de grãos, nem ainda de Carvalho, que dê tanto a seu dono: eu naõ duvido, que os que estaõ perto de vinhas, onde estes arcos tem mais valor, tirem o mesmo proveito do seu Terreno, plantado de Castanheiros: isto merece attençaõ particular, porque o Castanheiro, se ha cuidado de o cultivar bem, dará conveniencia logo desde o segundo córte, isto he, oito, ou nove annos depois de plantado.

A lenha do Castanheiro naõ he taõ boa, como a do Carvalho, mas tem em refeiçaõ disto qualidades taõ boas, que este defeito fica bem compensado, e bem ponderado tudo, naõ sei se lhe devemos dar a preferencia ao Carvalho.

Das Lagartas, Bizouros, e outros animaes nocivos ás Arvores.

NAÕ basta saber o verdadeiro methodo de cultivar as Arvores, he mais preciso saber, quaes saõ os inimigos, que as accommettem, para buscar meios de os prevenir, se he possivel, ou destruillos, quando os ha.

As

As Lagartas fazem muito damno ás Arvores, plantadas em campos cultivados, ou pela orla das estradas; mas he raro causarem tanto estrago nas devezas: todos sabem, que para atalhar este damno he necessario embaraçar desde o mez de Março, que estes insectos gerem, fazendo cortar com huma especie de podaõ todos os ovos, que estaõ nos extremos dos troncos das Arvores fructiferas: e he o que se chama limpar da Lagarta. Se com este meio se naõ destroem todas as Lagartas, ao menos se evita a maior parte, o que salva os fructos de serem roidos. Esta operaçaõ he a que até agora se tem achado mais efficaz, e algumas vezes pela muita quantidade de Lagartas, he necessario mandar ao campo apanharem Lagartas, com condemnaçaõ se o naõ fizerem.

Naõ he taõ facil de prevenir os estragos, que causaõ os Bizouros, que principalmente persefeguem os Castanheiros, elles roem tanto as folhas, que as deixaõ como queimadas: os Bizouros fazem tanto damno a estas Arvores, que as poem em perigo de seccarem, e fazem que naõ dem fructo. Ha huma circunstancia bem particular a respeito desta especie de praga, e he que sómente dá em certos Cantões, ao mesmo tempo, que dahi a pequena distancia se achaõ as Arvores limpas delles: e nos annos seguintes carregaõ para estes sitios privilegiados, naõ apparecendo hum nos primeiros, de modo, que se tem reparado, que estes animaes tem hum gyro periodico regulado, e todos os tres annos apparecem, e atacaõ os mesmos Castanheiros, e quasi que naõ destroem outra especie de Arvore, em quanto os achaõ, ao menos naõ lhes fazem tamanho estrago nas outras. He certo, que gostaõ mais da folha

lha do Castanheiro, do que das das outras Arvores.

Tenho ouvido dizer a pessoas, que tem observado com curiosidade estes animaes, que elles se achaõ em montões dentro em covas no interior da terra, onde passavaõ assim dous annos successivos em hum certo entorpecimento, para tornarem a apparecer no terceiro anno, a que commummente chamaõ em sitios providos de Soutos, anno dos Bizouros. Este gyro periodico falta taõ poucas vezes de succeder, que os do Paiz regulaõ sobre esta conta a renda, que devem dar pelos Soutos, naõ fazendo conta com os annos dos Bizouros. Com tudo tenho notado algumas vezes, estando nestes Paizes, que ha alguns destes terceiros annos, em que os Bizouros naõ fazem tanto estrago, como nos outros: entendo que isto depende dos Invernos, que quanto mais rigorosos saõ, menos deixaõ criar estes Bizouros. Sería conveniente, que algum Naturalista curioso adiantasse mais esta Observaçaõ, e examinasse, que fim tem estes insectos depois de terem feito seu estrago, e nos apontasse o meio efficáz de os destruir.

Geralmente todos os animaes saõ nocivos ás Arvores, principalmente em quanto saõ tenras; ou novamente cortadas: roem o extremo dos novos ramos, que saõ tenros: isto as obriga a lançarem huma infinidade de pequenos renovos, que embaraçaõ o seu crescimento, estragando a seve: os caminhos, que todos os animaes fazem passando pelos matos, e repassando em róda das raizes saõ muito nocivos: calcaõ a terra com os pés, e isto naõ deixa embeber as aguas facilmente, e consequentemente naõ se daõ taõ bem

as Arvores : basta para se convencer desta verdade o olhar para os sitios, onde se permitte a pastagem: a terra está sempre muito dura, e as Arvores crescem de vagar pelas razões, que temos apontado. O gado naõ sómente he nocivo ás Arvores pelos caminhos, que andaõ, e porque as roem, quando estaõ tenras, ou rebentadas de novo; mas tambem quando saõ grandes coçando se contra os troncos no tempo da seve. Esfollaõ-na, ou pizaõ a casca, que está tenra com a seve, o que lhe faz muito damno: as ovelhas pizaõ passadouros, como os demais animaes, e deixaõ a lã, que lhes arrancaõ os troncos, e espinhos: Os porcos naõ fazem menos damno, pois destroem todas as glandes, que poderiaõ brotar, e reparar com o tempo a perda das raizes, que com o tempo se perdem. Em fim sería util, que as matas naõ tivessem mais povoadores do que os passaros.

Arvores, que nascem nas florestas entre os Carvalhos.

AS Arvores, que mais se estimaõ depois dos Carvalhos saõ a faia, o choupo, o freixo, as pereiras, e maceiras bravas, teixos, aveleiras, betulas.

Todas estas Arvores tem seu prestimo, mas como nenhuma serve para obra de carpinteiro, nem para a Marinha, naõ se cuida tanto nellas, como no Carvalho; com tudo a faia he muito util para se ferrar, as taboas saõ muito estimadas para certas obras de marcineiro. Ha Paizes, onde por falta de choupos usaõ della para os carros: he sujeita a pegar fogo. Esta Arvore nasce

na-

principalmente nos matos por ſemente da ſua grã, que ſe chama ſaina, e eſte fructo he muito buſcado dos porcos: muitas peſſoas o juntaõ para fazerem oleo delle, e depois ſe poem em talhas bem fechadas, que ſe poem em ſitio hum pouco humido, onde ſe deixa aſſentar hum anno. Eſte oleo ſó ſerve para ſellada, eu o comi muitas vezes, e pouca differença lhe achei do azeite de oliveira.

A madeira da faia he muito eſtimada para o fogo, arde bem quando eſtá ſecca, porque molhada tem perigo de arder ao ſahir da agua: poder-ſe-hiaõ pôr matas deſtas Arvores, mas como multiplica muito per ſi meſmo nos outros matos por meio da grã, que os paſſaros trazem para toda a parte, naõ ſerá neceſſario ſemear nos boſques.

O freixo, que naſce nas matas, naõ tem a meſma qualidade, que o que naſce nos campos cultivados, ou nas bórdas do Rios ao ar livre. Pelo contrario o das matas he quebradiço, ſem nós, e quando he groſſo, he capaz para ſe poder trabalhar com ſerra: perpetúa-ſe por ſemente, que he muito ligeira, e que as aves eſpalhaõ, e os Ventos.

A cerejeira, que dá hum fructo chamado cereja, he huma eſpecie de cerejeira ſalvagem, que creſce, e engroſſa muito. A ſua madeira he muito buſcada para marceneiros, e embutidos: deixaõ-ſe creſcer os que vem livremente, mas no tempo do fructo os camponezes a deſtroem, e lhes quebraõ os troncos ſubindo-ſe a ellas para lho colher: eſta Arvore ſe perpetúa pelo caroço, que as Arvores, e animaes ſemeaõ por toda a parte.

As pereiras, e maceiras ſalvagens tem madeira

ra muito compacta, e crescem de vagar: buscaõ-se muito para dentes de ródas de moinhos, para marceneiros; esta madeira tambem he excellente para queimar.

Os teixos, os choupos, e aveleiras tem madeira tenra, que cresce depressa, adiantaõ as raizes, e vem da semente, que o Vento espalha. Quando estas Arvores saõ grossas, saõ boas para se serrarem, e se fazem taboas dellas: buscaõ-na muito os escultores: da sua entre casca se fazem córdas.

Geralmente todos estes madeiros brandos naõ saõ taõ bons para queimar, como os outros, todavía o seu carvaõ he muito estimado para forjas: he excellente para refinar o ferro: aquece mais sem o queimar do que o carvaõ de páo rijo, que he muito vivo: o mesmo se deve dizer do páo de castanheiro: os ferreiros o antepoem ao de Carvalho, quando tem o tom de choupo, ou outra madeira branda. Ordinariamente toda a madeira de choupo, teixo, aveleira nasce em terras frias, e argillosas, quando os Carvalhos a cobrem, e salvaõ o Terreno do frio, e secca demaziada.

Estas Arvores vem muito pouco em terras pedragosas, e seccas, e naõ daõ muito bem; mas em terrenos bons, que lhe saõ proprios, crescem tanto, e taõ bem, que tomaõ a si toda a substancia da terra; e embaraçaõ as outras de crescerem. Por esta razaõ se deviaõ arrancar de huma deveza, quanto podesse ser, antes que viesse a degenerar: mas como o carvaõ he de necessidade indispensavel para as forjas, naõ sería máo conservar alguns pedaços de Terrenos, onde estas Arvores crescem bem, e naõ deixaõ criar ou-

outras. Por este modo ficariaõ boas as varas dos choupos, e daõ tanta renda, como as dos Carvalhos: deixar-se-hiaõ ficar alguns troncos da mesma especie para darem madeira para serrar. As taboas de choupo saõ estimadas por serem leves, e usaõ dellas para caixas de fazendas, e outros muitos usos.

A madeira de betula serve para arcos de grandes toneis, que naõ saõ taõ bons, como os de freixo: os extremos da madeira de betula servem para grandes vassouras, com que vemos varrer as ruas.

A madeira da aveleira he a que dá pequenas nozes de páo: he boa para arcos de pequenos barris, e varaes para sejes. Por fim naõ ha Arvore, que naõ tenha seu prestimo; com tudo como saõ de hum uso menos importante do que o Carvalho, e se multiplicaõ demaziado sem se fazer disso caso, he conveniente aos economicos deter o seu progresso, porque em certos respeitos saõ nocivos nas florestas, quando tem multiplicado em demazia, como dissemos prudentemente, e por tempos obrigaõ os Carvalhos a ceder-lhes o lugar.

RECEITA

Para salvar os trigos de toda a corrupçaõ.

TOMEM SE 25 arrateis de sal virgem: 25 arrateis de esterco de pombo: e 10 arrateis de cinza

ta

da fornalha: 25 arrateis de ſal marinho, e na falta delle de ſal nitro.

Miſturai todas eſtas drogas em hum vaſo ſufficientemente grande, para poder levar meia pipa de agua commum, que lhe deitareis em ſima: remechei tudo com hum páo, até que a cal naõ ferva: eſta cenrada guardai-a quanto tempo poder ſer ſem ſe corromper: quando quízerem molhar o trigo, tereis cuidado de remecher primeiro eſta cenrada: depois ſe tome hum ceſto, em que ſe metta o trigo até ficar de todo mergulhado: ponde depois o trigo em hum monte, que hirá eſcorrendo á medida, que ſe molha. Ou tambem (e eſte methodo he mais ſeguro) tende hum ceſto com o fundo furado, e fechado por modo, que ſe poſſa facilmente abrir por ſima: lançai-lhe o grão, que poder conter diſtante quatro dedos da bórda: acabai de encher eſte ceſto com a cenrada, que remechereis bem primeiro, e cheio aſſim o ceſto, deſtapai-o por ſima, e deixai coar a barrela, que naõ ſe perca: tambem deveis ter cuidado em tirar o grão logo para o pôr em monte a eſcorrer, e o meſmo hireis fazendo até, que todo o trigo paſſe aſſim pela barrela. Preparado por eſte modo o trigo ſe pode ſemear paſſadas 24 horas; mas naõ ſe deve guardar mais de 5, ou 6 dias, pois póde arder: fallo conforme a experiencia, que tenho. A quantidade de barrela preſcripta aſſima póde ſervir para preparar mais de 200, ou 300 arrates de trigo.

Além diſto he neceſſario eſcumar, e tirar os grãos, que vierem a nadar, quando o trigo eſtá na agua: os grãos leves naõ ſómente naõ criaõ; mas a maior parte daõ negro, iſto he carvaõ, ou caria.

Eſ-

Esta nova cultura naõ sómente he vantajosa aos trigos, mas he tambem util para as palhas: Mr. Diancourt depois de Monfort l'Amauri semeou feno em 1753 no mez de Abril, e hum pé desta herva lhe deo huma onça de feno em Setembro do mesmo anno. Em 1754 este pé, que era o mais formoso de sementeira tinha 12 onças, e meia. Por immenso, que lhe parecesse o lucro, naõ desesperou de o ter maior em 1755, e o successo correspondeo ás suas esperanças: este mesmo pé sem ser o melhor depois deo 23 onças.

Em Bergerac tendo Mr. Egma plantado hum campo de 888 toezas quadradas de feno, tirou 10 milheiros de pezo de feno em 1754, e no primeiro córte de 1755 teve 14:545 libras.

A luzerna lucra tambem em ser cultivada por este modo, e Mr. Duhamel tendo tido a felicidade em a plantar, achou meio de perpetuar o lucro, que se tira desta herva: arrancou em 1755 em hum campo velho de luzerna de grandes pés, cujas raizes eraõ da grossura de huma polegada, e seis, ou sete polegadas de comprimento: mandou fazer tiras, e plantar a luzerna, como se planta a Arvore, chamada carme. Pertendiaõ os trabalhadores, que estes grandes pés estavaõ perdidos, e que naõ produziria herva, com tudo nem hum só deixou de pegar: todos deraõ herva muito alta, ainda que o Terreno naõ fosse muito capaz para esta planta: he verdade, que replantando estes pés, se teve com as raizes o mesmo cuidado, que com as demais Arvores. Os outros pés desta luzerna velha replantados na Primavera seguinte naõ pegáraõ taõ bem; muitos murcháraõ, e para supprir este vaõ, mandou Mr.

Du-

Duhamel dobrar as fôlhas das plantas visinhas com esperança de que lançassem raizes, e cobrissem a terra.

Sería hum nunca acabar, se quizessemos expôr todos os principios novos ácerca das especies de legumes. He muito util para as plantas o estarem em Terrenos hum pouco elevados, onde as aguas naõ encharquem, e sejaõ muitas vezes lavradas junto aos pés, como se póde sempre fazer, quando entre as duas chapas fica huma tira. Este Terreno, que parece perdido aos olhos do Agricultor, se emprega taõ utilmente, como qualquer outro, pois he hum depósito de succos, de que a planta se aproveita para adquirir huma grossura, e belleza extraordinarias.

Os dous principaes instrumentos da nova cultura saõ a charrua, e o semeador, e este ultimo he mais importante: pois como por sua maõ se semeia mais promptamente, e com mais igualdade do que á maõ conforme o methodo antigo, por elle se começa a ensaiar o novo methodo, que tem imaginado MMrs. Duhamel, da Chateauvium, e da Monterui, e as suas invenções foraõ aperfeiçoadas por outros. Trata-se de a fazer menos dispendiosa, e de melhor serviço: dobrada vantagem, que naõ he facil de conseguir da primeira entrada. Pelo que o semeador de Mr. Duhamel bem, que rectificado, naõ deixa de ter defeitos. O sabio Academico o conheceo. Trabalhou em os emendar substituindo sócos de madeira aos de ferro, que antes tinhaõ; e nos ensina, que dous de seus Correspondentes tiveraõ ao mesmo tempo, que elle o mesmo pensamento, e fizeraõ as mesmas mudanças: Assim o seu semeador verá crescer cada dia de superioridade, de que goza sobre todos os mais.

A

A charrua, em que se tem tocado he a que serve para lavrar em regos, em quanto os trigos naõ tem altura, que obrigue a requerer ao cultivador. Dispensar-nos-haõ de explicar miudamente estas mudanças, porque saõ relativas ás descripções, que se tem feito desta charrua, e semeador nos Volumes, que andaõ nas mãos de todos, e de que naõ temos feito extracto.

O que dizemos a respeito da conservaçaõ dos trigos, tambem diz respeito á obra, que Mr. Duhamel publicou neste ponto, e só faremos huma comparaçaõ entre este Tratado, e o que Mr. Intreri imprimio em Napoles. Sendo impossivel dar conta destas duas Obras, uniremos os seus principios mais essenciaes, que conduzem á conservaçaõ dos grãos.

Devem-se temer dous accidentes, quando se guardaõ os trigos em celleiros: o primeiro he, que naõ grele: o segundo, que lhe dê o gorgulho, e bichos: naõ deixa de grelar, quando está em monte: entaõ a humidade, que tem, e de que naõ se livra, senaõ depois de muito tempo, o faz fermentar, e o grelado rebenta: para atalhar este damno se remecha a miudo: fazendo com que tome ar, assim se extingue o calor, e dissipa a humidade, mas este expediente naõ basta para destruir os insectos, que o destroem. O graõ com a operaçaõ ordinaria naõ se refresca bastante, e sendo necessario movello todos os dias de novo, sería o trabalho muito penoso, e de grande custo, e naõ haveria lucro em conservar o trigo Com tudo o uso commum o deixa ser preza dos insectos, e nos annos favoraveis á sua multiplicaçaõ fazem grande estrago.

As borboletas, e o gorgulho morrem com

tem-

tempo fresco: he-lhes proprio hum calor humido, e o calor naõ os destroe, senaõ quando chega à 10 gráos do thermometro de Recaumeur. Dous pontos essenciaes se devem observar, querendo salvar o graõ, que naõ grele, e seja atacado dos insectos: hum livrallo de toda a humidade, e outro conservallo sempre fresco. Consegue-se o primeiro mettendo o trigo em estufas, que se seccaõ á vontade: consegue-se o segundo dando-lhe ar no celleiro de conservaçaõ, para onde se leva, quando se tira da estufa. Esta operaçaõ de arejar o trigo se faz por meio de foles para isto feitos: a experiencia tem mostrado, que o gorgulho mettido de proposito em hum montaõ de trigo, que se areja frequentemente, nunca multiplica, nem causa damno, e algumas vezes desapparece. Os que quizerem vêr isto com miudeza, vejaõ o Tratado de Mr. Duhamel ácerca da conservaçaõ dos grãos.

METHODO

De conservar a saude nos que andaõ embarcados.

QUANDO se apresta huma frota, duas castas de pessoas pódem hir lá causar molestias: 1. Os marinheiros, que se embarcaõ tendo-se recolhido de longas viagens das Indias, ou da costa de Guiné: 2. Pessoas de máo procedimento, que se prendem pelas ruas, ou das enxovias.

Os primeiros muitas vezes vaõ picados de escorbuto, e outras molestias: consequencias da fa-

di-

digã, e de se terem demorado muito no Mar: he necessario cuidar na sua saude: tres semanas ao menos de bom alimento, de mantimentos frescos, bastaõ para os pôr em bons termos de tornarem a embarcar.

A respeito dos outros he para temer, que naõ inficionem huma armada. A miseria, a porcaría, a humidade, o máo ar das enxovias causaõ muitas vezes molestias, que lavraõ rapidamente, e a experiencia o tem demonstrado. Conviria, que antes de embarcar estas castas de gente, depositallos em hum navio separado: dar-lhes vestidos novos, conservallos com aceio, e sustentallos bem por 15 dias: isto he bastante para segurar, que naõ vem com molestia, que provenha de ruim ar; mas isto naõ he bastante para nos desenganar, que os seus vestidos naõ trazem principios de molestia. Na lã se conserva por muito tempo, e o unico meio de remediallo he queimallos.

Os novos marinheiros muitas vezes saõ causas de molestias, que ha nos navios: pelo que convinha costumallos pouco a pouco ao Mar, embarcando-os em navios pequenos, ou fragatas, que daõ mais ar. Estas frequentes viagens lhe formariaõ o temperamento. Os Capitães escolheriaõ de ordinario os mancebos fórtes, e robustos, estes saõ os menos proprios para o trabalho das viagens de muito tempo, e os mais sujeitos a morrerem de febres violentas nos Paizes quentes: escolhei antes pessoas costumadas a estes Climas, marinheiros antigos, que nem tem sentimento em deixar a Patria, nem temor de adoecerem, que muitas vezes concorrem para o serem.

Toquemos agora os meios de conservar a sau-

de dos marinheiros, e prevenir os doentes de differentes Climas, e comecemos pelos Paizes Septentrionaes.

Quando os Homens estaõ bem vestidos, e com exercicio, o frio, ainda violento, raras vezes os faz adoecer: com tudo raras vezes succede nas Latitudes Septentrionaes, na Mancha no Inverno, que o frio seja bastante para lhes conservar a saude. O ar sempre he humido, chuvoso, e abafado de nuvens, o que muitas vezes causa defluxo, e febres, pleurizes, e peripneumonias; nestes ultimos casos convem sangrar, e evacuar com abundancia. A maior parte das febres catarraes procedem de transpiraçaõ apertada, e convem restabelecer por todos os meios; pelo que darei a dieta como preservativo, e prescreverei o uso das cebolas, dos alhos, cebolas bravas: estes alimentos custaõ taõ pouco, que se póde bem sustentar a equipagem. Em lugar de sopa de carne salgada, he melhor repartir por elle sopas de papas feitas com cebolas: além de serem sádias, e mais do que os melhores caldos, tem a vantagem de serem antiscrobuticos, quentes, e proprios para facilitar a transpiraçaõ.

Os navios, que cruzaõ na Mancha, trazem provimento de Agua-Ardente para supprir a falta de cerveja quando ella falta. Mas a cerveja he pequeno refugio para sustentar os marinheiros, que cançaõ muito, e quasi sempre estaõ molhados nas tormentas, e furacões: entaõ sería conveniente misturar-lhe na cerveja huma quinta parte de Agua-Ardente, com hum pouco de assucar, e mel, e hum pouco de vinagre para fazer este liquido alguma cousa azedo: esta bebida corroborativa he muito usada nas frotas Russianas, que com ella se achaõ muito bem.

Es-

Esta bebida he muito mais sadía do que a Agua Ardente pura, que com o muito uso causa escorbuto. O assucar, ou mel, que eu préscrevo com hum ácido tal como o vinagre, cremor tartaro dá ao liquido huma fermentaçaõ, que o faz capaz de atalhar o escorbuto, e mais molestias ordinarias na Mancha, e Latitudes Septentrionaes.

Porém estes preservativos de nada servem, se se naõ remedea a humidade dos vestidos, e macas, pelo que he conveniente, que os marinheiros tenhaõ ao menos duas camisolas: convem tambem ter cuidado em cobrir as macas com hum panno alcatroado.

Os dilatados corsos na Mancha causaõ muitas molestias: neste caso sería conveniente destacar cada 15 dias hum navio, que fosse ao porto mais visinho buscar legumes, e carne fresca para dar á equipagem. As cebolas, alhos, coves, nabos, rabãnos, maçãs, cidras, limões, laranjas, seríaõ muito proprios para refrescar, como tambem era o dente de leaõ, chicoria, cochleatico, mastruço: além destas hervas frescas, e sadías, deve tambem haver provimento sempre de sumo de limaõ, e de outras hervas antiscrobuticas, que se pódem conservar muito tempo. Esta casta de remedios pouco dispendiosos salvaria a vida a muitos marinheiros, e faria com que podessem supportar por muito tempo as lidas do Mar.

A Agua-Ardente, e o alho saõ o melhor cordial para os marinheiros, que tem, que resistir ao frio: aquecem o estomago, e embaraçaõ as obstruções do peito, e dos rins: se adoecem com frio he necessario naõ lhes dar logo licores espirituosos, convem antes pollos de cama, dar-lhes

agua quente, agua de cevada pilada, ou huma leve tintura de salva, e depois os licores espirituosos acabaráõ de os fortificar: nos grandes frios sería conveniente misturar-lhes nos alimentos a infusaõ de salva, ou de losna com huma pouca de Agua-Ardente com alhos.

Hum Homem, cujos vestidos foraõ molhados deve mudar de vestido, antes que se vá deitar: sería tambem conveniente comer hum pedaço de biscouto, é beber hum gole de licor antes de sobir assima a trabalhar: entaõ ficaría menos exposto a molestias.

Tambem causa molestias a mesma madeira dos navios novos: os vapores, que exhalaõ como huma neblina, causaõ febres acompanhadas de diarrheas: as fumicações de pés, e alcatraõ temperaõ hum pouco a malignidade, mas geralmente os navios novos por esta causa saõ menos capazes do que os outros para viagens dilatadas em Climas doentios, pelo que semelhantes navios se deviaõ destinar para o Mediterraneo, cujo Clima lhe he mais proprio, sendo o do Norte muito humido, e a Zona Torrida muito quente. Deve-se advertir aos marinheiros, que naõ reguem a coberta depois do pôr do Sol, que he maxima muito perniciosa.

Para as viagens da India, ou de Guiné convem fazer provimento de viveres proprios para poder supportar o corpo a passagem de hum Clima frio para outro quente; pois entaõ ha menos appetite, e he peor a digestaõ: nisto he bom imitar os moradores entre os Tropicos, que comem sementes, e raizes de fructas acidas, e bebem liquidos pouco substanciosos: os alimentos salgados, e muito grosseiros saõ perniciosos, como tam-

tambem o comer muita carne: como entaõ se diminue á equipagem a raçaõ da agua, convem tambem diminuir a quantidade da carne salgada: o salgado causa escorbuto, e o sal naõ os salva inteiramente da putrefaçaõ nos Paizes quentes: basta para prova as nodoas lividas, que vem á gordura da carne salgada: póde-se obviar em parte este accidente lançando na salmoura hum pouco de nitro.

He boa precauçaõ fazer, com que acompanhe a esquadra hum navio de Hospital, com as provisões necessarias para os doentes, como he gado vivo, farinha, vinho &c.

Naõ he sobejo recommendar o uso do paõ fresco: além de ser o mais proprio para os doentes, os escorbuticos naõ pódem mastigar o biscouto: e além disso naõ he grande a despeza.

Tambem lhes he mui proveitoso o vinho, e he o melhor cordial na declinaçaõ das febres, e o mais preste restaurador dos convalescentes: além disso o vinho he hum excellente preservativo contra as molestias contagiosas dos navios: eu quizera, que se reservasse huma porçaõ de malvazia para os doentes.

Os licores espirituosos alliviaõ muito a chusma em certas circunstancias, mas o abuso delles he pernicioso: convem misturar-lhes hum leve ácido: o ponche he o melhor neste genero: refresca, restabelece as forças, atalha as molestias, que provem de alternativa do frio, e calor. Se o çumo espesso dos limões fosse mais barato, sería hum excellente preservativo contra as molestias ordinarias na Zona Torrida.

Convem sempre haver bom provimento de limonada, e charope de laranja: para se conservar

bem

bem he conveniente metello em garafas, cujo gargalo se enche de azeite.

Como no Mar naõ póde haver sempre fructas, os succos, os legumes, que proponho, e cuja virtude consiste no seu ácido vegetal, convem supprir isto com o cremor tartaro: hum graõ de sal basta para hum quartilho de licor espirituoso: guardem-se tambem as cascas dos limões &c. pizadas em licores espirituosos, e fareis com ellas hum ponche de bom gosto, e sádio para os marinheiros.

Os que tem lidado mais com as molestias dos marinheiros, sempre tem buscado hum ácido saboroso, com que as atalhar: tem recommendado o vinagre, o espirito de sal, o elixir de vitriolo: he verdade, que estes ácidos saõ convenientes em certos casos, mas o cremor tartaro he mais saboroso, mais analogo á saude dos marinheiros, e de menos despeza. Pelo que quizera eu que se desfizesse certa porçaõ todas as noites para repartir no alimento dos marinheiros, e nos licores espirituosos: Por este meio se preveniria mais facilmente as molestias putridas: a qualidade inflammatoria dos espiritos ardentes, sendo corrigida com este sal, faria com que o ponche ficasse mais fresco, corroborativo, antiputrido, e diuretico. Os ácidos destroem tudo quanto os espiritos ardentes tem nocivo; porque huma mistura de vinagre, e espirito de vinho dá huma combinaçaõ, que absorve o gosto destes dous menstruos, tomados separadamente; temperaõ-se huns ao outro, e a sua qualidade malefica se suffoca no vinagre.

A embriaguez voluntaria causa muitas vezes hum somno fatal, e huma febre nociva aos que se daõ a ella. Vem-se ordinariamente deitados hori-

rizontalmente, ou se encostaõ com a cabeça dobrada para traz. He necessario primeiramente pôr a pessoa de modo, que a circulaçaõ do sangue naõ seja violenta: se a embriaguez he muito forte, dai ao doente agua quente, misturada com ácidos mineraes, ou vinagre, e depois pondo-lhe na boca, ou sobre os narizes huma esponja molhada em vinagre fórte. Saõ indispensaveis a sangria, e o Emetico: as ajudas solutivas, os pediluvios quentes saõ muito uteis, e geralmente tudo quanto relacha ás fibras. O que se cahe de repente accommettido de bebedeira, deve andar, e respirar hum ar livre, até que possa ourinar, ou abater os symptomas com outras avacuações. O que se vai deitar, poem-se em risco de ficar suffocado, ou tomado de apoplexia.

A circulaçaõ do ar principalmente nos Paizes quentes he hum meio seguro de conservar a saude aos marinheiros, e nunca he assáz louvada a invençaõ do ventilador, inventado por Mr. Hales. Tende tambem cuidado, em que os marinheiros façaõ sufficiente exercicio; que vivaõ com asseio, e façaõ seccar os vestidos, quando estaõ humidos, e para isto, sendo necessario, usai de authoridade.

O banho além de conservar o asseio, dá ás fibras huma relaxaçaõ conveniente, conserva o vigor, facilita a transpiraçaõ insensivel, e a circulaçaõ dos humores: naõ ha cousa taõ efficaz para prevenir, e sárar as diarrheas, e todas as molestias causadas de calor excessivo, que occasiona huma colicaçaõ geral nos sólidos: com tudo os banhos naõ se devem tomar sem proposito, nem cautellas: geralmente convem evitallos, quando estaõ cançados, quando o estomago está cheio, e quando o calor causa erupções da pelle.

A passagem repentina do frio para o calôr, causa repleçaõ, e distensaõ nos vasos, dá occasiaõ a molestias inflammatorias. Os Europeos á medida, que se chegaõ á Linha, evacuaõ com mais facilidade, que antes: costumaõ entaõ sangrar parte dos marinheiros para evitar as molestias, porém naõ vejo, que este methodo corresponda ao fim, que se propoem.

Passa-se bem na Linha, quando se passa de pressa, e com bom Vento: quem parte no Outono tem quasi certeza de hir refrescar ao Norte do Equador, no tempo que o Sol anda no tropico Meridional, e só costumaõ experimentar as molestias do Clima, quando o navio chega a Portos doentios.

Pelo contrario, o que apanha calmarias debaixo da Linha, se tem muita equipagem, e tem tido chuvas nos Tropicos, naõ deixa logo de sentir doenças; e, ainda que naõ sejaõ inflammatorias, naõ deixaõ de ser fataes. Primeiramente começaõ alguns marinheiros a ter fluxo de sangue, que denota proxima putrificaçaõ no sangue, e nos humores. A febre maligna vem depois na fórma de remittente, de intermittente, e algumas vezes de terçãs dobles: he a molestia dos Tropicos, da costa de Guiné, da Jamaica, e a febre de Outono dos Paizes quentes: differe da febre amarella, que só se sente nas Indias Occidentaes, quando he mui numerosa a equipagem, e que parece vir da falta do asseio do navio, do máo ar, e uso do alimento salgado.

Tenho reparado nos sitios mais doentios das costas de Guiné, que saõ junto aos Rios, que as febres epidemicas menos arriscadas saõ as intermittentes, e remittentes, que daõ lugar a to-

mar-

mar-se a quina: em qualquer forma, que ella se disfarçe, este remedio tomado na intermissaõ, ou remissaõ consegue o curar; e a febre da Ilha de S. Thomé, mais maligna, que todas as da Africa, e America lhe naõ resiste. A experiencia, o mais seguro guia da Medicina, próva que a quina naõ sómente he hum remedio efficaz, mas tambem hum preservativo contra as febres. Quando eu estava em Guiné estavamos bem providos, e a tomava-mos por cautela, e sómente os que comiaõ muita carne foraõ accommettidos de febre epidemica.

A Hungria he o Clima mais doentio da Europa em razaõ dos Rios, pantanos, e lagos, e paúes, cujas aguas alagaõ, apodrecem, e inficionaõ o ar, que sempre está humido, e com hum calor, que suffoca. Diz Kramer, que as molestias, que alli se sentem no Estio, saõ as mesmas de Guiné, isto he, febres malignas, desyntherias, e diarrheas. Ora todas estas queixas se curaõ com a quina, e he de presumir, que se os navios Europeos, que vaõ para Paizes quentes, se provessem della, evitariaõ as desyntherias, e febres ardentes, e biliosas. Oito onças de quina com quatro onças de casca de laranja em pó em hum frasco de Agua-Ardente lhe dariaõ hum amargo agradavel. Duas onças por dia a cada marinheiro, tomadas metade em jejum, e o mais depois de cea, seriaõ bastantes, quando se temesse esta molestia epidemica: as constituições mais fracas, e as fibras mais faceis de se irritar, naõ recebem prejuizo. Facilita a digestaõ, fortifica o estomago, e firma as fibras mais relaxadas.

Todos os Medicos sabem, que a falta de fluidos do sangue, e humores dispoem para a putre-

fac-

facçaõ, e que esta mais, ou menos adiantada, he causa immediata de todas as molestias dos Paizes quentes. Ora naõ ha melhor remedio do que a quina nas bexigas, quando se receia a gangrena, e geralmente em todas as mortificações externas: he o anticeptico mais efficaz, pelo que as Indias conheciaõ a sua virtude muito tempo antes, que nós a fossemos buscar.

Quando se receia com fundamento huma molestia epidemica, o melhor he evitar grandes lidas, cruezas de estomago, calor, e frio excessivo, e exercicio violento; principalmente sangrias, nem evacuações fórtes. Se o estomago, e intestinos estaõ cheios de cruezas, evacuai-os brandamente com saes purgativos, ou com ruibarbo, e evitai com cuidado o debilitar o doente.

Todas as vezes, que o Clima he abafadiço, e sujeito a grandes chuvas, que he inculto, e coberto de matas, e pantanos, e aguas encharcadas, com razaõ se temem febres malignas: tudo isto sabem os Europeos, mas a necessidade de tomarem terra os obriga a se exporem. A primeira cautela deve ser ancorar o mais longe da costa, que he possivel, e antepor o Mar largo. A experiencia próva, que a malignidade do ar naõ se extende a grandes distancias. Se os Capitães saõ obrigados a demorar-se algum tempo nos Pórtos, ou costas pouco sádias, devem escolher Estaçaõ, em que o ar lhe pareça mais puro, e em que os Ventos do Mar os livrem mais dos vapores, e exhalações terrestres. Entaõ se deve fazer com que trabalhe a equipagem, o menos que for possivel antes de nascer, e depois de pôr-se o Sol; porque entaõ as cassimbas, e os vapores nocivos saõ mais malignos, e se espalhaõ mais facilmente

do

do que depois de apparecer o Sol no Horizonte. Os Ventos terrenhos sempre saõ humidos, e convem livrar delles. Assim quando o navio está ancorado visinho a terras apauladas, convem evitar toda a entrada ás exhalações da terra, e pôr o navio em situaçaõ, que pondo huma grande véla no mastro de diante, suba o fumo do fogaõ por este mastro: este fumo cortará a corrente dos vapores, que traz o Vento terrenho: tambem se fará com que os marinheiros fumem, é de tempos a tempos queimem alcatraõ, ou pez para o mesmo effeito.

Os marinheiros, que andaõ no bote, e os que se mandaõ fazer aguada, e lenha, estaõ mais expostos do que os outros, porque sempre dormem em terra, e respiraõ máo ar: Para remediar este inconveniente he necessario revezallos a miudo, e fazer com que naõ durmaõ debaixo de barracas: o tempo do somno he quando influe mais a malignidade do ar no corpo humano.

Accrescentamos algumas instrucções para os que saõ obrigados a ficar em terra, e dormir entre o mato. Nunca devem dormir senaõ em macas penduradas dentro em barracas bem fechadas, e nos sitios mais seccos, e mais proximos ao Mar. Se o ar he humido convem fazer hum grande fogo em torno da tenda: os que daõ á sua saude o apreço conveniente, para a quererem conservar, tomem pela manhã, e á noite hum graõ de infusaõ de quina, ou ao menos de Agua-Ardente com alho, e naõ se exponhaõ muito ao ardor do Sol. Contentem-se com hum jantar ligeiro, e com mais alguma cousa, e á noite bebaõ hum copo de vinho, ou de algum liquido espirituoso. Terminaremos com a molestia mais terrivel de to-

todas. Quando no Mar se sentem febres malignas, e que saõ causadas, ou de ruim ar, ou de muito calor, e humidade, os humores, e o sangue saõ mui propensos á putrefacçaõ: Estas febres se communicaõ facilmente, principalmente quando ha fluxo de sangue: os vestidos, roupa, e cama se embebem do veneno, que lavra muito depressa. Pelo que he da maior importancia o usar dos meios mais proprios para suffocar a causa desta molestia, e atalhar o seu progresso.

A cousa mais importante para o restabelecimento dos doentes, e conservaçaõ das pessoas sãs, he escolher hum sitio sádio, e arejado, onde se possa fazer circulàr o ar. Entaõ he necessario o uso do ventilador. Na verdade, que o renovamento do ar naõ sára, porém diminue as mortes, dissipando os vapores putridos; tambem embaraça as febres ordinarias, que degenerem em malignas, e causem o a que se chama febre de Hospital. Quando esta ultima se conhece, em hum Hospital, ou navio, os mais incommodos, os menos malignos se fazem pestilenciaes. Lavra taõ rápidamente, que naõ perdoa ás pessoas mais sádias: he huma especie de peste: A qualquer pessoa, que tem saude, os bofes em hum minuto servem dous quartilhos de ar, e o que já foi respirado naõ he capaz de conservar a circulaçaõ do sangue. Ora he disgraça, que os sitios destinados para os doentes, saõ os mais doentios do navio: no caso de se sentir a febre de Hospital, sería conveniente transportallos para sitios bem arejados. Se o serviço o naõ permitte, ao menos he conveniente dar-lhe ar novo, por meio do ventilador, para atalhar o progresso do mal: naõ se devem ter os doentes amontoados huns

lo-

ſobre outros ; iſto augmenta a malignidade das febres tanto , que mal as pódem deſtruir os alexifarmacos mais fórtes. Os que trataõ dos doentes , muitas vezes ſaõ victimas primeiras, e os que tem a fortuna de ſe curar , recahem mais facilmente , quando reſpiraõ hum ar inficionado.

Em qualquer parte, que ſe ponhaõ os doentes, convem dar paſſagem livre ao ar, e enfraquecer a ſua corrente com pannos groſſos : ter cuidado em conſervar as camas limpas, lavar-lhes as caſas todos os dias com vinagre quente, regar o chaõ , e aſſoalho do navio. Devem conſervar-ſe todos os utenſîs do Hoſpital muito aciados , lavallos muitas vezes , como tambem os vaſos, que ſervem para as immundicias. Para conſervar o ar puro convem fazer fumo com vinagre alcanforado , nitro , pez , alcatraõ ; e ſerá melhor com polvora.

De tempos a tempos convem lavar as mãos, e os pés aos doentes, quando eſtaõ ſuando; naõ lhes dar outra vez a meſma roupa ſem primeiro a paſſar por fumo de enxofre, e vinagre. Se poder ſer ſe traráõ as camas dos convaleſcentes para a coberta para arejarem Os marinheiros, e a maior parte dos convaleſcentes ſaõ negligentes no aceio, pelo que naõ ſe deve deſcançar nelles neſte ponto : convem queimar , ou deitar ao Mar as macas velhas, ou rotas, como tambem as camas , que tem ſervido a peſſoas doentes de dyſentherias , ou febres contagioſas. Os que tem fluxo de ventre, eſcorbuto , ou evacuações putridas devem eſtar no ſitio mais deſembaraçado do Hoſpital , e ainda ſeparados dos outros : os córpos mortos devem tirar-ſe logo para a coberta, e lançar ao Mar os ſeus veſtidos.

O Douthor Pringle foi o que tem descripto até agora melhor a febre de Hospital. „ Quando „ esta febre, diz elle, tem cessaõ, he convenien„ te tomar hum cozimento de quina, e de se„ ne: este remedio fortifica o doente, e o livra „ de recahir. „

Os Cirurgiões devem ter cuidado de naõ visitarem os doentes em jejum, pois estaõ os córpos mais sujeitos a embeberem-se dos vapores malignos: faráõ bem em se proverem de vinagre alcanforado, e os que curaõ as ulceras, gangrenas &c. devem levar esponjas molhadas em vinagre para esfregar os narizes, e a boca.

No tempo de molestias contagiosas he conveniente repartir pela equipagem vinagre, e alhos, com que temperem a sua comida grosseira.

O suor, e a transpiraçaõ dos doentes, principalmente dos moribundos, he contagiosa, naõ se deve engulir salíva, estando visinho delles: hum copo de vinho com o çumo de metade de hum limaõ, e hum pouco de assucar he hum dos melhores preservativos para os Cirurgiões. Alguns mascaõ tabaco, e eu antepozera o *Calamus aromaticus* molhado em vinagre. Para impedir, que a molestia naõ dê tanto pela equipagem, convem augmentar a raçaõ de ponche: as guardas dos doentes faraõ bem de se cobrirem com hum encerado; se vem que algum delles tem contagio, he conveniente levallo para sima da coberta, fazello suar, ou vomitar, o que muitas vezes basta para o curar.

No primeiro dia, que os doentes sahem á terra, se deve pôr sobre a coberta quanta roupa, cobertores, camas, foraõ do seu uso, abrir as caixas para dar ar ao que vem nellas; renovar o

ar

ar ao navio, lavallo por meio da máquina de fogo: lavar tambem no Mar as macas, e caixas dos marinheiros, e depois se regará tudo com vinagre quente. Para isto se empregaráõ os convalescentes, a quem he de muito remedio o vapor do vinagre: ultimamente se fará muito fumo com polvora, que he a cousa mais propria para purificar o ar inficionado do contagio. O methodo para fazer isto he o seguinte. Meter-se-haõ todas as caixas, camas, e vestidos no convez: e fechadas as escotilhas hum Homem porá o fogo a pequenos montes de polvora espalhada por huma, e outra parte. Para fazer o vapor da polvora ainda mais sádio se burrifa com hum pouco de vinagre. Estes vapores devem conservar-se duas horas no interior do navio, e depois se abriráõ as escotilhas, e escoadouros, e se lhe dará novo ar por meio de hum ventilador.

Quando o navio he novo, e a sua madeira naõ estava bem secca, quando se construio, ou se tem ratos, e bichos, he excellente o fumo do enxofre para impedir as ruins consequencias, e destruillos.

A respeito dos Hospitaes, para onde se levaõ os marinheiros depois de huma longa viagem, convem advertir o director, se acaso no navio houve dysenteria, ou outra molestia contagiosa, para se porem em sala separada, aliás inficionariaõ o Hospital.

E quanto fica dito a respeito do máo ar dos navios, se deve applicar geralmente a todos os Hospitaes.

A sangria sempre foi tida como hum preservativo contra as molestias em Paizes quentes, e usaõ delle sempre nos que ficaõ para dentro do Tro-

Tropico : convem fazer neſte ponto algumas reflexões. A paſſagem ſúbita do frio ao quente diſpoem o corpo para a plethora. A moleſtia ſe declara por dores de cabeça, atordoamento, e pezo nos olhos: ſente-ſe hum pezo no peito, e o eſtomago cheio : o pulſo fica ligeiro, e moſtra oppreſſaõ : muitos tem febres ardentes, e taes ſymptomas indicaõ bem a neceſſidade da ſangria.

A inflammaçaõ das entranhas naõ he, como dizem, taõ fórte nos Climas quentes, como nos frios, e os doentes alli naõ pódem ſupportar as evacuações taõ abundantes. Naõ ſe enganem os Cirurgiões : a moleſtia parece branda no principio, porém os ſeus progreſſos ſaõ mais rápidos nos Paizes frios. A ſuppuraçaõ, as mortificações, e a gangrena ſe formaõ mais depreſſa, e geralmente as moleſtias agudas chegaõ mais preſtemente á criſe, do que nos Paizes Meridionaes. Pelo que deve haver maior cuidado em eſpiar o primeiro inſtante, em que ſe devem applicar os remedios proprios para a inflammaçaõ. Saõ neceſſarias ſangrias a miudo, mas pouco copioſas : ſe ſe dilataſſem, a inflammaçaõ paſſaría de repente do primeiro ſymptoma ao ultimo periodo.

Os Medicos, e Cirurgiões, que praticaõ nas Indias, ſeguem que a ſangria he damnoſa nas moleſtias agudas : dizem que a parte craſſa do ſangue he muito dividida, e os ſólidos muito relaxados neſtes Climas. A ſangria, em vez de alliviár o doente, lhe abate as forças, e a natureza ſe debilita com a força do mal antes da criſe. Eſte diſcurſo em parte he juſto, mas tem muitas excepções.

Os marinheiros debaixo da Zona ſaõ mais expoſtos do que os naturaes do Paiz ás viciſſitudes

do

do calor, frio, e humidade &c. Os excessos lhe causaõ mais facilmente inflammações; A sua molestia requer consequentemente evacuações mais abundantes. O calor relaxa as fibras, maiormente as mais visinhas da superficie do corpo, e dilata prodigiosamente o sangue, e os humores. Pelo que quando os mancebos chegaõ á Zona, quasi todos deitaõ sangue pelos narizes.

A respeito dos naturaes do Paiz, naõ póde deixar de lhes ser proficuo o uso de os sangrar moderadamente, tendo sempre attençaõ ás Estações, á tempera do ar, e á situaçaõ do Sol.

CORRESPONDENCIA

De Sir Carlos Wolban côm Sir Jorge Bedfort, e Sir Oliveiro Stewert.

SIR STEWERT Á SIR WOLBAN.

Nova funesta. Doença singular, com tudo commum na Grã-Bertanha, e em outras partes.

De Weldsex, 11 de Maio de 1762.

POR mais irrevogavel, Sir, que fosse a Lei, que me impôz de vos naõ escrever, como pareceis desejallo; com tudo, o motivo que hoje me obriga a faltar a meus promettimentos, he taõ urgente, que cuido, além de vos importunar, ainda naõ poder dispensar-me de vos noticiar cousas, que talvez importar-vos-haõ. Hum anciaõ,

que eſtimais; hum Homem, Sir, a quem ſois afſeiçoado, que vos reſpeita, e ama; Jones, voſſo rendeiro, eſte honrado Agricultor, que vos ſerve ha tantos annos, de tal modo ſe deſgoſtou da vida, que naõ ſe compunge nem das lagrimas de ſeus filhos, nem da compaſſiva amizade, que tem para com elle ſeus viſinhos. Nada o move, nada póde diſtrahillo do deſgraçado projecto, que formou de matar-ſe. Seu filho, que nunca o deſampara, ha tres dias o deixou hum ſó inſtante, e foi o infeliz Jones precipitar-ſe n'hum tanque profundo, donde o tiráraõ com ſummo trabalho. Guardavaõ-o ſucceſſivamente com mais vigilancia tanto os filhos, como os viſinhos; mas ſoube enganar ſeus cuidados, e ſua exactidaõ. Dous dias ha, que parecia naõ ſer mais affeiçoado á vida, que o dia, em que intentou affogar ſe, mas menos cançado de viver: já naõ fallava em morrer; e ſenſivel na apparencia aos bons officios de ſeu filho, promettêra em nunca mais dar ouvidos aos funebres conſelhos da deſeſperaçaõ, a que fingia arrepender-ſe de ſe ter abandonado. Hontem pela manhã converſou com ſeu filho ácerca de projectos de Agricultura, que queria, dizia elle, pôr ſem perda de tempo em execuçaõ. Vieraõ viſitallo alguns viſinhos; fallou-lhes com tal tranquillidade de eſpirito; inſiſtio com tanta alegria, para que ficaſſem o dia todo em ſua caſa, que cuidáraõ todos achar-ſe elle de todo reſtabelecido. Com tudo enganavaõ ſe: comeo com muito boa vontade, rio-ſe muito, e até gracejou ácerca da loucura, aſſim ſe expreſſava, que lhe deſaſocegára o eſpirito. Quaſi no fim do jantar, ſe levantou, e diſſe a ſeu filho, que entretiveſſe com a converſaçaõ a companhia, e que logo voltava. Eſtava

taõ alegre, que ninguem o ſuppunha eſtar poſſuido do deſejo de executar o ſeu projecto de ſuicidio; mas como tardava, impaciente ſahio ſeu filho, acompanhado com alguns dos convidados. Que eſpantoſo eſpectaculo, Sir, que eſpectaculo terrivel! Víraõ a Jones a hum lado do jardim, dependurado pelo peſcoço a hum ramo de til: agitava-ſe ainda: cortáraõ apreſſadamente a corda; levaraõ-o para ſua cama, e em quanto lhe aſſiſtiaõ, mandou-me ſeu filho na auſencia de Bedfort, para que foſſe a voſſa caſa com a maior preſſa poſſivel. Lá fui eſta manhã. Informado da deſgraçada ſituaçaõ de Jones, e de todas as circunſtancias, que acabo de referir-vos, procurei diſſuadillo deſte funeſto projecto. Confeſſo, que talvez haja delirio, e tambem loucura no meu procedimento; mas, Sir, eu diſſe mil vezes comigo meſmo tudo o que poderieis repetir-me hoje. A triſteza mais forte que minha razaõ me vence, me opprime, e arraſtar-me-ha; em huma palavra aborrece-me a vida; e eu que nunca fiz mal, naõ me deixarei perſuadir, que faço mal em me deſembaraçar de hum pezo, que naõ poſſo jámais ſupportar. Se iſto he huma moleſtia, Sir, forçoſo he que a meu pezar experimente todos os ſeus progreſſos; forçoſo he que uſe do unico remedio, que me reſta, naõ havendo outro meio de melhorar, ſenaõ o de deixar de exiſtir. Tudo examinei, e ponderei: debalde me embaraçaõ: tudo o que enſaiaõ com eſte fim, augmenta cada vez mais a melancolia, que a vida me inſpira.

Admirado, Sir, de tanta força no arrazoar frenetico de Jones naõ combati as ſuas idéas, e naõ me oppuz ao ſeu deſgraçado deſignio. Naõ me opponho, lhe diſſe eu, á deliberaçaõ, que

tomastes, por mais violenta, e cruel, que logo me parecesse. Comprehendo, que com effeito deveis ter fortissimas razões para deixardes de viver. Amais a vossos filhos, e naõ attendeis ás suas súpplicas, he mister, que o motivo da vossa inflexibilidade seja bem poderoso. Mas naõ sei, honrado Jones, com a probidade, que em vós conheço, o como vos determinastes a isto sem o consentimento de Sir Wolban. Tendes toda a sua confiança; está ausente: destes-lhe conta da vossa administraçaõ? E se o naõ fizestes, naõ temeis enganar sua confiança, e desmentir com hum procedimento taõ precipitado a idéa favoravel, que sempre teve da vossa inteireza?

Estas representações, que verdadeiramente eraõ pouco sólidas, me parecêraõ fazer huma fórte impressaõ em Jones. Insisti, ficou algum tempo callado; fitando depois os olhos em mim com semblante sereno, e agradecido, Sir Baroneto, me disse elle, fazeis-me hum importante serviço; com effeito naõ tinha razaõ, e a execuçaõ de meu projecto era precipitada; confesso que só cuidava em mim, e naõ nos interesses de meu bom amo; mas ainda he tempo de reparar as minhas semrazões. Em quanto á minha administraçaõ, graças ao Ceo, he exacta, e naõ temo ser arguido. Com tudo convenho, que naõ devo, nem posso deixar Sir Wolban, sem avisallo; e vos prometto, Sir, de naõ separar-me delle, sem que primeiro o previna.

Por mais persuadido que esteja, Sir Wolban, da probidade deste honrado velho, naõ sei com tudo se devo confiar muito na promessa, que me fez de naõ intentar contra a sua vida. Talvez tenha mais condescendencia para com vosco. Duvido

do com tudo, que delle alcanceis o que taõ decisivamente recusou aos choros de seus filhos. Mas qualquer que for a sua resoluçaõ, apressei-me em vos avisar, estando ausente meu amigo Bedfort, que foi ha alguns dias para Londres, do desgostoso successo, que aconteceo á nossa vista. Perdoai a dilatada relaçaõ, que naõ pude abbreviar por causa da amizade, que professais a Jones.

JONES Á SIR WOLBAN.

Frenesi de Jones: Espantoso projecto, meditado em seu socego.

De Weldsex, 12 de Maio de 1762.

SIR.

HA já sessenta annos que, depois da morte de meu Pai, Sir Henrique Roedmont, vosso segundo Tio materno me confiou sua herdade, e a administraçaõ de todos os seus bens. Desde entaõ cultivei vossa herança, e bem próva o producto annual, que naõ deteriorou. Fiz sempre com meu trabalho, e minha fidelidade tudo quanto pude para merecer cada vez mais a estimaçaõ, e a confiança de vossa casa. Agora, meu bom amo, que cheguei aos ultimos dias de minha velhice; agora que só me restaõ alguns momentos de vida; agora que a caduca idade, minha fraqueza, e o tempo me arrastraõ para a sepultura, imploro vossos beneficios para com meus filhos, que saõ tambem os vossos, pois sempre comêraõ vosso paõ. Cuido que saõ, assim como eu, mere-

re-

recedores da vossa confiança ; respeitaõ-vos do mesmo modo, que devem respeitar seu amo os fieis servos ; sabem trabalhar, e ha já muitos annos, que estaõ acostumados a cultivarem, e a melhorarem vossos campos. Devo-vos dous annos de vossa renda ; está o dinheiro prompto, e contado em hum armario, cuja chave entreguei ao meu Primogenito. Sabe todos os differentes trabalhos, que convem fazer na herdade, e creio que ninguem he mais capaz de cultivalla do que elle, em companhia de seus Irmãos. Se minha fidelidade, meu respeitavel amo, e se meus dilatados serviços m recem alguma recompensa, dignai continuar para com meus filhos os beneficios, que vosso Pai, e vós sempre tivestes para comigo. Sede o amparo de meus filhos, e praza a Deos naõ conheçaõ outro amo. Naõ vos negueis, *Sir*, as súpplicas de hum velho, que se encaminha socegadamente para a sepultura, pois morre confiado na doce esperança, que sereis o Pai de seus filhos.

Eis-aqui, meu bom, e respeitavel amo, a graça, que curvados os joelhos vos pede vosso antigo, e fiel servo. *Jones.*

SIR WOLBAN Á JONES.

Humanidade de Sir Wolban. Seus mortais desasocegos; prudentes conselhos, que dá á Jones.

De París, 19 de Maio de 1762.

QUANTO he triste a Carta, que me escrevestes, honrado Jones? De que servem estes lugubres presentimentos de morte? Se tendes algum motivo de cuidado, a mim, a mim só he, a quem devieis participallo? Esquecestes vos pois da inteira confiança, que em vós tenho, já que me occultais a causa de vossas penas? Conheço pois, meu amigo, pela vossa Carta, que tendes grande motivo de melancolía. Seja o que for, honrado Jones, naõ vos desasocegueis de modo algum, e sobre tudo naõ vos lembreis destes lugubres pensamentos de sepultura, e de ultimo suspiro. Só pódem alterar vosso socego, e vossa saude estas lugubres imagens; e naõ ignorais o quanto he do meu interesse a vossa conservaçaõ. Vós, vistes-me nascer, bom Jones, e os cuidados, que tomastes de minha meninice de certo modo vos affeiçoaõ, quasi tanto a mim, como aos vossos proprios filhos.

Succeda embora, que hum infeliz, manchado com crimes, e que conhecendo seu erro, e opprimido com pejo, consumido de remorsos, se abandone por desesperaçaõ a algum violento excesso, naõ me admiro; mas que o Homem virtuoso; que deve até á sua ultima hora dar á Sociedade o exemplo de sua vida, e de suas acções, se

ſe reſolva a morrer como hum deſalmado, e que iſento de remorſos, de arrependimento, de pejo, dê ouvidos aos malvados conſelhos da deſeſperaçaõ; eis-ahi ſem dúvida a contradicçaõ a mais incomprehenſivel.

Se cuidaſſe, meu querido Jones, que foſſe minha preſença capaz de deſtruir em vós eſta melancolia, nada ahi me demoraria, e naõ tardarieis a vêr-me. Se preciſais de deſcanço, ſe alguma enfermidade vos embaraça de trabalhar pará mim, deſcançai, ſocegai; ſaõ voſſos filhos os meus. Ai! para quem obraria eu de condeſcendencias, ſenaõ para os filhos daquelle, que tanto cuidou de mim, e que me ſervio de Pai!

Dai-me ouvidos, honrado Jones: vós conheceis eſta grande terra, pouco diſtante da minha herdade, e que eſtá propinqua á voſſa pequena fazenda; ha muito tempo, que vo-la deſtinava; eu vo-la-dou, meu amigo; a vós, e a voſſos filhos: mas ponho huma clauſula á doaçaõ, que vos faço; iſto he, que ſocegareis, e conſervareis a voſſa ſaude; em huma palavra, que vós deixareis de cauſar-me inquietações. Se naõ fazeis goſto em aſſuſtar-me, porque me fallais de ſeparaçaõ, e retiro? Com que propoſito, bom Jones, com que propoſito ſois taõ apreſſado em dar-me conta dos fundos, que páraõ nas voſſas mãos? Ouviſtes-me já mais pedir-vos contas? Servi-vos, meu amigo, deſtes fundos, ſe vos ſaõ neceſſarios; eu naõ preciſo, e ainda que contaſſe ſobre eſte dinheiro, goſtaria muito privar-me delle a voſſo reſpeito. Sou-vos taõ obrigado, que faria com muito boa vontade eſte pequeno ſacrificio, e ainda muito mais, para provar-vos o quanto deſejo favorecer-vos.

He

He tempo, honrado Jones, de dar fim aos vossos trabalhos. Passados tantos annos de cuidados, he bem justo, que cuideis em fim em descançar. Vivei, como sempre vivestes, em minha casa, e gozai do que he meu, como se fosse vosso proprio patrimonio. Conhecei, bom Jones, a sinceridade das minhas offertas; conhecei a verdade de meus sentimentos, e sabei, que sou muito mais vosso amigo, que vosso amo.

Sir Stewert á sir Wolban.

Acontecimento previsto. Cruel catastrofe. Questaõ difficultosa a resolver.

De Weldsex, 27 de Maio de 1762.

NADA pude abrandar este desgraçado velho: ninguem pude fazer, que se deixasse do seu designio mais, que funesto. Arrancou se a vida; e na idade de oitenta e nove annos, foi tomar pelas suas proprias mãos a morte, que verisimilmente naõ tardaría muito tempo em desonerallo do pezo, que naõ podia já supportar. Que terrivel espectaculo deo Jones á sua familia affligida, e quanto vos custaria, a pezar de toda a vossa Filosofia, em reter vossas lagrimas, se tivesses presenciado esta horrorosa Scena!

Recebeo hontem Jones a vossa carta, que leo com ternura a seus filhos, exhortou-os para merecerem cada vez mais os beneficios, que lhes promettestes. Depois de huma longa conversaçaõ ácerca das obrigações, de que haviaõ de desempenhar-se, tomou hum semblante mais socegado, ceou

ceou com tranquillidade, e unicamente fallava com seu filho dos trabalhos campestres, e dos meios, que lhe pareciaõ mais convenientes para fertilizarem vossos campos. Foi-se depois para seu quarto, rezou, deitou-se, e adormeceo profundamente. Ha muitos annos estava acostumado levantar-se logo ao amanhecer: mas esta manhã pelas sete horas, ainda naõ tinha dado sinal algum para levantar-se. Chegou-se seu filho á porta de seu quarto, e vendo, que seu Pai naõ dava tino algum de si, se capacitou, que ainda dormia; mas quasi huma hora depois, dando-lhe inquietaçaõ este somno de tanta duraçaõ, entrou de mansinho no quarto, e entre-abrindo as cortinas do leito, deo hum grito forte; vieraõ a vello; já se tinha arremeçado sobre o cadaver do desditoso Jones, que nadava no seu sangue, e tinha ainda na maõ a navalha de que se servíra para degollar-se. Estava o cadaver frio, e ha apparencia que depois de se recolher, naõ tardou muito em degollar-se.

Naõ emprehenderei, Sir, pintar-vos a profunda tristeza, a afflicçaõ, e a desolaçaõ, que aggravaõ a familia de Jones, seus visinhos, e todos os seus conhecidos. Qual he pois, Sir Wolban, qual he esta infernal disposiçaõ da alma, que induz os Homens, na apparencia os menos susceptiveis de cuidados, e de desesperaçaõ, a cortarem o fio de seus dias? Era Jones honrado; era brando, respeitado de seus filhos, querido de seus visinhos, estimado de seu amo; naõ experimentou revez algum de fortuna; naõ teve motivo algum de desasocego; e com tudo quasi nonagenario deo fim á sua longa carreira pelo suicidio! He pois este terrivel desgosto da vida hu-

ma

mâ doença, de que só por ora se conhecem os crueis effeitos, e cuja causa ignorar-se-ha eternamente? He talvez huma febre da alma, se he licito expressar-se assim; he talvez hum delirio tanto mais incuravel, que só se manifesta, quando já naõ he tempo de prevenir as suas consequencias. Com este incomprehensivel furor do suicidio, que parece cada dia augmentar-se, e vir a ser epidemico, principalmente na nossa Ilha; com esta infausta extravagancia, que se communica, conforme se diz, ás Nações visinhas, estariamos quasi, Sir, a ponto de crer, que tem o Homem alguma cousa da natureza do aspid, que, por irritallo qualquer cousa, se morde, e se mata elle mesmo? O desgosto da vida pois irrita com muita violencia os Homens, já que os induz a preferirem a morte a huma penivel existencia. Quantas reflexões offerece a morte de Jones á vossa Filosofia! E que obrigações, Sir, vos deveria-eu, se querieis vós, a quem a melancolia induzio tantas vezes até aos excessos do desgosto, e aborrecimento da vida, participar-me as vossas observações ácerca deste triste assumpto.

WOLBAN Á STEWERT.

Reflexões ácerca do suicido. Suas causas. Gosto singular dos Romanos, e loucura dos Inglezes.

De Paris, 5 de Junho de 1762.

A MÁ nova, que me dais, Sir, da morte violenta de Jones, me entristece infinitamente; mas naõ me admira. A Carta, que este bom velho me es-

escreveo depois das vossas sábias representações, naõ me deixava quasi apparencia alguma de esperança; conhecia assáz seu caracter para julgar, que naõ mudaria de resoluçaõ. Compadeço-me delle, e da sua sórte, e sinto a grande perda, que experimento; mas em fim naõ teve o honrado Jones, como o observastes, o ánimo de supportar ainda algum tempo o pezo da vida, ou como se explicaõ muitos outros, naõ teve a fraqueza de preferir o aborrecimento de huma vida languida, e penivel ás vantagens da naõ existencia. Quaesquer que fossem os motivos, que o determináraõ, naõ posso recusar á sua memoria o apreço, que meus Pais, e eu sempre fizemos delle; e melhor estimo crêr, que o genero de sua morte he o effeito do delirio, que commummente acaba a penosa consummaçaõ da vida; do que a consequencia reflectida de huma criminosa desesperaçaõ.

Naõ quero mais lembrar-me deste cruel acontecimento; ou, se delle ainda me lembro, será unicamente para cumprir com as ultimas vontades, e promessas do bom Jones. Inculcar-vos a occasiaõ de ser util a vossos antigos amigos he, Sir, obsequiar-vos; e com este pretexto, vos peço, que vades, como iria eu mesmo, consolar esta triste familia, e ratificar em meu nome, e a favor dos filhos de Jones, as promessas, que fiz a seu Pai. Continuem em administrar minhas fazendas, sirvaõ-se dos fundos, de que me fallava seu Pai; devem precisar delles para prover as despezas, que lhes occasionou esta morte inesperada; e se esta herdade, que lhes dou de boa vontade, naõ basta, que recorraõ a mim, ou mais de pressa, Sir, que recorraõ a vós, ou a

Bed-

Bedfort, se já voltou de Londres, e eu pagar-vos-hei tudo o que lhes adiantares.

He certo, Sir Baroneto, que fiz profundas reflexões ácerca da horrivel, e atrocissima mania do suicidio. Quéreis conhecer a causa deste genero de loucura? Bem desejára satisfazer-vos; mas por multiplicadas, que tenhaõ sido as indagações, que fiz a este respeito, naõ descobrí cousa alguma. Cuidais que he mais commum em Inglaterra, que em outros Paizes este furor, que vos parece epidemico; eu penso differentemente; e naõ duvido, que esta molestia, que reinou em todos os tempos, e quasi igualmente em todas as Nações, naõ seja taõ frequente em França, Italia, Hespanha, e em todas as partes, onde ha Homens, como na nossa Ilha, onde naõ temos, como em outros Reinos, a prudente cautela de encubrir ao público o conhecimento do número das victimas, que rouba á Sociedade esta doença.

Tanto se assemelha o Homem á natureza do aspid, como se assemelha este reptil á natureza do Homem; mas este he sujeito a huma infinidade de differentes molestias; e a mais lastimosa de todas, o desgosto da vida se perpetuou desgraçadamente de geraçaõ em geraçaõ, como o ardor da febre he mais, ou menos commum, e mais, ou menos nocivo, segundo a variedade dos Climas. A differença toda, que ha nisso entre os antigos, e nós, he a maior parte dos Póvos da antiguidade avaliarem o suicidio, como acçaõ heroica, pelo contrario nós o avaliamos com mais razaõ, como próva completa de delirio, e frenesi. Matavaõ-se os Gregos occultamente, se he licito assim explicar-se; os Romanos pelo contrario em tudo orgulhosos, e fastosos, quasi sempre se

ma-

matavaõ por oſtentaçaõ ; era eſta acçaõ acompanhada com taõ pompoſo apparato ; a lembrança dos que deſciaõ a ſepultura por eſta louca eſtrada, era taõ reſpeitada, que a maior parte dos que ſe matavaõ, ſó ſe arremeçavaõ a eſte exceſſo de barbaridade, na eſperança de paſſarem além da poſteridade a gloria de ſeu nome, e a celebridade de ſeu falſo heroiſmo. Era eſta idéa certamente bem louca, e abſurda ; mas he muito mais extravagante, e incomprehenſivel o elles acertarem, e naõ ſe encontrar nenhum do grande número dos Romanos, que ſe matáraõ ás ſuas meſmas mãos, de quem naõ ſe falle ainda com huma eſpecie de veneraçaõ. O nome ſó deſtes Tyrannos do Mundo nos cauſa admiraçaõ, e cuidamos emparelhar com elles, quando chegamos a imitar o ſeu ridiculo orgulho, e os actos os mais loucos de ſeu faſtoſo procedimento.

Achareis talvez, Sir, que fallo com muita irreverencia, e he verdade, que poucos penſaõ tanto contra os Romanos, como eu ; naõ me admiraria, que a novidade de minha opiniaõ me fizeſſe odiar, e deſprezar da multidaõ admiradora deſtes antigos Deſpoticos da Terra, e que indignado o maior número naõ ſe rebellaſſe contra mim. Neſte Seculo comicamente filoſofico ſe condemna, ſe moteja todo o que parece contrariar as opiniões recebidas ; mas como a verdade ſó, e naõ a approvaçaõ pública, he meu unico fim, o amor deſta verdade he o archote, que me allumia neſtas minhas obſervações ; e avalío como couſa de nenhum preço, tudo o que naõ he eſta meſma verdade.

Com eſte principio, Sir, eſtudei, lí, reflecti ; e me convencí, que além das narrações muito alte-

teradas dos Hiſtoriadores, da pompa enganadora dos Poetas, e da excéſſiva credulidade de ſeus Leitores, ainda naõ ſe formou huma verdadeira idéa dos antigos Romanos; deſtes Romanos, de quem taõ frequentemente ſe falla, a quem todo o Mundo cita, e que ninguem conhece. Com effeito, ſe conſulto noſſos Eruditos, e lhes pergunto qual foi o caracter, e genio deſta Naçaõ; reſponder-me-haõ todos com grandes palavras; moſtrar-me-haõ ſómente retratos de fantaſia, e eſgotar-ſe-haõ com vãs declamações. Ora, he iſto reſponder? Acho na Hiſtoria quaſi todas as Leis, e uſos deſte Povo: mas tem eſtas Leis, e eſtes uſos correlaçaõ alguma com o caracter dos Romanos? Quem naõ ſabe, que as Leis deſta Naçaõ foraõ a obra de alguns particulares, e naõ do Povo, que as recebeo violentamente, aſſim como os uſos, que introduzíraõ alguns Cidadãos mais temidos, que eſtimados, e que adoptáraõ conſtrangidamente. Como poderia eu pois por meio deſta multidaõ de Leis, uſos, e coſtumes, conhecer o caracter nacional dos Romanos.

Se deſejais ſaber o que entendo por caracter nacional; reſponder-vos-hei, Sir, que ſó entendo huma palavra, que bem examinada naõ ſignifica couſa alguma; mas que geralmente ſe póde dizer, que o que conſtitue o genio, e o caracter nacional, he o effeito das diſpoſições habituaes no maior número dos membros de huma meſma Naçaõ. Aſſim o goſto das novidades, e o deſejo contínuo de perguntar, ſaber, e públicar noticias, eraõ o caracter diſtinctivo, e nacional dos Athenienſes; ao meſmo tempo, que os Lacedemonios ſeus rivaes, ſe diſtinguiaõ em tudo por huma conſtante ſobriedade, e pela mais rigoroſa diſcriçaõ,

çaõ, até nos objectos, que mais lhes importavaõ. Mas que idéa exacta nos daõ os Retratos, que nos apresentáraõ dos Romanos os Historiadores, Poetas, Oradores, e até os Filosofos? Esta he a de hum enorme colosso, que sendo todo irregular, naõ podemos descrevello; ou, para melhor dizer, a de huma monstruosa, e inexplicavel commistaõ de factos generosos, e despreziveis baixezas; de ignorancia, e sabedoria; de valor, e cobardia; de heroismo, e fraqueza. Deslindai, no meio desta confusaõ de acções informes, o caracter nacional deste Povo inconsequente, tanto mais incomprehensivel, que os Authores, que mais o favorecem, o pintaõ alternadamente, e muitas vezes nas mesmas circunstancias, virtuoso, e sem costumes; audacioso, e tímido; soberbo, e humilde; amigo das artes, e inimigo da industria; sábio, e estupido; escravo, e liberto; e nunca semelhante a si mesmo.

Creio pois, Sir, que se enganariaõ, se quizessem julgar do caracter nacional dos Romanos, ou de outro qualquer Povo, depois de ter reparado nesta extravagancia de virtudes, e vicios, de Leis, preoccupações, contradicções, que naõ caracterizaõ mais os antigos Romanos, que os Póvos civilizados, que houveraõ, e que ainda ha sobre a Terra. Mas ha outro caminho, hum methodo seguro, e que por ser novo, simples, e facil, naõ he menos infallivel. Este methodo, que talvez vos parecerá ridiculo, e que reputo por muito bom, visto que me lisonjeo de o ter inventado, consiste só em discernir com exactidaõ o genero de loucura, que dominou mais constantemente este Povo, cujo verdadeiro caracter se teria conhecido ha muito tempo, se

se tivessem feito mais exactas observações.

Naõ ignorais, Sir, que sobre este Globo cada Naçaõ, cada Sociedade se distingue singularmente pelo genero de loucura, que lhe he particular, e que tem sobre os seus costumes a maior influencia. Entende-se commummente por loucura hum desmancho total dos orgãos do cerebro, ou hum vicio de conformaçaõ, que violenta continuadamente, ou quasi periodicamente as faculdades da alma, e que oppondo-se a suas operações, obriga o individuo, assim constituido, a affastarse perpetuamente da razaõ. Naõ he deste genero de demencia, ou de mania, de que pertendo fallar aqui; mas desta loucura, de que resulta o caracter Nacional. Ora, segundo as minhas observações, he esta loucura huma paixaõ *local*, huma preoccupaçaõ de educaçaõ commum a todos os membros de huma mesma Sociedade; paixaõ, ou mania, como quizerem chamalla, que, ou depende do Fysico do Clima, ou perpetuada de geraçaõ em geraçaõ, tem adquirido tal authoridade, que a erigisse a credulidade pública em virtude, domina imperiosamente toda a Naçaõ, e dicta suas extravagantes Leis ao Sábio, como ao louco; todos os que a respeitaõ persuadidos, de que a razaõ os guia, ao mesmo passo que se abandonaõ, sem sabello, á torrente do erro.

Vencedores das Nações todas, conquistadores da Terra, os Romanos, que successivamente adoptáraõ os costumes de todos os Póvos polidos, que lhes eraõ sujeitos, tambem contractáraõ o habito de muitas paixões dominantes; sujeitáraõ-se a muitas preoccupações. Tambem naõ admira, que fosse seu caracter Nacional hum composto de muitos generos de loucura. Naõ emprehenderei

descrevellos todos, sería muito immenso o trabalho; pararei no mais absurdo; no que me deixa mais facilmente entrever o genio dos Romanos, e que convem mais ás questões, que me fazeis, e ao assumpto desta Carta.

Os Escritores da antiga Roma, e os que publicáraõ depois a sua Historia geral, ou os seus acontecimentos particulares, me noticíaõ, que desde a fundaçaõ da República até ao ultimo instante da decadencia do Imperio, pozeraõ os Romanos o Suicidio no número das acções heróicas, e que constantemente avaliáraõ o furor de se matarem a si mesmos, como a próva a mais segura de hum coraçaõ grande, e generoso. Por falsa, e extravagante que fosse esta opiniaõ, causou a todos tal admiraçaõ, que veio a ser muito frequente em Roma o Suicidio; e ahi se respeitava de modo, que perigaria, quem altamente contradicesse a atrocidade de taõ barbaro costume.

Os progressos, que fez esta epidemia em Roma, e no Imperio, quasi que nos capacitariaõ serem os Romanos hum Povo muito barbaro, ou pelo menos muito ignorante: mas nós nos enganariamos; que Naçaõ pois foi mais sábia, e onde as Sciencias, e Artes florecêraõ mais? Era pois forçoso, que fossem os Romanos determinados a esta acçaõ de ferocidade por hum poderoso motivo? Ignora-se, e se, como disse, naõ foi o orgulho, duvido que já mais se descubra.

Seja o que for, o Suicidio, que entre os Romanos era hum acto de virtude, e magnanimidade, he entre nós hum crime, ou pelo menos hum acto de fraqueza, que suppoem huma perdiçaõ total do juizo, e razaõ naquelles, que o commettem. Hoje he, conforme se diz, o in-

di-

dicio o mais infallivel, e o ultimo effeito do delirio do espirito, e quasi sempre suppoem alienaçaõ. N'outro tempo pensavaõ differentemente, e naõ se envergonhavaõ de preferirem o homicidio de si mesmo, como o meio o mais honorifico para evitarem alguma desgraça, para se subtrahirem á dôr, ou para se livrarem do pezo da existencia, que se fez muito penoso.

Entre os Romanos, e nós ha esta differença, que nisto, e em muitas outras cousas obravaõ por principios, que nos saõ desconhecidos; pelo contrario nós naõ pensamos sufficientemente para termos principios; deixamo-nos governar pelas paixões, contra as quaes naõ temos força bastante para lutar.

Com tudo, Sir Baroneto, naõ penseis, que pertenda eu, que naõ haja entre nós corações Romanos: Estou bem longe de pensar taõ desfavoravelmente ácerca dos meus contemporaneos. Pelo contrario, creio que presentemente, assim como nos tempos antigos, em Londres, em Pariz, ha Homens muito vãos, taes quaes houveraõ na antiga Roma, muito orgulhosos, que foraõ induzidos para o Suicidio pelo excesso do amor proprio.

O amor proprio, dizeis vós! Como sería possivel, que o amor proprio, que, bem considerado, naõ he outra cousa mais, que o interesse pessoal, aconselhasse, ou authorizasse huma acçaõ, que o contradiz, e que até o destroe? Minha opiniaõ, Sir Baroneto, naõ he em sentido algum absurda; e adoptalla-heis, se me quizerdes ouvir. Sim, digo, e creio que como por amor proprio daõ os Homens algumas vezes indicios de hum completo desinteresse, pódem tambem sa-

sacrificar a este mesmo amor de si todos os vinculos, que os afferraõ á vida, e descer á sepultura. Ah! digo eu, porque sendo o mesmo amor proprio o principio conhecido de todas as paixões, e máquina a mais activa, e paixaõ; porque naõ teria tanta vehemencia, como a cólera, o furor, a desesperaçaõ? Porque naõ poderia igualmente persuadir os Homens, que em certas circunstancias, mais vale morrer, do que existir?

Ha mister, dizem huns, ter muito valor para tirar-se a vida! Os cobardes só, dizem outros, recorrem ao Suicidio. Destas duas opiniões ha huma só verdadeira: mas qual he, Sir? Naõ sei; nem decido: Sómente observo, que he preciso ser intrepido em resolver-se a deixar a vida, antes que nos obrigue a Natureza a desamparalla. Parece-me que naõ he precisamente ser cobarde em estar firme na execuçaõ de semelhante projecto; em prescrever-se a si mesmo o dia, a hora, e o instante, em que se quer cessar de viver; em ser insensivel aos clamores da Natureza; em extinguir dentro do seu mesmo coraçaõ todas as esperanças; em encaminhar-se socegadamente, e com passo seguro para seu ultimo asylo, e embrulhar-se a si proprio nos véos da morte. Se he o Suicidio cobardia, confesso que naõ entendo, como foi precisamente esta cobardia o vicio das Nações as mais célebres pelo seu valor, antigamente dos Romanos, hoje dos Inglezes, e outros muitos Póvos, que naõ saõ nem fracos, nem cobardes.

Mas ainda, Sir Baroneto, em que circunstancias os loucos, que se entregaõ ao Suicidio se crem elles authorizados no seu melancolico desmancho? Qual he o motivo, e com que razões

pó-

podem justificar este acto de ferocidade? Naõ me parecem indissoluveis estas questões, e isto he o que me parece se poderia responder.

A falsa Filosofia, que tem muito mais sequazes, que a verdadeira, faz que se considere, como mal, huma dôr corporal, quando chegou a ser muito violenta, e a este gráo de dôr, que perturba a alma, e a abala com muita violencia: este he, diziaõ antigamente alguns máos Filosofos, o unico mal, que existe, e de que he licito livrar-se a todo o custo.

Huma Moral mais pura nos guia; huma Filosofia mais sã nos instrue; mas confessemos, que se nos educassem desde a nossa meninice na escuridaõ destas preoccupações, pensariamos, como os Stoicos; pois julgavaõ que os que estimavaõ em taõ pouco a sua existencia, obravaõ assim, só para terminar hum procedimento muito penoso, e já intoleravel; ainda que ou fizesse só impressaõ no corpo, ou entristecesse a alma, e anniquilasse o espirito, assim como pedia a situaçaõ de Jones; que estes, digo eu, saõ infinitamente menos reprehensiveis, e muito menos censurados, que esses célebres loucos, esses soberbos Romanos, os quaes pelos mais leves motivos, e muitas vezes sem motivo, se matavaõ.

He verdade, conta Plinio, que só se resolveo o Poeta *Silio* a deixar-se morrer de fome, depois de se certificar bem da inutilidade de todos os remedios, de que poderia usar para sarar huma chaga, que lhe roia o corpo todo. Mas refere tambem Plinio, que sempre fora Silio-Italico firme neste principio, que saõ licitos todos os meios para livrar se do mal, e que deixaõ os Deoses ao Homem toda a liberdade de dispôr de huma existen-

tencia, que só lha concedêraõ com tanto, que contentar-se-hia com ella. Hum Filosofo, que quasi estimo, como eu mesmo, refere tambem Plinio, o Moço, padecia havia muito tempo o violento tormento da gotta. Procurei eu hum dia distrahillo de seus males, e consolallo: Saõ frustrados os vossos cuidados, me disse elle; talvez que cuideis, que me faz o amor da vida supportar estas dores? Enganai-vos. Se ainda naõ me livrei desta molestia, foi confiado na esperança de saber huma novidade tanto mais lisonjeira para minha alma, quanto he cruel para meu corpo a gotta: em huma palavra, ainda vivo, porque sempre espero sobreviver, ainda que fosse só por hum instante, ao barbaro Domiciano, a este deshumano destruidor de meus Concidadãos. Morra o Monstro, e bem depressa deixarei de existir. Foi fiel a sua palavra: O dia pois, em que foi o coraçaõ de Domiciano apunhalado pela liberdade, voltei para casa de meu amigo, o qual vendo-me entrar: Agora sim estou contente, exclamou elle, deixou de viver o Tyranno: agora nada me obriga a padecer mais tempo. Daqui a dous dias romper se-haõ os laços, que prendem minha alma a meus orgãos mortaes. Desde aquelle instante naõ quiz tomar alimento algum, e a pezar das representações de sua familia, e seus amigos, e da esperança, que lhe dava o Medico, naõ quiz comer cousa alguma, e pela tarde do dia seguinte deo o ultimo suspiro.

Os espiritos estavaõ de tal modo dominados deste falso principio de Filosofia, que os mais timidos se alentavaõ. Assim succedeo a Othon, o mais effeminado dos Cesares, que vencido se degollou, preferindo, dizia elle, huma morte

pre-

precipitada ao ſentimento de vêr accender-ſe em Roma o fogo da guerra civil.

O que mais acreditou a mania do Suicidio foi, ſenaõ me engano, a auſteridade do Stoiciſmo, que offerecia de contínuo a ſeus ſoberbos ſectarios o ferro, e o veneno, como inſtrumentos, de que legitimamente ſe podiao ſervir contra ſi meſmos, quando o julgaſſem a propoſito. O Sábio ſó goza da liberdade neſte Mundo, diziaõ os Stoicos, e por huma neceſſaria conſequencia deſta liberdade o meſmo Sábio podia privar-ſe da meſma vida pelas ſuas proprias mãos.

Bem vedes, Sir Baroneto, o quanto o Fanatiſmo de huma propoſiçaõ taõ falſa, taõ barbara, era capaz para ſocegar aquelles, a quem o temor dos Deoſes tiveſſe talvez embaraçado de ſe matarem a ſi meſmos. Aſſim veio a ſer taõ geral eſte furor, que, reinando os mais crueis Imperadores, avaliavaõ os Romanos, como hum favor do Principe, a ordem de ſe matarem, e de evitarem por eſte meio a vergonha, e infamia do cadafalſo. Eſta órdem, que liſonjeava o amor proprio dos Romanos, pareceria com tudo provar goſtarem menos do Suicidio, que do temor dos ſupplicios, ſe além diſſo ſe conheceſſe a conſtancia dos Romanos, e o deſprezo, que faziaõ da dôr.

Pelo que toca aos que pertendem que, por mais ferocidade que haja no Suicidio, he com tudo heróica eſta acçaõ, creio que he ſua opiniaõ muito mais fanatica, que conſiderada; porque a conſiderar o homicidio de ſi meſmo, independentemente do amor proprio, he preciſo confeſſar, que ha ſempre huma eſpecie de cobardia em preferir a morte ao receio da dôr, e as humilhações da deſgraça, e deſventura; porque ſe pertendemos,

mos, a toda a força, dar o nome de Sábio, de heróe a Catão, a Bruto, &c. por evitarem pelo Suicidio os tormentos, que verisimilmente lhes estavaõ destinados, que nomes mais respeitaveis naõ se devem dar a Dido, a Cleopatra, que preferíraõ a morte; huma ao sentimento de seus gostos passados, e outra a escravidaõ.

Pensemos, Sir Baroneto, mais ajuizadamente que os Stoicos, e os apologistas do Suicidio, e convenhamos, que naõ tendo sido o Suicidio o effeito do delirio, o interesse pessoal, o amor proprio, e o orgulho animáraõ todos os que se matáraõ a si proprios: convenhamos tambem, que nunca recorreriaõ a este horroroso meio, se a desgraça, a fortuna contrária, ou o temor das desditas os humilhassem menos, se sua alma mais fórte, e mais valerosa podesse affrontar os ultrajes da sórte, e os rigores da fortuna. Mas desditosamente pouca gente, entre os que pelo seu nascimento devem dar o exemplo a seus Concidadãos, tem a alma grande, e verdadeiramente generosa. O menor revés os abate; deixaõ-se vencer, e os cobardes passaõ a occultar-se nos horrores da sepultura. A catastrofe, que dá fim á sua vida, causa admiraçaõ á gente ordinaria, e se persuadem, que ha alguma grandeza em imitallos: imitem-se, e propagar se ha o furor do Suicidio por todas as classes dos Cidadãos.

Assim, Sir Baroneto, se comparais com a tristeza, que o desfallecimento da caduquez podia causar a Jones, os reprehensiveis elogios, que ouvíra fazer dos que naõ temêraõ abbreviar pelo Suicidio o curso da sua existencia, podereis descobrir o verdadeiro motivo da sua obstinaçaõ, e a lastimosissima causa de sua morte.

Dar-se-ha a continuaçaõ no T. IV.

CON-

CONTINUAÇAÕ DAS FABULAS INDIANAS.

O HOMEM VERDADEIRO.

FABULA IV.

SENTENCIOU hum Rei á morte hum de seus escravos; naõ tendo este, que esperar, fallava sem moderaçaõ, e de contínuo injuriava o Rei. Que diz elle? Perguntou o Principe a seu valído. Senhor, diz que as recompensas da vida eterna saõ para os Principes, que perdoaõ; e assim vos pede perdaõ. Perdoo-lhe, disse o Rei. Hum Cortezaõ, havia muito tempo inimigo do valído, ouvio o discurso do escravo. Enganaõ-vos, disse elle a seu amo; este desgraçado vos injuriava. Replicou o Rei: A mentira, que me disseraõ, he humana, e tua verdade he cruel. Oh! meu amigo, lhe disse elle, tu serás daqui em diante quem ha de dizer sempre a verdade.

MAHMUD.

FABULA. V.

HUM Rei do Chorozaõ vio em sonho Mahmud, que reinou cem annos antes delle. Vio o corpo deste Principe consumir-se inteiramente, e des-

desfazer em cinzas. Só lhe ficáraõ os olhos, que continuamente punha no Paço, e no Throno. Perguntou o Rei aos Adivinhos o que poderia significar este sonho: disse-lhe hum delles: Mahmud vê presentemente, que tu occupas o Paço, e o Throno, que occupou, que naõ lhe fica cousa alguma de sua grandeza, e que só se leva comsigo o bem, que se tem feito. O Rei! Obra o bem antes, que no teu Paço cuberto de lucto se ouça a voz lugubre pronunciar estas palavras: *Já naõ existe.*

O SOMNO DO MÁO.

FABULA VI.

NO maior calor do dia passeava com meu amigo por baixo de huma ramada de altos arvoredos, que formavaõ huma abobeda de folhagens impenetraveis aos raios do Sol; serpenteava por entre estas arvores hum Rio, e conservava a fresquidaõ da densa relva, que convidava para repousar-se. Vi o Visir Karoun deitado sobre esta relva, dormia. Deos poderosissimo! dizia eu, a lembrança dos desgraçados, que fez, naõ perturba pois o somno de Karoun? Ouvia-me meu amigo, e me disse: Dá Deos algumas vezes o somno aos máos, para que estejaõ os bons socegados.

O RETIRO.

Fabula VII.

O MINISTRO de hum Rei foi desgraçado, e se retirou para hum valle fertil, que mandou cultivar cuidadosamente; como naõ merecêra sua desgraça, consolou-se facilmente, e se agradou do novo genero de vida, que abraçára. O Rei, que apreciava seus talentos, sentio a perda, que experimentára, e foi procurallo para pedir lhe, que voltasse para a Corte, mas recusou o Ministro a offerta do Rei, e lhe disse: Tu me promoveste ás primeiras dignidades, constante supportei a agitaçaõ das grandezas: tu me mandaste para o retiro; agrada-me o socego, deixa-me gozar delle. Retirar-se do Mundo he arrancar os dentes aos animaes devoradores; he tirar ao máo o uso de seu punhal, á calumnia seus venenos, e suas serpentes á inveja. Insistio o Rei, e disse: Precisaria de hum Homem sábio, recto, e bom, que quizesse supportar comigo o pezo de meu Imperio, só posso achar em ti o que me he necessario. Achallo-has, respondeo o Ministro, se o procurares entre aquelles, que te naõ procuraõ.

O ERRO.

Fabula VIII.

TINHA hum cégo huma Mulher, a quem muito queria, além de lhe terem dito, que era muito

to sea. Appareceo-lhe certo Medico para restituir-lhe a vista; naõ quiz de modo algum sujeitar-se á cura. Perderia, disse elle, a affeiçaõ, que tenho para com minha Mulher, e esta affeiçaõ fórma a minha felicidade.

Hum dia, em que houve Eclipse de Sol, ficáraõ as tropas de Cosroés vencidas: os Persas, adoradores do fogo, capacitavaõ-se que prognosticava este fenomeno grandes desgraças ao Imperio, e desalentou-os esta idéa. Póde o erro faz r a felicidade de hum Homem só, mas ella faz necessariamente a desgraça das Nações.

A EDUCAÇAÕ DE HUM PRINCIPE.

FABULA IX.

TINHA Cosroés hum Ministro, de quem vivia satisfeito, e amado, veio pedir-lhe hum dia sua demissaõ. Disse-lhe Cosroés: Para que me queres tu deixar? Fiz chover sobre ti o orvalho da abundancia; indistinctamente executaõ meus escravos tanto as tuas ordens, como as minhas; cheguei-te a meu coraçaõ, nunca te affastes delle. Mitrano, assim se chamava este Ministro, respondeo: Ó Rei! Serví-te zelosamente, e tu me recompensaste em demasia; mas hoje impoem-me a Natureza deveres sagrados, deixa-mos desempenhar: tenho hum filho; só eu posso ensinallo a servir-te algum dia, como eu te serví.

Pódes retirar-te, disse Cosroés, mas com esta condiçaõ.

Entre os Homens de bem, que me déstes a conhecer, ninguem he mais digno para educar

hum

hum moço Principe do que tu: dá fim á tua carreira pelo maior serviço, que se póde fazer aos Homens: que te sejaõ devedores de hum bom Soberano. Conheço a corrupçaõ da Corte; naõ convem a hum moço Principe respiralla: toma conta de meu filho, e encarrega-te de o instruires com o teu no retiro, no seio da innocencia, e da virtude.

Partio Mitrano com ambos os filhos, e passados sinco, ou seis annos apparaceo com elles a Cosroés, que teve summo gosto de revêr seu filho; mas naõ o achou igual em merecimento ao filho de seu antigo Ministro. Queixou se disso a Mitrano, que lhe respondeo: ó Rei! aproveitou melhor meu filho, que o teu, das lições, que a ambos dei. Tratei-os sem differença com todo o cuidado; mas sabía meu filho, que viria a precisar dos Homens, e naõ pude occultar ao teu, que os Homens precisariaõ delle.

A INSCRIPÇAÕ.

FABULA X.

MANDOU Cosroés gravar esta inscripçaõ no seu Diadema: *Muitos o possuíraõ, possuillo-haõ muitos: ó posteridade! tu imprimirás os vestigios de teus passos na terra, que cobre a minha sepultura.*

De que valem os Thronos, a fortuna, e a victoria, que passaõ, como a rapidez do relampago? Arbitros dos Homens, obrai bem, se quereis viver contentes; obrai bem, se quereis, que se honre a vossa memoria; obrai bem, se quereis, que vos abra o Ceo as suas portas eternas.

O

O DESPOTICO.

FABULA XI.

HUM Rei virtuoſo eſtando de máo humor, coſtumava ſentenciar á morte hum innocente. Ó Rei, lhe diſſe o innocente, o meu ſupplicio acaba com minha vida; mas o teu principia agora. O Rei entaõ lhe perdoou.

AARAÕ RASCHILD.

FABULA XII.

VEIO queixar-ſe o filho de Aaraõ Raſchild de hum Homem, que calumniára a ſua mãi, e pedia diſto ſatisfaçaõ. Ó meu filho! diſſe Aaraõ Raſchild, tu vais aggravar ainda mais tua mãi, que o calumniador; pois fazes publicar, que naõ te enſinou a perdoar.

OS DOUS IRMÃOS.

FABULA XIII.

TINHA hum Homem ſem fortuna dous filhos; morreo. Foi-ſe o máis velho para a Corte; ſoube agradar, e alcançou hum officio no Paço. Cultivou o mais moço huma fazendinha, que lhe deixára ſeu Pai, e vivia do trabalho de ſuas mãos.

Diſ-

Disse hum dia o Primogenito a seu Irmaõ : porque naõ aprendes tu a ser Cortezaõ , e a agradar ? naõ serias obrigado a trabalhares assim para viver. Respondeo-lhe : Porque naõ aprendes tu a trabalhar, assim como eu ? naõ serias obrigado a ser escravo.

OS SABIOS, E OS DERVICHES.

FABULA XIV.

DEIXOU hum Homem a sociedade dos Derviches , e foi para a dos Sabios. Que differença, lhe dizia eu, achais vós entre hum Sabio, e hum Derviche ? Respondeo-me : Atravessaõ todos hum grande Rio a nado com muitos de seus Irmãos ; affasta-se delles o Derviche para nadar com mais cómmodo , e chegar só á praia : o Sabio, pelo contrario , nada com elles , e dá-lhes muitas vezes a maõ para ajudallos.

A INDULGENCIA.

FABULA XV.

EMBRIAGOU-SE hum mancebo , e arguia-lhe publicamente hum Mollacko sua falta com amargura. Naõ havia necessidade de reparares tu na minha falta , lhe disse o mancebo , e melhor era naõ publicalla. Ó tu ! que pertendes aspirar á perfeiçaõ , aprende logo a ser indulgente , e depois a naõ dar a conhecer , que tens indulgencia.

A

A ECONOMIA DOS REIS.

FABULA XVI.

SENDO só Nourshivaõ o justo Principe no Chorosaõ, e sujeito do Rei dos Reis, embebia-se dos prazeres, e vivia regaladamente; até espalhava ao longe suas riquezas. Os mais excellentes cantores, os mais habeis tocadores de instrumentos o procuravaõ para rogar-lhe os quizesse ouvir, e logo que Nourshivaõ os ouvia, se reputavaõ ricos. Apenas chegou a ser Rei, logo concorrêraõ de todas as partes da terra; gostou summamente de seus concertos, mas naõ os recompensou, como quando era Principe no Chorosaõ, e sujeito do Rei dos Reis. Queixou-se a elle hum dos Musicos. Seja o Ceo propicio a Nourshivaõ! Esta foi a sua resposta: em outro tempo dava meu dinheiro, hoje dou o de meu Povo.

O TYRANNO.

FABULA XVII.

GOVERNAVA com iniquidade hum Rei da Persia a seu Povo, desprezava-o, e se havia com elles, como se fossem escravos. Impaciente de hum jugo desprezivel, e severo, a maior porçaõ dos Cidadãos abandonáraõ a sua Patria, e buscáraõ asylo nos Paizes estrangeiros. Diminuíraõ as rendas do Principe, assim como o número dos vassallos; aproveitáraõ-se seus visinhos de sua fraqueza;

za; foraõ seus Estados atacados, e suas milicias descontentes o defendêraõ cobardamente; foi desthronizado. Deve hum Rei sustentar seu Povo com sua propria substancia; porque deve o seu Reino a seu Povo. Todos os Cidadãos saõ soldados, governando hum Rei justo.

O REI MANCEBO.

FABULA XVIII.

SUBINDO hum Rei ao Throno achou thesouros immensos nos cofres de seu Pai; abrio-se a maõ da magnificencia, e espalhâraõ-se as riquezas do Principe por entre seu Povo. Censurou muito hum Visir o Principe: se entrasse o inimigo pelas vossas fronteiras, que recursos terieis vós para resistir-lhe, depois de dardes todo o vosso dinheiro aos vossos vassallos? Entaõ, disse o Rei, eu o pedirei outra vez a meus amigos.

ALEXANDRE.

FABULA XIX.

PERGUNTÁRAÕ a Alexandre Magno; como grangeára a affeiçaõ dos Póvos, que subjugára. Nunca opprimí os vencidos, respondeo elle, e sempre respeitei as opiniões estabelecidas. Ó Reis! em vez de pôrdes tributos aos vossos vassallos, favorecei-os, pedi-lhes parte de seus bens; mas naõ contrarieis suas opiniões. Pódem os Conquistadores dispôr dos bens, e dos

dos empregos das Nações vencidas ; mas o seu poder naõ póde estender-se até ao pensamento.

HOSCHAS JOSÉ.

FABULA XX.

HAVIA hum Religioso respeitado em Bagdad pela sua verdadeira virtude, o Povo, e os grandes confiavaõ nas suas Orações. Veio procurallo Hoschas José, Tyranno de Bagdad, e lhe disse: Roga a Deos por mim. ó Deos! disse o Religioso erguendo as mãos ao Ceo, permitti que morra Hoschas José. Desgraçado, tu me amaldiçoas, lhe disse o Tyranno. Peço ao Ceo, replicou o Religioso, a maior graça, que póde conceder-te a ti, e a teu Povo.

A INNOCENCIA.

FABULA XXI.

ENCONTREI hum dia na praia do Mar hum virtuoso lavrador, que maltratára hum tigre; estava quasi a expirar, e padecia muito. Grande Deos! dizia elle, que graças tenho a dar-te, tenho dores, e naõ remorsos.

O ZELO.

FABULA XXII.

LEMBRO-ME que na minha mocidade eſtava embebido dos Mollackos, com quem viví algum tempo. Voltei para a caſa de meu Pai, Homem ſábio, e virtuoſo. Huma noite, que eſtava deitado na ſua camara, em companhia de minha familia, que dormia profundamente, naõ fechava o olho; lia o Koraõ, e delle muitas vezes repetía em alta vóz algumas paſſagens: acordou minha leitura a meu Pai, reparei eſtar elle acordado, e diſſe-lhe: Vêde, como dormem voſſos filhos, ſem ſe lembrarem de Deos? Meu filho, me diſſe elle, melhor ſería dormir, que velar para notar as faltas de teus Irmãos.

O SANTAÕ.

FABULA XXIII.

QUE he Santaõ? He hum Homem, que obedece a regras oppoſtas ao inſtincto da Natureza, que renuncia aos prazeres, ao trabalho, aos cuidados, ás riquezas, que tem pobreza, e paciencia. O Saadi! He eſte o Homem virtuoſo? Perdoa com tudo a eſte Homem inutil; enche teu coraçaõ do delicioſo ſentimento da benevolência; derrama os beneficios de tua bondade ſobre o Homem enganado, e ainda ſobre o Homem enganador. Perdoa ao injuſto, e ao louco,

H ii naõ

naõ lhes deves tu o exercicio de alguma virtude?

Vio hum dia o filho de Nourshivaõ hum Sábio, que erguia os olhos, e os braços ao Ceo, e olhava para a parte do Oriente; fazia a Deos esta Oraçaõ: Ó grande Deos! Compadecei-vos dos máos; pois fizestes tudo para os bons, havendo-os feito bons.

O VALIDO.

FABULA XXIV.

TANTO que carregava sobre mim a cruel maõ da pobreza, cuidei em naõ aviltar-me patenteando aos Homens a necessidade, que tinha de sua commiseraçaõ. Naõ despertei no coraçaõ dos grandes os sentimentos de benevolencia, que me inspirava a pobreza. Só lhes fallava da boa ordem, e justiça; mas logo, que o Soberano Senhor dos Senhores derramou seus favores sobre seu servo, e o preservou dos horrores da necessidade, atreve-se a fallar aos grandes ácerca da bondade.

Levou-me Onar, o valído do Principe, para huma de suas casas de campo nas márgens do Eufrates; e ahi recebia muitas vezes as súpplicas do desgraçado para levallas aos pés de Onar. Dava-me ouvidos, e affastava-me de si. Hum delles, dizia elle, naõ merecia os favores do Principe, porque foi accusado de certo defeito: est'outro, porque era suspeito de certa culpa. Este era ainda muito rapaz; e esse he já muito velho. Vós vedes, repetia Onar desviando-me, que sou fiel aos principios de Justiça, que me destes em

ou-

outro tempo. Respondi-lhe: Poderoso Onar; mostrá-me, que sois sensivel, e agradecer-te-hei o seres justo.

O QUANTO IMPORTA A HUMA NAÇAÕ

Ser bem instruido o Principe, que a governa.

TRADUCÇAÕ LIVRE DE PLUTARCO.

NAÕ posso prescrever-vos plano algum de governo, respondeo o sábio Plataõ aos de Cyrene, que lhe pediaõ quizesse dar lhes huma Legislaçaõ. Ajuizava muito bem este Filosofo; que Leis pois teriaõ adoptado os opulentos Cyreneos? Parecia o mais brando Governo intoleravel a huns Homens, favorecidos dos bens da fortuna, e que seduzidos das riquezas, corrompidos, e considerando-se venturosos, reputaõ necessariamente como incommoda, e dura qualquer sobordinaçaõ, e como desprezivel qualquer apparencia de dominio. A mesma razaõ, que verisimilmente fizesse os Cyreneos indoceis ás Leis de Plataõ, se tivera a fraqueza de lhas prescrever, faz com que os Principes, e os Grandes naõ estimem nem os conselhos dos Sábios, nem as lições dos Filosofos. Assim he muito difficil, e muitas vezes perigosissimo ensinar aos Soberanos o modo, com que devem governar-se. Neste particular qualquer aviso, qualquer representaçaõ os desaffeiçoa, os encoleriza; pois, o que mais tremem, he serem obri-

obrigados a dobrar-se á importuna authoridade da razaõ: consideraõ-na, como se fosse huma Rainha imperiosa que, reconhecendo-se o seu poder, quereria mandallos, e constrangendo-os ao desempenho de suas obrigações, coartar-lhes a vontade suprema, isto he, conforme elles o entendem, despillos da maior vantagem da Soberania.

Está a Terra sujeita ao dominio de hum grande número de Principes, ou Reis: mas, duvido, que haja algum, que quizesse approvar a sábia instituiçaõ de Theopompo, que estabeleceo em Sparta os Eforos, cuja authoridade era tal, que naõ só repartiaõ o esplendor, e o pezo da Coroa com os Reis; mas tinhaõ em muitas circunstancias hum Póder mais supremo, e mais absoluto, que o de seus Soberanos. Admirada deste acto de genorosidade, em que só via o abatimento, queixou-se amargamente a esposa de Theopompo a seu Marido: *com que capricho*, lhe disse ella, *e com que deshonrosa fraqueza podeste consentir em transmittir a vossos Successores hum Sceptro escravo, de algum modo, e huma Coroa daqui ao diante dependente dos Senhores, a quem vos entregastes taõ cobardamente? Mulher orgulhosa, e louca*, respondeo Theopompo, *fazei mais justiça á Sabedoria de minhas intenções: pertendi pelo contrario deixar a meus filhos hum poder tanto maior, quanto ha de ser mais seguro: Só renunciei o que tinha de muito duro, e muito pezado aos meus vassallos a Authoridade Regia: meio feliz, prudente, util, e com que livrei para sempre meu Throno dos perigos, que perpetuamente o cercáraõ até hoje, e das funestas conspirações, que a ambiçaõ, e a inveja formáraõ tantas vezes para abalallo, e destruillo.* Foi a prudencia, que inspirou a Theopompo o generoso

pro-

projecto de estreitar a esféra immensissima de sua authoridade; assim como aconselheria o Deos da saude a hum Homem demasiadamente gordo, o diminuir com grande regimen, e sobriedade, o excesso de sua boa saude, e só conservar da superabundancia de humores, de que sería molestado, o que precisasse, e fosse sadío. Mas quaes saõ os Principes, e Soberanos, que ajuizaõ, como Theopompo? o seu Systema he inteiramente opposto. Assemelhaõ-se muitos de entre elles a estes ignorantes Estatuarios, que cuidaõ, esculpindo Estatuas enormes, dar a estes disformes Colossos hum semblante magestoso, se os representaõ com as pernas desmedidamente escachadas, os braços muito estendidos, e a boca demasiadamente aberta. Saõ os Principes ignorantes a imagem perfeita destes máos Esculptores; já que tambem se capacitaõ, que a dignidade, a grandeza, e a magestade consistem em fallar imperiosamente, mostrar hum semblante severo, hum olhar soberbo, e enfadado, abrir a boca só para dar ordens, viver retirados no fundo de seus Palacios, sem consentir, que nenhum de seus vassallos se atreva a chegar-se a elles. Ei los-ahi quasi todos semelhantes a estes monstruosos Colossos, que na verdade representaõ exteriormente algum Deos, ou algum Semi-Deos; mas cujo interior he cheio de barro, de areia, de pedras, e de chumbo. Ha com tudo entre estes Soberanos, e estas más Estátuas esta differença sensivel, que o enorme pezo destas as segura, e conserva na postura, que lhes deraõ os esculptores; pelo contrario os Reis ignorantes naõ sendo sustidos por pezo algum interior, saõ muitas vezes abalados, e algumas vezes derribados. Oh! como estaría seu poder abri-

ga-

gado das agitações, fundado assim como he, sobre taõ fraca base?

Como importa, que a regra do Arquitecto, e do Geometra seja direita, e que na sua estensaõ, naõ tenha defeito algum de rectidaõ, para que os edificios, a cuja construcçaõ presidem, sejaõ exactamente á prumo, e ao nivel; assim convem, que o Principe tenha cuidado em procurar-se huma regra bem direita; isto he, que se applique em comportar-se irreprehensivelmente, e em modelar-se sobre costumes brandos, e puros, a fim de trabalhar com successo em educar os seus vassallos pelo seu mesmo exemplo; e fazellos taõ bons, taõ justos, e taõ virtuosos como elle. Com effeito, naõ pertence ao que naõ póde suster-se aos demais; nem ao ignorante ensinar, nem ao que naõ tem idéa alguma de ordem, e regularidade, fazer, e prescrever regulamentos, nem ao que nunca soube o que he obediencia, e sobordinaçaõ, mandar, e dar Leis. Mas por desgraça, he hum defeito muito commum entre os Soberanos, persuadirem-se que a mais preciosa prerogativa dos que mandaõ, he naõ poderem ser mandados elles mesmos. Assim ajuizava o Rei da Persia, que só via nos seus vastos Estados escravos, exceptuada só a Rainha, sobre quem com tudo reinava despoticamente.

Mas naõ conhecem pois estes Reis taõ poderosos Superior algum? Sim sem dúvida conhecem hum; e he este Senhor supremo a Lei, que, como diz Pindaro, governa ao mesmo tempo os Homens, e os Deoses. Naõ ha Lei prescrita por Legislador algum, nem escrita em huma fraca cortiça, nem em taboas de bronze. Esta Lei Santa, imprescriptivel he a razaõ, que a Natu-

re-

reza imprimio nos nossos corações com caracteres indeleveis; Lei Sagrada, a qual nada no Mundo, nem o mesmo desencadiamento geral do Globo, podería anniquilar, que nos guia, nos illumina perpetuamente, nos approva, ou nos condemna conforme o bom uso, ou o máo abuso, que fazemos das nossas paixões; em huma palavra, que nos naõ deixa, e nos acompanha em toda a parte. A pezar de seu despotismo, e de todo o seu poder, tambem conhecia o Rei da Persia esta Lei immortal; pois que o unico emprego de hum dos primeiros Officiaes de sua guarda, era hir todos os dias pela manhã á camara do Principe, e proferir em alta vóz estas palavras: *Rei de Persia! tira-te da cama; levanta-te, e cuida em cumprir as augustas funcções; por cuja causa te pôz sobre o Throno o Eterno Orosmades.*

Para com os Reis justos, parece-me muito inutil o emprego do tal Official, porque a razaõ, isto he, a Lei Natural falla-lhes incessantemente no íntimo do coraçaõ, e lhes dá este mesmo conselho, a que só ficaõ insensiveis os máos.

Assim como o calor do Sol he o principio do desenvolvimento dos Vegetaes, e da fecundidade da Terra, e que sem o Sol ficaría a Terra inculta, e entorpecida; assim viviríaõ os Póvos na escuridaõ, e perigos da Anarquia, senaõ tivessem huma Lei, que fosse para elles o mesmo que he o astro do dia para a Terra, e senaõ tivessem nem Magistrados, nem Soberanos, para fazellos observar esta Lei. De todas as funcções da Authoridade Real, he pois sem dúvida a mais augusta; porque deve fazer respeitar a Lei, que he superior ás Nações, e aos Thronos, como o Ser Supremo, de quem emanou, ainda que na

ordem das Sociedades esta Lei pareça emanar do Soberano. Com effeito, a fallar conforme a posição actual dos Governos, póde dizer-se, que assim como a justiça he o fim da Lei, tambem a Lei he a imagem do Principe, que he do mesmo modo a imagem visivel da Divindade, e que para governar com prudencia, e mandar seus vassallos, naõ necessita nem de hum Fidias, para ser mais altivo, nem de hum Miraõ, nem do buril de Polycleto; mas que se he licito expressar-se assim, se esculpe a si mesmo; e faz se tanto semelhante a Deos, quanto he possivel ao Homem virtuoso, e perfeito parecer-se com elle; Estatua mil, e mil vezes mais preciosa, e mais respeitada sem dúvida, que o melhor desempenho do mais célebre Artista.

Mas que semelhança póde pois haver entre o Ser Supremo, infinito nas suas perfeições, e o Homem sempre fraco, e limitado? Responderei, que só com o amor, e a prática da virtude, e da justiça, o Principe equitativo se iguala de algum modo a Deos. Com a justiça, digo, e naõ com a impia, e ridicula idéa de se fazer representar cercado de raios, e lançando o trovaõ, ou tendo na maõ o tridente; louca imaginaçaõ, que desacreditou a tantos Principes, que tiveraõ a fraqueza de se fazerem retratar com estas terriveis armas, com estas armas celestes, que mais aviltaõ, descubrindo sua pueril ambiçaõ, do que honraõ a Humanidade; até chegarem ao ponto de se appropriarem estes Divinos attributos. Assim, o Ser Supremo, encolerizado contra esta sacrilega audacia, castigou os Principes temerarios, cujo insolente orgulho se atreveo a imitar o estrondo do trovaõ, e do corisco, ou o claraõ dos raios

do

do Sol: pelo contario, vio-se a Eterna Providencia conferir indicios assignalados de sua protecçaõ, aos Principes zeladores da Virtude, da Justiça, e sobre tudo da Beneficencia; prendas raras, he verdade, na maior parte dos Principes; mas tambem muito mais estimadas, e prezadas dos Póvos, do que o fogo, e a luz, e pelo menos taõ respeitadas, como a Eternidade, e a Immortalidade. Com effeito, naõ he por causa de sua Eternidade, que Deos he soberanamente feliz; mas sim he perfeita, infinita a sua felicidade, porque he essencialmente a origem de todas as Virtudes.

Estes principios conhecem os corruptores dos Reis; mas servem-se delles os malvados para perverterem os Principes. Assim foi, que para acalmar os remorsos de Alexandre, desesperado de ter assassinado a Clyto, teve o cabarde Anaxarco a baixeza de dizer-lhe, que Thémis, e Dicè, isto he, a Equidade, e a Justiça aconselhaõ a Jove, que com este meio naõ he responsavel de suas acções, por mais atrozes, que lhe possaõ parecer, e que visto serem os Reis as vivas imagens de Jove, saõ tambem aconselhados por Thémis, e Dicè: vil, e barbara observaçaõ, por cujo meio quiz persuadir o perfido Anàxarco a Alexandre, que tudo o que emprehendêra até entaõ, e tudo o que emprehenderia depois, se attribuíria á Justiça, e á Equidade.

Mas esta Fabula, que só sería ridicula em outras circunstancias, era atroz depois do assassino de Clyto; tanto mais impia era, quanto he falso que a Justiça, e a Equidade aconselhaõ a Jove, sendo elle mesmo o Author, e a origem da Equidade, a mais antiga Lei, que deraõ os

Deo-

Deoses aos Homens, e sem a qual o mesmo Deos, ainda que seja o principio della, cessaria de ser Deos, ou pelo menos sem a qual naõ lhe sería mais possivel governar com Justiça. Assim o Poeta Hesiode descreveo a Equidade á semelhança de huma moça Virgem, pura, santa, e sempre acompanhada da bondade, do pejo, e da simplicidade, como se costuma descrever Venus, sempre acompanhada de Aglaé, de Eufrosina, e de Thalia. Persuadidos nossos antigos predecessores, que era o coraçaõ dos Reis, ou pelo menos, que o devia assim ser, Santo, e Sagrado, como o Santuario da Justiça, lhes davaõ os augustos titulos de *Pai*, e de Venerando. Penso assim, como nossos Antigos, e creio que saõ os Reis verdadeiramente os Pais dos Póvos; pois que a sua mais estreita obrigaçaõ he vigiar na segurança pública, no bem geral, e particular das Cidades, e dos Cidadãos. Este dever he sem dúvida penoso; mas sem elle naõ sería muito leve o pezo da Coroa?

Poucos Principes cumpríraõ dignamente com este dever; mas os nomes respeitados dos que o desempenháraõ, naõ pereceráõ já mais. Tal foi antigamente o sábio Epaminondas, que vendo os Thebanos dados á devacidaõ, fõi visitar as armas, e as fortificações dizendo, que era conveniente, que fosse o Principe sobrio, e que velasse, para que podessem seus vassallos com toda a segurança dar-se á alegria dos banquetes, e á desordem dos divertimentos. Assim foi tambem, que o Heróe de Utica, o virtuoso Cataõ fez noticiar a todos os Cidadãos de sua facçaõ, que escapáraõ da derrota de Farsalia, que lhes daría o meio de se embarcarem, e fugirem á força de remos.

Com

Com este bando generoso ajuntou os deploraveis restos do partido de Pompeo, guardou sua palavra, e orou publicamente aos Deoses, que protegessem a fugida destes valerosos Romanos; e quando vio, que naõ havia mais, que temer para sua liberdade, retirou-se para sua casa, e se apunhalou. Com estes exemplos memoraveis mostráraõ Epaminondas, e Cataõ aos Grandes, aos Chefes, aos Soberanos, os perigos, que devem temer, e os que devem desprezar. Pensava differentemente o cobarde Clearco, sendo sempre inaccessivel, cruel, e sanguinario, vivendo perpetuamente agitado com o temor, consumido de remorsos, se fechava todas as noites dentro de huma especie de esquife guarnecido de muitas fechaduras, e nelle se occultava como huma serpente dentro de algum buraco desconhecido. O famoso Tyranno de Argos, o barbaro Aristodemo taõ pusillanime, como Clearco, e temendo tambem a vingança do Povo, cuidava só estar seguro durante a noite escondendo-se em huma estreita gaiola dependurada no mais alto de seu Palacio, onde dormia com sua concubina, e a penas entravaõ, logo tirava a mãi della a escada, e tornava a polla todos os dias pela manhã, quando se levantava o Tyranno. Que terror, que sustos deviaõ experimentar estes desgraçados Principes, todas as vezes, que acompanhados de suas guardas, hiaõ para o Theatro, que passeavaõ pelos seus Palacios, ou que presidindo no seu inhumano Conselho, ordenavaõ assassinos, e proscripções!

He verdade, que naõ saõ os Reis justos inaccessiveis ao temor; mas ha esta differença entre elles, e os Tyrannos, que estes temem seus vassallos, ao mesmo tempo, que os Soberanos vir-

tuosos temem, venha algum damno aos seus vassallos: ha ainda esta differença, que mais augmentaõ os Tyrannos seu poder, e mais augmentaõ tambem as razões de seu temor; porque se faz mais consideravel o número dos Homens, a quem mandaõ, e mais cresce tambem o número de seus inimigos.

Com tudo, com que meios se fará hum Principe amar? Resolve-se facilmente esta questaõ. Será hum Rei zelador da Justiça, virtuoso, benefico, o idolo de seus Povos. Mas naõ he possivel, que seja hum Soberano exactamente justo, virtuoso sem aspereza, e benefico com discernimento, senaõ he instruido; e como póde sello, senaõ acolhe, e agazalha os sábios, os verdadeiros Filosofos, que engrandecem sua alma com as lições da Sabedoria? Saõ taõ sublimes estas lições, tem tanto imperio sobre os Reis, que se aproveitáraõ dellas, que as preferem aos attributos os mais resplandecentes da Soberania. Estimava os muito mais o famoso Alexandre, que o Throno, e os louros da victoria, naõ hesitou pollos, de algum modo, em parallelo com a gloria de suas Conquistas, quando admirando em Corintho a independencia de Diogenes, exclamou penetrado de respeito para com a indigencia Filosofica deste Sábio: *Se podesse deixar de ser Alexandre, quereria ser Diogenes.* Por este respeito he que tributou Alexandre á Filosofia. Quem naõ repara o quanto neste instante desprezava o Conquistador da India seu Supremo Poder, sua grandeza, e sua celebridade, que lhe serviraõ como de tantos obstaculos importunos, que a seu pezar o desviavaõ do caminho da virtude, e aos quaes teria preferido o sacco, e a cuba do sábio Diogenes, muito

to mais invencivel, que elle com seus formidaveis exercitos, seus soldados, e suas armas. Ah! naõ se diga, que dando só ouvidos á razaõ, Alexandre além de seu nome, e de seus louros podia ainda assemelhar-se com Diogenes, e excedello tanto mais em virtude, como era Alexandre. Excedia este acto heróico ás suas forças. Cercado de lisonjeiros, adorado de seus Póvos, e temido das Nações, que vencêra, Senhor absoluto de huma parte da Terra, navegava sobre hum Mar muito tempestuoso, e para lutar com successo contra os ventos, que o agitavaõ, precisava de huma ancora mais fórte, e mais sólida do que era seu Sceptro, e de hum piloto mais prudente, do que podia ser o resplandor de sua Coroa. Como podia pois resistir aos seus appetites, ás suas inclinações, ás suas paixões; quando de seu motu proprio podia entregar-se á torrente de suas inclinações, e seguir cegamente seus projectos, e seus caprichos?

Para hum Homem do commum, e sem authoridade, he a loucura pouco perigosa, ou só funesta a si mesmo, ou a alguns Cidadãos, que seduz, e engana com suas Maximas corrompidas. Mas a maldade, junta com o Poder Supremo, he tanto mais nociva, que ataca, e assola Nações inteiras; naõ havendo força sufficiente para resistir com successo ás vontades dos Reis, acostumados a verem dobrar se a obediente multidaõ debaixo do jugo tyrannico, ou brando de suas Leis. Isto era o que lisonjeava mais Dionysio, Tyranno de Syracusas, que preferia todas as vantagens da Soberania ao de vêr executar-se tudo o que desejava, e isto no mesmo instante em que o desejava. Assim o vicio, e a atrocidade na-

tural favorecidos com a authoridade, provocados com certeza de obrarem impunamente, fomentaõ as paixões, e ateando-as, lhes communicaõ a mais impetuosa actividade. Donde procede, que naõ observaõ os Tyrannos na sua impaciencia intervallo algum entre a cólera, e o assassino; o amor, e o adulterio, a avareza, e as proscripções. A paixaõ, que os perturba, apenas está exasperada pela mais fraca resistencia, que os objectos de seus receios, de seu odio, ou das calúmnias dos delatores, saõ degollados pelos carascos. Tal he o procedimento da Justiça observada por estes crueis Despoticos, que precedem os castigos ás accusações, e o pejo dos supplicios á convicçaõ dos crimes dos accusados. Desgraçados os Cidadãos, que sua felicidade, ou fortuna os expoem aos olhos cubiçosos destes Principes injustos, assim como o saõ todos os que vegetaõ, engolfados na escuridaõ da ignorancia? Ah! naõ sendo instruidos, como saberáõ preferir a voz da razaõ aos perfidos conselhos de seus aduladores? Como conheceráõ a distancia, que ha entre a severidade, a injustiça, e a barbaridade? Poderáõ conter-se, quando cuidarem, que he de seu interesse permittir algum acto violento de iniquidade, de tyrannia? Naõ, entregar-se-haõ impetuosamente ao calor, e á effervescencia das paixões, que naõ pódem muito tempo conservar no seu seio, semelhantes a estes desgraçados, que sujeitos aos accessos da vergonhosa epilepsia, quando saõ expostos ao frio, ou que se deraõ a hum muito damnoso exercicio, experimentaõ hum repentino desmaio, vacillaõ, cahem, e a seu pezar descobrem o mal, que os atormenta. Assim descobrem os ignorantes, sem o saberem, os vicios

de

de sua alma, logo que a fortuna, o favor, ou a authoridade os promovem aos Cargos muito além da esféra de sua intelligencia: Saõ semelhantes a estes vasos industriosamente trabalhados, e cujos defeitos essenciaes só se conhecem, quando se lhes deita algum licor. Naõ pódem conservallo; e entaõ se vê por onde fraquejaõ. Da mesma maneira as almas corrompidas, os corações cobardes, e vís naõ pódem conter o pezo do poder, nem o resplandor da authoridade: Seus defeitos, e seus vicios se entornaõ por todas as partes, deixaõ-se vêr, e desgraçadamente para os Póvos, que governaõ, tudo descobre sua demencia, sua injustiça, e sua cubiça. Ah! como deixaria o Povo opprimido por Tyrannos de reparar nos seus vicios; o Povo, que muitas vezes excessivo na sua severidade, vê nodoas, e defeitos nos Reis, e nos Grandes os mais brandos, os mais justos, e os mais instruidos? Naõ foi Cataõ accusado de amar excessivamente o vinho? Scipiaõ de passar nos braços do somno as horas, que devêra dar á Republica? e Lucullo de sacrificar ao fasto, e á sumptuosidade dos banquetes thesouros, que devêra espalhar no seio da indigencia, e dos mais pobres de seus Concidadãos?

REFLEXÕES

Sobre o Direito Natural, e sobre as Leis positivas.

TRADUCÇAÕ DE MR. J. B. CASTILHON.

POR mais barbara que seja huma Naçaõ, logo que se suppoem reunida em Sociedade, deve ter Leis: Saõ estas Leis só os conselhos occultos da consciencia postos em regras; a razaõ he, que luta contra nossas inclinações, quando por nosso interesse particular prejudicamos o interesse alheio. Naõ saõ pois sómente as Leis positivas emanações da Lei Natural, mas a mesma Lei Natural subdividida por diversos casos, em que se póde applicar. He verdade, que com as muitas subdivisões está algumas vezes taõ desfigurada, que se naõ póde reconhecer em algumas Leis positivas, que parecem contrarialla; taes as palavras primitivas de huma lingua se perdem com a duraçaõ dos tempos pelas infinitas derivações; mas se podeis seguir o fio, que a inconstancia dos usos encobre muitas vezes aos olhos do mais applicado Etymologista, admirar-vos-hieis do número dos termos, que produzio a palavra radical. Assim o Direito das Gentes, e suas subdivisões saõ o Direito Natural commum ás Nações polidas; o Direito Civil he este mesmo Direito, que tal, ou tal Povo subdivide ainda, para fazer para seu uso regulamentos particulares de governo em tal, ou tal caso. Os costumes, alguns delles por suas ex-

tra-

travagancias parecem contravir a estes regulamentos, se offendessem o Direito Natural, seriaõ abusivos, e naõ poderiaõ ter adquirido, pela successaõ dos tempos huma validade, que naõ podia ter na sua origem. Assim a maior parte dos Direitos estabelecidos em os tempos feudaes anniquiláraõ-se, menos por parecerem ter alguns resabios da escravidaõ, do que por contrariarem o Direito Natural.

Mas antes de passar avante, para naõ deixar a cada hum a liberdade de interpretar á sua vontade este Direito Natural, tentemos assentar em poucas palavras o em que consiste o Estado da Natureza. Hobbes o confunde com este movimento cego de nossos sentidos, que encaminhando-nos indistinctamente para o bem, e para o mal, só segue as impressões, que nelles faz a apparencia de hum bem presente, sem precaver as suas consequencias. Hobes cuidou ser necessario ao seu Systema o naõ distinguir a Natureza fysica, ou o movimento, que o Creador imprimio na materia da Natureza Moral, ou deste principio intelligente, que distingue o Homem dos entes, que o cercaõ.

O Direito Natural só póde praticar-se por hum Homem considerado, naõ como simples Animal sujeito ao instincto, que o attrahe; mas como hum Ente judicioso feito para viver em Sociedade. Pois de outro modo, que vantagem teria o Homem natural sobre o animal irracional? Sobre este principio da razaõ, dada ao Homem pela Natureza he, que Puffendorff concluio, que o Estado da Natureza naõ he a guerra, mas a paz, cujas Leis se reduzem a naõ fazer mal algum aos que naõ no-lo fazem; em deixar a cada hum a

tranquilla posse do que lhe pertence (1) sem pesquizar a origem de sua posse; em cumprir fielmente com as suas obrigações; em ser prompto a favorecer o nosso Proximo, quanto no-lo permittem deveres mais estreitos, e mais indispensaveis.

Poderiaõ estas Maximas contestarem-se, no em que suppoem a Sociedade já estabelecida; mas deve-se reparar, que tratando só de examinar, em que consiste o Direito Natural, he inutil considerar o Homem neste estado de pura Natureza, como fez o Author do *Tratado da Inegualidade das Condições*, humilhando demasiadamete a sublimidade da razaõ humana, a fim de naõ deixar cousa alguma, que podesse vilipendiar o elogio, que intentava fazer do instincto da Natureza.

Pozeraõ em Problema, se havia hum Direito Natural; e se este Direito era invariavel Cuidáraõ que naõ bastaria a Natureza só para discernir

(1) *A Lei Positiva próva ser huma emanaçaõ do Direito Natural, ainda quando o contraria. Taes saõ as Leis da prescripçaõ. Pelo Direito Natural, tanto pertence este campo a meu visinho, como a mim, e tenho tanto Direito como elle aos fructos, que produz; mas esta reclamaçaõ de direito causaria discussões, que desassocegariaõ a Sociedade: para evitar este mal, que seria o peor de todos, convencionou-se, que na falta do titulo primitivo, huma longa possessaõ seguraria o possuidor, de qualquer modo que o fosse; a Lei declara em favor do que está de posse, que já que naõ foi inquietado na sua possessaõ durante huma longa serie de annos, a Sociedade legitimou o seu possesso, e lhe transferio a propriedade; com condiçaõ porém, que os que se interessassem em atacallo, naõ o tivessem feito.*

nir o justo do injusto: questaõ frivola, e fundada nesta proposiçaõ de Hobbes, que a Natureza he hum principio cego. Naõ tiveraõ os Romanos huma idéa mais sã do Direito Natural, quando o descrevêraõ; *O Direito Natural he aquelle, que a Natureza ensina a todos os animaes*, confundindo o Homem, e o Bruto, e fingindo naõ repararem nas correlações do Homem para com Deos; do Homem para com o mesmo Homem; e do Homem para com o resto da Natureza.

As Regras do Direito Natural só saõ as Maximas de huma consciencia intimamente convencida da necessidade da ordem, e inclinada para o bem de todos por seu proprio interesse. Pódem haver Homens, que estimaõ o bem geral, independentemente do bem, que lhe póde resultar; mas saõ taõ raros, que he inutil fallar nelles. Amor, odio, tudo nasce do interesse.

A constituiçaõ do Homem, sua fraqueza, suas inclinações, (1) seu amor proprio, o da conservaçaõ, saõ a base do Direito Natural. Naõ sómente a razaõ aperfeiçoada pela idade, e pela experiencia, nos ensina ser essencial para nossa felicidade o fazermos hum justo discernimento dos bens, e dos males; mais ainda nosso proprio interesse, ou nossa consciencia nos próva, que naõ podería a felicidade consistir em cousas incompativeis com a Natureza; que naõ he menos indispensavel naõ proseguir hum bem, que póde pelo tempo adiante causar hum mal, que soffrer hum mal leve de que parece nos ha de resultar maiores bens.

Re-

(1) *Puffend. L. II. Cap. III. Burlamaqui no Dir. Nat. L. II. Cap. VI.*

Reduz Cumberland todas eſtas Propoſiçŏes á eſta Propoſiçaŏ (1) fundamental, que ſendo bem explicada, produz, diz elle, todas as limitaçŏes, e excepçŏes neceſſarias para entender cada Lei em particular, e aclarar por ſua evidencia propria todas as Leis, que della manaŏ ,, O cui-,, dado de augmentar, tanto quanto podemos, o ,, bem commum de todos os Syſtemas dos agen-,, tes racionaveis, ſerve para procurar, tanto quan-,, to de nós depende, o bem de cada huma de ,, ſuas partes, em que ſe comprehende noſſa pro-,, pria felicidade, já que cada hum de nós he ,, huma deſtas partes; donde procede, que as ,, acçŏes contrárias a eſte deſejo, produzem ef-,, feitos oppoſtos, e conſequentemente cauſaŏ a ,, noſſa miſeria, aſſim como a dos mais. ,, Eſta Propoſiçaŏ he a meſma, ſobre que funda Puffendorff ſeu Syſtema. (2) ,, Cada hum, diz elle, ,, deve inclinar-ſe a formar, e conſervar, tanto ,, quanto póde, huma Sociedade pacifica com os ,, demais, conformando-ſe á conſtituiçaŏ, e ao ,, fim de todo o Genero Humano, ſem excepçaŏ; ,, donde procede, que tudo o que contribue ne-,, ceſſariamente para eſta ſociabilidade univerſal, ,, ſe deve ter por preſcripto pelo Direito Natu-,, ral; e pelo contrario tudo o que a perturba, ,, deve-ſe reputar protegido pelo meſmo Direi-,, to. ,,

Deſtas Propoſiçŏes reſulta, que ſe naŏ póde ſuppôr no Homem huma razaŏ, e paixŏes, ſem admittir hum Direito Natural, e Leis naturaes. Se pois o conſideramos em elle meſmo, eſtá inceſ-

(1) *Leis da Nat. Diſc. Prel.*
(2) *Liv. II. Cap. III.*

cessantemente avisado pela sua razaõ a reprimir as paixões, que, debaixo do pretexto de hum bem apparente, o precipitaõ em males effectivos; e se o consideramos em Sociedade, ella lhe descobre todas as suas obrigações para com os demais, e lhe dá a conhecer as vantagens da sociabilidade. Assim, sem entrar na questaõ de Bayle, se huma Sociedade de Atheistas poderia permanecer; sem approvar o parecer de Hobbes, em que assevera, que ás Leis Naturaes só tem força de Lei, em quanto se consideraõ publicadas por Deos na Escritura, e naõ em quanto se entende procederem da Natureza; he provavel, que como a razaõ he huma das principaes faculdades da alma, e que por sua natureza se inclina, e encaminha sempre para o bem, o Direito Natural he da essencia do Homem; que seus deveres para comsigo, e para com tudo o que o cerca, saõ obrigatorios por causa de si mesmos, primeiro que os fizesse taes alguma Pragmatica; que, naõ obstante ter sahido das mãos da Natureza máo, e perverso, o que naõ póde ser, a Razaõ Natural lhe descobre, que ha huma ordem essencial; que tudo o que concorre para desordenallo, vem a ser funesto á Sociedade: esta sujeiçaõ á ordem estreita a sua liberdade para sua propria felicidade.

O Codigo das Leis Naturaes está impresso em todos os corações; o que as viola, naõ póde ser perdoado debaixo de algum pretexto; deve pois ser o Direito Natural a direcçaõ das nossas acções, ainda no caso, em que a razaõ nos obrigasse a obedecer ás Leis Civís, ou Politicas, que pareceriaõ contravir á Lei Natural: tal he a escravidaõ; offende os Direitos da Natureza, e oppoem-se á Humanidade. Desgraçados os Tyrannos,

que

que a introduzíraõ ! Desgraçados os Despoticos, que a toleraõ ! Mas mil, e mil vezes mais desgraçado o escravo, que querendo quebrar seus ferros, procuraria rebellar-se contra a Constituiçaõ do Estado, em que nasceo ! O Laponio ama, e deve amar a Terra ingrata, que naõ corresponde a seus trabalhos. ,, O bem commum, ou o bem ,, público, diz Cumberland (1) que he o effei- ,, to das acçőes prescritas pela Lei Natural, he ,, o que faz o principal caracter desta Lei.

Os interesses respectivos das Nações, suas mutuas obrigações, ou as de cada huma para comsigo mesmo, formáraõ o Direito das Gentes, que he só a applicaçaõ das regras do Direito Natural, para os Homens em Sociedade, e para as Nações, que só perdêraõ pelo seu consentimento, ou para melhor dizer, que estreitáraõ para a utilidade geral, a liberdade, e a independencia que cada hum herdava da Natureza. Foraõ suas proprias imperfeições dádivas do Ceo; se o Homem pois naõ nascesse fraco, precisando para sua conservaçaõ de soccorros estranhos; se com seu amor proprio podesse abastecer-se a si mesmo, naõ se formariaõ as Sociedades: viviria o Homem sem gostos, sem dores, e talvez sem crimes; mas as virtudes, e os talentos muito assublimados em huns, muito mediocres em outros, jámais teriaõ produzido esta harmonia politica, que faz o bem de cada hum, fazendo o bem de todos. Assim he a Sociedade universal huma consequencia da Lei Natural; e sendo só as Sociedades civís humas desmenbrações da Sociedade geral, tem para com esta as mesmas obrigações, que

---

(1) *Leis da Natureza. Cap. V. §. VIII.*

que a Sociedade universal tem para com ella mesma; nenhuma obrigaçaõ particular póde dispensar da obrigaçaõ geral, que o Direito Natural impoem a todos os Homens.

Tem o Direito Natural, e o Direito das Gentes huma taõ grande analogia, que naõ os sepáraõ Grocio, e Puffendorff, e que hum Author moderno só os distinguio, subdividindo o Direito das Gentes em necessario, ou interno, estabelecido pela Natureza, como huma regra, que o bem, e a salvaçaõ commum os obrigaõ a admittirem em os contratos, que tem entre si. (1)

„ Como a liberdade he de Direito Natural en-
„ tre os Homens, tambem o he entre as Naçõesș
„ saõ seus Direitos iguaes, sua independencia he
„ a mesma, e cada hum tem o Direito de jul-
„ gar em sua consciencia do que tem, que fa-
„ zer para cumprir seus deveres, e reprimir pe-
„ la força as infracções das Leis da Sociedade,
„ que a Natureza estabeleceo entre ellas. „ (2)
Esta mesma liberdade he, que deve obrigar os Homens a observarem as Leis da Sociedade; a escravidaõ pois procede da infracçaõ das obrigações naturaes, ainda mais facilmente, que da infracçaõ dos Tratados, ou do Direito convencional.

Tem todas as Nações hum Direito das Gentes; naõ ha nenhuma, por mais affastada, que seja, que naõ tenha correlações com alguma. „
„ Este direito, diz o Author do *Espirito das Leis*,
„ he naturalmente fundado sobre este principio,
„ que devem as Nações em tempo de paz fazer-
„ se o maior bem, e em tempo de guerra o me-
nor

(1) *Direito das Gentes de Vatel.*
(2) *Ibid.*

„ nor bem, que possível for, sem prejudicarem „ a seus verdadeiros interesses; „ (1) Hum Estado pois (2) deve a qualquer outro Estado, o que deve a si mesmo, ao mesmo tempo, que est'outro tem huma verdadeira precisaõ de seu soccorro, e póde dar-lho sem esquecer-se de seus deveres para comsigo mesmo.

Se sempre permanecesse o Homem no estado de Natureza, e que nunca se affastasse das Leis, que lhe prescrevia, talvez fosse feliz; mas pouco a pouco affracáraõ as paixões a Lei Natural, e logo que o Homem se encontrou com o seu semelhante, experimentou contradicções; a diversidade de opiniões, de inclinações, de interesses; lhes deo a conhecer a necessidade de hum (3) Juiz, que suppondo o isento de paixões, podesse apaziguar suas desavenças.

Tal foi sem dúvida a origem do Direito Civil. Os Homens juntos viraõ, que podia na verdade este Juiz fixar os limites do justo, e do injusto; mas naõ bastava valer-se da Lei Natural, era mister reconduzir os que della se affastáraõ, ou embaraçar com a severidade do exemplo, que della naõ se affastassem outros. Deo sem dúvida esta necessidade a primeira idéa dos Governos. Em certos Povos foi o Juiz eleito Rei, em outros, o direito de julgar, e o de castigar residíraõ na mesma Naçaõ, ou junta, ou representada por Chefes, Reis, e Juizes no mesmo tempo. Assim o Homem no Estàdo Civil só differia do Homem no Estado de Natureza, no que modificou sua de-

(1) *Liv. I. Cap. III.*
(2) *Vattel Liv. II. Cap. I.*
(3) *Burlamaqui, Princip. Polit. Cap. I.*

dependencia para mèlhor conservar sua liberdade. O Estado Civil em vez de afftacar o Estado Natural, servio pelo contrario de fortificallo; e o Estàdo Politico reunindo as forças particulares de cada Sociedade, deo a cada huma huma consistencia, que a pôz em estado de defeza, se fosse àtacada, ou de vingar-se das que violassem o Direito das Gentes, e que turbassem a ordem geral.

Para termos huma idéa da origem, e formação das Sociedades, transportemo-nos aos primeiros tempos do Imperio Germanico (1). „ Os „ Germanicos, diz seu Historiador, eraõ huma „ quadrilha de camponezes acocorados por ter„ ra, ou deitados indifferentemente de costas, „ ou de barriga; assim tratavaõ dos negocios do „ Estado, contra o qual a mendicidade, e a „ ociosidade passavaõ, como se fossem os maiores „ crimes, que castigavaõ mergulhando os madra„ ços de profissaõ no lamaçal de seccas alagoas „ até morrerem; mas soccorriaõ com todos os „ meios possiveis os que empobreciaõ por causa „ da velhice, ou de acontecimentos inesperados. „

Só foraõ solidamente estabelecidas as Sociedades, quando as Maximas da razaõ foraõ recopiladas, reconhecidas, adoptadas, e assinadas pela conjuncçaõ geral das vontades. Á razaõ natural só he, que tocava regular o uso da liberdade, dádiva da Natureza. As Leis, que estabeleceo, só pódem ser modificações da Lei Natural, que applicava para todos os casos; he o que faz o despotismo taõ odioso, e que deve fazer, que o considere o Homem livre, como hum Monstro

por

(1) *Hist. de Alemanha do P. Barre.*

politico, inventado pelos Tyrannos; naõ he pois de presumir, que consentisse huma Naçaõ inteira a renunciar a sua liberdade natural, nem a razaõ humana a sujeitar-se ao capricho de hum Homem, que só se governa pela sua vontade, e naõ pela razaõ.

O objecto essencial de qualquer Sociedade he a felicidade do corpo inteiro, que resulta do bem particular de todos os membros; e só pódem ser felices os membros, em quanto o Chefe, ou o Poder superior preside prudentemente a todas as suas operações; pelo que, se a Razaõ Natural naõ póde conservar huma perfeita harmonia entre o interesse particular, e o interesse geral, a ordem só se póde restabelecer pela authoridade, cuja razaõ natural dá a conhecer a necessidade.

Mas se a Razaõ Natural he a base de todas às Leis, donde procede esta variedade de Legislaçaõ? Acolá he licito o roubo; aqui se castiga com a morte; o que foi ordenado em hum Seculo, está proscrito em outro; variaõ as Leis, assim como a temperie dos Climas; admitte o Oriente a Polygamia, que desapprova o Occidente; está o divorico acceito na Polonia, onde he escravo o Povo; está reprovado nos Reinos, onde reina a liberdade. Ora pois, se fosse verdade, que o Direito das Gentes, o Direito Civil, e o Direito Politico fossem a applicaçaõ do Direito Natural, cujo principal attributo he ser invariavel nos seus principios, para com os Estados, os Soberanos, e os vassallos, deveriaõ todas as Sociedades, todos os Estados ter a mesma Legislaçaõ.

Os dous primeiros Livros do *Espirito das Leis* parecem tratar desta objecçaõ. Nelles está destruida pela mesma definiçaõ das Leis, que Mr. de

Mon-

Montesquieu chama correlações necessarias, que derivaõ da natureza das cousas; assim sendo as Leis relativas ás circunstancias, a natureza das cousas, que ordenaõ, e ao genio dos a quem ordenaõ, exige a mesma Natureza, pela segurança geral, que as Leis Civís constranjaõ algumas vezes a Lei Natural, naõ para ultrajalla, mas para accommodalla ao caracter de huma Naçaõ: assim a Lei, que ordena em Sparta o roubo, e a que o prohibe em quasi todas as demais Nações polidas, por mais contradictorias, que sejaõ, saõ com tudo conformes ao Direito Natural, porque independentemente da communidade dos bens estabelecidos em Lacedomonia, ahi se estimava mais a industria, e vigilancia, do que a cousa roubada. Se entre nós a Lei castiga o ladraõ com pena de morte he, porque suppoem, que o ladraõ tivesse assassinado, se, para conseguir seu fim precisasse deste crime, sem o que, naõ haveria nem correlaçaõ, nem compensaçaõ entre o crime, e o castigo; só com esta supposiçaõ he, que tem a Lei do roubo alguma comparaçaõ com o Direito Natural.

Naõ bastaria, que tivessem as Nações entre si hum Direito Commum, precisava ainda, que cada Estado tivesse suas Leis fundamentaes, que regulassem a fórma do Governo, o modo de succeder, o de governar, e os limites da authoridade.

„ O Direito Público, diz o célebre Mr. d'Agues-
„ seau, (1) he unicamente o Direito das Gentes
„ menos ampliado; he o Direito interior, que
„ convem a cada Estado, e que tende para a per-
„ feiçaõ, e felicidade que merece; pelo contra-
rio

(1) *Instit. do Direito Publ.*

„ rio o Direito das Gentes, ou Direito público
„ exterior, he o Direito, que devem ter entre
„ si diversos Estados, para sua perfeiçaõ, e sua
„ commum felicidade. „

Para achar a origem das Leis particulares, e fundamentaes dos differentes Estados, e aclarar sua genealogia com o Direito Natural, era mister remontar á origem dos Estados, e conhecer as circunstancias, em que estavaõ entaõ; mas épocas taõ affastadas, e que se perdem na escuridade dos tempos, só deixaõ a liberdade ás conjecturas.

„ De certas Maximas, (1) e usos, que desde
„ muito tempo praticaõ as Nações, e que ob-
„ servaõ entre si, se formou o Direito Munici-
„ pal. „

Mas naõ podendo pretexto algum authorizar a violaçaõ da Lei Natural, se algum costume tem alguma cousa, que lhe seja contrária, deve ter este costume acquirido força de Lei pela sua antiguidade? Questaõ delicada, e perigosa, cuja discussaõ causaría o desasocego no seio dos Estados. Para nos limitar com hum só exemplo, unicamente citaremos a escravidaõ; ainda que se naõ possa justificar, e que seja inteiramente opposta ao Direito Natural; que perniciosa consequencia sería, se emprehendessem os escravos sacudirem o jugo? O uso politico, por mais injusto, que seja a este respeito, fazendo a escravidaõ necessaria nos Estados, onde está estabelecida, só poderiaõ os escravos recuperar sua liberdade, pelo meio de huma Lei Geral da Naçaõ, que revogasse o consentimento tacito, e presumido dos escravos, que

(1) *Vatel, no Direito das Gentes.*

que sendo só huma parte da Naçaõ, nunca já mais poderiaõ alcançar a reuniaõ de todas as vontades particulares, taõ indispensavel para abraçar huma Lei, como para promulgar huma nova.

A differença das Leis, e dos costumes procede das suas diversas correlações com os caracteres, a Religiaõ, o Clima; mas mais se conformaõ com a Lei Natural, e menos variaõ entre si. Dahi he que veio o Direito Romano a ser o Direito Commum da Europa, no em que suppre nos casos impreviſtos a quasi todas as Legislações, a pezar desta confusaõ, que se encontra no methodo das Leis Romanas, e por isso dizia o Chanceller d'Aguesseau (1), que sería para desejar, que a coordinaçaõ das Institutas fosse traçada por Domat, e naõ por Triboniano.

Os que escrevêraõ a Historia das Nações tratáraõ muito mal a parte Legislativa; com tudo o meio mais seguro para conhecer o espirito da Lei, he estudar a sua Historia; por ella he, que se vê o como, e porque as diversas Legislações se affastaõ, e se approximaõ do seu principio: pesquizando, tanto quanto he possivel, a origem das convenções das Sociedades, humas para com as demais, ou de cada hum para comsigo, he que se póde achar a correlaçaõ da Lei primitiva com as Leis derivadas; mas para naõ cahir nas discussões puramente conjecturaes da maior parte dos Escritores, que deraõ seus Systemas, assim como a Historia da formaçaõ das Sociedades, sería mister fazer, ácerca dos Póvos modernos, as mesmas indagações, que o Author da *Origem das Leis*,

---

(1) *Obras de d'Aguesseau*, *Tom. I. Inst. para seu filho.*

Leis, *das Artes*, *e das Sciencias*, fez ácerca dos Póvos antigos (1). Isto naõ hei de emprehendello; sómente indicarei a origem do Direito Germanico, e Francez, deixando ao Leitor o fazer as applicações, que julgará convenientes.

Como refere Cesar, (2) os antigos Germanos distribuiaõ seus trabalhos entre a guerra, e a caça; naõ possuiaõ terras suas: cediaõ-lhes seus Magistrados todos os annos huma certa porçaõ, que eraõ obrigados a cederem a outros depois da colheita no fim do anno, temendo que se affeiçoassem a ellas. Os Principes, ou Chefes eraõ Magistrados; mandavaõ em tempo de guerra, e administravaõ a Justiça em tempo de paz. Estes Magistrados, além de repartirem o Poder Soberano, eraõ subordinados aos Reis; porque segundo Tacito (3) a Alemanha estava dividida em muitos Estados debaixo de tantos Reis. Era taõ antigo este Povo no tempo, em que Tacito escrevia, que cuidava este Historiador ser originario do País, e formado sem alliança de algum Povo estranho.

Viviaõ os Germanos (4) nos bosques, e campos; morava cada hum separadamente: eraõ suas cabanas cobertas com pelles, e ramadas. Em alguns sitios, estas cabanas se achavaõ mais visinhas; mas sempre separadas humas das outras, formavaõ Cidades, só respeitavaõ a Nobreza de nascimento na eleiçaõ de seus Reis: os mais destemidos eraõ seus Chefes. Tocava o castigo dos cri-

(1) *Mr. de* G. *Parìs* 1759, 6 *Vol. em* 12.
(2) *De Bello Gall.*
(3) *De Morib German.*
(4) *Hist. de Alem. do P. Barre*,

criminosos aos Ministros da Religiaõ. Naõ tinhaõ as Mulheres dotes para dar a seus Maridos; só tinha o Marido o direito de castigar sua Mulher adultera. Eraõ seus servos mais depressa seus vassallos do que seus escravos, e só davaõ estes por tributos a seus Senhores graõ, e gado.

Taes eraõ os Germanos, antes que emprehendessem os Romanos sobjugallos. A Alemanha, além do Danubio, e do Elbo, resistio sempre a seus exercitos. „ Para abrandar os Germanos, diz „ (1) o Padre Barre, honráraõ os Romanos „ muitas Cidades de alta, e baixa Germania com „ o Direito de Colonia, e com o Direito Mu„nicipal. Os que gozavaõ do primeiro, se go„vernavaõ inteiramente, assim como Cidadãos „ de Roma; pelo contrario os que só conseguiaõ „ o Direito Municipal, guardavaõ suas Leis, e „ seus costumes, e tinhaõ menos encargos, e „ immunidades. „ A Cidade de Colonia, em que nasceo Agrippina, as de Treveris, e Moguncia, e outras muitas conseguíraõ estes privilegios nos Reinados dos primeiros Imperadores.

Parece que era o Governo Germanico militar; e que seu Direito das Gentes se fundava sobre a força, valor, e equidade: „ Naõ era por falta „ de humanidade (2), diz ainda o Padre Bar„re, que castigavaõ taõ rigorosamente a ociosi„dade; era por principio de justiça natural, que „ obriga todos os Homens a trabalharem, e a „ fazerem os serviços possiveis ao Estado. „

Eraõ as terras distribuidas aos habitantes de

(1) *Hist. de Alem.*
(2) *Hist. de Alem.*

cada Cantaõ (1) á proporçaõ do número dos cultivadores, e estes as subdividiaõ depois entre si; e esta he a origem de nosso Direito feudal.

Eraõ estas Leis em pequeno número, como as de qualquer Sociedade ainda no seu berço; multiplicáraõ se á proporçaõ, que se augmentou a Sociedade, e em fim vieraõ as Leis Romanas soccorrer as do Paiz: foi o Direito Romano introduzido nos Póvos, que habitavaõ entre a Italia, e o Rheno, no tempo dos primeiros Imperadores.

Clotario, quasi no anno de 625 (2) em huma Junta de 33 Bispos, e de 72 Condes, que figuravaõ a Naçaõ, mandou recopilar por escrito, e formar hum Codigo das Leis dos Alemãos.

„ O Direito actual de Alemanha he o Direi„ to Commum para todo o Corpo Germanico „ (3), e o Direito Particular de cada Estado, „ de que se compoem este Corpo. „ A Sciencia das differentes especies de Direito, e particularmente do Direito Público, Politico, das Gentes, e Civil, se cultiva muito nesta Naçaõ, por causa dos muitos Principes, Condes, e outros Soberanos, que saõ Senhores cada hum nos seus Estados

O Direito Commum de todo o Imperio forma-se das Constituições antigas da Bulla de ouro, da pacificaçaõ de Passaw, dos Tratados, da Lei dos Saxonios, que foi longo tempo o antigo Direito de huma grande parte da Alemanha, e do Direito Romano.

Em

(1) *Diccion. Encycl. na palavra Direito.*
(2) *Hist. de Alem.*
(3) *Diccion. Encyclop.*

Em quanto ao Imperio, nem ha Monarquia, nem República, e póde-se dizer, que tem o Governo parte de huma, e parte de outra; Eleitores, Principes, Condes, Cidades repartem com o Imperador a Authoridade Soberana.

Tal he o Direito Civil, e Politico da Alemanha, que naõ he possivel conhecello em todas as suas variações, mas no qual se distingue facilmente o Direito Natural, modificado por huma Jurisprudencia particular, e pelo Direito feudal estabelecido sobre as homenagens, contingentes, e outros censos dos Senhores de grandes feudos do Imperador, e sobre as obras sem salarios, e outras servidãos dos servos, e vassallos, para com seus Senhores.

Os Francos, que só eraõ hum composto de varios Póvos da Germania, introduzíraõ suas Leis nas Gallias, quando ahi fizeraõ irrupções, e intentáraõ fazer Conquistas. Ambos estes Póvos reunidos nos seus descendentes tinhaõ hum caracter bem opposto, e eraõ suas Leis consequentemente bem diversas: a julgarmo-los pelo pouco, que disseraõ os Historiadores, os costumes, o caracter, as Leis dos Gallos predomináraõ nos seus vencedores; e além de conservarmos algumas Leis, e o nome destes ultimos, somos mais Gallos, que Francezes. Estes Conquistadores no seu estabelecimento fizeraõ a mesma distribuiçaõ das terras, e a mesma subdivisaõ aos cultivadores.

Foraõ seus primeiros Reis seus primeiros Magistrados: as Leis, que acháraõ estabelecidas subindo ao Throno, procediaõ dos primeiros Chefes da Naçaõ, que as adoptáraõ dos Póvos vencidos; as Leis Sálicas pois, que só se recopiláraõ, e os usos *Ripuarios*, que só se confirmáraõ depois

pois do estabelecimento da Monarquia, procediaõ dos Germanos. Os Chefes da Naçaõ, ou seja para recompensar os que foraõ os principaes instrumentos de suas Conquistas, ou porque requeriaõ estas vastas posseſsões muito cuidado, e trabalho, repartíraõ com elles as terras conquistadas, quando aliás os favoreceriaõ em outras emprezas, e que naõ reconheceriaõ outros Chefes: naõ podendo estes nóvos possuidores cultivar as terras, que lhes couberaõ na repartiçaõ, ou desdenhando hum genero de trabalho, que naõ era do gosto desta Naçaõ conquistadora, as subdividíraõ aos que lhes parecêraõ merecerem-nas, com condiçaõ, que naõ sómente elles, mas ainda os moradores das terras cedidas os acompanhariaõ nas guerras que quereria emprehender o Chefe da Naçaõ.

Assim foi, que se estabelecêraõ insensivelmente as Leis feudaes. Reservou-se o Soberano o Direito de administrar a justiça; no principio julgavaõ-se as contestações militarmente, e sem formalidades; mas sendo as Conquistas mais vastas, multiplicáraõ-se as obrigações, e os cuidados do Throno, entregáraõ os Reis o depósito das Leis a Homens escolhidos, que repartíraõ com elles o penoso encargo de julgar seus semelhantes. Continuáraõ os Reis a serem os vingadores das offensas commettidas contra a Patria, e transmittíraõ a estes Juizes huma parte de sua authoridade para castigar as injúrias, feitas á Sociedade Civil.

Mas, ou seja bondade, ou indolencia da parte de alguns Soberanos, descuidáraõ-se de se opporem ás usurpações, que fizeraõ pouco a pouco os possuidores dos grandes feudos. Orgulhosos com huma authoridade preçária, attribuíraõ-se

eſtes a melhor regalia da Soberania, a de fazer Leis, de julgar os Póvos, e impôr-lhes tributos. Sujeitáraõ ſeus vaſſallos a coſtumes, e uſos, cuja extravagancia dá a conhecer o orgulho dos que os ideáraõ, e a baixeza dos que os adoptáraõ, ou porque delles foſſem os Authores eſtes pequenos Tyrannos; ou porque, como ſe lê no *Eſpirito das Leis*, que os tomaſſem dos Póvos conquiſtados, que tinhaõ cada hum ſuas Leis, e ſeus coſtumes: bem depreſſa a França, ſem mudar a conſtituiçaõ fundamental de ſeu Governo, vio rebentar de ſeu ſeio quaſi tantos pequenos Eſtados, quantos feudatarios nella haviaõ, e tantas legislações differentes, quantos feudos haviaõ.

Eſta multiplicidade de pequenos Soberanos, talvez favoravel ás povoações, no em que „, caza da Senhor, reſidindo na ſua Cidade, ou Vil- „ la, ſendo ſó grande, rico, ou poderoſo, e „ ſeguro pelo número de ſeus vaſſallos, ſe eſ- „ merava em fazer florecer ſeu pequeno Paiz, „ (1) veio a ſer funeſta a Juriſprudencia. Os Senhores, Juizes, Legisladores, e partes julgavaõ as conteſtações, que aconteciaõ entre ſeus vaſſallos, e faziaõ Leis arbitrarias.

Naõ he de admirar, que os Regulamentos traçados por ſemelhantes Legisladores ſe affaſtem quaſi inteiramente do Direito Natural. Quando era o uſo contrario ao Senhor, o annullava, e ſubſtituia huma Lei, que promulgava. Aſſim he, que fazia Mafoma deſcer do Ceo, ſegundo as circunſtancias, hum Capitulo de ſeu Alcoraõ, quando precifava canonizar huma acçaõ, que pudeſſe parecer criminoſa.

Lo-

(1) *Eſpirito das Leis*, *Liv.* XXXIII.

Logo depois se introduzio a Prática dos Juizos por partes. Em fim, tendo sido os diversos usos estabelecidos em cada hum destes feudos recopilados, oppondo-os os litigantes huns aos outros, e sendo mais communs as Leis Romanas, foi preciso hum estudo particular para conciliar as Leis, e usos; e Juizes habeis para averiguar a verdade offuscada com os sofismas, de que se vangloriava a má fé.

As Leis demasiadamente multiplicadas em França naõ fazem, na verdade, inteiramente arbitrario o modo de julgar; mas deixaõ maior imperio ao Direito Natural, sobre que deve ser fundado qualquer juizo, naõ sendo injusto. Entre os trezentos costumes, tanto geraes, como locaes, de que se compoem o Direito Municipal, ha alguns, que parecem oppostos; porque naõ sabemos pesquizar a sua origem.

A Lei Natural, principio de todas as Leis justas, he a regra a mais invariavel da equidade; sem ella naõ ha nem costumes, nem virtudes. A tyrannia, o abuso da authoridade podêraõ estabelecer costumes, a que os tempos, e as circunstancias deraõ força de Lei; „ mas se violaõ „ o Direito Natural, aos Soberanos, Successores „ dos tyrannos, que os estabelecêraõ, he que „ toca annullallos; se saõ duros, e tyrannicos, „ diz o célebre Author das *Memorias de Brandeburgo*, abrogar-se haõ bem depressa, porque he „ preciso conservallos com a violencia; que he „ só o Tyranno contra todo hum Povo, que „ pertende supprimillos, ha casos, em que he „ absolutamente necessaria a refórma, quando „ se achaõ Leis contrárias á felicidade pública, „ e á equidade natural. „

Ge-

Geralmente o temor das Leis he menos efficáz, que a vóz da Natureza: hum póde affastarnos do mal pelo receio de seus effeitos; mas o outro nos encaminha para o bem pelo mesmo amor do bem, e pelo nosso proprio interesse. A Natureza he, que nos inspira este amor da Pátria, e do Soberano, que fez Roma, e a Grecia taõ formidaveis a seus inimigos. Os Germanos, no dizer de Tacito, peleijavaõ debaixo da bandeira de seu Cantaõ, ou de suas familias, a fim de ouvirem os gritos de suas Mulheres, e de seus filhos.

Pouco conhece o Homem a felicidade, quando a busca longe da Natureza; o ingrato a accusa de injustiça, porque lhe impoem necessidades, como se podia ignorar, que só no-las deo para procurar-nos o gosto de satisfazellas; calculou sua providente beneficencia o gráo do gosto sobre a importancia da necessidade; e sua terna prudencia fez pender a balança do lado do deleite: de maneira, que he sempre mais sensivel o gosto, do que grande a necessidade; fez ainda mais; taõ uniforme, taõ attenta no seu proceder Moral, como no seu proceder fysico, deo necessidades á alma; saõ estas necessidades as paixões; mas como saõ mais nobres, os gostos, que experimentamos, quando as satisfazemos, saõ mais moderados, mais duraveis, e naõ diminuem com a Sociedade; assim como castiga mais severamente o abuso dos deleites da alma, que o abuso dos deleites dos sentidos; achamos no abuso destes, a diminuiçaõ, e a perda das sensações agradaveis, a depravaçaõ do gosto, o aborrecimento, a dôr, e a morte; males horrorosos, mas que só o saõ para nós mesmos. Ha outra necessidade da alma,

cu-

cuja satisfaçaõ produz ainda maiores deleites; esta necessidade está essencialmente na Natureza, nasce com o Homem, he a da virtude: mas os abusos, que nascem de seu gozo, saõ a soberba, a superstiçaõ, o enthusiasmo, o fanatismo, e mil outros desvios da razaõ, funestos para nós, para a Sociedade, para o Mundo, onde estamos, e para o Mundo, onde naõ estaremos muito tempo.

Quando decahe de sua antiga grandeza huma Naçaõ, naõ accusemos nem as revoluções dos tempos, nem esta pertentida fatalidade, que sinala hum termo a duraçaõ dos Imperios; accusemos unicamente a violaçaõ da Lei Natural, que nos faz insensiveis aos gritos da Pátria.

Já observamos, que se formára a Sociedade Civíl, e que se conservava pela uniaõ de todas as vontades: ora pois, quando trabalhar cada Individuo só para seu interesse particular; quando este interesse augmenta, á proporçaõ das *precisões*, que multiplica o luxo; quando com os muitos sofismas, chegamos a apreciar nossas obrigações, como preoccupações; que poder terá sobre nós esta Pátria, em que vivemos, só para tyrannizalla, e que aborreceriamos, se unicamente nos offerecesse huma colheita esteril.

Affeiçoemos os Homens á Lei Natural, e para amarem a virtude, naõ será mister provocallos com o temor das Leis Positivas.

MEMORIAS

Para ajuntar á vida de Uriel da Costa.

URIEL da Costa, de raça Judia, mas nascido de Pais Catholicos, veio ao Mundo nos fins do decimo-sexto Seculo na Cidade do Porto em Portugal. Era seu Pai, diz elle, sinceramente Christaõ; e como era rico, commodo, e gozava de certa consideraçaõ, educou bem seu filho. Foi creado nos principios da Religiaõ Romana. Bem depressa vio, diz elle, levantarem-se no seu espirito dúvidas, e difficuldades ácerca desta Religiaõ, e especialmente no Artigo da Confissaõ auricular. Tinha entaõ quasi vinte e dous annos, e estudava Direito. Aos vinte e sinco annos alcançou huma Dignidade Ecclesiastica, e foi feito Thesoureiro de huma Igreja Collegial.

Affastando-se em fim da Fé Romana, e reparando, que os Judeos, e os Christãos reconhecendo igualmente a authoridade do Antigo Testamento, com tudo os Christãos só tomavaõ por direcçaõ de sua Fé o Evangelho, deo-se inteiramente ao estudo dos Livros de Moysés, e dos Profetas, e foi, como diz, taõ bem convencido, que se fez Judeo. Resolve-se entaõ a deixar hum Paiz, onde naõ podia com segurança permanecer por mais tempo; e donde só podia escapar correndo grandes perigos. Com tudo chegou a executallo, depôz-se da sua Thesouraria, e largou a grande morada de casas, que tinha no Porto,

e que

e que em outro tempo edificára ſeu Pai. Depois de ſe bem acautelar, embarcou-ſe, ſem ſer deſcoberto, em hum navio, que o levou felizmente para Amſterdaõ, elle, ſua Mãi, e ſeus Irmãos, que perſuadio a deixarem a Fé Romana, e a quem inſpirára ſeu modo de penſar em materias de Religiaõ. Chegados a Amſterdaõ, alegrou ſe muito de poder dar-ſe ao exercicio da Religiaõ Judaica tolerada no Paiz, e logo recebeo a Circunciſaõ.

Reparou, que bem depreſſa degeneráraõ os Judeos modernos, e que ſe affaſtavaõ ſummamente dos coſtumes, e das Leis preſcritas por Moyſés. Quiz admoeſtar os Chefes; mas em vaõ, e ameaçáraõ-no com a Excommunhaõ, ſenaõ procedeſſe como os demais. Naõ lhe inſpiráraõ temor algum eſtes ameaços, nem o deſviáraõ de cumprir com as obrigações, que cuidava ſinceramente lhe competiaõ. Como perſiſtia ſempre no ſeu modo de penſar, foi ſentenciado com tanta ſeveridade, que ſeus Irmãos creados com ſeus principios, cuidariaõ commetter hum crime fallando com elle, quando o encontraſſem pelas ruas.

Reſolveo-ſe pois Coſta a compôr Eſcritos, e a publicar ſua defeza. Em quanto ſe occupava neſte trabalho, foi convencido, diz elle, depois de hum maduro exame, que as recompenſas, e os caſtigos annunciados na Lei Moſaica eraõ ſó temporaes; e que o Divino Legislador naõ dizia couſa alguma ácerca da vida futura, nem da immortalidade da alma (1).

Com

(1) *Foi renovada eſta opiniaõ, ha alguns annos, e refutou-a o Biſpo de Gloceſter com muita profundeza no ſeu Tratado da* Divina Legacia de Moyſés.

Com esta nova alegrárão-se seus inimigos, esperando, que poderiaõ nesta occasiaõ azedar os Christãos contra elle. Nesta confiança, antes que apparecesse seu Livro, induzíraõ certo Medico a publicar hum Tratado sobre a immortalidade da alma. Aconteceo isto quasi nos fins do anno de 1623 Era Costa muito maltratado nesta Obra; injuriavaõ-no, e chamavaõ-no Discipulo de Epicuro, ainda que neste tempo, diz elle, conhecesse taõ pouco a doutrina deste Filosofo, de quem só fallava, pelo que ouvia dizer, que intentou hum Processo criminal a seus inimigos por lhe darem o nome de Discipulo de Epicuro; procedimento, de que se envergonhava, quando delle se lembrava.

Depois deste successo, os meninos excitados pelos Pais, e Mãis o insultavaõ publicamente pelas ruas, chamando-lhe heretico, e renegado. Até foraõ atacallo em sua casa, que apedrejáraõ, e onde foi affrontado por todos os modos. Depois de apparecer sua resposta; na qual negava a immortalidade da alma, denunciáraõ-no os Chefes da Synagoga aos Magistrados, como inimigo commum da Religiaõ Judaica, e do Christianismo. Consequentemente, foi prezo déz, ou doze dias, e só sahio da prizaõ com fiança, depois de ter pago a condemnaçaõ de trezentos florins, e depois de vêr confiscarem-lhe todos os Exemplares de seu Tratado (1).

Passado algum tempo, teve Costa dúvidas ácerca da authenticidade da Lei de Moysés, e em fim

---

(1) *Intitulava-se este tratado:* Indagaçaõ ácerca das Tradições Filosoficas, comparadas com a Lei de Moysés.

fim persuadio-se, que esta Lei naõ era outra cousa mais, que artificio, e ficçaõ. Com tudo, reflectindo comsigo mesmo, vio o quanto lhe pezava viver assim separado da companhia dos Homens. Estava excommungado pelos Judeos, e naõ podia viver com elles; naõ sabía as linguas, e naõ podia hir para os reinos Estrangeiros. Resolveo-se pois a obedecer aos Chefes da Synagoga, e passados quinze annos de separaçaõ, tornou para a Escola, que deixára, adoptou todos os seus principios, e retractou-se de todos os erros, que condemnára na sua Obra.

Naõ gozou muito tempo deste socego. O sobrinho, que tinha, e que morava com elle, foi queixar-se de seu Tio, e declarou, que os alimentos, que comia, e o modo, com que os preparava, com outras singularidades, davaõ indicios, que naõ vivia como Judeo, e filho de Moysés. Renovou esta accusaçaõ inesperada todas as suas desgraças, e lhe causou novos desarranjos. Seus Irmãos, e seus parentes, temendo que se desacreditasse a honra de sua familia, vieraõ a ser seus mais crueis inimigos, e seus mais atrevidos perseguidores. Hum seu primo, por sua parte, desfez hum casamento, que estava Costa, sendo viuvo, para concluir. Induzio seu Irmaõ a desapossallo de todos seus bens, e a naõ corresponder-se mais com elle. Os Rabbinos, e a gentalha fizeraõ-lhe padecer as mais violentas perseguições. Mas isto o que causou inteiramente sua ruina: Chegáraõ de Londres dous Christãos, hum era Italiano, e o outro Hespanhol, e sendo muito famintos, queriaõ-se fazer Judeos, e foraõ aconselhar-se com elle para este fim. Dissuadio-os, fazendo-lhes observar o quanto era penoso

o ju-

o jugo, a que se queriaõ sujeitar. Foraõ pois denunciallo aos Fariseos, e intentáraõ contra elle huma accusaçaõ ambos estes vís renegados, na esperança, segundo as apparencias, que os recompensariaõ os inimigos de Costa. Foi pois citado, e obrigado a comparecer no Sanhedrin. Participáraõ-lhe, que se era verdadeiramente Judeo, devia receber sua Sentença com sobmissaõ; e que naõ o sendo, sería ainda excommungado.

Leraõ-lhe a Sentença, e parecendo-lhe muito rigorosa, e infamatoria, replicou socegadamente, e sem perturbar-se, que naõ podia sujeitar-se a ella. Neste instante foi excommungado, e foi bem depressa motejado, e ridiculizado pelos rapazes, e teve que soffrer todas as malignidades da gentalha. Foi assim perseguido sete annos, naõ sómente por todos os Judeos em geral, mas ainda por seus proprios parentes. Se estava molesto, ninguem o visitava; se estava empenhado em algum negocio, em que precisasse de conselho, ou de recorrer a louvados, ninguem queria ajudallo, e estava obrigado a servir se das vias ordinarias da Justiça, vias longas, penosas, e de muita despeza. Desesperado, triste, e apartado de todo o Genero Humano, resolveo segunda vez sujeitar-se, e soffrer com paciencia a penitencia, a que sería condemnado.

„ Entrei, diz elle, na Synagoga, onde achei
„ tanta gente, como costuma haver na Opera,
„ leváraõ-me para a parte do Pulpito no meio
„ do Templo, e ahi lí em vóz alta hum Escrito
„ preparado pelos Chefes da Synagoga, e no qual
„ confessava: *que merecia padecer mil mortes pelos*
„ *crimes, que commettêra, principalmente por mi-*
„ *nha infracçaõ á Fé Judaica, que taõ odiosamen-*

te

„ *te violára; que até persuadíra a huns Christãos*
„ *de naõ abraçarem o Judaismo; em reparaçaõ do*
„ *que estava prompto em obedecer a tudo o que me*
„ *seria prescrito, e em sujeitar-me á Sentença pro-*
„ *nunciada contra mim, promettendo de nunca mais*
„ *recahir neste peccado, e neste crime.* Depois dis-
„ so mandáraõ, que descesse desta especie de
„ tablado, que tinhaõ construido de fronte do
„ Pulpito, e hum dos Chefes da Synagoga veio
„ dizer-me ao ouvido, que fosse para hum can-
„ to do Templo, que me indicou. Ahi me despi,
„ e nú até á cintura, tirei meus çapatos, e em-
„ brulhei-me a cabeça com hum panno branco.
„ Prendêraõ-me depois em huma columna, e o
„ Chantre da Synagoga me deo trinta e nove
„ açoutes com correia, a fim de naõ exceder,
„ segundo a Lei (1), o número de quarenta.
„ Em quanto me açoutavaõ, entoavaõ hum Can-
„ tico de David. Feita esta execuçaõ, mandáraõ
„ me deitasse por terra, e veio logo o Prégador
„ absolver me de minha Excommunhaõ. Neste ins-
„ tante, disseraõ-me, que as portas do Ceo naõ
„ estavaõ para mim mais fechadas. Vestíraõ-me,
„ e leváraõ-me para a porta do Templo, onde
„ me deitei ao comprido, sustendo-me unica-
„ mente a cabeça o Porteiro da Synagoga. To-
„ dos os que sahiaõ, me pizavaõ o corpo, huns
„ os pés, outros os braços, e outros em fim o
„ meio do corpo. Depois de sahirem todos, e
„ ter eu os membros todos quebrados, levantá-
„ raõ-me, e me sacudíraõ a poeira, e me con-
„ duzíraõ, isto he, me leváraõ para minha casa.
„ Considerai pois, que offensa vergonhosa foi
„ para hum Homem já idoso, para hum Ho-
„ mem, que naõ era de baixa extracçaõ, e que
era

„ era naturalmente modesto, até na sua desgraça, o vêr-se despido, e nú em huma Assembléa
„ pública, na presença de Homens, de Mulheres, de meninos, e o ser nella açoutado, e
„ flagellado deshumanamente por huma Sentença
„ pública, e dada por Homens, que mais depressa deveriaõ ser contados no número dos escravos, do que no número dos Juizes! Figurai-vos o quanto devia ser sensivel ao cahir aos
„ pés dos meus antigos inimigos, que me carregáraõ de injurias, e affrontas, e que só conservavaõ no seu coraçaõ odio, fel, e amargura, e quanto devia humilhar-me o me pizarem
„ elles aos pés o corpo todo! Vede que tormento devia padecer, vendo meus proprios Irmãos,
„ nascidos do mesmo Pai, nutridos com o mesmo leite, creados na mesma familia, fazerem
„ todos os esforços para opprimir-me, e anniquilar-me, desalembrando-se da affeiçaõ, que sempre tive para com elles, da amizade, que lhes
„ protestára, dos serviços, que lhes fiz, insultando-me, e ultrajando-me continuadamente,
„ e conservando, a meu respeito, hum odio taõ
„ baixo, e desprezivel, que me envergonho dizello. „

Tirou se esta narraçaõ do Tratado intitulado: *Exemplar Humanæ vitæ*; e na ultima parte deste Tratado refutou Costa o Dogma da vida futura, e da Revelaçaõ em geral. Isto he o que diz na conclusaõ desta Obra.

Entre muitas cousas, que me causaõ admiraçaõ ácerca da Naçaõ Judaica, admiro me muito, que seja permittido aos Fariseos convocarem Assembléas para nellas julgar, e sentenciar. He possivel, que os Christãos nos seus proprios Domi-

nios

nios possaõ conceder-lhes este Direito? „ Este Direito, de que gozaõ os Fariseos em Amsterdaõ, „ he certamente vergonhosissimo para a Naçaõ, „ e naõ devia tolerar-se em huma Cidade livre, „ que se vangloria de proteger os Homens contra as perseguições, de apaziguallos, e libertallos. Com tudo naõ os resguarda das malignidades dos Fariseos. He pois de admirar, que „ hum Homem, que naõ tem pessoa alguma para defendello, ou para vingallo destas affrontas Farisaicas, emprehenda sua defeza com a „ penna, e procure vingar-se das injúrias, que „ receber. „

„ Vós conheceis a minha vida, e meu procedimento, e vedes o como figurei neste theatro „ do Mundo taõ frivolo, e taõ cheio de vaidade. Ó vós, filhos dos Homens, julgai me! julgai-me sem preoccupaçaõ, e sentenciai-me com „ ousadia, e liberdade. Se achais em mim alguma cousa, que vos exaspere, e que naõ vos „ pareça bem, lembrais vos pois de todas as miserias, que affligem o Homem, e que talvez „ vos amofinaõ a vós mesmos. Quando era Christaõ em Portugal, appellidavaõ-me Gabriel da „ Costa; desde que me fiz Judeo, Religiaõ, que „ bem desajaria nunca ter abraçado, deraõ-me „ o nome de Uriel da Costa. „ Isto he o que diz da morte tragica de Costa.

„ Parece que foi composto este Tratado por „ Gabriel, ou Uriel da Costa pouco antes de se „ matar. Como queria absolutamente vingar-se „ de seus parentes, resolveo matar seu Irmaõ, „ ou seu primo, pois naõ se sabe qual delles. „ Parecia-lhe serem este Irmaõ, ou este primo „ os Authores de todos os seus trabalhos. Neste

pro-

„ projecto, como entrava em sua casa, atirou-
„ lhe com huma pistola; mas errou o tiro; e
„ fechando bem depressa a porta de seu quarto,
„ e vendo que estava descoberto, tomou outra
„ pistola, que guardava para este fim, descarre-
„ gou-a na sua cabeça. Achou-se este Tratado da
„ Vida Humana no seu quarto, e eu achei hum
„ Exemplar por entre os Papeis de meu segundo
„ Tio Simaõ Episcopio. „

Combinando o tempo, em que o Medico publicou o seu Livro sobre a Immortalidade da Alma, que era em 1623, e o tempo, em que foi Costa excommungado, o que succedeo duas vezes, he de crer, que morreo em 1645.

MEMORIAS

Sobre o Elemento Terrestre.

SE nos quizessemos cingir ao que tem dito os antigos Filosofos, e a maior parte dos Modernos ácerca da Terra, considerada como hum Elemento, ou hum dos primeiros principios da composiçaõ dos córpos, com pouco se esgotaría o assumpto, que vamos tratar; mas graças ás eruditas averiguações de Mr. Reaumur, que nos ultimos Seculos se tem vulgarizado, e aprofundado mais, estamos em estado de fazer idéa clara, e maior deste objecto da Fysica.

Aristoteles, e os Filosofos, que lhe succedêraõ, consideraõ a Terra, como hum ente simples,

naõ com aquella ſimplicidade, que ſó pertence aos atomos, porém com a ſimplicidade ſecundaria, que exclue toda a uniaõ com as mais ſubſtancias Elementares, conhecidas com o nome de Ar, Fogo, e Agua. A Terra tomada neſta accepçaõ naõ ſe vê em parte alguma; até naõ talvez no Centro do noſſo Globo, onde ſeu pezo, e a preſſaõ dos meſmos, ou outros Elementos, que a cercaõ, e tem cativa, e livre de movimento, ou nos vaſos chymicos, depois das operações feitas conforme as regras da Arte. He toda a vantagem, que ſe lhe póde dar ſobre as outras ſubſtancias Elementares, que ſempre ſe achaõ miſturadas com córpos heterogeneos; debil vantagem na verdade! pois que ainda ſuppondo a ſua realidade, nem por iſſo nos he facil determinar ſeguramente, e por experiencias immediatas á Natureza, e propriedades deſte Elemento.

Com tudo bem concebemos, que a Terra pura, e ſimples deve ſer mais pezada, mais denſa, e mais fixa do que os outros Elementos. Pelo que vemos, que os córpos, que participaõ deſtas qualidades em maior gráo, quaes ſaõ as pedras, e os metaes, contém á proporçaõ mais ſubſtancia Terreſtre. Se a Terra ſe compara no meſmo eſtado em que a vemos, e miſturada com varios córpos eſtranhos, como Fogo, Ar, e Agua, facilmente ſe perſuadiráõ do ſeu maior pezo a reſpeito deſtes tres Elementos: o Fogo naõ tem pezo ſenſivel; o Ar ſeparado das materias aquoſas, e Terreſtres, que pódem alterar a pureza da Terra, ſe poem conſtantemente ſobre ella: a Agua toma o ſegundo lugar, e a Terra em fim abandonada a ſi meſma fica ſempre mais perto que he poſſivel do Centro do noſſo Globo. Tal he a Ordem,

que

que obſervamos na Natureza. A Athmosfera cerca o Globo Terreſtre de todas as partes, a maça das aguas formaria em róda della huma ſegunda camada, ſe a maõ do Creador naõ tiveſſe cavado profundos abyſmos, que lhe ſervem de tanque. A ſua fluidez lhe embaraça de ſe conter nos ſeus meſmos termos: huma experiencia groſſeira lhe demonſtra em pequeno eſta verdade. Se em hum vaſo tranſparente ſe lança Agua, e Ar, ſe poderá miſturar confuſamente movendo o vaſo. Porém acabada a agitaçaõ, a Terra ſe ſeparará da Agua, e do Ar, e hirá ao fundo do vaſo, o Ar occupará a parte ſuperior, e a Agua tomará lugar entre huma, e outra.

O exceſſo do pezo reſpectivo no Elemento Terreſtre, procedido do exceſſo da ſua denſidade, he a próva. A denſidade de hum corpo naõ he outra couſa mais do que a quantidade da ſua materia, ligada com menor volume do que o de hum corpo mais ralo, ou menos compacto. Toda a materia tem partes igualmente ſólidas, e naõ tem a eſte reſpeito differença alguma entre os atomos, cujas moleculas de Agua, e de Terra, ou Ar ſaõ compoſtas. Porém eſtas partes ſó idas naõ eſtaõ igualmente unidas humas a outras em todos os córpos. Deixaõ entre ſi intervallos, ou póros maiores, ou menores, que fazem os córpos capazes de occuparem mais, ou menos lugar, iſto he, que augmentaõ, ou encolhem o ſeu volume, e que lhes dá huma denſidade, ou raridade proporcionaes: conſequentemente ſe o Elemento Terreſtre he mais pezado do que os outros, como temos provado, tambem he mais denſo, e contém maior número de partes ſólidas, que ſó ſaõ capazes de concorrer para o pezo dos córpos.

Daqui se vê, que a definiçaõ, que Aristoteles deo do Elemento Terrestre, a quem chama hum Elemento secco, e frio, he insufficiente. Naõ se póde todavia negar, que estas qualidades lhe naõ convem. He necessario, que o principio da Terra seja secco, pois que se suppoem destituida de todo o intermedio aquoso. He ao mesmo tempo fria, porque se devem conceber as suas partes componentes como estreitamente unidas, e em perfeito repouso. Ora sabe-se, que naõ ha calor sem movimento.

Talvez me perguntem qual he a causa, que une as particulas de cada Molecula Terrestre? semelhantes questões devem passar por insoluveis. A força attractiva de Newton naõ bastaría para illustrar algumas extenções, que sejaõ as suas pertenções no Systema dos seus adoradores. He ventura, que esta casta de illustrações saõ inuteis ao progresso da Fysica, que se limita á consideraçaõ dos objectos sensiveis. As Moleculas da Terra Elementar como saõ absolutamente fóra de comprehensaõ dos nossos sentidos, naõ faremos baldadas diligencias para determinar a sua figura, e o principio de sua uniaõ.

Quanto podemos dizer em geral he, que os corpusculos materiaes saõ tanto mais proprios para se unir, quanto mais se parecem, ou se assemelhaõ mais á sua primeira simplicidade, ou se toquem entaõ pelas superficies mais analogas, ou se achem na Natureza menos córpos duros, e mais pequenos que elles para os encamarem, isto he, para os dividir, ou interromper a sua contínuaçaõ. As propriedades, que temos reconhecido na Terra, como principio, nos persuadem, que as partes componentes saõ taes, que he necessario,

que ellas sejaõ, para procurar entre ellas a mais perfeita uniaõ, e formar Moleculas mais compactas do que as dos outros Elementos. Segue-se daqui, que a Terra deve ser a base, e principio de todos os córpos solidos, e que póde prender, ou suspender a actividade do Fogo, do Ar, e da Agûa, que se lhe insinuaõ nos póros, e que faráõ entre si huma guerra eterna: se as suas forças naõ fossem temperadas, divididas, amortecidas pelo obstaculo, que as Moleculas Terrestres lhe oppoem. Esta resistencia dá lugar ás differentes combinações das substancias Elementares, donde nascem diversos ajuntamentos, ou mistos, que tomaõ o nome da Terra commum, arêa, sal, pedra, metal, e mais fossis; de plantas, e outras producções do reino Vegetal, e por fim de córpos pertencentes ao reino Animal: verdadeiros objectos da Fysica, que hiremos successivamente tocándo.

Ve-se primeiramente, que pelo nome da Terra commum entendemos a Terra tal, qual se apresenta aos nossos olhos, misturada com huma infinidade de córpos heterogeneos, como tambem o Ar, o Fogo, e a Agua sensiveis. Neste estado a Terra conserva as suas propriedades genericas, que temos indicado, e que consistem em hum gráo superior de gravidade, densidade segura, e firmeza, que se naõ acha nos outros: assim tenho jus a chamar Terrestres a todos os córpos, em que acho unidas taes qualidades: Por consequencia a arêa, os saes, os enxofres, de que trataõ alguns Fysicos, e principalmente os Chymicos, saõ Elementos distinctos; e naõ se me figuraõ, senaõ como especie de Terra, que na verdade differem entre si por attributos distinctos, mas que convem

vem no genero, e propriedades principaes.

A Terra sensivel tomada na accepçaõ, que lhe demos aqui ainda naõ he a Terra propriamente tal, onde vegetaõ as plantas. Esta ultima naõ he mais do que huma especie da primeira, assim como as arêas, e os saes saõ outra especie. Esta divisaõ em tres classes he de Mr. Reaumur, que mostra com muita distinçaõ os seus differentes caracteres. Naõ podemos instruir melhor os nossos Leitores, do que cingindo-nos aos principios deste habil Fysico, e seguir a sua explicaçaõ. Poem as arêas na primeira classe, os saes na segunda, e a Terra pura na terceira. As arêas saõ grãos, ou pequenos córpos asperos, inflexiveis, mais transparentes, ou menos opacos do que os grãos da Terra, e impenetraveis á Agua. Os saes se compoem de chapas angulares, delgadas, e porosas, pelas quaes a Agua se embebe de modo, que as appropria, dissolve, e depois parece formar com ellas hum corpo ao todo. Os enxofres contem varias materias proprias para alimentarem o Fogo. A Terra he esponjosa, isto he, traspassada de infinitos póros, que a fazem igualmente penetravel á Agua, sem que este ultimo Elemento lhe desfaça o nexo. Daqui provem, que a Terra embebida augmenta de volume, e torna á sua antiga dimensaõ, quando se secca.

Estas propriedades distinctivas fundaõ-se na experiencia. Se se enche hum vaso de arêa pura, e se rega pouco a pouco até a Agua nadar, á superficie da Agua naõ se elevará, antes se abaixará hum pouco, no caso que a Agua desarrume alguns grãos de arêa, ou os leve comsigo, como he facil de perceber, que succede, pelos espaços vazios, que ficáraõ entre os grãos. Se esta Agua

se

se faz evaporar, a superficie da arêa fica na mesma elevaçaõ, que tinha antes de molhada. Por mais, que moaõ a arêa, ainda que a reduzissem a pó imperceptivel, a Agua naõ penetrará mais a substancia dos seus grãos, que sendo examinados com cuidado, pareceráõ semelhantes a fragmentos de crystaes, ou seixos transparentes, cómo crystal, polidos, e de huma contextura muito compacta.

Pelo contrario se o vaso se enche de Terra secca, e depois se humedece, achar-se-ha, que a maça de Terra augmenta de volume, ou que occupa maior espaço do que antes; mas deixando-se evaporar a Agua, que a penetrava, tornará a unir se, e a ter a sua primeira dimensaõ, como fariaõ os grãos dos Vegetaes, serradura de madeira, ou outras materias esponjosas Deve-se pois considerar as Moleculas da Terra commum, cómo compostos de partes mais flexiveis do que as dos grãos de arêa, e susceptiveis de huma certa separaçaõ, quando se lhes embebe a Agua.

Funda Mr. Reaumur esta asserçaõ em outra nova próva, que tira desta especie de reproducçaõ da Terra, de que todos os dias somos testemunhas. Os córpos, em cuja formaçaõ a Terra tem tanta parte, expoem aos nossos olhos, quando se analysaõ, o principio Terrestre, que contém: a madeira, as folhas, o feno, o esterco se mudaõ em Terra, de que os Jardinheiros fazem camadas; e a Terra com a influencia do Ar por dous, ou tres annos fica do mesmo modo, que a Terra ordinaria: Por este modo estercando os campos se lhes dá cada anno a substancia, que lhes tirou a sementeira, ao menos em parte devendo-se o mais da restituiçaõ aos depositos, que

deixaõ a Agua, e o Ar. A analyse das plantas de que acabamos de fallar, he effeito da fermentaçaõ, ou para melhor dizer da putrefacçaõ, que depois de ter dividido as suas partes faz evaporar os enxofres, e saes volateis, que continhaõ. Quando a divisaõ, e a evaporaçaõ se tem adiantado muito, o que resta he Terra, cujas partes naõ differem das partes esponjosas das plantas, senaõ em estarem purificadas dos enxofres, e saes volateis, e terem sómente retido os enxofres, e saes mais fixos. O movimento de fermentaçaõ, ou de putrefacçaõ, em vez de destruir o tecido esponjoso dos corpusculos Terrestres, naõ póde deixar de augmentallos, e multiplicando-lhes os póros, e aperfeiçoando a flexibilidade de suas partes sólidas. As substancias Vegetaes, e Animaes, sujeitas ás operações Chymicas, daõ muita Terra em tudo semelhante ao residuo dos córpos purificados, como mostraremos a seu tempo.

Póde-se em certo modo segurar com os proprios olhos da qualidade esponjosa da Terra. Desfazei huma porçaõ em hum cópo de Agua, quando remecheis o vaso, fica a Agua turba, e se o pondes a assentar, vedes descerem os grãos de Terra para o fundo do vidro na fórma de fios, ou maças esponjosas, semelhante ás que nadaõ no leite coalhado, ou que compoem a neve. Naõ succede o mesmo, quando se deita arêa na Agua. Outra experiencia. Tome-se arêa muito fina, e molhe-se em Agua bastante, para fazer huma especie de bolo, que se porá sobre huma lage. Notareis, que no mesmo instante se cobre a superficie da arêa de huma pouca de Agua, que só se podia demorar nos intersticios dos grãos

Se.

Se fazeis outro bolo igual com Terra, a Agua naõ virá á superficie, porque achará lugar dentro nos mesmos grãos, donde naõ póde sahir senaõ pouco a pouco por meio da evaporaçaõ.

Logo a Terra commum póde formar huma especie de maça differente da arêa: esta segunda propriedade he huma consequencia, e nova próva da primeira: he analoga, conforme Mr. Reaumur, com a ductilidade, ou malleaçaõ dos metaes, e a isto devemos o preço commodo da louça de barro, hum official destro póde com muita facilidade dar a huma maça informe de Terra, a figura que quizer.

Mas nem todas as Terras saõ igualmente ducteis: daqui vem a distinçaõ das Terras pingues, e das Terras pouco substanciosas: as ultimas se chegaõ mais á natureza da arêa, ou contém maior porçaõ della: Ora a arêa por mais miuda, qualquer fim se lhe supponha, sempre lhe falta aquelle oleoso, que a faz ductil: o vidro pizado naõ he mais, que hum amontoado de saes, e grãos de arêa, e naõ se lhe póde dar com Agua nem a simples consistencia da maça, mas esta falta de ductilidade a poem no número dos saes, porque a Terra, que foi salgada póde tambem ser amaçada, e estendida, como a Terra insipida.

Pelo que naõ basta, que o pó se componha de grãos summamente finos para, que possa formar huma maça ductil, destemperando-a em Agua. He além disso necessario, que as suas partes tenhaõ entre si hum tal grão de uniaõ, que quando se tiraõ de seus lugar misturando humas com outras se peguem tambem ás partes, que encontraõ, quando estavaõ antes as que tocavaõ, quando estavaõ quietas: o que nos póde levar a determi-

nar o genero de uniaõ, que une as partes componentes de arêa, e a que se acha entre as partes da Terra commum. O mero contacto das superficies deve produzir a uniaõ dos crepusculos, de que se formou a arêa, contacto, que póde destruir o menor movimento, e que naõ póde ser completo por quanto os grãos de arêa saõ asperos, e angulosos. As Moleculas Terrestres devem ser compostas de partes ramosas, retorcidas, e flexiveis, que formaõ hum tecido mais ligado, capaz de se deixar penetrar, e inchar pela Agua, sem se quebrar com facilidade. Por mais que tirem de seu lugar estas Moleculas pelo esforço de huma força superior, formaráõ novos enlaçamentos com as Moleculas homogeneas, que encontráraõ, e este ultimo tecido será taõ fórte, como o primeiro. Daqui se póde concluir com Mr. de Reaumur, que a Agúa misturada com a arêa naõ póde penetrar a substancia dos grãos, que a compoem: naõ póde fazer mais, que encher os intervallos, que deixaõ entre si, o que naõ augmenta a sua ligaçaõ, por causa da pouca viscosidade, que tem as Moleculas aquosas. Naõ succede o mesmo com a Terra: a Agua se embebe até ao amago dos seus grãos, e faz força para os inchar para toda a parte: obedecem a este movimento, que a flexibilidade das suas partes lhes permitte receber: e dilataõ-se principalmente para a parte, onde encontraõ menos embaraços, isto he, para sitios, onde se tocaõ menos. Inchando assim se topaõ huns com outros: os seus contactos, e entrelaçamentos se aperfeiçoaõ; n'huma palavra augmenta consideravelmente a tenacidade, e a maça.

Pelo que naõ devé admirar, se esta maça, quando

do se secca, as suas Moleculas tomaõ maior consistencia, do que tinhaõ antes de humedecidas; porque a evaporaçaõ da Agua naõ pode destruir o enlaçamento, que causou a introducçaõ deste licor. Assim a maça da Terra he mais dura quando secca, do que quando está molhada, o contrario do que succede a hum montaõ de arêa.

Convem reparar, que amollecendo a Terra, e augmentando a flexibilidade das suas partes, a Agua, que as penetra, e que as cerca ao mesmo tempo, necessariamente lhe augmenta o volume: mas tanto, que a maça Terrestre secca, os seus grãos flexiveis, e que se naõ pódem suster, destituidas do seu ponto de apoio se alluem, se chegaõ ás outras, e se poem em certo modo humas sobre outras, de que resulta a diminuiçaõ do volume total. Tudo succede differentemente com os grãos de arêa, porque a Agua naõ os póde cercar: quando ella se retira, estes grãos, que saõ asperos, e inflexiveis, só necessitaõ de alguns pontos d'apoio, e como o seu volume naõ se augmentou pela introducçaõ do liquido naõ se diminue pela sua evaporaçaõ. He verdade, que molhando hum monte de arêa, se tapaõ as rachas, que tem: he o effeito da desacommodaçaõ de alguns grãos, causados pelo movimento da Agua, que se distribue igualmente por todos os intersticios. Mas o retiro da Agua causa nova desacommodaçaõ, e os oucos deixaõ de ser regularmente distribuidos, e tornaõ a apparecer as fendas.

Por muito engenhosos, que sejaõ os expedientes de Mr. de Reaumur, para explicar a uniaõ, a ductilidade, e a qualidade esponjosa da Terra propriamente tal, com tudo póde-se julgar, que

es-

esta adhésaõ, que contractaõ as Moleculas Terrestres, amaçadas com a Agua, lhe provem tambem de huma pequena porçaõ de acido, que contém: porque diz elle, a Terra sigillada, que he huma especie de bolo, tem naturalmente certa consistencia, se desfaz facilmente, e se reduz a pó; e naõ tem a propriedade de se unir á lingua depois de distillada, e que se lhe tem tirado hum espirito da natureza do de vitriolo.

A Terra barrenta, que tem ainda maior tenacidade, tem sem dúvida esta propriedade á porçaõ de mucilagem, que contém; pois se se calcina de novo para depois a amaçarem, naõ tem tanta tenacidade, como tinha antes. Qual he a causa disto, senaõ o ter perdido grande parte da sua mucilagem, que o Fogo lhe consumio?

A Terra barrenta tem huma propriedade muito notoria; e he a de reter a Agua, a que he impremeavel quando foi molhada, e bem amaçada, e por isso se usa della para construcçaõ de tanques, de fontes, de poços, e de fundos de tanques &c. Para explicar este effeito singular, que até parece absurdo, e contradictorio, imaginou Rohault huma soluçaõ muito natural, e que logo occorre aos que reflectem sobre este ponto. Isto he, que penetrando a greda, a Agua leva com si os grãos mais finos, que assentaõ nos intersticios, por onde passa livremente, e que assim fechaõ a passagem á mesma Agua.

Mr. de Reaumur refuta esta opiniaõ reflectindo. 1. Que hum pedaço de barro secco, que se molhasse unicamente com o vapor de hum Ar humido, naõ seria capaz de depôr os grãos de Terra, e que no entanto a greda, assim humedecida,

da, podería suspender a Agua, como se estivesse molhada com huma grande quantidade deste liquido. 2. Se a cousa succedesse, como pertende Rohault, a passagem de Agua em hum leito de barro de alguns pés de grosso, naõ sería fechado senaõ até huma certa grossura deste leito, e este fluido penetraría facilmente as primeiras camadas, porque a passagem naõ se póde fechar no Systema deste Filosofo, senaõ aos sitios, em que se fez hum depósito sufficiente das partes Terrestres mais finas: Ora estas partes mais finas talvez naõ se possaõ levar, senaõ pelas camadas visinhas da superficie; do que se segue, que estas camadas visinhas deviaõ dar passagem á Aguá, assim como as camadas de arêa, o que he absolutamente contrario á experiencia. 3. Huma maça de greda, que huma vez tem detido a Agua, e viesse a seccar-se, se demoraria ainda quando se lhe lançasse nova Agua, o que naõ succede.

Desvanecem-se estas difficuldades, quando se reconhece a propriedade, de que temos provado a existencia: quero dizer a qualidade esponjosa da Terra, em virtude da qual se deixa penetrar, e inchar pela Agua; pois se concebe desde logo, que este fluido chegando a hum monte de barro secco, acha ao mesmo tempo grãos proprios para a receber, e espaços livres, que lhe permittem logo a avançar até huma certa profundidade. Mas logo depois estas passagens se fechaõ, porque a Agua, que se insinua nos grãos, os dilataõ, inchaõ, e forçaõ a applicar exactamente huns contra os outros, e a encher os vasios, que se achavaõ antes entre si.

Depois de ter mostrado, que a arêa naõ tem ductilidade, e que se naõ mingua seccando-se, Mr.

de

de Reaumur próva, que os saes saõ igualmente destituidos destas propriedades, que sómente convem á Terra propriamente tal. Nota primeiramente, que naõ ha sal concreto, que se naõ componha de partes mais miudas do que as da Terra, pois que estes saes desfeitos na Agua, se sustentaõ, em quanto as partes Terrestres vaõ ao fundo. Com tudo depois de ter formado chapas com differentes saes reduzidos a pó, e ligeiramente regadas com Agua, achou que algumas destas chapas, naõ diminuia o volume seccando, e naõ pode por consequente formar huma maça ductil. Fizeraõ-se as experiencias no Alumno, Vitriolo, Borax, Sal de Solda, e outros taes, que todos tem dado o mesmo resultado. Com tudo a Analyse Chymica próva, que os saes de toda a especie contém muita Terra, mas está taõ bem ligada com os espiritos volateis, que naõ conserva a propriedade, de que se trata.

Esta propriedade, que naõ escapou ás indagaçôes de Boerhavio, nos dá meio facil de descobrir a composiçaõ da maior parte dos Mineraes, e de conhecer em particular a quantidade de materia puramente Terrestre, contéúda em cada hum delles. Nesta ponto se tem feito muitas experiencias em pedras tiradas da pedreira de Charenton, em que se achou muita Terra ductil, e que endurece, que encolhe quando secca, e que estava misturada com alguma arêa: O que próva, que em certos córpos, em que entra a Terra, e retem alli as suas primeiras propriedades, que naõ conserva na outra. Os novos experimentos feitos em seixos de Marly o, persuadíraõ, que a nossa Terra ordinaria póde mudar de natureza, quando a materia crystallina tem penetrado os grãos.

O

O fructo, que se póde tirar das indagações de Mr. de Reaumur sobre a ductilidade das Terras, naõ pára em huma vã especulaçaõ, estende-se a objectos muito importantes de economia, e das Artes necessarias: he o que nos obriga a levar ao fim a Analyse da sua memoria.

Os oleiros, por exemplo, sabem por experiencia, que he necessario deixar seccar lentamente os vasos, que prepáraõ antes de os porem a cozer: sem esta precauçaõ quebraõ se facilmente, porque quando a humidade se exhala com muita brevidade, a camada mais proxima á superficie vindo a seccar antes dos interiores, se encolhe, de que se segue necessariamente huma separaçaõ, ou racha, no sitio da peça mais fraca. Vê-se que os vasos mais espessos saõ sujeitos a estes accidentes, que se deve renovar em cada camada, e causar varias fendas, ainda antes que a materia esteja inteiramente secca. Mas qual he o meio de embaraçar, que a louça seque com muita promptidaõ? Será esta. Convem misturar com a Terra certa quantidade de arêa, que lhe diminua a ductilidade, e a disposiçaõ, que tem para se encolher.

Os officiaes, que fazem modelos de Terra, devem tomar esta precauçaõ, e dar aos seus moldes hum excesso de grandeza, proporcional ao encolhimento, que a Terra experimenta seccando, sem o que, faltaráõ ao fim, que elles se propoem, em hum certo genero de obras, cujo volume foi determinado.

Esta propriedade da Terra merece principalmente huma attençaõ séria, na construcçaõ das paredes de revestimento, que saõ de grande despeza, e que consequentemente convem fazer taõ

só-

sólidas quanto possa ser, para que durem muito tempo, e sejaõ menos expostas a concertos. Parece que antes de Reaumur, se naõ attendeo a esta importante circunstancia, de que se trata. Os Arquitetos sabem calcular os pezos, que as paredes de revestimento tem, que sustentar para embaraçar a ruina das Terras. Alguns, como Mr. Couplet nas Collecções da Academia, entendendo hir ao mais fórte, consideráraõ as Moleculas da Terra, como outros tantos de grãos de arêa de figura esferica, e por isso muito dispostas a rolarem; de fórte, que arrimando-se á parede, capaz com a sua solidez, de vencer o esforço destas bólas, entendêraõ, que com maior razaõ, huma semelhante parede sustentaría o resto de igual quantidade de grãos de Terra, cuja figura he muito differente, e tem muito menor mobilidade. Com tudo este calculo póde falhar, no tempo de grandes chuvas, que penetraõ as Terras até grande profundidade. E por isso as chuvas de trovoada, que vem depois de muita secca, saõ mui arriscadas para os muros.

He o motivo deste temor o inchamento das Terras, que estando antes seccas, vem a embeber-se de Agua. Naõ se conhece a medida do excesso de forças, que resultaõ, sómente se sabe, que he prodigioso: tal dilataçaõ he que daõ ás córdas forças para levantarem todo o pezo, que naõ a póde quebrar: dá a estas cunhas de madeira molhadas, e mettidas nas fendas dos mais duros rochedos, a força de os rachar, sublevar, e despegallo. Pelo que naõ he de admirar, que huma maça de Terra, hum pouco consideravel, inchada com a Agua, que a penetra, vença os maiores obstaculos.

He

He verdade, que a Terra, como outro qualquer corpo, que se esforça por encher maior espaço, do que antes occupava, dirige o seu principal esforço para a parte, onde encontra menor resistencia. Assim a Terra secca, posta em hum vaso destapado, quando se humedece, e incha, se eleva sobre as bordas do vaso, quando lhe naõ he permittido alargar-se para os lados. Do mesmo modo se hum muro de sucalco se oppoem á dilataçaõ das Terras, conforme a direcçaõ Horisontal, estas Terras se elevaráõ perpendicularmente. Convem porém notar, que o muro, e o vaso sustentaõ igualmente neste caso o esforço lateral da Terra, e naõ determinaõ o effeito do impulso para a parte superior, senaõ em virtude da reacçaõ; de sórte, que o sucalco se alue, e o vaso se quebra, senaõ tem força capaz de vencer esta força lateral. Imagine-se pois o esforço, que hum muro de revestimento deve sustentar em algumas circunstancias, supponhamos que huma camada de Terra secca, posta a déz pés de profundidade, se embebe d'Agua, a resistencia da parede do sucalco deve ser superior naõ sómente ao pezo de huma camada de Terra de déz pés de grossura, com hum comprimento igual á sua, e com largura maior, ou menor, conforme a extensaõ do leito de Terra deste feitio, mas tambem a tenacidade das partes Terrestres, seu encadeamento, e disposiçaõ para se estender em certa direcçaõ. Mr. Reaumur achou pela experiencia, que esta ultima força he muito mais consideravel do que he necessaria para sustentar o pezo de huma maça de Terra.

Conforme estes principios, naõ deve admirar, que huma parede de revestimento, menos que

naõ ſeja demaſiadamente groſſa, poſſa ſuſtentar-ſe contra o impulſo da Terra, que ſe dilata. Mas convem reparar, que, quanto mais areentas ſaõ as Terras menos ſe dilataõ; e como ha poucas Terras, que naõ tenhaõ aréa miſturada, tudo iſto diminuie outro tanto, a reſiſtencia, que a parede tem, que ſuſtentar. As Terras pingues ordinarias molhadas ſe dilataõ $\frac{1}{15}$, ou $\frac{1}{14}$, ou $\frac{1}{12}$: mas a humidade naõ as alonga ſenaõ $\frac{1}{29}$, ou $\frac{1}{30}$, e ainda menos nas Terras areentas, que vulgarmente ſe encontraõ.

A reſpeito das Terras pingues, tem huma circunſtancia, que diminue o effeito da ſua força de dilataçaõ, pois huma vez embebidas de Agua ficaõ impenetraveis, como vimos aſſima; aſſim as que ſe achaõ em certa profundidade, nunca ſe ſeccaõ tanto, que a força da dilataçaõ poſſa ſer toda: ſegue-ſe daqui, que o tempo mais favoravel para a conſtrucçaõ dos muros de ſucalco he quando as Terras, que haõ de ſuſtentar eſtaõ enſopadas de Agua: havendo eſta cautela, ſe as Terras ſeccaõ deixaõ vãos, e rachas, que daõ o eſpaço neceſſario para que o inchar deſtas meſmas Terras lhe naõ ſeja nocivo, quando tornaõ a humedecer; porém eſte remedio naõ conſerva muito tempo toda a ſua efficacia, porque as fendas, e rachas, de que temos fallado, ſe enchem pouco a pouco por córpos eſtranhos, que ahi poem os Ventos, e chuvas; e pelos deſarranjos, que occaſionaõ o andar dos Homens, e Animaes.

O melhor meio de conſervar os intervallos, que a Terra póde occupar inchando he pôr en-

tre

tre o muro, e a maça das Terras saibro, e pedregulho. Quanto á grossura das paredes de revestimento se vê pelas observações, que temos feito, que se deve regular, naõ sómente pela quantidade das Terras, que devem sustentar, mas tambem pela sua qualidade. Para isto sería bom fazer muitas experiencias sobre as extenções, de que saõ susceptiveis differentes Terras: tem sido já começadas por muitos Fysicos.

MEMORIA

Sobre a Origem da Impressaõ.

AS Cidades de Mayença, e de Harlem, ha muito tempo, que pleiteaõ entre si a glória da invençaõ da bella Arte de imprimir: talvez que a França tenha tanta justiça, como ellas? e he o a que se dirige esta memoria, expondo simplesmente os factos.

Carlos VI. Rei de França, que succedeo a seu Pai Carlos V. em 1350 de idade de 12 annos, e 9 mezes, adquirio huma molestia quasi contínua, causada por accidentes desgraçados, de que o primeiro em 1392 foi hum grande Sol, o segundo a inadvertencia de hum Principe de sangue, que querendo reconhecer em huma mascarada em 1392 os actores mascarados em salvagens, se aproximou muito com hum archote, e pôz o fogo aos vestidos enleados, que elles levavaõ. Esta molestia opprimia ao Rei de tempos a tempos, o que fez o seu Reinado infeliz, pe-

las facções, que suscitou o ciume dos Grandes do Reino, a fim de usurpar a authoridade.

Carlos se encerrou no seu Paço. Para se divertir nos momentos de saude, inventáraõ hum jogo, a que chamáraõ o jogo dos Reis, que era feito com chapas de prata, gravadas com as mesmas pinturas das Cartas de jogar, de que usamos hoje. Vimos nas contas huma quitaçaõ do Ourives do Rei ao Thesoureiro pela paga deste jogo.

Este jogo feito de chapas de prata, como era muito caro, para o poderem comprar os particulares, inventou hum Parisiense, chamado la Hire, o transportar estas figuras a papelões delgados, e Livros, que imprimio por meio de chapas de madeira, em que estavaõ de relevo as figuras, pelo modo, com que os Chinas imprimem ha muitos Seculos os seus Livros. Illuminou o fundo do que era impresso com cores, e em róda das figuras vestidas á maneira do seu tempo, e lhes pôz o nome das pessoas, que ellas representavaõ, e deo o seu nome ao valete de copas. Estas figuras, vestido, e nome se conserváraõ sem mudança até agora, como tambem o nome de baralho de Cartas ficou a esta invençaõ de la Hire.

O sabio Author sobre a lingua Celtica no seu Tratado sobre as Cartas de jogar, poem a sua invençaõ quatro ou sinco annos antes da morte do Rei Carlos V., que succedeo em 1380, e funda a sua opiniaõ no testemunho de Petit Joaõ de Saintre, que conta nas suas Chronicas, que os Pages deste Principe jogavaõ cartas, e dados. Eu entendo, que Saintre se divertia escrevendo isto: Diz o mesmo Author, que o nome de la Hire, que está no baralho de cartas no valete de copas, he o famoso Estevaõ de Vignoles, chama-

do la Hire, que com o seu valor contribuio a arraigar o Throno pouco seguro de Carlos VII.: he o que se naõ pode imaginar, porque o famoso la Hire morreo em 1447. Por outra parte naõ se lê, que elle tivesse taõ grande reputaçaõ no Reinado de Carlos VI., e menos no de Carlos V., cuja morte precedeo á deste famoso guerreiro 67 annos; e de mais isto naõ concorda com o que diz Saintre, que diz, que os Pages deste Principe jogavaõ cartas, e dados.

Quanto aos tres Heróes, que representaõ os outros tres valetes, como Hogueir pelo cavallo de espadas, Hector pelo de ouros, e Dulac, ou Lancelot para o valete de páos, a que os Fabricantes de Cartas substituem os seus nomes, estou na opiniaõ do mesmo Author.

As próvas de que os baralhos de Cartas foraõ inventados no tempo de Carlos VI. saõ em primeiro lugar os vestidos das figuras, bem que grosseiramente representadas conforme a moda daquelle Seculo, que naõ tem mudado nas Cartas.

2. Antes deste tempo naõ se vê Ordenaçaõ, nem Regulamento ácerca do jogo, que reina depois da sua invençaõ.

3. Entre os Canones de hum Synodo, célebrado em 12 de Junho de 1523, por Harduin de Baut, Bispo de Angers, ha hum, em que recommenda principalmente, que se naõ jogue senaõ com as Cartas, que la Hire inventou para divertir Carlos VI.: antes deste Synodo naõ se encontra Regulamento algum.

Tambem se póde segurar, que este jogo foi inventado em França, pois que os Sceptros, como tambem as Coroas dos Reis, e das Sotas saõ ornodas com flores de liz, e tem os vestidos

femeados dellas, o que até agora naõ tem tido alteraçaõ.

Efte jogo naõ tardou em fe efpalhar por toda a Europa. Thomaz Connecte, Carmelita, Prégador de muito nome, eftando em Flandres em 1428 depois de têr prégado com grande vehemencia contra a corrupçaõ dos coftumes, queimou com a fua propria maõ em hum cadafalfo os ornatos exceffivos das damas, os dados, e as cartas, como conta Paradin. Pancirollo conta de Jaraõ Mainus, nafcido em 1425, e que veio a fer hum dos mais célebres Jurifconfultos do feu Seculo, que fendo enviado a Pavia para eftudar Direito, perdeo todo o feu dinheiro ao jogo das Cartas, e que para fe fuftentar foi obrigado a vender os Livros, que eraõ manufcriptos, e de grande valor.

As Cartas deraõ occafiaõ a Lourenço Caftor, Cidadaõ de Harlem em Hollanda, para applicar a invençaõ da impreffaõ. Sabendo Caftor o modo de as fabricar, e vendo os nomes impreffos em torno das figuras, como David, Carlos Magno, Cefar, Alexandre &c.; fe lembrou de fazer chapas de madeira, e de imprimir como fe fazem as Cartas as reprefentações dos fete Peccados Mortaes, que illuminou, e pôz por baixo Verfos Flamengos em cada Eftampa. Quando vendeo eftas Eftampas imprimio outras, em que pôz dous Verfos Latinos em lugar dos Flamengos. Naõ tenho noticia de algumas Eftampas mais antigas. Efta arte foi depois aperfeiçoada por Alberto Dure, e Lucas de Leida pelos fins do 15 Seculo.

Debalde tem alguns adiantado, que efta invençaõ veio da China trazida por Marco Paulo, Veneziano, célebre viajante, que foi o primeiro Eu-

Europeo, que penetrou a eſtes Paizes, donde trouxe á Europa a Arte de imprimir com chapas de madeira, uſada ha muitos Seculos neſte Imperio, quaſi quinhentos annos antes da invençaõ das Cartas de jogar. Nenhum dos Criticos produzio até agora para ó provar Obra alguma impreſſa neſte longo intervallo.

Lourenço Coſter alentado com o bom ſucceſſo das ſuas eſtampas, ſe alentou a adiantar a ſua Arte até chegar a imprimir Livros. Imprimio em 1440 com chapas de madeira, em que eſtavaõ relevadas as letras, hum Livro, que tem por titulo *Speculum Salvationis Humanae*: as folhas eſtaõ ſómente impreſſas de huma parte, e colladas duas a duas pelas coſtas, que naõ he impreſſa. Mr. Marachal de Etrees teve hum Exemplar. Reimprimio-ſe depois, na Biblioteca de Sorbonna ha hum exemplar, mas em nada he parecido com o primeiro nem na antiguidade, nem no tamanho, nem no papel, e caracteres.

Conſerva-ſe com muito apreço na Camera da Cidade do Harlem hum exemplar deſte Livro, impreſſo por Lourenço Coſter, e iſto por honra da Pátria, que deo naſcimento a eſte Cidadaõ, cujo genio feliz lançou os fundamentos deſta Arte, que os Seculos vindouros naõ poráõ em eſquecimento. Os deſta Cidade eſtaõ taõ capacitados, que mandáraõ eſcrever ſobre a porta de Coſter huma Inſcripçaõ mui pomposa de ſeis Verſos Latinos, que acabaõ.

Extulit hic, monſtrante Deo, Laurentius artem
Diſſimulare Virum, diſſimulare Deum eſt.

Deſgoſtado Coſter do trabalho, e de abrir caracteres em relevo em taboas de páo, inventou para forrar trabalho o fazer o meſmo com letras deſ-

despegadas para se porem humas ao lado das outras. Morreo antes de aperfeiçoar a sua invençaõ: o seu creado Fauſt, ou Fuſt Gens Flich, que o ajudava nas suas obras, levou esta invençaõ, e caracteres a Mayença, onde se associou com Pedro Schoffer, e Joaõ de Guttemberg em 1450. O primeiro Livro, que imprimíraõ foi hum Psalterio, depois o Racional de Durand em 1450. A Cidade de Santo Agostinho, e os Officios de Cicero em 1466 &c. impressos em caracteres redondos, ou Romanos, o que deo o nome aos caracteres conforme as suas grossuras, que ainda hoje conservaõ de Santo Agostinho, e de Cicero. Estas primeiras Obras impressas em caracteres moveis persuadíraõ a muitos Sabios, que a Arte de imprimir foi inventada em Mayença.

Tendo depois Fauſt impresso a Biblia em caracteres Gothicos, que entaõ se usavaõ muito, e se conserváraõ em Alemanha mais do que em outra parte, mandou a Paríz em 1420 muitos Exemplares deste Livro por Ulrico Gerins, Martin Krantz, e Miguel Friburger, para os vender como Manuscritos. Venderaõ-se ao principio por mais de 60 escudos, e depois por 50 sômma consideravel para aquelle tempo. Admirados os compradores da perfeita semelhança destes Exemplares em todas as suas partes (pois julgavaõ, que eraõ escritos de maõ) quizeraõ accusar os vendedores de feitiçaría; depois os que lhe ensináraõ o modo com que eraõ impressos, e conhecêraõ a facilidade, trouxeraõ os Alemães á Justiça pelo grande preço, que tinhaõ acceitado pelos seus Livros, mas foraõ absolvidos no Parlamento de todo o Processo. Krantz, e Friburger, se voltáraõ á sua Pátria, e só Gering ficou em Paríz nas

vi-

visinhanças da Sorbonna, e se associou com Moynial, e depois delle com Rembold: Vio se depois Badío Ascencio, Henrique Estevaõ, Vascosan, Colines, e outros Impressores recommendaveis pela sua erudiçaõ, que todos se estabelecêraõ na rua de S. Jacques, onde até agora se tem conservado os Livreiros.

Os de Strasbourg pertendem, que hum Cidadaõ seu chamado Montel inventou entre elles a Arte de imprimir: mas nunca o podêraõ provar com algum Livro impresso.

O uso de imprimir em caracteres Gothicos se conservou até ao fim do 15 Seculo. Entaõ Amer Bach sábio Impressor de Balse na Suissa tornou a usar em 1481 de caracteres redondos, ou Romanos, e Gerardo de Flandres em 1492 em Trevise em Italia usou de sórte, que todas as Nações adoptáraõ commummente o seu exemplo.

Ha hum Psalterio em 8. em caracteres redondos sem data, nem fronstispicio, e que tem todos os sinaes de antiguidade nos caracteres, papel, encadernaçaõ &c., e certamente he huma das primeiras tentativas de Faust em Mayança. No principio deste Livro se lê em letras Gothicas feitas á maõ. *Nerennius Scripteur de l'Université*, e em baixo: *primiere impression.* Este Livro certamente foi trazido a França por Ulrico Gering com as Biblias, que vendeo, e fez presente a este Nerennius. Dom Brice, sábio Benedictino, segura na Biblioteca Imperial havia outro Livro semelhante, e que Lambecio, que era o Bibliotecario tinha feito mençaõ delle na Historia, que fez desta Biblioteca. Naõ se tem até agora descoberto outro, que lhe disputasse a antiguidade.

Até agora nenhum Author disputou aos Fran-

ce-

vezes a antiguidade do jogo das Cartas, e para persuadir disto saõ sufficientes as próvas, que tenho dado: sabendo como ellas se imprimiaõ com nomes, he facil imaginar meios de dividir, e de multiplicar os caracteres, e fazer paginas inteiras; pelo que veio a ser hum Francez o primeiro, que deo Origem á Impressaõ, ou que lançou as primeiras sementes della. Ninguem até agora póde citar hum Livro impresso antes de 1440. Mr. Naude nas Addições sobre Filippe de Comines aponta 8 com os seus titulos, e com as suas datas: os mais antigos de 1052: os outros de 1083, 1366, 1370, 1400, 1401, e dous de 1418. Mas todos assentaõ com Mr. Naudé, que estas datas saõ falsas, e que as falsificou a malicia, ou ignorancia dos Impressores, e que estes Livros foraõ impressos no principio do 15 Seculo.

Confesso que huma parte das opiniões, que exponho sobre a origem da Impressaõ, naõ se conforma com a de Malineroz, de Metaire, de Chevillier, que escrevêraõ sobre este ponto. Mas tambem he necessario confessar, que o ciume das Nações deo origem nesta materia a huma multidaõ de opiniões, que he taõ impossivel conciliar, como illustrar; pelo que assentei, que o melhor era parar no mais verosimil.

DIS-

DISSERTAÇAÕ

Sobre as Canas de Assucar, tirada da Historia da Jamaica de Browne.

NAÕ he provavel, que os antigos tivessem muita noticia desta planta: o seu Saccharum, ou Saccharmambu he com mais probabilidade a producçaõ desta grande Cana espinhosa, que na maior parte das Provincias Orientaes da America dá aquelle succo delicioso, a que chamaõ Blambu. Esta planta cresce commummente nos Cantões da Asia, que se estende ao longo dos Mares Orientaes, e sempre se conheceo, que davaõ aos habitantes deste Paiz huma bebida agradavel, que algumas vezes embebeda. Mas como ha poucos vegetaes, cujo succo tenha esta qualidade, antes de ter fermentado, e as mais producções desta planta naõ tem final algum de natureza narcotica, póde-se concluir, que este Povo nunca costumou fermentar este summo: mas se isto succedeo em quanto o licor corria ainda da arvore (pois naõ temos outro fundamento para imaginar, que se tirasse algum tempo por incisaõ) ou se o faziaõ de proposito, he o que naõ consta: he com tudo provavel pela quantidade, e apparencias do assucar dos Antigos, que elle naõ era outra cousa mais do que hum Oleo coagulado, e os saes essenciaes desta parte do sumo, que continuava a distillar-se por incisaõ, depois que acabava de correr o principal, e que se crystalliza-

va

va em roda da cicatris, e ao longo do corpo da Cana; ou tambem a producçaõ de huma pequena quantidade de ſumo expoſto á acçaõ mais violenta do Sol, ou do fogo. Porque a apparencia gommoſa, e a forma dura com que no-lo pintaõ ſervem igualmente a provar-nos que eſta he a ſua natureza, e ſe conſideramos as várias deſcripções, que nos tem deixado os Authores Latinos mais exactos do ſal, e ſumo deſta planta, naõ temos razaõ para duvidar que naõ ſeja eſta meſma.

A verdadeira Cana de Aſſucar parece ter vindo originariamente das Ilhas Canarias, e terem della os Europeos a primeira noticia no tempo dos Romanos, pois ſe ſe faz reflexaõ no que diz Plinio da relaçaõ, que deo Juba das Ilhas affortunadas, naõ nos fica fundamento de o duvidar: com tudo muitos Seculos depois he que foi melhor conhecida, e cultivada, e provavelmente continuou eſta negligencia, até que os Heſpanhoes, e Portuguezes começáraõ a commerciar pelas coſtas de Africa, e tiveraõ occaſiaõ de hirem muitas vezes a eſtas Ilhas, donde trouxeraõ eſta planta primeiro a Heſpanha, e Portugal, onde ſe cultivou com muito cuidado, como tambem nas ſuas Colonias. Mas ainda que ſe fizeſſe Aſſucar em muitas partes, principalmente na Madeira, S. Thomé, e Ilhas Canarias, nunca ſomos baſtecidos dellas na Europa antes que Colomb deſcobriſſe a America, e alli ſe introduziſſe, e cultivaſſe eſta planta, como o foi neſte tempo em muitos ſitios das Indias Orientaes, e pela Coſta de Africa, onde agora ſe cria quaſi ſem cultura, em todos os terrenos ricos, e ferteis.

A cultura deſta planta que occupa agora a maior parte dos habitantes das Colonias Meridionaes

naes da America, e faz o ramo mais consideravel das mercadorias, que exportaõ, merece a nossa attençaõ.

Para ser bem succedida a cultura das Canas do Assucar, e para a reger de modo que possa corresponder ao nosso trabalho, e esperanças; deve ser fertil, e profundo o terreno que se escolhe para plantar: deve ser compacto, a terra limpa, a exposiçaõ quente, e posta de modo, que haja esperança de lhe cahir moderada chuva, e orvalho, naõ muito distante do mercado, ou porto de embarque. Tendo assim escolhido o terreno, e tendo-o sorribado, e apparelhado para se lhe plantarem as Canas de Assucar, ponderai depois quaes saõ as vossas forças, e que porçaõ de terra podereis cultivar todos os annos: quantas geiras de canavial podereis fabricar, e assim podereis repartir a vossa terra em quatro, sinco, ou seis folhas: mas podereis abranger mais depois de persuadido pelas vossas observações, de que o terreno he bom para esta casta de plantas, e que produz bem.

Preparado assim o vosso terreno, e repartido assim nas peças competentes em certas distancias humas das outras, começareis a cavar, e continuareis gradualmente a abrir o terreno, até chegar a estaçaõ de plantar, e que a vossa terra esteja bem movida. Para que huma peça de terra seja regularmente guarnecida de vallas, como se tem notado, que fazem regularmente os melhores plantadores, devem ser tiradas ás cordas, e reparadas em taboleiros de quasi tres pés de comprimento, que se marcaõ com páos, ou varas, que se lhe cravaõ em distancia de tres a tres pés: por este modo se acha todo o campo repartido em pequenos taboleiros, ou areas, que contenha cada hu-

huma fete, ou nove pés quadrados, conforme a diftancia efcolhida. Cavaõ-fe todos feparadamente, e fe lhes levanta a terra para as bordas no efpaço, que fepara as vallas, ou foffos: mas raras vezes fe cava mais fundo que quatro, ou finco polegadas da fuperficie.

Efta planta fe multiplica com pés, e os que a cultivaõ com cuidado poem fempre á parte as Canas para lhes darem plantas depois da eftaçaõ: tiraõ fe regularmente da terra, e fe cortaõ em juncos proporcionados á largura dos foffos: as milhores plantas para efta operaçaõ faõ as que fe tiraõ do cume da Cana, que fe corta por modo que tenhaõ dous olhos bem vivos de huma parte, e três da outra, pois fempre fe cortaõ obliquamente: as plantas tiradas do corpo da Cana devem ter tres olhos de huma parte, e quatro da outra, porque faõ mais fujeitos a morrerem na terra. Plantaõ-fe eftas Canas no foffo, e fe affentaõ no fundo tres, ou quatro parallelas humas a outras, ou em triangulo. As terras magras querem quatro, ou ainda finco, mas duas, ou tres faõ fufficientes nas terras ricas, que faõ muito fofas. Convem notar, que as junturas fuperiores de Canas muito avançadas, ou as que faõ cubertas de folhas, e ainda tenras faõ as milhores, e de que fe ufa fempre quando fe plantaõ pelo fim da eftaçaõ da colheita. As plantas affim difpoftas fe tornaõ a cobrir com a terra que fica nas bordas, mas raras vezes fe lhes poem mais de duas polegadas de groffura em todos os terrenos feccos, e leves, deixa-fe o refto para plantar de tempos a tempos, onde fe arrancaõ más hervas. Nas terras fortes, e argilofas he neceffario fazer as vallas hum pouco profundas, e por entre as plantas, e o fundo huma parte da terra,

ra, que fica nas bordas: o resto se emprega em cobrir a planta da grossura de duas, ou tres polegadas, o que deixará sempre a superficie do terreno de nivel.

A melhor estaçaõ para plantar as Canas de Assucar he pelo mez de Agosto nos sitios, onde a terra he compacta, e fria: mas he de notar, que os mezes de Setembro, e Outubro saõ melhores para terras limpas, e quentes, como he commummente quando he profunda, e está sobre marne, ou saibro: entaõ pode-se esperar que as Canas amadureçaõ no principio do segundo anno, que he a estaçaõ ordinaria, e mais favoravel para fabricar o Assucar. O resto deste anno, e o principio do seguinte se empregaõ ordinariamente em fazer as obras necessarias, e mais commodas, se já naõ estaõ feitas: nas estações seguintes se abrem vallas, e planta outra folha, ou divisaõ de terras, que se quer aproveitar, e se apparelha tudo quanto he preciso para fabricar o Assucar com tempo na estaçaõ seguinte.

Mas quando o terreno tem sido aberto, e aproveitado requer geralmente maior cuidado, se se quer que corresponda á nossa esperança. He conveniente deixallo descançar, estercallo, ainda que raras vezes falte em retribuir o trabalho. Deve-se pôr cuidado particular em lhe proporcionar o adubo á natureza do terreno. O esterco, a arêa, e as misturas convem a toda a casta de terra magra; mas tem-se sempre notado que as cinzas, e a cal eraõ excellentes para accelerar a vegetaçaõ nas terras frias.

Chegada a estaçaõ, e disposto tudo para o trabalho, se distribuem fouces aos negros, e se mandaõ ás roças mais maduras cortar Canas: fazem

es-

esta operaçaõ com maravilhosa destreza, cortaõ as plantas rés da raiz, e até rabem as cabeças lançaõ os pés pela terra sem ordem; outros vem depois juntallas, e atallas em molhos, e por fim vem outros, que as carregaõ em carros, ou outras cargas para hirem a moer, onde se lhe expreme o sumo moendo-as entre dous rolos, perpendiculares guarnecidos de aço. Cahindo o sumo no chaõ do moinho passa por hum cano para huma cisterna, e na sua passagem passa por hum pyneiro de cabello: nunca tiveraõ este cuidado na Jamaica. Cheio este tanque se lhe tira o licor por huma chave, que tem no fundo da cisterna, e da qui vai correndo por canos para outro grande tanque, ou immediatamente para a primeira caldeira a purificar se, que está assentada nos fornos: alli se filtra, e tempera o succo das Canas. Na Jamaica naõ se lhe faz esta primeira operaçaõ, mas a ultima sempre he necessaria, e se observa em todos os engenhos de Assucar: faz-se ordinariamente misturando-lhe huma porçaõ de cal forte com o succo das Canas, tanto que passa ao clarificador. Entaõ se lhe accrescenta o fogo gradualmente, e se continúa moderadamente até que subaõ á superficie grande parte das fezes, e porcaria, com que está carregado o succo das Canas, e entaõ se escumaõ com escumadeiras de cobre. Alguns o filtraõ com hum panno grosso, e commum; depois o fazem ferver nas caldeiras visinhas até tomar a consistancia conveniente. Mas durante esta operaçaõ convem conservar bom fogo, e mudar o licor gradualmente á medida, que engrossa, passando-o de huma caldeira para outra, até que chegue á mais pequena, em que o Assucar se aperfeiçoa, ao mesmo tempo que se enchem as

ou-

outras caldeiras com novo ſucco das Canas: mas como eſte licor ſóbe quando ferve, e ſe entornaria pelas bórdas, em quanto tem huma eſpecie de viſcoſidade, convem mechello continuadamente, e dar-lhe agitaçaõ violenta com as eſcumadeiras, ou grandes culheres, até fazer-ſe em grãos.

O ſucco das Canas differe muito conforme o terreno, e as Eſtações: quando a Eſtaçaõ eſtá humida, e o terreno, ou as Canas ſe tem criado em ſitios humidos, e frios o ſucco he aguado, e pouco forte: he neceſſario ferver mais tempo, e com fogo mais fórte; iſto o que obriga os plantadores da Jamaica, onde os ſuccos das plantas he ordinariamente fraco, o terem anticipadamente boa proviſaõ de lenha para ſervirem as ſúas caldeiras; quando o ſucco porém he doce bom, como ſuccede ordinariamente na Ilha de S. Chriſtovaõ &c., e as fezes, ou palha; iſto he, o páo, que fica depois de expremido, e que ſahe do engenho, quando ſe moem as Canas, muitas vezes baſta para ſervir as caldeiras, e lambiques, e o aſſucar começa muitas vezes a formar graõ na ſegunda caldeira.

Quando o licor tem adquirido a conſiſtencia preciſa, ſe lança a esfriar em vaſos de madeira largos, e pouco fundos, e depois que tem tomado conſiſtencia ſe lança em barricas, ou caixas, ou em potes, barríz, ou feichos, conforme a vontade, ou cómmodo do plantador. Eſtes vaſos ſe poem em eſtrados ſobre plataformas convenientes, e inclinadas, e por baixo tem calhas, ou tanques para eſcorrer os melaços, que continuaõ a correr por muitos dias por todos os buracos, e fendas dos vaſos; porque he conveniente fazer

escoadouros convenientes, para que o summo glutinoso possa escorrer: sem isto perder-se-hia o graõ de assucar, tanto como a sua côr, e consistencia.

Cortadas as Canas precisas, e fabricada a porçaõ deste genero, a que abrange as forças do Plantador, e quanto permitte a Estaçaõ, se torna a replantar, e limpar de novo. Mas quando o terreno he fertil, e abundante, este trabalho he muito menos penoso, porque os renóvos, que rebentaõ das raizes, que ficáraõ na Estaçaõ antecedente, muitas vezes sahem taõ vigorosos, e bellos, que ajudaõ muito a çafra do anno seguinte; e ás vezes saõ taõ bons, como as plantas principaes: nos melhores terrenos continuaõ muitas vezes a dar Canas por muitos annos, mas em terrenos mediocres naõ se faz assucar, senaõ com Canas do primeiro anno, e os renóvos, que saõ a producçaõ do segundo, servem taõ sómente para plantar, ou se deitaõ fóra.

Vamos agora ensinar o modo, com que se faz a Agua-Ardente de Cana, outro genero principal, que se saca desta planta admiravel.

Fallando da fábrica do assucar, a boa ordem, e a serie das operações me embaraçou o tratar da continuada addiçaõ do summo das Canas, que se faz constantemente nos vasos, que se enchem tanto que se despejaõ, e isto com huma successaõ regular desde os primeiros clarificadores, até á ultima caldeira, que está suspensa immediatamente sobre o fogaõ, para que com mais facilidade se maneje, quando he necessario, sem retardar a operaçaõ das outras caldeiras, ou sem retardar muito a rarefacçaõ.

Esta successaõ de trabalho de differentes caldei-

deiras, continúa até se acabar toda a ordem do dia, o que muitas vezes entra muito pela noite. Entaõ se lança a agua nas caldeiras gradualmente, e se lhes apaga o fogo, á medida que o licôr passa ás caldeiras com a agua, para as fazer mais aptas para o trabalho do dia. Este methodo se segue exactamente nas Ilhas de Sota-Vento, mas na Jamaica raras vezes se refrescaõ as caldeiras mais de huma vez por semana. Entaõ se faz passar as lavaduras em canaes, ou esquadouros, que conduzem as escumas do assucar, donde saõ levadas para hum depósito, feito depositadamente, que he a officina, onde se distilla.

O methodo geral, que se observa, e as dozes ordinarias dos ingredientes de que se compoem este licôr, chamado *Rome*, ou Agua-Ardente de cachaça, he o seguinte.

Toma-se a terça parte da escuma das caldeiras: hum terço de agua das lavaduras, e hum terço de barrella fria, e clara, para se aquentar tudo, e fermentar. Bem que esta seja a doze geral, de que ao presente usaõ, lançando-lhe alguns golpes de melaço; o distillador esperto póde variar estas dozes sem recear ser mal succedido. Quando se tem misturado estes ingredientes frios, e estaõ bem misturados, começa logo a fermentar, e em 24 horas está muito adiantado, e entaõ se lhe junta o de melaço, tres por cento; isto he tres canadas em cada cem de lavagem, ou licôr. Este melaço aperfeiçoa a mistura, engrossa a fermentaçaõ, e passadas mais 24 horas está o licôr capaz de receber a terceira, e ultima doze de melaço, que he quasi outra quantidade igual á primeira. Convem porém acautelar em lhe dar esta addiçaõ de melaço, antes que a fermentaçaõ diminua, sem o que o licôr ficaría len-

lento, e pouco activo, e naõ sahiría tanta porçaõ de espirito. A fermentaçaõ diminue pouco a pouco ao fim de quatro, ou sinco dias, e quando o licôr fica limpo, e lança para a superficie bollas de ar claras, e pouco frequentes, está capaz de se lançar no lambique, donde se distilla o espirito por meio de hum fogo igual, e constante, mas neste tempo he necessario conservar sempre agua fria no resfriador; pois quanto mais fria he, mais forte sahirá o espirito, em maior quantidade, e mais recozido.

Bem que esta seja a porçaõ ordinaria, e este o methodo de apparelhar os ingredientes, de que se compoem o *Rome*, muitos Plantadores, que distillaõ todos os annos huma consideravel quantidade deste licôr, misturaõ os seus ingredientes pelo modo seguinte: Lançaõ tres partes de agua, huma e meia de melaço, e outro tanto de borra. Esta composiçaõ requer muito tempo de fermentaçaõ, e dura ordinariamente de dez até vinte dias, e dá muito, e bom espirito. Outros que por negligencia, por accidente, ou por falta de officiaes tem grande quantidade de Canas ruins, fazem fermentar o seu succo, e usaõ delle para fazerem *Rome*. Mas este fermenta sufficientemente em tres dias, nem dá bom espirito, nem grande quantidade.

Os mais economicos em pontos de plantações, lançaõ ordinariamente duzentas medidas de *Rome* bem ordinario de cada tres alqueires de assucar: Esta porçaõ he sujeita a variações, conforme a qualidade das Canas, porque ha plantas, cujo succo he mais viscoso, faz mais escuma, e melaço, do que o de outras.

AVI-

AVISOS ECONOMICOS

Sobre o modo de curar os porcos.

O PORCO he hum animal muito eſtimado pela ſua manteiga, toucinho, e carne: he de muito uſo nas cozinhas, e hum dos maiores recurſos para a ſuſtentaçaõ dos camponezes, por cujo motivo quaſi naõ ha Terra, onde ſe naõ criem particularmente em Paizes, onde ha ſoutos, e devezas, porque as bolotas, caſtanhas, e outras fructas bravias, que eſtes animaes encontraõ, lhe daõ de comer muitos mezes com abundancia, e he alimento proprio para elles. Tambem ſe criaõ muitos nos campos, que naõ tem matos, mas eſtes daõ mais trabalho em ſe ſuſtentarem: Vamos tocar levemente o cuidado, que ſe applica ordinariamente na criaçaõ deſte animal, apontando o que póde ſer mais vantajoſo para tirar maior lucro.

De todos os animaes domeſticos he o menos aceado, e o mais glutaõ: he iſſaciavel, e tudo lhe ſerve: come indifferentemente carne, fructa de toda a caſta, graõ, hervas, raizes &c., e he como a cloaca vivente dos pateos. Eſta voracidade o faz malefico, até arriſcado para crianças ſe naõ ha cuidado nelles, maiormente quando naõ andaõ fartos.

Por outra parte o porco he de hum temperamento muito calido, e conforme o clima, em que ſe cria, e a natureza dos alimentos, que lhe daõ, o

vem

vem a ſer mais. Eſte calor faz com que beba muito, ſe banhe amiudo, e em falta de agua clara ſe eſpoja indifferentemente na lama a mais porca: he de ſaude robuſto, pouco ſujeito a moleſtias, e ſe algumas vezes a tem, he mais por falta de cuidado de quem trata delle, ou por negligencia em o ſuſtentarem bem.

Os porcos ſaõ muito fecundos, e multiplicaõ muito. As femeas, ſe ſe eſcolhem de boa raça parem tres, ou quatro vezes no anno, e de cada vez daõ nove ou déz bacoros, ha algumas, que parem treze. Algumas comem os filhos, logo que os parem, ſenaõ ha cuidado de lhes darem de comer no tempo de paridas. Tambem ſe deve ter cuidado de lhes dar entaõ farinha de ſevada miſturada com feno, que ſe tem desfeito em agua fervendo, para ficar hum cozimento claro: neſtes occaſiões naõ neceſſitaõ de alimento muito forte, baſta matar-lhes a ſede, diminuir-lhes a fome, e refreſcallas alguma couſa. A farinha de ſevada, e farellos, ſaõ muito proprias para iſto.

Paſſadas algumas horas depois de parirem, ſe lhes dá de comer, mas deve ſer couſa já mais ſólida, e quaſi como a ſopa ordinaria, e aſſim ſe ſuſtentaõ dous, ou tres dias ſómente em caſa. Tem-ſe cuidado de lhes fazer huma boa cama de palha nova alguns dias antes de parir, para ter tempo de a pizar, e remecher com o focinho, para ficar mais branda, e aquecer melhor os filhos, que ſe eſcondem pela palha, quando tem alguma ſubſtancia.

No terceiro dia depois de ter parido, naõ ha riſco de a deixar ſahir ao campo com as outras; mas em quanto cria os filhos deve haver cuidado de lhes dar de comer ſeparadamente das outras, e

com

com abundancia, e dar-lhes melhor alimento do que quando naõ cria. Para este fim juntaõ, e guardaõ os bons Economos as lavaduras das panellas, e as aguas engordoradas das cozinhas, que lhes misturaõ com a comida.

Os porcos ordinariamente se sustentaõ de hervas, de raizes, de fructas ruins, que se colhem nos pomares, e nos campos: Coze-se-lhe tudo em panellas de ferro, e se lhe mistura sempre huma medida de farellos porporcionada á quantidade das hervas, e número dos porcos. As hervas de horta proprias para este uso saõ as folhas de couve, que se limpaõ, e cortaõ em bocados: as folhas de parras, de nabos, rabanos &c., e geralmente de todas as hervas, que servem na cozinha saõ excellentes para os porcos. Nos campos se lhes colhem no Inverno cardos quando ainda estaõ tenros, cinouras salvagens: no estio portulacas, hervas dos campos, e muitas outras hervas, que se tem reparado, que elles mesmos escolhem, e comem de boa vontade.

Todas estas hervas saõ para elles hum pasto natural, quando os grãos se lhos dessem puros, os esquentariaõ muito. Pelo que he necessario ter a attençaõ de lhes dar maiormente no Inverno, muitas hervas. As folhas de choupo, as de parra, lhes saõ muito uteis, quando saõ tenras, misturadas com farellos, e molhadas em agua fria. As cascas de ervilhas, favas, alfaces se daõ cruas a estes animaes. Tambem comem sem tempero algum as couves quando saõ tenras, mas no Inverno he bom cozer tudo quanto se lhes dá a comer, e dar-lho quente para lhes ser mais proficuo.

Os porcos, que se querem crear bem, e para que

que cresçaõ, nunca se devem crear de forma, que engordem. Convem sómente conservallos em certa gordura, mas mais inclinem para magros do que para gordos, porque a gordura embaraça-lhes o crescerem. Assim as hervas, que indicamos nos seus tempos, misturadas com huns poucos de farellos, algumas fructas, bolota de tempos a tempos, bastaõ para sustentarem os porcos, que todos os dias sahem ao campo, onde aliás encontraõ com fartura hervas, e raizes, que lhes saõ proprias. Ordinariamente cavaõ a terra com a tromba, e tiraõ as raizes das más hervas, como o escalraxo, e cenouras bravas, cebolas alvarrãs, e muitas outras plantas, de que gostaõ.

Tambem se levaõ a pastar por entre os trigos, quando se vê que estaõ vigorosos, e nos prados na Primavera, quando a herva está tenra: porém em huns, e outros convem ter grande cuidado em que naõ cavem a terra; e se se conhece que o fazem para buscarem os bichos, ou raizes, se devem lançar immediatamente fóra. Levaõ-se os porcos aos prados, sómente em caso que naõ haja outro alimento, que lhes dar; porque geralmente he máo methodo levallos a pastar aos prados: perdem-nos totalmente, e muito mais quando a herva naó he do seu gosto, nem conveniente á sua pastagem. Entaõ revolvem a terra, e a voltaõ de sima para baixo em busca de comer: tal he o methodo, com que os porcos se devem criar no campo.

Mas os que quizerem criar grande porçaõ delles, devem tomar mais algumas precauções para naõ verem malograda a sua empreza. Para isto devem ter campos de terras, que tenhaõ maior abundancia de raizes, e hervas bravas convenien-

tes

tes aos porcos. As terras areentas naõ lhes daõ, com que se sustentem: além disso convem ter huma horta bem provída de toda a casta de hortaliça, e legumes: dever gastar muito paõ em casa, e ter grande cozinha para ter provimento de semeas, de aguas gordas sem o que he difficil ter grande quantidade de porcos. Além disso necessita de hum porqueiro, ou hum Homem, que tenha delles cuidado, e os guarde, quando saõ muitos.

Estes animaes naõ se pódem deixar sós no campo: saõ maleficos, e se affastaõ muito, quando naõ ha quem os guarde: Saõ damninhos, e muitas vezes se perdem: o que naõ póde sustentar huma grande porçaõ que mereça o cuidado de hum porqueiro he melhor que tenha huma pequena porçaõ delles, e que se naõ deixem sahir do pateo. Só os pobres do campo, que tem muitos filhos he que pódem crear hum certo númemero; porque occupaõ os filhos em lhes hirem buscar por toda a parte hervas, e os guardaõ nos campos. O paizano occupa assim a sua familia, e faz huma pequena renda, que o ajuda a sustentar. Por este modo sustentaõ os Lavradores porcos a pouco custo, em comparaçaõ do que lhe custaria a hum particular, que quizesse criallos por criados assalariados.

Nas boas casas de particulares, que moraõ na campanha, se pódem criar hum, ou dous porcos, e ainda mais á proporçaõ do farello, ou lavaduras da sua casa; e hervas de hortaliça da sua horta, fructa, que póde ter, e qualidade das terras, que possue. Esta pequena quantidade se sustenta bem, tendo-se sempre fechada no pateo, que lhe destinaõ: Mandaõ se para o campo unicamente, quando

do ha cómmodo de ter caseiro, ou paizano, que os manda guardar com os seus, a quem se confiaõ; mas nunca se deve criar porçaõ maior que necessita para se sustentar de mais do que ha em casa, e que seria necessario comprar, porque em fim a despeza montaria mais do que o lucro.

He todavia boa economia no campo o ter alguns porcos em huma córte: sem isto naõ se póde aproveitar immensidade de cousas, que só para elles servem, como saõ as hervas, que se tiraõ, as lavaduras, e aguas das cozinhas, as ruins fructas, de que elles se sustentaõ, e aliás se lançaõ á rua. Por outra parte o porco he hum grande recurso no campo para o alimento de amos, e criados; mas naõ convem ter porca, que custa muito a sustentar: menos he conveniente pôr-se a criar os porcos desde o principio, quando ainda saõ mui pequenos, e delicados: devem-se escolher de sinco, ou seis mezes, de boa qualidade, que sejaõ corpulentos para a sua idade, e que fossem criados com rigor. Semelhantes pórcos sendo depois bem sustentados, crescem a olho, e saõ de muito lucro para seu dono.

No fim de hum anno tem bom corpo para engordarem. Entaõ se lhes dá pouco a pouco alimento mais escolhido, e abundante, mas devem ainda passar seis mezes antes de os fartarem absolutamente de comida, e isto deve-se hir fazendo insensivelmente: vaõ crescendo á proporçaõ, e criando toucinho, e gordura: quando se vê, que já tem o tamanho, que lhes he natural, se lhes dá de comer com mais abundancia ainda, e naõ se lhes dá mais do que hortaliça succulenta como saõ alfaces, portulacas &c., para os refrescar de tempos a tempos. Mistura-se-lhes com os farellos

ser-

servidos abóbora, e nabos tudo cozido. As cenouras, e os rabanos saõ excellentes tambem para elles: se ha fructa em abundancia se lhes daõ as peores, com as alimpaduras dos trigos: a sevada, a aveia, as favas, o trigo de Turquia, e a bolota os acabaõ de engordar.

Todo este tempo se naõ cessa de se lhes dar farellos fervidos misturados com farinha de sevada, ou de trigo de Turquia, tudo desfeito em agua: tres ou quatro vezes no dia se lhes dá isto, mas pouco de cada vèz para os naõ enjoar. Os porcos devem andar soltos em hum pateo, quando se engordaõ, porque o ar livre, e a liberdade os ajuda muito: comem melhor, e a sua carne, e gordura tem melhor gosto do que quando estaõ sempre fechados em parte cuberta. A Estaçaõ do Outono, e a do Inverno saõ as mais favoraveis para engordar estes animaes, porque o calor os incommoda menos.

Ha muitas pessoas, que antepoem para engordar as femeas ou machos, principalmente quando ainda naõ tem parido, e que tem sido castradas em pequenas. A carne com effeito he mais delicada, e tem mais banhas: tambem se engordaõ as porcas velhas depois de castradas; como saõ naturalmente mais vorazes do que os machos, tomaõ mais depressa gordura, e muitas vezes se fazem monstruosas. Vemos algumas vezes algumas, que daõ mais de dous quintaes de toucinho. A carne he dura, e encorriada, mas sempre he boa para sustentar a familia.

Quem a quizer salgada, que seja de bom sabor convem engordar com meia gordura hum porquinho, que naõ tenha mais de hum anno: a carne he tenra, e saborosa: o toucinho he excellente

te para a panella, e pequenos guizados: mas para ter bom toucinho, e muita banha, e bons presuntos, convém escolher hum porco de tres annos para o engordar, e lhe dar com o sustento, que acabamos de apontar, muita bolota a comer. A bolota he quem dá á sua qualidade a carne, e dá consistencia ao toucinho. Na falta de glande serve o trigo de Turquia, as favas, e huma, e outra cousa juntas: a bolota de carvalho verde, ou de sobreiro, he a melhor para os engordar bem.

O que está perto de matos, e florestas, onde ha muita glande, e outros fructos bravos, proprios para sustentar porcos, e que seja livre usar destes matos, para tirar bom partido, se comprão porquinhos novos de hum anno, ou porcas velhas, que se castrão: mandão-se estes animaes para os bosques no tempo das bolotas, que começaõ no mez de Outubro, e acaba pelo meio, ou fins de Dezembro. Nestes tres mezes tomaõ os porcos muita carne, e engordaõ alguma cousa.

Saõ entaõ bons para se venderem para se matarem nas grandes Cidades, onde se gastaõ muito. Tanto que os matos começaõ a faltar-lhes com o sustento sufficiente, convem vendellos logo ao menos parte, porque naõ tardaráõ em emmagrecer, e definar-se.

Taes saõ em geral os cuidados, que se devem applicar, e o methodo que convem seguir para criar porcos com proveito. Mas nunca me cansarei de repetir aos economicos, que se querem sustentar grande porçaõ de porcos em hum pateo, a despeza do seu sustento he mais do que o lucro. Para tirar vantagem real, he necessario, que naõ custem nada, ou quasi nada a criar; e que naõ se-

ſeja neceſſario comprar-lhes o ſuſtento. Pelo que em huma quinta naõ he conveniente encarregar-ſe de porcos, ſenaõ da quantidade a que ſe poſſa abundantemente dar de comer em caſa, ſem augmentar a deſpeza ordinaria da caſa.

Temos dito, que o porco era grande recurſo para o ſuſtento no campo, e de que ſe fazia uſo muito differente nas cozinhas: com effeito he quaſi a unica carne, que comem os pobres, e a de que ordinariamente ſe ſuſtentaõ os criados: igualmente ſerve na meza dos amos, preparada, e guizada por muitos modos. A cabeça ſe faz como cabeça de javali; partida, e cozida no eſpeto: as orelhas, lingua, e pés ſe comem ſalgados, e ao fumo, ou com molhos picantes: as tripas ſervem para toda a caſta de chouriços, paios, e ſalcichas muito delicadas. O toucinho he uſado por todos, e todos ſabem o uſo, que tem: das pernas, e pés ſe fazem preſuntos, os lombos, e a mais carne ſe aſſa, ou ſe fazem paios, por fim tudo do porco he bom, para o que ſe chama chacina; e tudo deſte animal ſe come; cuja carne por outra parte he ſucculenta, e de goſto geralmente agradavel.

Pelo que he hum verdadeiro objecto de economia o criallo na campanha, á proporçaõ dos meios, que ha para os ſuſtentar ſem maior deſpeza.

DO

DO ENXERTO DAS ARVORES.

HA duas Estações no anno proprias para enxertar as arvores : a mais propria para esta importante operaçaõ he depois do principio de Novembro até 15, ou 18 do mesmo mez principalmente em Paizes quentes, e seccos, onde as chuvas, as neblinas, e as geadas, que poderiaõ ser nocivas ao enxerto, se naõ receiaõ tanto.

A segunda Estaçaõ, em que convem enxertar he de 15 até trinta de Março, para isto se escolherá o tempo, em que as arvores tem todo o vicio, e que os gommos dos ramos, que devem servir de garfo, saõ inchados, e quasi para abrolhar. Alguns cultivadores entendem erradamente, que quando estes botões do garfo estaõ taõ adiantados, e para rebentarem, o enxerto péga difficilmente; porém tenho experimentado o contrario, particularmente com a pereira : tenho enxertado garfos, cujos olhos estavaõ já de todo abertos, e que tinhaõ lançado longos olhos, como dedo, e pegáraõ muito bem, e tendo-me lembrado enxertar no principio da Primavera, quando os garfos tinhaõ pouca seve, e os botões ainda estavaõ immoveis, vi que naõ pegavaõ os enxertos.

Disse que o Outono he o tempo mais conveniente para o enxerto, porque depois na Primavera os enxertos se vigorizaõ, e deitaõ vigorosos filhos no anno seguinte. Por outra parte se conhecem, que alguns tem amortecido, ainda he a tem-

tempo de se fazer segundo enxerto, abaixo do primeiro, o que he vantagem consideravel, de que muitas vezes se priva no outro methodo.

Haverá cuidado de escolher para esta operaçaõ dias seccos, em que naõ faça muito vento, e o ar naõ esteja quente, nem frio. De mais se observará o naõ enxertar, senaõ depois do Meio-dia, e quando o Sol vai já declinando.

Escolha dos ramos para o enxerto.

OS ramos, com que se enxertaõ devem ser escolhidos entre os renoves do anno, porque saõ os melhores: tirar-se-haõ dos troncos mais fecundos, que particularmente nas pereiras saõ aquelles, cujas pontas tem flores, e entre estes se dará a preferencia, aos que ficaõ situados ao Oriente; ou Meio-Dia. A razaõ he porque estes ultimos gozaõ livremente da influencia do Sol, e saõ menos sensiveis ás injúrias do ar frio, e humido da noite, porque recebêraõ melhor nutriçaõ. Com tudo se a arvore, de que quereis tirar os garfos, he summamente forte, e vigorosa, cortai-lhe os troncos mais fracos, para que sendo costumadas a ser bem nutridas naõ venhaõ a seccar em razaõ de naõ terem succos taõ abundantes. Pelo contrario se a arvore, que ha de dar os ramos, he fraca, e languida, cortar-lhe-heis os melhores ramos: devem principalmente evitar o escolher para enxertos varas que nascem nos grandes troncos de certos ramos entorpecidos, porque estas castas de ramos sendo o producto de huma vegetaçaõ irregular, só daõ má madeira, e raras vezes fructo, pelo que de nada prestaõ.

O que se deve observar a respeito da situaçaõ dos olhos, ou botões do enxerto.

ALÉM do que fica dito ácerca da escolha dos ramos, proprios para enxertos, he perciso observar a situaçaõ dos olhos, ou botões, que nelles se achaõ, e só escolher os que ficaõ no meio da vara. Porque os da ponta saõ muito tenros, muito fracos, e muito mal creados. Os que ficaõ no outro extremo, e visinhos ao ramo mestre, saõ taõ mettidos no madeiro, ou na casca, taõ pequenos, de taõ pouca substancia, que se pódem considerar, como máos, ou inuteis. Muitas vezes temos occasiaõ de notar, que ainda que estes ultimos botões peguem muito bem, naõ devemos usar delles, porque naõ daõ varas fecundas, e vigorosas. A respeito das varas, que tem os olhos postos na ponta, convenho que se pódem achar bons; e saõ os que nascem nos troncos grossos da arvore, e que saõ curtos, bem nutridos, e formados.

Meios de fundar, e aperfeiçoar o fructo das arvores, que se enxertaõ.

SE desejamos que as arvores enxertadas dem bom fructo haja cautela em naõ enxertar ramos de huma especie de fructo maior em outra mais pequena: antes pelo contrario se escolherá esta ultima para enxertar na outra. Ter-se-ha mais cuidado de proporcionar a qualidade dos enxertos aos fructos do clima, e do terreno: he hum meio seguro

ro de ter bom ſucceſſo, e conſeguir o fim, que ſe deſeja

Ha pomareiros, que entendem, que o melhor he enxertar a Pera-Panchreſta, ou o Bom-Chriſtaõ, de Inverno no marmeleiro, porque eſtas duas eſpecies ſe ligaõ bem, e as peras que daõ eſtas arvores ſaõ mais groſſas, tem melhor cheiro, e côr do que as outras: mas para iſto he neceſſario, que as arvores ſejaõ plantadas em boa terra, em clima temperado, e que naõ eſtejaõ expoſtas, a grande ſecca no eſtio.

Outros pertendem que como nos pomares ſe encontraõ de ordinario arvores cujo fructo he aſpero, e ſecco, e outras que o tem muito molle, e muito doce, convem enxertar as primeiras eſpecies nas ſegundas, ou as ſegundas nas primeiras. Diz-ſe que eſta miſtura corrige a qualidade de ambas: ainda até agora naõ experimentei couſa, que me fizeſſe reſolver com evidencia neſte ponto.

Tempo, e maneira de enxertar as cepas.

AS cepas ſe devem enxertar na Primavera, quaſi pelo meio do mez de Abril, que he quando tem paſſado a primeira força da ſeve. Abrir-ſe-ha a cepa na parte mais ſã, e mais liſa, e mais perto de terra, que poder ſer: além diſſo ſe lhe faráõ duas ou tres pequenas incisões, ao menos quatro dedos mais abaixo hum pouco diſtantes huma da outra. Serve iſto para dar ſahida á ſeve que for muito abundante, que ſem eſtes golpes ſubiria com impetuoſidade para o enxerto, e impediria a uniaõ do enxerto. Antes de chegar o

tempo de enxertar se escolheráõ varas das melhores castas de uvas, e a mais analoga ao terreno, e clima onde se planta. Cada vara terá quatro, ou sinco botões, se deve escolher no meio della, e naõ para a ponta nem fim pelas razões, que já deixamos apontadas: encerrar-se haõ os enxertos em hum sitio abrigado, e cubrir-se-haõ levemente de terra secca, e se fará de sórte, que nem apanhem muito calor, e que sómente conservem o necessario para entreter a virtude vegetativa, e disposiçaõ que tem para rebentar. Neste tempo, começaráõ a criar seve as cepas que quereis enxertar, e podereis fazer a operaçaõ passados dèz, ou doze dias; pois he necessario quasi outra tanta temperança para que a sua acçaõ se modere. Entaõ naõ se deve perder tempo se quereis ter bom successo. He necessario que os enxertos estejaõ preparados com antecipaçaõ, isto he, cortados, e enterrados, sem isto naõ pegaõ.

A vinha se póde enxertar, ou rachando-a ao comprido, ou de escudo, mettendo no entalhe huma parte da vara; que naõ tenha mais do que hum olho, e observando tudo quanto se faz com as peras, larangeiras &c. Tendo o garso pegado se cortará, e se cultivaráõ os planos, do modo que temos já ensinado.

CAR-

CARTA.

A hum Naturalista sobre as Serpentes.

ESTOU persuadido, que folgareis muito, que vos mostre á vista, e por experiencia huma cousa, de que Aristoteles na sua Historia dos animaes, *Cap. XVII.*, e Plinio na sua Historia Natural, *Cap. XXVII.*, naõ escrevêraõ mais que de ouvida, e sem segurança: sería fastidioso traduzir aqui as passagens, em que fallaõ da natureza das Serpentes; e podereis recorrer aos Livros dós mesmos Authores, pelo que me contentarei com vos escrever o que presenciei, e com vos mandar boa parte da experiencia.

Estando nos dias passados na campanha, passando por huma grande varzea, ví em huma valla, que a cercava huma Serpente, que me pareceo de dobrado tamanho das Serpentes ordinarias, e chegando-me de mais perto, me parecêraõ duas prezas pelo rabo, pois lhe via duas cabeças nos dous fins, e duas caudas no meio, das quaes huma sahia da outra, como se estivessem enlaçada com ella. Querendo me chegar mais fogio huma destas Serpentes, tendo cortado hum bocado do rabo do seu companheiro, que deixou como morto, e sem movimento. Saltando na valla para vêr de mais perto a Serpente que ficava, percebi, que estava segura pelo meio do corpo a huma raiz da grossura de hum cordel, que sahia da terra quasi meio dedo, e estava segura pelos

dous lados, fazendo a figura de hum pequeno arco plantado no fundo do foço. Tendo tocado a Serpente com o cabo da vara, que tinha na maõ, ví que naõ era mais, que a pelle inteira da que tinha fogido, sem mais nada do que o fim do rabo. Entaõ tendo desprendido brandamente esta pelle da raiz, que parecia prendella na terra, admirei a industria da Serpente; porque *comprehendi*, que se tinha mettido debaíxo da raiz primeiro a cabeça, e que tinha despido a sua pelle antiga, com a maior astucia do que se costumaõ despir as cóbras. Esta a razaõ, porque quando cheguei me parecêraõ duas Serpentes, que estavaõ seguras pela cauda, pois via nos dous extremos duas figuras de cabeça. Parece-me verdadeira esta conjectura quando achei que a pelle da Serpente, que tomei, tinha escamas por dentro, e por fóra de sórte era facil de julgar, que a pelle se *tinha* revirado: este modo de se despir, e esfollar já foi apontado por Plinio: *Exuit autem à Capite primum, ut extra fiet membrana, quod fuerat intus.*

Porém o que mais me admirou foi vêr a pelle da cabeça taõ inteira, e taõ bem despida, que naõ tinha buraco, nem rotura; e ainda que no sitio dos olhos tinha duas pelliculas, ou coberturas, que representavaõ os olhos naturaes da Serpente, de sórte que duvidei se as pelliculas lhe impediaõ a vista, ou se lhe foraõ dadas pela natureza para poder melhor rojar pela terra.

CONHECIMENTOS GERAES

Acerca do Estado dos Meninos recem-nascidos.

O MENINO, que nos primeiros dias da sua conceiçaõ mal igualava o tamanho de hum graõ de milho, vai pouco a pouco desenvolvendo-se nos primeiros mezes, e por fim tem hum taõ prodigioso augmento, que no fim de nove mezes, que he o termo ordinario, em que sahe da sua prizaõ, peza 12 libras, e algumas vezes 14, e tem de comprimento 21 polegada. Deve taõ prompto crescimento á boa nutriçaõ, que lhe dá sua Mãi, e á sua situaçaõ mergulhado em hum licôr tépido, que entretem os seus membros com huma flexibilidade capaz de lhe facilitar o desenvolver se. Sahido do carcere perde ambas estas vantagens, e he obrigado a mudar o seu theor de vida: o ar se precipita nos pulmões, alarga-os, e abre livre passagem ao sangue, que o coraçaõ para lá impelle: começaõ as sensações a fazer-lhe experimentar dores, que o advertem das suas necessidades; naõ recebe mais aquelle sustento, que sua Mãi lhe dava a cada instante, e que lhe era tanto mais saudavel, quanto era mais proporcionado á debilidade do seu corpo: a sua boca, e estomago naõ tinhaõ entaõ funcções algumas, e agora só por meio dellas adquire a nutriçaõ.

Ensina a experiencia, que naõ ha cousa mais perniciosa do que a subita mudança de theor de vida: os córpos ainda os mais robustos, sentem su-

funeſtas alterações: a quantos riſcos anda expoſto o corpo delicado do Menino neſta critica mudança: que cautelas ſe naõ devem pôr em o preſervar?

Tudo annuncía a extrema delicadeza das ſuas partes, quando naſce: o epidermo, que reveſte todo o ſeu corpo he taõ delgado, que deixa vêr os vaſos innumeraveis, que formaõ o tecido da pelle, e lhe daõ huma côr roxa, muito viva. Os oſſos tem taõ pouca conſiſtencia, que facilmente ſe dobraõ, e ſe lhe dá a configuraçaõ, que ſe deſeja: todas as partes eſtaõ inchadas, a cabeça he muito grande á proporçaõ do mais corpo; o cerebo naõ eſtá inteiramente coberto com os oſſos do cranio; porém tem na parte ſuperior hum eſpaço da figura de hum lozange, e que ſómente eſtá fechado com huma membrana; eſta abertura ſe lhe chama fontanella. Em algumas creanças ſe diſtingue facilmente hum movimento de palpitaçaõ neſta parte, e em toda ſe póde conhecer o bater das arterias no cerebro.

Todos eſtes objectos merecem ſeguramente a maior attençaõ daquelles, que ſe intereſſaõ na boa conformaçaõ, ſaude, e vida dos Meninos recem-naſcidos. Examinemos primeiro, que cuidados requerem os Meninos deſde o primeiro dia do ſeu naſcimento. Ainda que o parteiro, ou parteira ponhaõ todo o cuidado, e arte, que requer o ſeu officio na ordenaçaõ do cordaõ umbilical, ſuccede muitas vezes, que os vaſos, que formaõ eſte cordaõ, muito inchados no momento da operaçaõ diminuem a groſſura paſſado pouco tempo: entaõ a ligadura fica muito larga, e *póde* ſahir o ſangue, e deſgraçadamente vemos *ſuccéder* mais de huma vez eſte accidente; *pelo* que

he

he da ultima importancia recommendar aos goardas, e amas o reparar de tempos a tempos se o sangue revê pelos vasos a pezar da ligadura. Succedendo esta desgraça, sería necessario immediatamente fazer outra ligadura: pelo que sería conveniente, que o Parteiro, ou Parteira, depois de ter desembaraſſado a parida, mostrasse á aia, ou ama o como se deve fazer esta ligadura.

Quando o filho nasce traz muitos excrementos, huns dentro no corpo, como a ourina que vem na bexiga, o *Meconium* nos intestinos, huma pituita viscosa no estomago, hum humor pegadiſſo, e branco por fora, que algumas vezes he taõ tenaz principalmente nas juntas, e dobras, que ha muito custo em o tirar. Estes excrementos seríaõ nocivos aos Meninos, e senaõ houvesse cuidado em os limpar. Para tirar esta gordura branca collada á pelle, ha entre nós o uso, e cautella de lavar todo o corpo do Menino com vinho quente. Em algumas Provincias se lava o tronco, e os extremos com agua em que se cozeraõ hervas aromaticas, e a cabeça com vinho quente. Quando este excremento he taõ tenaz, que ha custo em o despegar, he necessario usar de huma pouca de manteiga fresca (1), que se derrete em vinho quente, ou oleo de amendoas doces: Em algumas Provincias se usa de agua simples; mas naõ he

(1) *A manteiga, e o azeite tem a propriedade de resolver as partes crassas, e viscosas, e de as soltar das partes a que estaõ pegadas. O official que trabalha com alcatraõ, limpa a mãos com azeite, e manteiga.*

he taõ activa, que possa dissolver esta especie de gluten.

Contaõ os viajantes, que os negros lavaõ por muitas vezes os seus filhos recem-nascidos em agua fria: os Laponios os deitaõ em neve, e alli os deixaõ por muito tempo, e depois os metem em hum banho quente: estes Póvos julgaõ que por este modo daõ a seus filhos constituiçaõ mais robusta. Costumados a terem por excellente quanto he mui longe dos nossos costumes, tambem attribuimos a estes banhos frios o vigor destes Póvos, a bondade do seu temperamento. Até ouvi, que muitas pessoas desejavaõ que adoptassemos os seus costumes neste ponto. He louvavel este desejo pela pureza da intençaõ, mas attrevo-me a segurar que sería perniciosa a sua execuçaõ o tratamento, que se deve dar naõ sómente aos Meninos, mas tambem a todos os Homens deve ser porporcionado á natureza da sua constituiçaõ primeira, á tempera do clima, em que estaõ, aos alimentos, que lhes saõ permittidos. He incontestavel este principio: façamos a sua applicaçaõ.

Quem se atreveria a segurar, que a constituiçaõ das nossas crianças he taõ robusta, como a dos Negros, e Laponios? Naõ devem os filhos, ao menos a maior parte delles a sua constituiçaõ aos authores dos seus dias, ao modo de nutriçaõ que a Mãi lhe deo na sua prenhez. A differença entre as nossas Mulheres do campo, e as senhoras de qualidade he enorme; e que comparaçaõ teraõ com as Negras, e Laponias? Que disporporçaõ entre a força destas ultimas, e fraqueza das primeiras? Influa muito sobre a constituiçaõ dos filhos, faz que huns sejaõ capazes de sustentar cousas que para outros saõ mortaes? As impres-

pressões do ar saõ taõ poderosas sobre o nosso corpo; o frio, e o calor produzem nelles taõ grandes mudanças, que o Homem nascido na Zona Torrida, e o que foi creado nas Regiões polares saõ de differente constituiçaõ. Acaso capacitar nos-hiamos que nossos filhos digiririaõ o mesmo que as creanças dos Negros? Que diria hum Homem da Cidade se visse, que seu filho comia o mesmo, que comem os filhos dos nossos camponeos, que naõ saõ menos sadios, hia correr pela rua com huma simples camisa quasi sempre descalço, e no rigor da estaçaõ? Naõ folgaria elle que o seu filho sem forças para resistir a taõ violento exercicio, e a hum ar frio, morreria, ou ao menos cahiria infelizmente doente? Assim he constante, que a constituiçaõ de nossos filhos he taõ differente da dos filhos dos Negros, que de huns naõ se póde argumentar para os outros; assim como se naõ póde argumentar do filho de huma paizana para o de huma Mulher delicada.

Por outra parte o fim de lavar os filhos he limpar lhe o corpo: ora naõ ha cousa mais propria para este fim do que o vinho quente, e agua aromatizada: este licor levará comsigo o excremento, fortificará as fibras da pelle, e lhe dará maior elasterio: a humidade que fazia estas fibras tumidas, e como ademadosas, se dissipará mais, e será mais viva a circulaçaõ.

Até he muito provavel que a virtude do vinho naõ se dê a conhecer sómente á pelle: a parte mais espirituosa se intromette pelos vasos absorbentes, chega ao coraçaõ, e cerebro, anima o filho, que tem padecido muito ao ponto de nascer, e que necessita deste restaurante.

A agua fria naõ tem a mesma virtude que o vi-

vinho; difficilmente defpegará da pelle o humor vifcofo da pelle: a fua qualidade fria produzirá huma conftricçaõ fubita nas fibras, fem as forticar. A tranfpiraçaõ taõ util, e taõ neceffaria ao recem-nafcido fe fufpenderá, ao menos fe diminuirá, o que naõ póde deixar de fer fatal ao Menino.

Confervemos pois o ufo em que eftamos de os lavar com vinho morno fómente; tenha cuidado a peffoa encarregada defta funcçaõ em lhe naõ deitar nos olhos: as pontas falinas do vinho produziraõ huma inflammaçaõ, e dôr aguda: convem limpar-lhe os olhos ou com faliva, ou fómente com hum panno fecco, e brando.

Quanto aos excrementos, que ha dentro no corpo a mefma natureza forceja por fe livrar delles; e fómente nos devemos encaminhar ajudar as fuas deligencias. Chegando o filho ao fogo, o calor, por qualquer modo, que opere fobre a bexiga, excita quafi logo a fua evacuaçaõ da ourina, e até muitas vezes provoca a excreçaõ do meconio. Se o menino naõ lançaffe efte excremento no primeiro dia, feria neceffario ufar de alguns medicamentos fuaves para facilitar a expulfaõ, como he charope rofado, capiller, com oleo de amendoas doce fem fogo, ou lambedor de chicoria compofto; porque apodrecendo no ventre caufaria diarrheas, que irritando os nervos, muito delicados em peffoas taõ tenras, produziriaõ convulções capazes de privar aos defgraçados a vida no ponto, que começaõ a gozalla. Reconhece-fe, que o *meconio* tem fahido quando os excrementos naõ faõ negros, mas de côr branca, efta côr indica, que o Menino já naõ lança mais do que a parte mais groffeira do leite.

Bem

Bem que muitos Authores recommendem expressamente naõ dar de mamar á criança antes de lançar o *meconium*, pelo que acabo de dizer, parece naõ ser possivel dar isto por seguro antes de tomar algum alimento. A sabia, e indespensavel precauçaõ, que se deve tomar he a de esperar déz, ou doze horas ao menos depois de nascido. Entaõ se lhe poderá dar de mamar, com tanto todavia, que já estejaõ limpos de parte deste excremento, e pituita gordorenta, que cobre o estomago, e oesofago, e até a propria boca; pois he constante, que o leite misturado com este licôr se coagularia, e a sua descomposiçaõ causaria verdadeira indigestaõ.

Para ajudar, e apressar a evacuaçaõ desta pituita viscosa, se costuma dar ao Menino huma porçaõ de vinho tepido com assucar. Este licôr divide, e desfaz as gorduras, despega dos lados, e os faz mais delgados: O Menino algum tempo depois lança pela boca huma parte, principalmente o que estava junto no oesofago. Se as do estomago naõ sahem pela boca, sahem com o *meconium*, e entaõ deve haver cuidado de deitar o Menino de ilharga, para que a inclinaçaõ da boca seja favoravel á sahida: sem isto sería para temer, que no momento da inspiraçaõ naõ cahisse parte na trachea inferior, que poderia suffocar o Menino.

As partes viscosas, que o Menino lança entaõ em abundancia, tambem vem a ser glandulas salivarias, em que tendo-se a saliva demorado muito tempo se faz espessa. O vinho quente, e o assucar picando hum pouco as glandulas, e as partes visinhas; occasionaõ o despegar-se, e tirarem do sangue huma nova saliva mais pura,

qual

qual deve ſer propria para começar boa digeſtaõ.

Além diſſo eſte vinho he hum cordial, que fortifica as fibras do eſtomago, e o diſpoem para digerir o alimento, que deve tomar o Menino.

Modo de Penſar as Crianças.

PROCUREMOS agora moſtrar os inconvenientes do methodo ordinario. Depois de haver limpado o Menino das immundicias externas, que trouxe do ventre materno, e firmado a ligadura do embigo: ſe lhe poem pequenos bocados de panno muito brando debaixo dos ſuvacos, e partes naturaes, ſe he rapaz: depois ſe eſtende ſobre as fachas, que ordinariamente ſe compoem dous volvedouros, hum mais fino, outro mais groſſo, e de hum coeiro de baeta, ou outra couſa equivalente. Tambem ſe deve cuidar de lhe pôr debaixo dos rins, e entre as pernas, pannos chamados vulgarmente *fraldas*, e ſervem para apanhar os excrementos. Neſtas fachas eſtá o Menino como ſepultado; eſtendem-ſe-lhes os bracinhos ao longo do corpo, e depois ſe enrolaõ os tres pannos, que formaõ as fachas, huns ſobre os outros, e ſe cruzaõ ſobre o peito. Algumas amas apertaõ mais do que convem, juntaõ-lhe as perninhas huma á outra parallelamente, e as envolvem com cuidado nas fachas, dobrando para ſima a parte inferior, o que as embaraça de ambos os lados, e as ſujeitaõ na ſituaçaõ mais violenta. Eſtas fachas bem que eſtejaõ bem ſeguras com alfinetes, ainda as naõ contentaõ, e como te-

temor de que os Meninos as desembrulhem a seguraõ com hum largo volvedouro de linho, sinco vezes, ou seis mais comprido do que o corpo da criança, o que tudo o tem estreitamente apertado dos pés até á cabeça. Passado hum mez, ou seis semanas, se lhe veste huma camisinha, e huma especie de camisola, aberta por detraz, e que lhe naõ passa do estomago. Entaõ se lhe deixaõ livres os braços de dia, e se lhe mettem nas fachas de noite, e quando o Menino tem mais vigor naõ se lhe violentaõ os braços.

Algumas amas antes de pensar os Meninos tomaõ a sábia cautela de lhe cobrirem as fontes com hum panno dobrado em quatro partes, seguro com huma touca: e esta touca tem huma fita, que se lhe passa por baixo da barba, e vem prender atraz, para ficar segura a touca: em sima lhe poem hum barrete de algodaõ, que cobrem com outra carapuça mais para enfeite, que para proveito. Nos primeiros dias poem sobre tudo isto huma testeira, que se prende de ambas as partes á facha sobre os hombros, e que conserva a cabeça da criança direita, e sempre no mesmo estado.

Eis-aqui o uso vulgar de quasi todas as amas, ao menos as que capricháõ de tratarem bem das crianças. Que apparato! Quantas prizões, e embaraços? Mal sahe huma criança da prizaõ a apertamos muito mais do que antes estava. Pouco sería se isto servisse só de lhe tirar nos primeiros dias o movimento livre das partes do seu corpo, se o constrangimento em que os temos naõ influisse para o futuro na liberdade dos movimentos, e boa conformaçaõ das mesmas partes: só a experiencia justifica os nossos temores neste pouco.

Quan-

Quantas crianças vemos vir das amas com aleijões, sendo nascidas de Pais muito escorreitos? Quantos Pais, e Mãis vemos affligidos de verem o herdeiro de hum apellido illustre, torto, corcovado, ou incapaz de figurar no Mundo, em razaõ de se vêr cambaio? Qual he a fonte de taes differmidades, que muitas vezes vem ao Menino nos braços da ama? Muitos Authores célebres o tem imputado á ruim constituiçaõ dos Pais, e Mãis, ou a materia galica, que tendo degenerado produz o *rachitis*. Em alguns póde influir esta cousa, mas sería contra a razaõ o persuadir-se, que isto influe em todos. Conheço Meninos enormes, cujos Pais muito sádios, nem daõ suspeita de semelhante molestia.

A constituiçaõ dos Pais, e Mãis, a disposiçaõ para o *rachitis*, ou o mesmo rachitis, ou cambaio naõ saõ as causas unicas de difformidade dos filhos: para que havemos hir imputar a huma molestia assáz rara a causa de hum deffeito taõ vulgar? Por pouca attençaõ que se ponha no modo, com que se enfaichaõ as crianças, naõ póde deixar de vêr-se nesta multidaõ de pannos, que o affrontaõ a causa de taes incidentes.

Naõ ha cousa mais branda do que o corpo da Criança: os proprios ossos estaõ molles, e susceptiveis a mudar de figura, no caso que lhes façaõ a menor compressaõ, e he de pasmarmos que o pouco cuidado da ama em lhes dispor as pernas, junto á violencia, com que se apertaõ lhes dê ruim conformaçaõ? Ainda quando a ama pozesse nisto o maior cuidado em lhe arrumar as pernas, e as outras partes na sua situaçaõ natural, sustento que a grande compressaõ das fachas, e envoltas póde ser nociva ao Menino por entaõ, e para o futuro.

1. Ainda que as partes do corpo em hum Adulto sejaõ mais sólidos do que no Menino, com tudo naõ ha nenhum que deixe de sentir hum incommodo, huma opressaõ, quando está muito apertado nos seus vestidos. Mr. le Camus nos Jornaes dos mezes de Dezembro de 1753, e de Janeiro de 1754 mostrou com a maior evidencia, quanto póde ser pernicioso o ruim costume de por ás Crianças espartilhos, como tambem ás meninas. O vinculo, com que apertaõ as Crianças, naõ devem causar nos seus ternos corpos effeitos mais sensiveis, e occasionados? Os vasos, que se destribuem pela pelle, e musculos, sendo apertados, e magoados pela forte compressaõ naõ pódem receber mais do que huma pequena quantidade de sangue, e este que recebem circula difficilmente. Ora quando a circulaçaõ he diminuida, ou retardada nas partes externas, he mais viva, e abundante nas partes internas. Pelo que o sangue vai mais veloz, e em maior porçaõ ás visceras, e barriga, aos bófes, e á cabeça. Naõ ha ninguem, por leve instrucçaõ, que tenha da economia animal, que naõ conheça que funestos damnos tem causado esta desigualdade da circulaçaõ.

Observaõ as amas que os Meninos ourinaõ muito nos primeiros tempos: que do nariz distilla incessantemente, que as suas glandulas parotidas, e maxillares se inchaõ. Forma-se huma especie de sarna sobre o rosto, e cabeça: o que chamaõ *usagre* dos Meninos. Estas excreções abundantes, e contra à natureza saõ certamente hum effeito, e consequecia da compressaõ da pelle nas fachas. Porque esta forte compressaõ deve fechar, e tapar os orificios dos vasos miudos excretorios.

A

A transpiraçaõ insensivel taõ necessaria a saude está suspendida; ora todas as vezes, que esta excreçaõ he supprimida, ou diminuida, augmentaõ as outras á proporçaõ, e por huma serie desta verdade diariamente abonada pela experiencia, o humor que devia sahir pelos póros da pelle, se leva aos rins, e augmenta a porçaõ de ourina: a mesma sobre-abundancia de humores augmenta o *ranho* do nariz, incha as glandulas da cabeça; e como esta parte naõ está taõ compressa como o resto do corpo, o humor se lhe junta em taõ grande porçaõ que naõ podendo ter passagem pelos vasos excretorios, se engrossa; e forma aquella especie de sarna, de que depois fallaremos. Por esta curta explicaçaõ se vê quaõ perigoso he o apertar muito o corpo naõ sómente para as partes exteriores, mas tambem para as interiores.

2. Entre todas as partes interiores a que merece maior attençaõ he o peito, pois contém visceras absolutamente essenciaes á vida: ha amas que apertaõ tanto os volvedouros nesta parte, que mal deixaõ respirar a Criança, mas ainda quando a compressaõ naõ fosse excessiva, naõ he evidente, que ainda qualquer por leve que seja naõ póde deixar de ser nociva, embaraçando a elevaçaõ do peito ao tempo de respirar. O ar entra nos pulmões com menos abundancia, e as vehiculas pulmunares se estendem menos, e consequentemente o sangue conteudo nos vasos miudos dos pulmões he menos trabalhado, e aperfeiçoado. A nutriçaõ, e o crescimento da Criança dependem da mudança, e perfeiçaõ, que o sangue adquire nos pulmões. Naõ nos pasmemos se a maior parte dos Meninos se aproveitaõ taõ pouco dos primeiros annos da sua educaçaõ, pois que nestes

tes primeiros tempos os vinculos com que os embrulhaõ se oppoem mais ao seu crescimento.

3. Mas ainda quando houvesse este crescimento a ruim preparaçaõ do chylo naõ póde dar mais do que ruim succo nutricio, fonte de muitas molestias.

4. A desigualdade de pressaõ, que soffrem estas partes se póde avaliar como huma das causas da sua difformidade: basta vêr enfaixar huma vez os Meninos para reconhecer, que ha partes mais apertadas do que outras, quaes saõ as em que a ama lhe prega os alfinetes. He principio constante que os liquidos passaõ com maior abundancia para as partes, onde ha menos aperto, logo o sangue, e os humores vaõ encalhar nos sitios menos comprimidos, e alli formaõ inchações, tumores, e calos, que pouco a pouco enrijaõ, e dissiguraõ a Criança.

5. Quando a Criança começa a suster-se sobre as pernas, e andar, sempre inclina os pés para dentro; os joelhos tocaõ hum no outro, e muitos conservaõ por longo tempo esta aleijaõ disforme. Esta posiçaõ de pernas certamente naõ he natural, porque todos quantos tem visto pensar os Meninos nos primeiros dias depois de nascidos, sabem que entaõ voltavaõ os pés para fóra, e de que procederá esta posiçaõ contra natural? He facil conhecer a causa no cuidado, com que lhe apertáraõ as pernas huma contra a outra: os nervos muito brandos se accommodaõ a esta violencia, e como se reforçaõ todos os dias, contrahem esta tortura, que depois se desfaz com muito custo, e muitas vezes se naõ consegue.

6. Assim violentada a criança faz diligencia para se livrar. Retira as pernas com todas as suas

forças, os musculos flexores, e extensores obraõ successivamente, e diligenceaõ mover o osso pela junta, mas os prizosos embaraçaõ o movimento da perna, sem embaraçar a inchaçaõ dos musculos. A perna sem poder dobrar-se, nem estender-se se puchará com força para a junta, que lhe serve de ponto de apoio, e neste caso naõ se deve temer que as extremidades dos ossos, que estando molles nesta idade, e puramente cartigillosos, formaõ as juntas, se naõ achatem, e esmaguem com esta acçaõ. Nem póde deixar de succeder, que as partes ordenadas pelo Obrador de toda a Natureza, para se moverem facilmente humas sobre outras percaõ aquella facilidade com a mudança da sua figura, e se inchem, e causem inchações. As diligencias, que entaõ faz a Criança para se livrar, saõ huma das principaes causas das aleijões, torturas, e inclinaçaõ cambaia das suas pernas. Ensina-nos a experiencia, que taes accidentes se produzem em muito pouco tempo com os movimentos convulsivos, que occasionaõ as dores de dentes, e porque razaõ naõ faráõ iguaes effeitos esforços menos violentos, continuados por muitas horas, repetidos todos os dias? quem ousará segurar-me, que a violenta constricçaõ de todas as partes do corpo em hum enfaixado, naõ cause as convulsões, que accommettem, e mataõ muitas vezes as Crianças, sem que se possa presumir, que a causa venha nem de dentes, nem de lombrigas, nem de indigestaõ.

7. He crivel, que as Crianças, cuja pelle he taõ delicada, naõ se incommodem muito com a acrimonia dos seus excrementos, em que muitas vezes estaõ largas horas? Fallaremos das ruins

con-

consequencias desta porcaria, quando tratarmos molestias, a que estaõ sujeitas as Crianças. Naõ nos alleguem, que isto he culpa das amas, e naõ do enfaichado; porque muitas vezes a riança suja logo passados alguns minutos depois de pensado, e lançado no berço: a ama só o póde conhecer examinando-o, sujeiçaõ mui pezada para a maior parte dellas, que a sua menor occupaçaõ he o cuidado da súa criaçaõ. Quando tem accommodado a Criança os deixaõ ao menos 4, ou 5 horas no berço sem os examinar, e ainda quando vem que estaõ sujos os deixaõ estar na porcaria até á hora, em que os costumaõ pensar. O estorvo de os despir, e tornar depois a pensallos com tanta cousa, he certamente a causa da sua negligencia; entretanto as Crianças padecem dores, que a pezar da differença da nossa constituiçaõ nos parecem insoportaveis. Os seus gritos annunciaõ as suas dores, e se por infelicidade cahem em poder de huma ama pouco maviosa, as forças violentas que fazem lhes causa effeitos arriscados. Esta exposiçaõ dos inconvenientes do methodo ordinario de enfaichar as Crianças nos deve causar compaixaõ da sua sórte: e ainda quando as Crianças naõ tivessem que temer tamanhos males na sua enfaichaçaõ, naõ bastaria isso para nos obrigar a deixallo o vêr quantas dores lhe causa: opprimidos entre tantas ligaduras, quasi sempre andaõ tristes, e a sua vida he huma serie de choro, e somno. Sómente mimos, e caricias violentas, e algum brinco que lhe faça especie, he que consegue alegrallos: mas desapertem-nos, e ponhaõ-nos as amas ao calor do fogo, sem estarem opprimidos, ou simplezmente com hum lençol, entaõ deixaõ de chorar, mos-

traõ femblante contente, brilha nos olhos o contentamento, debatem as mãos, e pernas para huma, e outra parte, e moſtraõ com as caricias, que fazem, o querem ſupplicar ás ſuas amas, que os naõ tornem a pôr a tormento.

Naõ he minha intençaõ banir abſolutamente o infaichar: he neceſſario nos primeiros tempos o ter o Menino em huma ſituaçaõ firme, para que voltando-ſe para huma, ou outra parte ſe naõ fira: mas podia ſe diminuir o conſtrangimento em que eſtaõ, e livrallo ſempre dos males a que os expoem o enfeichado: eu aſſim o entendo, e vou expôr o methodo de o fazer.

O maior inconveniente do methodo ordinario he apertar muito as Crianças nas faichas, e tirarlhes a liberdade de mudar a ſituaçaõ aos ſeus membros, quando tem incómmodo: he facil remediar iſto, tendo-lhe mais largos os envolvedouros: embora ſe enfaichem os primeiros quatro, ou ſinco dias pelo methodo ordinario, com cautela todavia de lhe naõ apertarem muito as fachas, e de lhe accommodarem os braços, e pernas por modo conveniente, mas á medida que a Criança tomar forças, ou depois do decimo dia, quando ſe deitaõ ſe lhe pódem prender as fachas ſobre os braços, e cruſar ſobre o reſto do corpo ſimplezmente ſem lhas ſegurar. A figura do berço, onde ſe deita a Criança, as cobertas, que ſe lhe lançaõ, e ſe lhe prendem de ambos os lados ſaõ certamente ſufficientes para eſtorvar, que ella ſe deſcubra. Ainda quando eſtaõ levantados baſta ter-lhe ſeguro as fachas alguma couſa largas ſobre a barriga, goellas para lhe dobrar os eſtremos abaixo das pernas, para naõ lhe deixar os pés expoſtos ao ar: os braços ſe tornáraõ a agazalhar

zalhar

malhar com a pequena camizolla, que se lhe cos_
tuma pôr.

Usaõ as amas de alfinetes para segurar as fa_
chas: ora estes podem-se despregar, e voltar de modo que piquem a Criança; isto succede muitas vezes: para evitar este accidente, em vez de alfinetes usem de fitas de linha para segurar as fachas, e estas fitas se cozaõ ás mesmas fachas, para que nem suba, nem desça, e tenha comprimento bastante para voltar em róda do corpo, e vir fazer hum laço: tendo a cautela de o fazer á ilharga da Criança, para que quando está deitada a naõ mortifique o nó. Será necessario pôr tambem fitas embaixo dos coeiros, para os prender quando se dobraõ por baixo das pernas: a ama porá cuidado em naõ apertar muito estas fitas; e de as deixar folgadas para naõ incommodar as Crianças.

Entendo que he importante rejeitar totalmente o costume daquelle volvedouro, com que envolvem a criança quando a pensaõ. Já mostrei a quantos inconvenientes expoem este aperto violento, o corpo tenro, e delicado da Criança: posso certificar que naõ sómente he muito pernicioso, mas tambem que he inutil. Com effeito, que bens pertendem tirar as amas? Servem, dizem ellas, de dar vigor ao corpo, e embaraçar que naõ tome ruins posturas, e naõ grangee alguma aleijaõ. Certamente que saõ grandes vantajens, mas he infelicidade, que naõ sejaõ reaes, e se pódem conseguir com meios menos violentos, e menos arriscados.

A ajuda que este volvedouro dá ao corpo do Menino, he huma ajuda puramente estranha, mais damnosa, do que util; a força real depende

do

do seu crescimento igual em todas as partes do seu corpo: Ora he constante que o forte aperto, produzido por esta facha, embaraça a circulaçaõ, como assima provei, e consequentemente o crescimento. Das partes externas o sangue caminha em maior abundancia para as partes internas, e para as externas menos apertadas, o que causa muitas enfermidades, a que os Meninos estaõ sujeitos.

A grande utilidade deste cinto, dizem mais as amas, he fortificar os rins do Menino: estando o seu corpo firme ha menos que temer, que caia para traz do que o temos nos braços: respondo a esta objecçaõ, que parece especiosa, e raras vezes succede que as amas tragaõ assim os seus filhos nos primeiros dias. Por outra parte naõ poderáõ tomar a cautela, quando o trazem, de lhe trazerem todo o corpo deitado? Certo que sim, e muitas tem esse cuidado, mas muitas se descuidaõ por ignorancia, ou muitas vezes, porque naõ saõ as que andaõ com elles, e os entregaõ a outros filhos faltos de forças para os sustentarem, e serem senhores dos seus movimentos. Ora neste caso o arrimo, que lhes dá o volvedouro, naõ basta para embaraçar as diligencias do Menino. Todos quantos pódem vêr as crianças nas mãos das amas haõ de confessar a verdade do que eu digo, e este cinto bem fóra de embaraçar, que os Meninos contrahaõ difformidades, he a principal causa das que affligem as Crianças, de que concluo, que convem bannir absolutamente o seu uso.

Quanto ao modo, com que se accommoda a cabeça da Criança, naõ ha que reformar, senaõ aquella fita, que passaõ por baixo da Criança, para lhe segurar a touca. Muitas vezes esfolla a

pel-

pelle da Criança, comprime as glandulas maxillares, e até as parotidas, e occasiona inchações; tem o bem de ter a touca, e tudo o mais da cabeça; e naõ se poderia fazer o mesmo sem isto. Entendo que os barretes de que usaõ nestes ultimos annos, e a que chamaõ cabriolas, saõ muito bons: em vez de fazerem toucas abertas por detraz, e eu entendo que se devem fazer, de modo que se podesse dobrar, e nas duas pontas se lhe prendaõ fitas muito largas, que tendo-a posto em róda da cabeça se lhe atem atraz; e estas fitas pódem suster a touca. Tambem se lhes poderiaõ pôr barretes de lã, e assim se degradaria o uso dos alfinetes, que mortificaõ a Criança.

A refórma, que pertendo introduzir no modo de enfaichar os Meninos, se reduz a apertar-lhes menos as fachas, com que se envolvem, em mudar a fórma da prizaõ das toucas, em substituir fitas aos alfinetes, em banir absolutamente o uso de hum volvedouro taõ incómmodo para a ama, como damnoso ás Crianças. Naõ ha refórma mais simplez, mais facil, e ao mesmo tempo mais vantajosa. Estando o corpo menos apertado, será mais livre a circulaçaõ em todas as suas partes, todas receberáõ crescimento igual: a transpiraçaõ sensivel naõ ficará suspensa com a comprehensaõ dos vasos miudos excretorios da pelle: o Menino terá a facilidade de mover hum pouco os membros, que certamente tomaráõ mais vigor: naõ se deve recear, que esta liberdade de movimento esteja nociva ao Menino, que as pernas adquiraõ má figura: o constrangimento do infaichado he a causa mais ordinaria destas deformidades.

Para se convencer disto, lancemos os olhos

para

para os filhos dos noſſos camponezes, principalmente para os das Provincias, onde os filhos ſe criaõ com liberdade: lea-ſe o que dizem os viajantes da ſtructura direita, e regular dos Salvagens: Porque ha entre elles taõ poucos com aleijões? Procede a differença do modo de os enfaichar. Naõ he eſta a meſma razaõ, porque entre nós os braços ſaõ regularmente menos eſtropeados do que as pernas? He porque eſtes eſtaõ menos tempo ligados entre as fachas.

As vantagens deſta reforma naõ ſaõ menos uteis ás amas que ás Crianças: Naõ embrulhando as Crianças em tanta roupa, he-lhes mais facil moverem-ſe, e mudarem o que eſtiver ſujo. Eſta facilidade o obrigará ſem dúvida a fazello mais a miudo, e naõ o deixar eſtar na porcaria. Eſpero que alleguem em ſua defeza, que tendo a Criança mais liberdade ſe ſujará muito mais, do que eſtando apertada nas fachas: ao menos eſta he a objecçaõ ordinaria, mas eu lhes dou por unica repoſta a ſua ordinaria experiencia. Muitas me tem confeſſado, que o menino ſujava quaſi do meſmo modo enfaixado, que deitado no berço deſapertado; mas quando iſto ſuccedeſſe aſſim, o trabalho da ama tem alguma comparaçaõ, com o que cauſaõ as ligaduras, e enbrulhados do penſar, quando he obrigada a deſapertar tudo, trabalho que lhe poupará o meu methodo. Por ultima razaõ, naõ eſtando a Criança mais do que pouco embrulhada, a ama conhecerá mais facilmente, que elle eſtá ſujo.

A pezar de todas eſtas vantagens, e do pouco eſtorvo que cauſa o meu methodo, naõ eſpero que ſe abrace ſem difficuldade. Todas eſtaõ ſervilmente afferradas aos uſos antigos, de ſorte que en-

entenderiaõ que commetteriaõ crime em lhe fazer a mais leve mudança. Aos Pais, e Mãis compete vegiar que seus filhos naõ padeçaõ no enfaichar, e elles devem ser os mesmos, que lhes façaõ as pensaduras, as toucas com as mudanças que tenho indicado, e tenho mostrado ás amas o modo, com que querem que seus filhos sejaõ tratados, tenhaõ cuidado de os visitar de tempos a tempos, e tomarem cuidado delles. Este cuidado he de obrigaçaõ rigorosa para os Pais, e Mãis, que se empenhaõ pelo bem de seus filhos.

USO, E ECONOMIA DAS CINZAS.

SERIA arriscado cahir em erro ácerca da utilidade das cinzas se nos limitassemos ao theor vulgar de fallar pelo estillo commum, em que se mostra taõ pouca affeiçaõ a hum Homem, que lhe dizem, que nem se quer lhe dariaõ de boa vontade as cinzas da sua chaminé. Sem recorrer aos Chymicos para delles saber que as cinzas dos corpos, que elles tem calcinados contém saes essenciaes, tem mostrado a experiencia, que as cinzas misturadas com as sementes preservaõ muito o graõ da ferrugem, ou negro, ou caria, conforme os varios nomes, que daõ a esta notavel molestia dos grãos. As cinzas espalhadas fertilizaõ os campos, e da que provem o util uso que em muitas partes se faz de queimarem os restolhos, ou o resto da cana que fica prezo á terra com as raizes. Ninguem ignora, que sem ellas haveria grande

tra

trabalho em fazer a cenrada para a roupa; e o coſtume de as lançar fóra quando tem feito eſte ſerviço he fructo da ignorancia, pois que ainda pódem preſtar para duas couſas.

Eſpalhando-as ſobre as terras muito fortes ajudaõ a ſerem mais maniaveis, e abrandaõ-na: primeiro, e indiſpenſavel fundamento da abnndancia da colheita. Os Nitreiros da Torina fazem commercio das cinzas das ſuas barrellas com o Paiz de Nantes, onde uſaõ dellas do modo que apontei.

Depois de eſcorridas, e cortadas em partes, tornadas a aquecer quando tem ainda humidade para tomarem alguma coſiſtencia fazem dous excellentes effeitos: augmentaõ o calor do fogo economizando lenta, e adquirem novos ſaes. Algumas peſſoas teraõ difficuldade em comprehender, que a cinza molhada poſſa augmentar o calor, para poupar explicações fyſicas ſe lembrem de dous factos muito faceis de ver experimentar. Hum he que todos os que tem forja para animar o ſeu fogo, lançaõ de tempos a tempos agua, e que todos os fornos de fundiçaõ de chymica tem cuidado de por hum prato cheio de agua a fim de dar mais ardor, e força ao fogo. O outro he que a braza apagada na agua tem muito mais calor quando ſe torna a accender, e he hum ſerviço infinitamente melhor, do que a que ſe apagou em hum ſino, ou terrina. Sendo pois conſtante, que a cinza molhada augmenta o calor do forno, he tambem evidente, que ha de ſer neceſſaria menos lenha, cuja economia he ſempre digna de attençaõ.

Por fim recobraõ novos ſaes no fogo. As Religioſas do Hoſpital de Chinon, onde ſaõ raras as cin-

cinzas, porque os Nitreiros as levaõ todas, tem achado sem fysica este expediente a fim de poupar a despeza das suas barrellas, e usaõ disto com fructo. He verdade que as cinzas naõ adquirem a mesma quantidade de saes que antes tinhaõ, e que necessitaõ mais das segundas, que das primeiras, ou porque naõ encontrem no fogo a mesma virtude, ou porque naõ estejaõ tempo bastante: mas naõ he menos certo, que fazem taõ boas barrellas como as outras, e que se poupa muito.

Este ultimo objecto he muito importante. quando se pertendem adubar, ou fertilizar as terras com cinzas. Porque como as barrellas saõ absolutamente necessarias, naõ he pequeno bem que custem menos cinzas que he possivel, porque naõ podendo ter mais do que huma porçaõ de cinzas proporcionada á grandeza do trafego, quanto menos se gastar em branquear a roupa, mais sobrará para outros usos, para que se destinaõ.

Convidamos os Chymicos a fazer experiencia das cinzas das suas barrellas postas outra vez no fogo, e calcinadas de novo, a fim de conhecet a qualidade, e quantidade de saes, que pódem recobrar.

MODO DE ESCREVER EM SEGREDO.

DEITAI de infusaõ galha em agua pura, ou tomai huma grande nóz de galha, tirai-lhe o miollo, por onde tem hum buraquinho, e lan-

çai-

çai-lhe agua. Depois de ahi se demorar algum tempo escrevei com esta agua em hum papel. Depois de terdes escrevido, e estar secco naõ apparecerá nada. Quando quizerdes que se lea desfazei o vitriolo commum em agua, e molhai huma esponja com que humedecereis alguma cousa o que estava escrito, e com isto se faraõ as letras negras como se se escrevesse com tinta. Até aqui naõ ha cousa singular, pois he hum segredo que muitos sabem: porém se quizerem evitar toda a suspeita, e encubrir o artificio, póde-se antes de mostrar esta escritura occulta, escrever-lhe em sima outra escritura bem negra, e fazella desapparecer quando se quizer dar a primeira. Para este fim tome-se palha de aveia queimada de sórte que fique negra: depois moa se, e lance-se em agua, e tereis huma tinta que facilmente se tirará com huma esponja molhada em agua de vitriolo, de que vos haveis servir para fazer apparecer a outra escritura; e de huma vez fareis duas cousas, tirareis a segunda escritura, e as suspeitas que causaria ver a primeira em branco, e ao mesmo tempo mostrareis a verdadeira escritura que pertendeis encubrir aos outros, e unicamente communicar á pessoa a quem foi escrita, que he segredo curioso.

RE-

REFLEXÕES

Acerca das Taxas sobre as Terras.

He maxima geral, que as contribuições necessarias se devem fazer com a maior commodidade; mas naõ he menos certo que isto se deve fazer em Paiz livre com as contribuições precisas para a despeza pública, usando dos meios menos occasionados contra a liderdade dos Póvos.

Estas duas máximas provaõ que em Inglaterra a Taxa das Terras he a primeira que se deve augmentar, a ultima que se deve diminuir, ou abolir.

Nem aquelles que conspiraõ contra a liberdade pódem negar esta máxima, e dizem que cada membro da sociedade deve levar a sua quota parte nas despezas públicas: ora dizem elles que isto se naõ póde conseguir com a Taxa nas Terras, ao menos pelo modo, com que ellas se poem, e actualmente se cobraõ: Logo he melhor que as despezas públicas, e necessarias ao Estado, ao menos a maior parte se pague por Taxa no consumo dos generos.

A isto se responde por muitos modos. 1. Que supposto isto naõ devia absolutamente haver Taxa nas Terras: por quanto os proprietarios das Terras pagaõ a sua quota parte das Taxas na consumaçaõ; e além disso pagaõ as Taxas nas Terras; pelo que concorrem mais que proporcionalmente para as despezas do Estado.

2. He

2. He verdade, que cada membro da sociedade deve carregar com a sua quota parte das despezas públicas porque o maior número de pessoas, que compoem a sociedade naõ pódem, nem se lhe deve pôr o onus de alguma porçaõ para o Estado: taes saõ os jornaleiros, os criados de servir, que naõ ganhaõ o que lhes he necessario para mediocre subsistencia, pois pondo-se Taxa nos generos, que devem gastar, será necessario augmentar o salario, ou naõ pagaõ elles, mas sim seus amos.

3. Em toda a sociedade os encargos públicos devem carregar sobre aquelles cujas rendas, ou lucros excedem ao que he indispensavelmente necessario para a sua subsistencia; e se aos outros se obriga a supportar huma parte, será vã pertençaõ, que sempre trará consequencias preniciosas ao Commercio, e manufacturas de hum Paiz.

4. Pondo Taxas unicamente á consumaçaõ, se poupaõ os que estaõ mais em estado de supportar a sua quota parte nos encargos do Estado. Taes saõ os que tem grossas rendas, ou muitos lucros, e que vivem com economia. De que se póde colligir, que a proporcional das despezas públicas sobre alguem deve significar a porçaõ que deve pagar a respeito das suas rendas, e lucros, e naõ á proporçaõ do que consomem.

5. Ultimamente respondo, que se os que devem concorrer para o pagamento dos encargos do Estado, naõ concorrem pela proporçaõ, que acabo de dizer, no methodo que actualmente se usa no impor as Taxas sobre as Terras, ao menos este Discurso fará bom

ar-

argumento contra o methodo actual; porém naõ contra a noſſa propoſiçaõ, que ſempre ſerá certo, que a Taxa ſobre as Terras he o meio mais ſeguro, e ao meſmo tempo mais juſto para ſe repartirem os encargos públicos.

POE-

POESIA.

VIDA, E MORTE
DE
THOMAZ PINTO BRANDAÕ,
ESCRITA POR ELLE MESMO SEMIVIVO,
OFFERECIDA
AO SERENISSIMO INFANTE
D. ANTONIO.

SONETO.

JÁ que morro, Senhor, por despedida
Quero com Vossa Alteza por agora
Fazer da minha vida hum botafóra,
Que lhe naõ posso dar melhor sahida.
Bem conheço, que he tarde esta partida,
Mas saiba Vossa Alteza, que a demora
Foi por naõ separar-lhe huma só hora,
Quem queria offrecer-lhe toda a vida.
Eila ahi vai, Senhor, de toda a sórte;
Ou correndo tormenta, ou posta em calma
No vaivem das Conquistas, e da Corte.
E pois no enterro espero levar Palma,
Já que a vida lhe dou, e mais a Morte,
Lembre-se Vossa Alteza da minha Alma.

DIA-

DIALOGO,

Em que falla elle proprio com sigo mesmo.

Pois tanto em Deserto fallo,
  Que no Occidente, e Oriente,
  Nem me ouvem, por mais que grite,
  Nem me crem, por mais que pregue;
Quero hoje fallar comigo,
  Como que se fosse gente;
  Quero a mim mesmo arguir-me,
  E a mim proprio defender-me.
P. Meu Amigo Thomas Pinto,
  Quanto me alegro de vêr-te!
  Que fazes? por onde andas?
  Que he isso? que luto he esse?
R. Eu, meu Amigo, aqui ando
  Gemendo, e chorando sempre,
  Neste funeral mettido
  Por mim, que morri ha tres mezes.
P. Deos te tenha em bom lugar,
  Que eras bom, como pareces;
  E pareces Carlos Quinto
  Ao seu enterro assistente
  Com a sua accesa tocha,
  Se he que o teu Brandaõ accendes.
R. O meu Brandaõ naõ tem lume,
  Supposto, que outro o tivesse.
P. Peza-me com a tua Morte,
  Que he justo, que me carregue:
  Mas, Amigo, esse caminho
  He de pé, carroça, e sege:
  Todos hemos de seguillo

Por estradas differentes;
Ou lèves, ou carregados,
Ou volantes, ou pedestres.
R. Muito o peza-me te estimo,
Naõ fazendo caso delle;
Pois cuidei, que como Amigo
Disso parabem me désses.
P. Sería talvez engano
De alguns, a quem parecesse
Ser de Baeta o Lemiste
Do Soneto, que fizeste.
R. Isso algum tempo sería;
E que bom tempo era esse!
P. Os bons tempos saõ passados,
Que te faziaõ presentes.
Deixastes alguma cousa
A Amigos, quando morreste?
R. Deixei só os Inimigos:
Assim me deixassem elles!
Que até depois de encovado;
Temo que me desenterrem.
P. Naõ, que lhe federás muito
Mais do que, vivo lhe fedes.
Vamos para aqui sentar-nos,
Que os nossos annos já o pedem:
Supponhamos, que alguem somos,
E que ninguem nos prefere.
R. Dizes bem, vá com assento,
Inda que falle sem elle;
E agora, assentando nisso,
Direi o que tu quizeres.
P. Já que aqui ninguem nos ouve,
Tomara que me dissesses
Tua Vida, teus costumes,
Teus parentes, e adherentes?

R.

R. Isso he materia taõ larga,
Que só poderei em Breve,
E por muitas Indulgencias,
Conceder-te o que me pedes.
P. Pois olha lá o que fazes,
Vê como vás, naõ tropeces;
Que pódes cahir por graça
Em disgraça facilmente.
R. Já naõ tenho de que caia,
Já estou de todo Terrestre.
P. Inda dessa superficie
Quem he disgraçado desce.
R. Naõ temas que da verdade
Em hum só ponto discrepe;
Que creio naõ será crime
O ser de mim maldizente.
P. Tu dizes, que és da outra vida,
E essa razaõ te desmente;
Pois para morto ainda fallas
Como se vivo estivesses.
R. Isto que vês, meu Amigo,
Posto que corpo pareça,
He só Alma, que em Lisboa
Quer Deos agora que pene,
Que esta fantastica fórma,
Composta de ossos, e pelle,
Vê la-has desvanecida
Logo semiteriamente.
P. E tu como sabes isso?
Tomára que mo dissesses;
Porque Poeta te culpe,
E Profeta te venere.

DECIMA.

P. QUERO de metro mudar,
Para melhor te dizer,
Em que parte, hei de morrer,
E onde me haõ de enterrar:
Na terra me ha de cavar
Algum crime o Povo aerio;
De que faça tal myſterio
A força da tyrannia,
Que vá morrer á Enxovia,
E enterrar ao Semiterio.

P. Eu naõ ſei, que haja caminho
Para o Ceo mais certo que eſſe;
Que a naõ haverem Tyrannos,
Naõ haveria Innocentes.
E bom foi gorar-ſe o Officio,
Porque podias perder-te
E dentro de hum Tubaraõ
Ser mais defunto, que auſente.
R. Melhor fora ſepultar-me
No buxo deſſe tal peixe,
Que aqui muita gente come,
E lá diz, que come gente,
Do que morrer affogado,
E vir a parar no ventre
Do Tubaraõ minha Sogra
Com tres andainas de dentes.
Lá ſe morreſſe apreſſado,
Teria neſſe accidente
Vontade de confeſſar-me,
E contriçaõ de abſolver-me.
P. Viſto iſſo porque naõ foſtes

Noutra maré que tiveſtes?
Talvez que por eſſe rumo
Melhor forruna correſſes.
R. Naõ fui, porque mo impidíraõ
Tres Inimigos valentes,
O Mundo, Diabo, e Carne;
E naõ poſſo mais dizer-te.
P. Alma tinhas para tudo:
Bem podias defender-te;
Ou vencer taes Inimigos
Sómente com fugir delles.
R. Vamos ao que mais importa,
E a ti taõ bem, pois conheces
Que outro tu me conſidero,
E tu outro eu ſer deves.
P. Dizes bem, vamos a iſſo;
Porque o teu proceſſo pede
Outra Audiencia, e tomára
Que em Auto á parte o fizeſſes:
Dize, naõ tenhas vergonha,
Quem és? de donde vieſte?
Quem foi teu Pai? que lhe herdaſte?
Em que Provincia naſceſte?
R. Valha-te Deos, que me obrigas
A que agora repreſente
Hum *renovare Dolorem*,
Sem o *Omnes conticuere.*
Meu Pai foi taõ máo Letrado,
Que baixou a Requerente;
E por naõ ter outras partes,
Nem outras prendas, perdeo-ſe.
Minha Mãi diziaõ todos
Que era de mui boa gente:
Graças Adeos, ambos brancos;
Pobretes, porém velhetes.

Era Gonçalo o ſeu Nome,
Naõ que a caſa foſſe deſſe;
Que ſempre nella foi Gállo,
Suppoſto que Pinto ſempre.
O Nome della he eſcuſado,
E muito mais fóra o delle;
Porque nunca vi que pobres
No Mundo nome tiveſſem.
Como me dava conſelhos,
Para que eu bem viveſſe,
Deixou-me por ſua Morte
Dous muito bons, que ſaõ eſtes:
Filho, naõ peças, nem ſirvas,
Mais que a Deos, e a ElRei ſómente;
Por mais fomes que paſſares,
Ou trabalhos que tiveres.
Eu, como razaõ lhe achaſſe,
E porque lhe obedeceſſe,
Sempre a Deos peço o paõ noſſo,
E ao Rei o conducto ás vezes.
Deos nunca me tem faltado;
O Rei, poſto que dá ſempre,
Foi-me huma vez negativo,
Por me achar impenitente.
P. Tu lá tens algumas couſas,
Que, ſem ſerem, ſe parecem
Com ingratidões de pobre,
E iſſo he o que os Reis naõ querem.
R. Por Deos que naõ ſou ingrato,
Louco ſim, e impertinente;
Naõ eſtá mais na minha maõ,
Se mais nella me naõ metem.
E entaõ vejo que no Mundo
Paſſa eſte, e corre aquelle,
Aquelle metido em rodas,

E

E rodando em sejes este;
Hum que pouco tem servido,
Outro, que elle nada serve;
Que ambos largamente comem,
E que ricamente vestem;
Eu que os males alivio,
Por uso, metricamente,
Sendo preciso que cante,
He força que destempere.

P. Pois vem cá pedaço de Asno,
Emmendar o Mundo queres?
Naõ vez que he já muito antigo
Isso que a tantos succede?
Consola-te com os outros,
Porque has de achar muitos desses.

R. Naõ se entende com a fome
Solatium socios habere.

P. Isso he bom, porem he máo
Desconfiar tollamente.

R. O ser eu desconfiado
Sabes tu do que procede?

P. Naõ, e folgarei sabello,
Suposto que a mim me peze.

R. Pois vai de ser muito pobre;
Que se eu dinheiro tivesse,
Eu fora mais confiado;
Porém naõ tanto como elles.

P. Bem sei, que és hum pobre Homem;
Ninguem como eu te conhece;
Mas lá tens hum sobrescrito,
Que huma má letra promette.

R. Hei de esperar que me abraõ
Para por dentro me levem?

P. Hum papel, que tanto passa
Bem póde por fóra ler-se.

R.

R. Já naõ posso, ainda que queira,
Mostrar a ninguem os dentes.
P. Nós hiamos muito adiante,
E o partido naõ foi esse:
Saibamos da tua Patria,
O como, e quando vieste.

IDADE DE PRATA, E BISNAGA.

R. QUATORZE annos teria,
Quando os meus fracos miolos
Do meu Porto me guiaraõ
Para este estranho Porto;
Onde dentro em quatro mezes,
Falto de noticia, ou tollo,
Passei cento, e vinte dias,
Que foraõ de jejum todos:
Vendo-me alfim desvalido
De la fortuna, y del Oro,
Patrimonios, que da el Cielo
Al formar el Alma a soplos,
Eu naõ hia a dizer isto;
Porém vem-me aqui taõ proprio,
Que sou mais acredor delle,
Do que D. Carlos Ozorio.
Vendo-me rapaz, e em terra,
Que abominava o ser moço,
Nem outro modo de vida
Achava por nenhum modo,
Busquei a sociedade
De hum tal Bacharel Mazombo,
Que estava para a Bahia
Despachado, e disgostoso
De lhe naõ darem aquillo

Com

Com que rogavaõ a outros;
Pelo crime de Poeta,
Sobre Jurista famoso.
Era Gregorio de Matos,
Que taõ bem lhe foi forçoso
Fugir do Norte as Correntes,
E buscar do Sul os Golfos.
Seriaõ mil e seis centos
E oitenta e hum, quando fomos
Desta Barra do Bogio
Buscar aquella dos Monos.
As bonanças naõ se pintaõ,
E sómente muito, ou pouco,
He hum *Vela dabant Læti*,
Em pinho, carvalho, ou sobro.
Pelo meio de huma agulha
A linha enfiamos logo,
Cosendo-nos com a Barra
Dos lançoes de Santo Antonio.
Entramos na Terra Santa,
Nome muito bom, suposto
Que he do Salvador Cidade,
Bahia dos Santos todos.
Lá achei hum Irmaõ Abbade,
Com dous lindos como o Ouro
Sobrinhos, que tinhaõ hido
Naõ sei quando, nem sei como.
E talvez fosse essa a causa
De naõ achar nelle encosto;
Que lá parentes modernos,
Saõ como cá Santos novos.
Vendo isto fui á Milicia,
Onde tive hum grande soldo;
Por me fazerem mais praça
Outros em que achei soccorro.

Mas quanto Marte me dava
Era para Venus pouco:
Porque havia mais Vulcanos
Mais bigornas, e mais fogo.
Terra de melhor agrado,
Torraõ mais diliciofo,
Naõ fe ha de achar nefte Mundo,
E fó o haverá no outro.
Digo ifto, pórque fui nella
Sempre querido de todos;
Mais bufcado, que cortinas
Para a Prociffaõ de Corpus.
Lá, fem fer Senhor de engenho,
Tinha o engenho mais prompto;
Porque os outros eraõ canas,
E o meu muito mais jocofo.
Vêr, pelas onze mil Virgens,
(Havendo Feftas de Congos)
O aballo das prudentes,
E das loucas o alvoroço!
Ver, para correrem Canas,
Concorrerem dos Contornos
Nos domefticos cavallos
Os Cavalheiros fogofos!
Tudo era hum Paraifo,
E foi coufa do Demonio
Sahir delle defterrado,
Por hum mal vedado Pomo.
Levei lá taõ boa vida,
Quanta agora aqui defconto;
Mas naõ me peza que o pague
Se me dá Deos effe troco.
Lá vivia, e lá paffava,
Taõ farto, como goftofo;
Carne boa, e má, comia,

Mais

Mais de cabra, que de porco.
Como a comia sem taxa,
O Almotacé Mór zelloso
Me poz isso em tanto aperto,
Que hum anno a vi com o olho;
Entendeo que me custasse
Cáro hum bocado mais gordo;
E por sustentar-me vivo,
Hum anno me teve morto.
Usou do Mundo ás avessas,
Fazendo o direito torto;
Porque prendeo o defunto,
Deixando o matador solto.
Degradou-me de potencia:
Dizendo a Sentença ao Povo;
Que pois dei carne á Bahia,
Fosse a Angola dar os ossos.
P. Pois naõ ouve algum Amigo,
Que a isso pozesse estorvo?
Tendo na Bahia tantos
Como em Lisboa piolhos?
R. Sim: D. Joaõ de Alancastro
Advogado em meu abono,
Metteo huns Embargos limpos,
Porém Luiz Cesar riscou-os,
Porque governando o Rio
Para onde eu fui absolto
Por seu gosto, quiz mandar-me
A Angola por outro gosto.
Nem podia haver remédio,
Se o Fado tinha disposto,
Que eu lá fosse; paciencia,
E passar daqui naõ posso.
P. Pois eu, ja que aturo a buxa,
Desejára ouvir o estouro.

R. Eu arrebentar naõ quero,
Quero descançar hum pouco:
Porque o caminho de Angola
He comprido, e bem penoso.
P. Tens muita razaõ, descança,
Que *harto trabaxo es ser loco.*

IDADE DE COBRE, E CARVAÕ

P. DEMOS á véla de trapos
Em hum páo velho, ou pantufo;
Inclinado a todo o tempo,
E sugeito a qualquer furo.
Deixamos a amada Terra,
Improando ao negro Mundo;
Carreira de degradados,
E de máos Pilotos rumo.
O que soffri na viagem
De trabalhos, e de sustos,
Naõ he para numerado,
Nem cabe no meu resumo.
Tu lá contigo o pondéra,
Que em tudo por mim te julgo;
Verás se ha mais contratempos,
Ou maiores infortunios!
Naõ te conto o que passamos;
Mas que fomos te seguro,
Sempre com o Credo na boca,
E com as Contas no punho.
Chegámos em fim, porque era
Chegar a Estado mais duro,
A saltar na negra praia,
Que naõ foi, a pé enxuto.
Atolei na areia, e lodo;

Fui

Fui a Palacio confuso,
Onde o Governador era
Inda mais, que Marco bruto.
Em huma Carta de Guia,
Que lhe servia de Assumpto,
Feita por Diocleciano,
E dada a elle Licurgo,
Vendo qual era o meu crime,
E para estar mais seguro,
Tres mezes me teve em ferros,
Soffrendo tres mil absurdos,
Desconfiou cruelmente,
Que eu pela minha alma juro,
Que nem venial cuidado
Tive desse tal descuido.
Depois, por meio retrato,
Que saquei do tal debuxo,
Me mandou por Benguela
De morte-côr todo o vulto.
Terra em que ninguem escapa,
Salvo algum Tigre robusto,
Capaz de levar ás cóstas
De sangrias hum diluvio.
Huns outeiros do Demonio,
Todos cubertos de fumo,
Todos de fogo entranhados,
Todos Ethnas, e Vesuvios.
Lá passei por humas Terras
Habitaveis de defuntos;
Que naõ sei como, eu por onde
Escapei de taes sepulcros.
Mas foi Deos assim servido,
Seja elle louvado; e cuido,
Que quiz livrar-me daquelles,
Por vir dar neste monturo.

Lá aſſentei praça por força;
E lá forçado fiz tudo;
Lá me mandárao ás guerras,
E fui Capitaõ ſem cunhos.
Mas lá vi alguns marcados,
Que o alcançáraõ a furto;
E naõ tinhaõ melhor praça
Do que eu, com terem mais lucro.
Porém tudo o tempo gaſta;
E até, com ter hum chuço,
Onde me ſuppunha Eſcravo,
Vim a ſer ſenhor de muitos.
Lá fiz taes negros negocios,
Que tive ſeſſenta juntos;
Huns apanhados em guerra,
Outros havidos em tumbo.
Toda eſta grandeza tive,
Depois de me vêr bem ſujo
De andar com a Fortuna aos couces,
E com os Negros aos murros.
Até, que canſada a Eſtrella
Do ſeu Infernal influxo,
Foi a Angola reſtaurar-me
O meſmo Luiz Ceſar Julio.
Do qual licença alcanſando,
Atei logo os meus embrulhos;
Embarquei com os meus ſeſſenta,
E vim ao Rio dar fundo.
P. Naõ foi má a eſcapatória,
Que diſſo naõ livraõ muitos;
E pódes a Deos dar graças,
Que te deo luz neſſe eſcuro:
E andas, ſem pezar-te a cera,
Com eſſe milagre occulto?

R. Descancemos outro pouco,
Para darmos outro puxo.

IDADE DE OURO, E FEZES.

P. E CHEGANDO ao Rio do Ouro
Que fizeste desses negros?
De alguns fiz fracos serviços,
De outros muito bom dinheiro.
P. E o dinheiro em que o gastaste?
R. Dei-o todo em casamento;
Comprei huma linda Sogra,
E fiquei galante Genro.
P. Todo o dinheiro de Angola
Leva máo caminho, he certo,
Foi muito bem empregado,
Fizeste-lo como hum preto.
R. Peor foi vir embarcado
Com a Sogra para o Reino.
P. Nessa carga, e sobre-carga,
Jubilaste de jumento.
R. Casamento taõ tyranno
Eu jurára, que foi feito,
E urdido pelo Demonio,
Senaõ fora Sacramento.
P. Naõ podias escusallo,
Tendo para tudo tempo?
R. Naõ, meu Amigo, que tinha
De ter a tinha, que tenho.
P. Ora vamos a essa sarna,
E mais que coçar teremos.
Como embarcaste com a Sogra,
Sem que te mettesse medo?
R. Isso foi huma tormenta;

E importa mudar de Metro;
Vá hum retrato em Oütavas,
Por tormentas, e chuveiros.
P. Por tormentas! Será novo:
Já eſtou deſejando vello;
Só por vêr a tua Sogra
Agua, Fogo, Terra, e Vento.
R. Sim verás; que nella aſſiſtem
Os ditos quatro Elementos;
Pois ſempre eſtá aquelle corpo
Quente, agüado, frio, e ſecco.

RETRATO DE MINHA SOGRA,

Por tormentas, e tempeſtades.

HE tormenta do Mar encapellado
A que moſtra nas ondas do cabello,
Já em furias atado, e deſatado,
Correndo com o traquete do capello:
De cabellos me punha arripiado
Quando encreſpar-ſe mais lhe via o pello.
Mas já ſe fez caſſando n'outra volta;
Já naõ caſſa o capello, o pello ſolta.
He huma ventania flatulenta
A que na teſta junta; e junta tanta,
Que lá por dentro forma huma tormenta
No Mar de parvoiſſes que levanta:
Campo de neve á viſta repreſenta,
E aguas de Solimaõ ſaõ com que encanta:
Em fim teſta em que moſtra o Vento brabo
Ser de cabeça de Aguas até o rabo.
Hum olho de boi nella apparecia;
Que de Roncaõ tormenta ameaçava,

Onde a minha clareza escurecia,
E onde a sua cegueira fusilava:
Todo o lume dos olhos me fugia,
Quando qualquer dos seus arregalava;
Sem serenar o Mar, que me aparelha,
Nos dous arcos que tinha, ambos de velha.

O nariz era bomba, que vasava
Agua suja, que o casco recebia;
Tambem bomba de neve se mostrava
Que sempre com carranca se estendia:
Nariz de maré cheia, se espirrava;
E logo de vasante, se sorvia;
Destillando dos negros chafarizes
Aguas taõ sujas como os seus narizes.

A boca huma tormenta me cuspia
Na cara a todo o tempo que gritava;
E a cada passo o Mar nelle crescia
Nas espumas de raiva, que brotava;
Enjoada comigo noite, e dia,
Pedras, raios, coriscos, vomitava:
Cruel boca da barra com Sul forte;
Boca de Sacavem com bravo Norte.

Sempre co'a barba ao vento para fóra,
Sempre como no ar de parlesia;
Por ella me jurava cada hora,
Que pela minha a agua me daria;
Quando chocando em terra fosse Authora
Das trapassas, em que me affogaria:
Costeando das ruas a vereda.
Sem o beco assertar da Barba-leda.

No canal do pescosso tudo embaça,
Por ser passo tyranno aquelle estreito;
E dali para dentro nada passa,
Que em vomito naõ saia mal desfeito;
Todo o baixel vivente se embaraça

Se entrar naquelle Golfo fem refpeito;
Eftreito por tres vias bem mortaes,
Porque velhaco he de tres canaes.
Chovendo fobre mim fempre as mãos cheias
Naõ tem mãos a medir em feus rigores;
Mãos de braços de Mar, em cujas vêas
Saõ bem tempoftuofos os humores;
Braços que mette, havendo de ouro arêas,
Até o cotovelo fem temores;
E finalmente mãos, que faõ defvio
Do braço, que hoje choro, inda que rio.
Os Peitos fenaõ foffem já cahidos,
Serjaõ de S. Pedro dous penedos,
Duas Ilhas de fogo impedernidos,
Dous promontorios, que metteffem medos;
Porém já faõ por muito rebatidos
Do tempo caftigados dous Rochedos;
Com tudo, fe há occafiaõ em que os enfeite,
Alpes parecem em hum Mar de leite.
Paffo de largo pelo baixo immundo
Onde caixas ao Mar fe tem lançado;
Onde Maridos tres já deraõ fundo;
E d'onde Genros dous fogem anado;
Naõ fe encontra no Mapa defte Mundo
Outro com mais borrafcas navegado;
Com chuvas, e trovões o Mundo atrôa,
Huns pela poupa, outros pela proa.
Tem por pé huma tal monftruofidade,
Que faz tremer dos pés até á cabeça;
Pé de vento na fua tempeftade,
Pé de cabra naquella boa peça:
Pé com tal unha de ancora em verdade,
Que fe naõ acha amarra, a que obedeça:
Hé pé, que ao lume d'agua fempre andava,
Mas agua donde eu já mais pé tomava.

Fi-

Finalmente no corpo lhe fallava
O Demonio, que nunca se entendia;
Pois quando eu mais as vellas amainava,
Ella entaõ mais ás gavias se subia;
Mais tormenta do corpo desfechava,
Quanto mais corpo santo eu parecia:
Sem querer applacar a disconcordià;
Por mais que lhe gritei, misericordia.

P. Forte, e soberbo retrato?
Por Diós que me metteu medo.
R. Pois o original, Amigo,
Por Diós que inda he mais soberbo
P. Sogra, com essa pintura,
Mais que tigre a considero;
E tu nessas doze Outavas
Mais do que onsa a tens feito.
R. Com tudo isto lhe naõ pago,
Que o negocio he de mais pezo.
P. Digo-te que foi milagre
Chegares a salvamento.
R. Sempre cuidei que a saude
Me fizesse estar, ao menos,
Seis mezes na Trafaria,
Por trazer tal peste dentro.
P. Supponhamos que lá estamos,
E hum pouco aqui descancemos.
R. Ou durmamos, por preciso
Lethargo deste veneno.

IDADE DE TERRA, E BARRO.

P. ESSA excommunhaõ da Sogra
Tem feito cá muito enredo!

R. Fallemos, por tua vida,
Em outra cousa, fallemos;
Que se nos mettemos nisso,
Esgotaremos o tempo;
Ou entenderei que queres
Apurar-me o soffrimento.
P. Eu naõ sei porque razaõ
Fazem de ti máo conceito;
Porque eu, assim Deos me salve;
Naõ vi Homem mais sincéro.
Entaõ tu naõ louvas nada,
Inda que seja mal feito,
De tantos, que hoje em Lisboa
se pagaõ de lisongeiros!
Verbi gratia, algum bastardo
Parecer-se muito ao velho;
Ou ao legitimo doudo
Acreditar-lhe o travesso:
Chamar, por titulo estranho,
Ou por caminho diverso,
Generosos aos perdidos,
Liberaes aos avarentos:
Aos tentados em Poezia
Pedir-lhe em Versos conselho;
E louvallos, em Esdruxolo,
Nisso do furor Poetico:
A alguns conhecidos tollos
Fazer por desconhecellos;
Fallar-lhe em lingua de burro,
Se poder ser, a pé quedo:
Avaliar entre os Grandes,
A soberba por despejo;
Por magestosa a fosisse,
E natural o respeito:

Ou

Ou chamar, fazendo ao caso,
Cirurgiaõ a hum Barbeiro;
Avicena a qualquer mulla,
A todo o Alveitar Galeno:
Boa voz a huma cigarra;
Bom tocador a hum tormento;
Bom Poeta a hum trovador;
A hum fino cabra trigueiro;
A hum Rabolá bom Letrado,
E doutor a hum camareiro;
Apeles a hum pinta ratos;
A hum máo Ministro perfeito.
Que só por estes caminhos
Poderás achar dinheiro;
Poderás andar farfante,
Como muitos, que aqui vemos.

R. Em mim he Satyra tudo,
Inda o louvor verdadeiro;
Mas he porque nunca tive
Para isso bom manejo.

P. Tu naõ pedes emprestado,
Nem te levantas c'o alheio;
A ninguem tiras a honra,
A todos fazes cortejos:
Tu comes na tua casa,
Ou na de algum esmoleiro;

R. Sabe Deos o como janto,
E quantas vezes naõ ceio.

P. Pois logo em que te crimina
Esse baixo parlamento?

R. He porque Satyras julgaõ
Todos os meus galanteios;
E entaõ vaõ atrás do Povo
Correndo em meu seguimento:
Que supposto que alguns haja

De conhecimento inteiro,
Saõ poucos, e vaõ com os muitos
Por este, ou outro respeito:
Com que naõ posso livrar-me
De caõ damnado, e preverso.
P. Será assim como tu dizes,
Mas eu outra cousa entendo:
Olha naõ pódes negar-me
As Satyras, que tens feito;
Muitos as tomaõ por si
Pois frizaõ c'os seus defeitos:
E assim todos te criminaõ
Por obras, e pensamentos;
Que eu bem sei, que naõ tens culpa
De ser commum o teu Verso.
R. Fallas assim como vivo;
P. E tu morres por dizello,
R. Pois já que nisso fallamos,
Sobre isso discorreremos:
Verás que aqui muita gente
Diz, que sou hum asno em Metro;
E, havendo Satyra alguma,
Logo tenho entendimento.
Faça-as aqui o Diabo,
Que disso está cheio o Reino,
Logo he Author Thomaz Pinto,
E por consequencia Réo.
Apparece algum Pasquim;
Diz talvez o Author mesmo,
Por aqui anda o Thomaz,
Que era capaz de fazello:
Ouve isto quem me naõ gosta;
E diz, sería bem feito
Em segredo acutilalo,
Ou algemalo em segredo.

Eis

Eis-aqui ſem mais ſoccorro
O pobre Thomás em cerco,
Offrecido a toda a culpa,
E a toda a pena ſujeito.
P. E como ſe voltariaõ
Em caſtigos alguns premios,
Se os Reis,, como ouvem palavras
Conſtruíraõ penſamentos!
R. Oh ſe podeſſe ſer iſſo!
Meu Amigo, eu te prometto,
Que haviaõ de achar muitos
Daquelles, que hoje rir vemos.
P. Pois, Homem, ſe he reſervado
Só ao Ceo eſſe ſegredo,
Choremos, ſe he Deos ſervido,
No outro Mundo riremos.
R. Dizes bem; riaõ-ſe todos,
Chore eu ſó, que aſſim eſpero
De Heraclito tranſitorio,
Hir ſer Democrito eterno.
Chore embora neſte Mundo,
Onde ſaõ tudo embelecos,
Onde he crido o mentiroſo,
E onde mente o verdadeiro.
P. Tu eſtás agora raivoſo,
E dar-te córda naõ quero:
R. Naõ importa dares-me córda,
Que eu te darei cordalejo.
P. Amigo, ou ter paciencia;
Ou naõ ſer taõ verdadeiro.
R. Pois ſer verdadeiro he culpa?
Naõ he virtude eſſe genio?
P. Sabes a Hiſtoria da torta!
R. Sei, e ſei do torto o exemplo.
P. Pois nem todas as verdades

Se dizem, meu Cavalheiro.
R. He verdade, mas naõ posso
Emmendar esse defeito,
Por mais que faça por isso;
E bem por isso padeço.
P. Essas verdades, e nada
Tudo he hum; e tem por certo,
Que esse teu juizo occulto
He engano manifesto.
R. Naõ duvido, que me engane
Na parte em que sou suspeito;
Posto que agora o rebuço
Na verdade, que confesso.
P. Naõ eras Del-Rei bem visto?
Do Duque naõ foste espelho?
Do Conde de Unhaõ o proprio?
Do Mordomo Mór o mesmo?
Meu Thomás, Deos vá comtigo
Nas respostas; porque temo,
Que escorregues no jocoso,
E que naõ caias no attento.
R. Valha-me Deos, que até nisso
Has de ter de mim receio!
P. Sim, que aqui ás tuas obras
Cada qual dá seu commento:
R. Pois naõ farei mais nenhuma,
Já que com todas offendo.
P. Nem dessa sórte te livras,
(Segundo o que atrás dissemos.)
R. Pois que queres, que me enforque,
Depois de morto? naõ quero.
P. A naõ teres tal constancia,
Que te enforcarias Credo.
R. As ditas quatro colunas,
Pódem erigir hum Templo;

Sen-

Sendo que huma só baſtava,
Inda que mais fora o pezo.
P. Pois dizem, que és bem pezado.
R. Menos ſou do que pareço;
Antes fui leve, e entendia,
Ter niſſo mais fundamento.
P. Niſſo, com tua licença,
Naõ te livrarás de neſcio.
R. Pois eu diſſe-te algum dia
Acaſo que era diſcreto?
P. Logo bem dizem os outros,
Que he hum aſno quem faz Verſos;
Com que naõ pódes livrar-te
Por eſte *atqui*, deſte *ergo*.
R. Deſtingo: que Verſos faça
Aquelle que he aſno, nego;
Mas que ſeja hoje em Lisboa
Aſno quem os faz, concedo.
P. Se diſſeras antes, louco
Concluhias o Argumento.
R. Pois aquillo das loucuras
Anda ás aſneiras anexo.
P. *Ni tan neſcio que no haga uno*,
Diz lá naõ ſei que Proverbio,
Ni tan loco que haga dos;
E aſſim ſerás louco eterno.
R. Meu Amigo, quem faz hum
Crê, que ha de fazer hum cento;
Ainda tendo para iſſo
Melhor razaõ que os ceſteiros.
P. Porém naõ poſſo negar-te
Que foſte, entre os diſcretos,
Nas Academias bem viſto,
Salvo de algum meio leigo.
R. Fizeraõ-me honras os Nobres,

E Satyras os Tudeſeos;
Por aquella boſetada,
Que lhe dei em levar premio.
Por iſſo mal me quizeraõ
Baixos, invejoſos, neſcios,
A quem por vil amor proprio
Céga o luzimento alheio.
P. Pois deſſas meſmas invejas.
Eu meſmo inveja te tenho;
Que ſe medo te moſtráraõ,
He que te tinhaõ reſpeito.
P. Que ſentes deſte eſcarlate?
R. Que he fino, como eſtrangeiro;
Que he em tudo do meu panno;
Que nunca lhe vi o aveſſo;
Que tem rara habilidade;
Que toca cravo em extremo.
P. O termo delle he fidalgo:
E pois fallamos em termos,
Voltemos ao noſſo rumo:
R. Pois naõ montamos, voltemos.
Com o Rei ſem tive entrada,
E principios taõ celeſtes,
Que bons fins me promettiaõ;
Porém eu errei os meios.
Deo-me o Officio de Defuntos
Por hum ſó Real Decreto,
Que era para o meu feitio
Propriedade com myſterio.
Se lho pedíra de vivos,
Por ſuffragio de ſuſtento,
Certamente, que mo dava,
Que entaõ era mais acceito.
Mas foi-ſe-me aquelle á boca,
Que he por onde eu ſempre erro.

Deſ-

Del-Rei naõ devo queixar-me,
Da Fortuna he que me queixo'
Pois baſtou eu ter entrado
A dar fé dos eſqueletos,
Para que no tal deſtrito
Naõ morreſſem, nem de velhos.
Sou tal, que ſe alguem de peſte
Quizer livrar, ou veneno,
Deixe-me quatro cruſados
Em verba de Teſtamento:
Do meu Fado eſte he o Officio;
Só me peza dos Direitos,
Que entaõ de corpo preſente
Paguei ſem outro Memento.
P. Eu hia-me logo, logo
Com eſſe Conhecimento
Metter por huma vez Frade;
Mas que foſſe duas Leigo.
Tomava para ſer juſto
O Eſtado mais eſtreito;
E, ſe quizeſſe ſer largo,
Achava o caminho aberto.
R. Sou em tudo taõ mofino,
Que, ſe o puzeſſe em effeito,
Onde naõ acceitaõ nóvos,
Me regeitariaõ velho.
P. Por outras culpas ſería;
Que por eſſas naõ te creio.
Aqui para nós, tu Pinto,
Picas muito no venereo.
R. Tornemos ao noſſo paſſo:
E deixemos mais rodeios.
P. Dize-me o Fado dormia,
Quando houve huns Reaes Direitos?
R. Em tudo eſtava de acordo;

Mas

Mas naõ ſei que gato negro
Se metteu entre eſſa graça,
Que deo comigo no Inferno.
Onde, de entaõ atégora,
Vejo que *nulla eſt redemptio*.
P. Diſſeſtes algum Verſinho
De mais feitio que pezo,
Em má hora avaliado,
Que te arruinou no preço.
R. Naõ duvido que aſſim foſſe;
Mas por Deos em quem ſó creio;
Se fui com Verſo picante,
Já me arrependo converſo.
Pois ignorando o motivo,
Fiz, para tornar ao Gremio,
Hum Soneto, que podia
Abrandar de bronze hum peito.
P. Deixa equivocos agora,
E vamos ao tal Soneto.
R. O Soneto he o ſegundo
Que fica a ſeis folhas Verſo.

SONETO.

ESTOU, Senhor, deveras bem ſentido,
Porém tambem Senhor eſtou paſmado,
De vêr hum Real Braço levantado
Contra hum quaſi nada eſmorecido.
Sem caſtigo ſois mais para temido,
E ſem premio tambem mais para amado;
Suſpendei pois, Senhor, o golpe irado
Com quem ſe poſtra a voſſos pés rendido.
Eu já quero que o voſſo rigor teime,
Em dar-me culpas; abaixai o Braço:
Já confeſſo que errei, mas emmendei-me.

E

E pois sois de Coroa nesse Paço,
A vossos pés me rendes, absolvei-me;
Em quanto de contricto hum Acto faço.

ACTO DE CONTRIÇAÕ.

MEU Senhor Joaõ o Quinto,
Rei, e Homem verdadeiro,
Por serdes vós quem sois,
E porque vos venero,
Me pesa dentro na alma
Naõ vos fazer bons Versos:
Porém, Senhor, eu proponho
Firmemente, e prometto
De com a vossa graça
Emmendar meu gracejo;
E das passadas culpas
Hoje o perdaõ vos peço;
E espero alcançallo
Pelos merecimentos
Do precioso sangue
Que ha nesse Peito Regio;
E pela grande paixaõ,
Que dentro no meu tenho.
Vade in pace.

P. A isso naõ disse nada?
R. Nem sei se chegou a vello.
P. He desgraça dos cahidos
O serem lhe todos cegos.
Pois naõ soubestes a causa
De nenhum desses effeitos?
R. Por mais que trabalhei nisso,
Cancei-me debalde, e entendo,

Que,

Que, por eu amallo muito,
Talvéz me quizesse menos;
Que offende hum amante indigno,
Onde he sagrado o objecto.
P. Isso para huma Dama
Era notavel conceito!
R. E ElRei naõ he Gentil-Homem
Como huma Dama? he por certo:
P. Mas já o foi mais hum pouco;
Porque ha de haver anno e meio,
Te mostrava melhor cara
Em todo o requerimento.
R. A sofistéria he boa,
Mas a verdade he que eu creio;
Se a fallar vai a verdade,
Agora o acho mais bello.
P. O Duque naõ te deo nada?
R. Que me fez favor naõ nego;
E talvez, que o muito mimo
Fosse o meio de perdello;
Confesso, que nelle tinha
Cérta a perdiz, o coelho,
E o porco; mas o leitaõ
Naõ púde nunca cozello:
O Duque me arrancou fóra
Daquelle quintal de ferro,
Aonde a Sogra me tinha
Enxertado em limoeiro.
P. Ora conta-me esse caso,
Que ando morto por sabello:
Valha o Diabo tal Sogra,
Já lhe tenho hum odio féro!
R. Pois fui por esse Demonio,
Em diabolico Processo,
Aeriamente culpado,

E cor

E corporeamente prezo.
Eraõ nove horas da noite,
Eu estava jogando os centos
Com hum Amigo teimoso
Que áqui todos conhecemos:
Quando me entrou pela porta
A Turba do prendimento
De quatro Judas guiada,
Por cento e vinte dinheiros:
Por final que o tal Amigo
Lá mostrou seu arremeço
De querer que fosse tudo
Á espada com S. Pedro.
Tem maõ, lhe disse eu, Francisco,
Embainha o teu cutello,
Que isto vem determinado
De cima, e naõ tem remedio.
Este venenoso trago
Hei de bebello; ou vertello;
Aqui estou, vamos, Amigos
Escribas, e Fariseos.
Fui innocente levado
Á prizaõ com bem desprezo;
A cuja grande paixaõ
Fiz o seguinte Evangelho.

SONETO.

NAQUELLE tempo em que eu tinha ceado
Com esse que o meu lado só procura,
Chegou daquella Sogra taõ prejura
A Turba multa a pôr-me a bom recado.

Acor-

Acordáraõ por força de mandado
  No pretorio da minha desventura;
  Que fosse pela rua da amargura
  Á minha opiniaõ bem amarrado.
Seguio-me, mas de longe, o tal Amigo;
  Té á porta da casa, onde innocente
  Em nenhum Barrabás achei abrigo.
Onde a Sogra malvada, e insolente,
  Hum Calvario me fez de tal castigo,
  Que me pós como hum Christo esta serpente.

P. Tens que agradecer ao Duque
  O livrar-te desse aperto.
R. Correu nisso como Amigo,
  E andou como Cavalheiro:
  Deo-me do velhaco enigma
  Inteiro conhecimento;
  Sendo Escrivaõ destes Autos
  Manoel de Oliveira e Mello.
P. E depois de decifrado,
  Naõ queimastes esses perros?
R. Fallemos em outra cousa,
  Que isso saõ outros quinhentos:
  Sei que Author fui castigado,
  Que foraõ livres os Réos;
  Que entravaõ pronunciados,
  E que sahíraõ defesos.
P. O Conde de Unhaõ me dizem,
  Que te deo mui bom dinheiro.
R, Postó me chamem ingrato,
  Isso, e mais que isso confesso:
  Elle me mudou de todo
  De casa do Carcereiro;
  Usando na moradia
  Com bem fidalgo dispendio.

Quan-

Quando pelo mesmo caso
Fui levado ao mesmo centro;
Que até dos processos nullos
Ha forçados livramentos.
Porém para as injustiças
Nascêraõ os valimentos
E o Conde que nisso he guapo,
E affectivo com excesso!
P. Pois entaõ naõ dizes nada?
Mas entende, e tem por certo
Que o Unhaõ foi teu Amigo,
E ainda poderá sello.
R. Assim queira, como pódes;
Que o animo he estupendo.
Eu he que naõ sei levallo
Pelo caminho direito:
Mas do seu heróico timbre
Inda hum favor espero,
Que he enterrar-me huma filha
No Sagrado de hum Convento.
P. O Conde nisso empenhado,
Naõ sei como o naõ tem feito!
R. Até para conseguillo
Me faz mal seu muito empenho.
P. O Mordomo Mor fez muito
Na mercê de Cavalheiro?
R. Sim; trabalhou fortemente
Nessa consulta *ad Efesios.*
Porém durei-lhe mui pouco
Nessa graça, porque vendo
Que eu de habito mudava,
Fez de natureza o mesmo;
Mas tudo isso de mim nasce,
Delle naõ, nem posso crello:
Porque foi hum dos Fidalgos

Com

Com quem fiz merecimento.
Sempre o servi com agrado,
Com estudo, e com respeito,
Naquelle meu pouco, ou muito,
Naquelle seu mais, ou menos.
Naõ quiz no melhor honrar-me;
Porém para lá hiremos,
Onde saõ iguaes os fóros
Dos Grandes, e dos pequenos.
P. Pois naõ sei como foi isso!
Porque he mui bom Cavalheiro;
Mui affavel, mui sesudo,
Mui cortez, e mui modesto.
R. Provedor da minha honra
Foi, mas com tal desapego,
Que a pôz em a rua suja,
Podendo em Recolhimento.
P. Isso agora he mais pezado;
Bem merecia hum Soneto!
R. Se elle me apanhára vivo,
Matara-me por fazello;
E naõ penária tanto,
Porque morria mais cedo:
Mas tudo a Deos encaminho,
Que he hum Vingador Supremo.
P. D. Rodrigo de Alancastro
Creio, que foi dos primeiros,
Que te matáraõ á fome,
Dando-lhe em carneiro enterro.
R. Eu já disse isso em Curuche:
Porém agora accrescento,
Que esse Fidalgo he huma nata,
De que muitos fazem queijos.
P. Eu naõ vi Homem mais puro;
Mais benigno; e mais quieto.

R. Creio, que naõ tem peccados,
Salvo algum por pensamento.
P. Nesse ponto já deo nó,
Adjunto ao cazamento.
R. E nessa uniaõ ditosa
Só logrou o privilegio
De naõ ser vulgarizado
Na boca de hum Gazeteiro.
P. Quererá apregoar tudo
Nos banhos do Baptisterio.
R. Pois daqui a nove mezes
Algum Madrigal teremos
Em Gazeta, que em Romance
Eu hei de assentar primeiro,
Que se há gostos, que daõ vida,
Eu resuscitar espero
Para bailar nessa boda
Varias mudanças do tempo.
P. E aquelles oito Mórdomos,
Que por seu alto recreio
Te quizeraõ por hum anno
Fazer cada mez Festeiro?
R. Essa Festa foraõ Canas,
Que inda hoje estaõ correndo
Na Esperança os duvidosos,
E no Calvario outros certos.
Foi na Piedade o principio,
Continuou nos Remedios,
Parou nas Necessidades,
E deo fim no Livramento.
Toda a Festa foi galhofa
Para este Santo; mas creio,
Que algum dono se naõ risse,
Senaõ chorasse algum servo.
Só de hum, por ser do seu panno,

Fiquei de todo cuberto;
Porque me deo para a Festa
Armaçaõ, e mais dinheiro,
P. Isso foi hum caso raro,
Creio que Soneto temos!
R. Ha de levallo por força,
Já que me levou por geito.

SONETO.

NESTA pobre Irmandade oito entráraõ
Que por eleiçaõ minha preferiraõ;
E por devoçaõ sua reduzíraõ
A Festa a huma moeda, a que faltáraõ.
De huma lista, em que todos se *assentáraõ*,
Todos (excepto hum pobre) se excluiraõ;
Porque os que começáraõ naõ seguiraõ,
Outros (que ainda he peior) naõ começáraõ.
Busco na sua casa ao que se affasta,
Procuro ao que naõ paga, e ao que resta,
Sou meu mesmo Andador, mas nada basta,
Com que, Amigo, em Terra como esta
Has de saber, que a Santos desta casta
Só D. Joaõ Manoel lhe faz a Festa.

P. Isso está muito bem dito,
Mas naõ cabalmente feito;
Que póde a algum dar-lhe o flato
De ajustar o anno inteiro.
R. No Soneto ha parafuso
Para o tal se encaixar dentro;
Que no Terceto lhe fica
Reservado o seu direito.
E se hei de dizer verdade

Muito aos Cavalheiros devo,
Que me sarárao com honras,
Da canalha os vituperios.
Honrárao-me nesta Corte
Muitos, que aqui naõ expresso,
Por ser do papel da Vida
Este o ultimo caderno.
Fui em todas as idades
De desgraças hum compendio;
Como se vio em menino,
Em rapaz, em moço, e em velho.
Nunca furtei, nem matei,
Nem menti; que saõ tres verbos,
Que me podiaõ dar nome
Em huma Oraçaõ de cego.

P. Mas antes pela passiva
A Oraçao em ti temos;
Pois foste roubado, morto,
E desmentido, em teus tempos.

R. Muitos aqui me atirárao;
E para encarecimento
Até hum fez em mim alvo,
A que servi como hum negro.
Mas já me sinto acabando,
Já nada do Mundo espero,
Já me despeço da Vida,
Já me vou ao Semiterio.
A Deos Amigo, eu perdoo
A todos, grande, e pequeno.

P. Espera, que eu vou comtigo,
Até á Morte companheiro.
E quantos, depois de morto,
Teraõ arrependimento,
Ou do bem que te naõ fazem,
Ou do mal que te tem feito!

EPI-

EPITAFIO PRIMEIRO.

AQUI jaz puramente, oh caminhante,
Hum vulto de ambulante, sem ser gente,
Que foi por bem fallante, mal dizente;
Que naõ foi por corrente nada á vante.
Que na melhor enchente achou vazante,
Que se vio mais distante no presente;
Que mordeu por picante, sem ter dente,
Que foi por innocente o mais picante.
Hum morto sou, que sinto em tanto conto
Naõ dizer no que conto, quanto sinto,
Por hir nisso, que sinto tanto a ponto;
Porém se nada em quanto conto minto
Novo Cisne desminto a tanto tonto,
Pois morro, sinto, conto, canto, e *Pinto*.

EPITAFIO SEGUNDO.

CAMINHANTE, que vás taõ de corrida,
Pois em nada repáras da jornada,
Repára por tua vida no meu nada,
Que foi toda huma morte a minha vida.
Tambem do Mundo andei muita partida,
Posto que em diligencia mal parada;
E por naõ ser mentira incorporada,
Huma verdade sou desvanecida.
Eu tive occupaçaõ sem exercicio,
Eu fui mui conhecido, sem ter nome,
E eu ingrato morri sem Beneficio.
Exemplo toma em mim, oh pobre Home;
Que, se tratares mal, vives de vicio;
E se viveres bem, morres de fome.

ECLOGA

DO

R. P. FRANCISCO JOSÉ FREIRE.

ALPINA.

ENTRAVA o triste tempo, em que cedia
Seu brando Imperio o Outono ao duro Inverno,
Que as cans hirsutas sacudindo, os montes
Semeára de neve; a magra féra,
O murcho passarinho naõ podiaõ
Resistir á geada: este buscava
Nos occos troncos quente abrigo: aquella
O pello sacudindo hia fugindo,
Para as occultas grutas. Abrigado
Nos Presepios o armento remoçava
O secco feno, que em coberta choça
O Pastor diligente lhe guardára.
Os tristes Montanhezes naõ podendo
Resistir ao rigor do duro tempo,
Em seus casaes passavaõ recolhidos,
Chamando pela doce Primavera.
Junto da aspera serra, que d'*Estrella*
O nome tem, vivia a boa Alpina,
Mulher do bom Serrano; ambos de idade;
Ambos de bom viver: ora huma noite
A governada Mãi depois da cêa
Para o seráõ chamava as cáras filhas.
Vem cá, Silvia, (dizia) traze o linho;
E tu, Silena, a lã: façamos róda.

Ao pé desta fornalha, e o grave somno
Enganemos assim; depois dormamos;
Cantai embora, filhas, se quizerdes,
Mas honestas cantigas, quaes cantavaõ
As moças do meu tempo. Acompanhava
A velha Mãi as filhas na taréfa;
Em dous fusos torcendo a crua linha;
E junto della o velho bem coberto
Começava a rôncar a somno sôlto.
O trabalho á contenda hia luzindo:
Porém como o seráõ se hia alongando;
Sobre as róças as moças já cançadas
Cabeceavaõ. Olá, Silvia, desperta.
(Lhe disse a Mãi) durma Silena embora
Que naõ quero perceba o que fallarmos:
E eu tenho que dizer cousa de monta,
Que importa ao teu estado, e meu *socego*.
Filha, pois que chegaste áquella idade,
Em que os Pais devem dar estado aos filhos,
Por naõ faltar aquelle amor, que sempre
Te mostrei, minha Sylvia, desde o berço.
Saberás que teu Pai já por esposa
A Montano te deo; galhardo moço:
Saõ os haveres, geraçaõ, e idade:
Bem empregada vás: ora he preciso
Dizer-te antes que cases o que deves
Praticar na tua casa, quando fores
Mulher, e Mãi; e nestas advertencias
De minha boa Mãi imito o exemplo,
Que prudente me deo grandes avisos
Antes que casasse; e seus conselhos
Taõ uteis me tem sido, que a lembrança
De tanto bem me obriga a todo o instante
A rogar ao Senhor, em paz a tenha;
Attende pois ao que ella me dizia.

(Por-

(Porque ella naõ foi rustica Serrana,
Mas nascida em Cidade) o nosso sexo,
Se com o varonil o compararmos,
He sexo, que tem muito de imperfeito;
E tanto o tem, que se a Mulher no Homem
Arrimo naõ buscasse, ficaría
Desamparada, e só; qual fraca vide,
Que sem fructos nos dar, vive rasteira.
Ora assim como aos ulmos, e salgueiros
Tem por costume ás vides encostar-se,
Assim tambem nós outras ao Marido
Devemos encostar-nos; sendo certa
Esta nossa fraqueza, assás preciso
Se faz dizer-te logo o como deves
Com o teu Homem haver-te, a fim que possas
Dar por estes contornos santo exemplo.
A cousa principal, que amargurada
Faz a vida das miseras casadas,
He a discordia; e posto que esta ás vezes
Vem de Marido d'aspera catadura,
Cioso, jogador, e dado ao vinho;
Com tudo as mais das vezes tem principio
Em nosso pouco assento, pouco siso,
E dura condiçaõ; pois naõ querendo
Conhecer nosso estado, nos fazemos
Desabridas, teimosas, mal soffridas.
Da casada, que em grande paz deseja
Passar alegre, e venturosa vida,
O primeiro cuidado he ser taõ mansa,
Saber tanto amoldar-se a seu Marido
Como ao tender nas mãos a massa vemos;
Que sempre pelo fraco a corda quebra.
O segundo he deixar todo o governo
Defóra para o Homem: assás tem ella
Que governar das portas para dentro.

A

A tua lida, ó filha, he a róca, o fuso;
O tear, a costura da familia,
Cuidar da criação que farta a casa;
Vigiar os servos, educar os filhos,
De modo que os visinhos naõ murmurem:
Isto naõ he dizer-te que conselhos
Ao Marido naõ dês, quando tropeça;
Mas faze-o de maneira que lhe mostres
Sujeitas teu juizo a quem mais sabe.
Assim haverá paz: porém se acaso
(Como inda mal succede muitas vezes)
Entre elle, e ti houver negra discordia,
Vê lá bem, naõ te amúes, nem te queixes
Ás amigas visinhas, e comadres;
Que a casa naõ se fez para outra cousa,
Nem tem para outro fim paredes, portas,
Senaõ para evitar que a gente estranha
Naõ possa ser juiz, ou testemunha
De caseiros enfados: mas naõ basta
Que as queixas naõ publiques, he preciso
Que até dellas te esqueças totalmente;
Pois Mulher, que se lembra das injúrias
Feitas por seu Marido, he néscia, e delle
He mais do que Mulher féra inimiga.
Annos há, e inda agora (Deos o sabe)
Que de teu Pai podendo eu formar queixas
Com ninguem boquejei em seus aggravos,
Nem lhos lancei em rosto: pois aprende
Sylvia, de tua Mãi: faze outro tanto.
Facilmente outro vicio nos consome,
Qual traça, o coraçaõ; isto he, hum certo
Rancor occulto, e talvez odio extremo
Aos Pais, Irmãos, e em somma a toda a gente
Do sangue do Marido; torpe vicio!
Casta vil de Mulher, que deve sempre

Dar

Dar bom exemplo aos ſeus; eu bem alcanço
Que tu juizo tens para fugires
Sem meu conſelho deſta infame nota:
Com tudo naõ faz mal nimia cautela;
E antes quero dizer mais do preciſo
Do que omittir os minimos aviſos.
Em ſeus Parentes honra a teu Marido
Portando-te com elles qual quizeras
Que comtigo ſe houveſſem, ſe eſtiveras
No lugar que elles tem; mas ſobre tudo
Muitas, e muitas vezes te encommendo,
Que mais do que da peſte, da má fama
Fujas, querida filha: eu tenho idade,
E ſei por experiencia que a má fama,
Se alguma vez ſe eſpalha, em vaõ ſe tenta
Recobrar o perdido: mil exemplos,
Se me fora decente, te eſpozera.
As linguas ſempre, (e dizem que na Aldeia)
Saõ para dizer bem muito mais tardas;
Do que para cortar por honra alheia.
Niſto dizer naõ quero que procures
Fazer mal com cautela: Ah! Deos defenda
A quem gerei de inclinaçôes taõ feias.;
Quero dizer-te ſim, que tal procedas
Que ſaias, e pareças o que deves,
E tal conſeguirás ſe mais apreço
Fizeres da modeſtia, e caſto pejo;
Do que da formoſura. e vãos enfeites:
Eſte he o melhor dote; aquelle dote,
Que naõ ſe vai perdendo com a idade,
E que ſempre o Marido mais eſtima;
A bella roſa, quando eſtá fechada,
Entaõ he que eu a julgo mais formoſa,
Abre-ſe, deſcompoem-ſe, e perde o brio;
Neſte ponto naõ ceſſo de aviſar-te:

Fi-

Filha, se da modestia te prezares,
Crê-me que joia tens de summa estima;
E deixa ás moças vans loucos desgarres,
Que ellas mal sabem mal, quanto esperdiçaõ.
Em quanto ao teu vestir, o baixo estado
Em que te pôz o Ceo, ouro, nem seda
(Como por cá já vejo) naõ consente:
Inda assim na pobreza do teu trato
Póde haver demasia, se intentares
Ou na pelle mais alva, ou lã mais fina
As outras exceder da tua igualha:
Mas agora me occorre sobre enfeites
Huma cousa dizer, que vêr naõ posso,
E que saio de mim sempre que a vejo
Velha sou, vivi sempre nesta Serra,
E posso-te jurar que nunca nella
Vi huma só Mulher com cara untada;
Agora (oh tempo antigo!) vem á Festa,
Ao casamento, vai-se á romaria;
E vejo que as Mulheres aldeanas
Apparecem qual gente da Cidade;
Nos cabellos com pós, com côr no rosto
Bem como as mascaradas de entremezes:
Quantas vezes lhes digo, ah minhas filhas,
Faltava isto por vêr, estais perdidas;
A vossos loucos Pais, loucos Maridos
O Ceo perdoe tantos desconcertos!
Que feias pareceis! Vós naõ vos visteis?
Ou naõ vedes as rústicas Serranas
Lavadas n'agua pura, e nos cabellos
Mostrando a loura côr, quanto saõ lindas!
Quanto modestas saõ, quanto innocentes!
Dizei qual he mais bella, a flor, a fructa,
Que recebe do Sol a côr nativa,
Ou a que finge a maõ enganadora?

Olhai

Olhai que os bons visinhos vos apontaõ
Com o dedo, e dizem; tudo vai perdido!
Naõ ha com quem se case nesta Aldeia;
Eis-aqui as soldadas que trouxeraõ
As que foraõ morar lá na Cidade:
E pegou logo a peste em gente honesta.
Eu com esta clareza assim lhes fallo.
Mas ellas dando costas vaõ-se rindo,
Chamando-me Mulher do tempo antigo.
Ó Sylvia, naõ me sigas estas loucas
Que daõ em que fallar na visinhança;
Antes esta liçaõ aprende, e guarda,
(Se Deos, filha, te der) taõ bom conselho
Basta pelo que toca á honesta vida
De huma casada; e vamos mais adiante,
Que naõ foi ordenado o Matrimonio
Só para que tivessemos Marido,
(Que isso quasi sería ser escravas)
Mas para sermos Mãis, saõ fructo os filhos
Do Santo Matrimonio, e he taõ gostosa
Deste fructo a doçura, que tempera
Mil tragos amargosos, que se bebem
Na vida de casada. Este bem passa
Até a nós, que já com tanto custo
Temos de Mãis o nome: naõ se explica
O gozo, que em nós ha vendo nascidos
Filhos de nossos filhos, Deos te chegue
A contar netos, e verás se aos filhos,
Que tu com dôr geraste, os naõ igualas;
Porém tornando ao ponto; se Mãi fores,
Naõ faças o que eu vejo praticado
Em nossos Maiores Negro costume
Vindo cá naõ sei donde introduzir-se,
E vai lavrando muito em casa farta:
E vem a ser negar ao proprio filho

A

A crua Mãi o leite entregue ás servas.
A mais pobre Serrana, que naõ cria
Quem tanta dôr custou, quasi que engeita;
A que naõ chega a presumpçaõ soberba
De querermos seguir usos da Corte!
Tua Avó que diría, se tal visse,
Ella que tantos filhos a seus peitos
Criou, com tanto amor, com tanto custo;
E mais Senhora foi de grossa casa,
Filha, e Mulher de honrados Lavradores.
Naõ sigas tal costume, que se offende
De desamor taõ novo a Natureza,
Que até nos animaes dá nisto exemplo,
Repara em nossas vaccas, nossas cabras,
E em toda a creaçaõ, que em casa temos;
Observarás que as Mãis já mais aos *filhos*,
Que os conhecem por seus, o leite negaõ;
Antes alheios tomaõ; logo o nome
Naõ deve ter de Mãi quem nega o peito
Áquelle que trouxera no seu ventre,
E menos ser contada entre as Mulheres,
Quem nisto he mais cruel que as mesmas féras.
Com tudo neste aviso naõ pertendo
Que com mimo, e ternura os filhos cries,
Porque depois crescendo seráõ fracos,
E pouco soffredores do trabalho;
E se isto he criaçaõ, que mal parece
Até nesses Morgados da Cidade:
Como ha de dizer bem em nossos filhos,
Que para trabalhar desde meninos,
Ajudando a seus Pais de dia, e noite
Os pôz Deos já no Mundo! Fora inutil
Recomendar-te ó Sylvia, que com elles
Summo cuidado, summa diligencia
Mostrasses, no que diz respeito ás Santas

Leis

Leis do Senhor, que habita nas Alturas:
Tu bem lembrada estás, que eu te dizia
Na tua meninice, que o primeiro
Cuidado de hum Christaõ, que quer salvar-se,
He amar, he temer ao Deos Supremo;
Ao Deos, que os bons premea, aos máos castiga.
Naõ te ensinei, que delle nos vem tudo
O comer, o vestir, a sórte, as posses?
Que elle só faz vingar a loura espiga,
Nascer o gado, arrebentar a vide,
E carregar as arvores de fructos?
Que elle he quem manda a chuva peneirada
Brandamente do Ceo ao fertil campo,
E a frescura de noite, o Sol de dia,
Para que a herva pulle, o gado engorde:
Mas que se elle se indigna contra o nosso
Ingrato proceder, a planta murcha,
A semente corrompe, e ou nega a chuva,
Ou as terras alaga, e vai-se tudo
Definando-se o gado á pura mingoa?
Quantos destes exemplos tenho visto?
E póde ser, que eu fosse por meus males
Causa de se vêr pobre o meu Serrano.
De amar a Deos, segue-se amar aos Homens
Pois que proximos saõ. Filha reparte
Com o pobre infeliz do que tiveres,
Tratallo como irmaõ, dar lhe hospedagem
Se ta pedir, mas seja com cautela;
Que nem sempre he bom tudo o que parece,
E o bem que lhe fizeres, a ti mesma
O fazes, e a teus filhos, pois o Mundo
Dá muitas voltas, e huma Mãi naõ sabe,
Que será de seus filhos? Naõ consintas,
Que te venhaõ dar novas do que passa
Nos visinhos. Se vires que disseraõ

A mais leve mentira, que murmuraõ,
Que guerreiaõ com outros de feus annos,
E naõ cataõ refpeito á gente velha,
Em fim, que bem naõ guardaõ quanto manda
A Santa Lei, caftiga-os fem piedade,
E emenda o máo conceito, que os da Corte
Fazem da Aldeia, por feu bruto enfino.
Tanto que os filhos já tiverem corpo
De ajudar a feu Pai no campo, ou vinha,
Entregar-lhos convem, que a elle toca
Enfinallos entaõ, dar-lhes caftigo,
Se forem negligentes, e manhofos.
Porém das filhas deve a Mãi ter fempre
Sollicito cuidado, e naõ largallas
Da fua companhia, e dos feus olhos,
Até que chegue o tempo, em que *crefcidas*,
Seu Pai cuide em cazallas; que *efte ponto*
De bufcar genro igual ao fangue, e dóte
Naõ he proprio da Mãi, fe ha pai vivo:
Ora como tu vais para Montano,
Que he dos mais abaftados defta Serra,
E affim ha de ter fervos fóra, e dentro,
Quero tambem dizer-te o como deves
Haver-te nefta parte, fe quizeres
Governar fem motim, nem defabrida
Sejas com elles, nem te facilites
Moftrando-lhes agrado em demafia;
Que a foberba faz odio, e o genio facil
Abre a porta ao defprezo, e ás liberdades:
Segue niffo o feu meio; e sê com elles
Carinhofa, e fevéra ao mefmo tempo:
Em quanto ao feu fuftento, fervos fartos
Saõ honra de huma cafa: o pagar prompto,
O comer abundante (me dizia
Hum velho muito lido) faõ o preço

Por-

Porque esta gente vende a liberdade.
Naõ convem fiar delles; he milagre
Achar servo fiel; achei bem poucos,
E cuido que ainda agora saõ bem raros!
Senaõ tiveres olhos vigilantes,
E portas bem fechadas vai perdido
O recheio da casa; desperdicios
Em tudo encontrarás, porque a quem serve
Naõ lhe doe a fazenda de seus amos.
De mais eu sempre tive por costume
E bem vês que inda o tenho nesta idade
De nunca me deitar, sem que a familia
Recolhida estivesse, e bem guardada:
E sempre ser primeira a levantar-me:
E assim desconfiada, e vigilante
Evitei huns domesticos perigos;
Donde he facil nascerem graves damnos
Creio que naõ me entende, mas o tempo
Te explicará este prudente aviso.
Naõ sei que mais me falta! ei-lo-vai, bastaõ
Por ora estes conselhos; mas adverte
Que os conselhos maternos desprezados
Daõ cedo na cabeça á nescia filha.
Deo fim Alpina: e Sylvia que modesta
Tinha até aqui os olhos no chaõ postos,
Levantou-os chorosos já sentindo
O seu apartamento, e agradecida
Á Mãi beijou a maõ. E como os gallos
C'o silencio rompendo da alta noite
Á contenda cantavaõ, disse a velha,
Sylvia, conserva o lume no burralho;
Vê bem se a porta fica afferrolhada,
E apagando a candeia, vai-te á cama.

SONHO MORAL.

ODE EPÓDICA,

Pelo mesmo.

AH! quem disséra, Coridon amigo,
Que o somno, o amavel somno,
Contra os duros cuidados firme abrigo,
Em vez de ser patrono
De animos afflígidos, á minha alma
Causára atroz martyrio,
Quando ella suspirava em doce calma:
Ao peremne delirio
De pensamentos mil fugir! Eu creio,
Que o Deos do somno vaga,
Só para me causar funesto enleio
Banhou no Estigio Lago
A fatal vara: vê se acerta; observa
A narração concisa
Da visaõ, que a memoria inda conserva,
E o animo horroriza
Nos impressos sinaes de seus horrores.
Oh! quem nunca tivera,
Ó tyranno Morfeo, os teus favores,
Que sem elles vivéra
Esta alma mais tranquilla em seus cuidados,
No centro mais profundo
De hum circulo de montes escarpados,
Que a distancia do Mundo
Aos eixos Celestiaes quasi mediaõ:
Sonhei vêr Lago immenso

Cujo ambito robuſtos opprimiaõ
Troncos, que em boſque denſo
Naõ deixavaõ paſſar no ardente Eſtio
A farta luz eſcaſſa:
Aſſim ſe trava horrivel, e ſombrio,
Que a viſta ſe embaraça
No frondoſo, intrincado labyrinto.
Alli, como ai porfia
Com eſpantoſo Canto nunca extinto
O lugubre ar fazia
A horrida turba de aves, que abordáraõ
Ás margens aſcaroſas.
Alli, a prole vi das que mancháraõ
As viandas ſaboroſas
Do miſero Phineo; e das que a Ticio
No Averno inda devoraõ
Com peremne, e tyrannico exercicio.
Alli, creio que moraõ
As cruas filhas deſſa alada Féra,
Que Andromeda innocente
Com atroz ſanha devorar quizera,
E mil monſtros, que a gente
Humana nunca víra, nem pintára.
Quando Esfinges enormes,
E medonhas quimeras inventára
Por entre os boſques informes
De carcomidas arvores travadas,
Cavernas, ſe occultavaõ,
Que com peſte do Tartaro exhaladas
O olfato me atacavaõ:
Nunca vi deſgrenhada, e meditando
Muda melancolia,
E em torno a ella ſem ceſſar voando
Da infama fatafia
Os negros filhos, triſtes penſamentos,

Suſpeitas temeroſas,
Acerbas mágoas, horridos tormentos,
E quanto as pavoroſas
Almas ſabe affligir. Neſta maſmorra
Do circulo tyranno
Geme o Lago infeliz, ſem que o ſoccorrà
No intoleravel damno
Da perpetua prizaõ, ou branda aragem
De Zefyro clemente,
Ou furia de Aquilaõ, a viva imagem
D'agua, que já naõ ſente
Eſpirito vital, me parecia
Mas ſe eſtava inſenſivel
Ví neſte Lago a peſte ſe movia.
E com preſteza incrivel
Alito taõ infeſto derramava,
Que o boſque d'improviſo
De ſulfureos vapores ſe cerrava.
Com elle alli deviſo
A morte na tarefa affadigada,
Das margens arrancando
Aconito, e cicuta, com que irada
Bebidas mil temperando
Aos incautos Mortaes dólos urdia.
Nas aguas peſtilentas
O Povo nadar, que ſó ſe via,
Eraõ lethaes ſerpentes,
Baſiliſcos, e grifos, que voavaõ,
E com ſilvos medonhos
Sem deſcançar os ares atroavaõ;
Monſtros, que nos ſeus Sonhos
Nunca pintar ſoubéra a vaga idéa
Deſſe Calot famoſo.
A tanto Silvo, que entre ſi guerrea
No eſtrondo temeroſo,

Acor-

Acordei, mas de modo, que inda o ſangue
Mudado em gello ſinto.
Entorpecida a voz, e a alma exangue
Naõ ſabe do labyrinto.
Tu zombas Coridon? Sonhei, he certo;
Foi vã toda a pintura,
Mas penſa como eu penſo, agora eſperto,
Que a vida pouco dura,
E que podemos vêr com Sonho eterno
Deſta viſaõ ligeira
Naquelle horrendo Lago ſempiterno
A Imagem verdadeira.

Contra os ſoberbos tumulos vaidoſos
Ao Senhor Manoel Pereira de Faria
Candido Luſitano eſt'Ode envia.

FATAL miſeria! que a vaidade inſana
Até domine com altivo aſpecto
Na caſa horrenda, que carcome uſana
Torpe eſqueleto!
Ella nos ſeios de aſperas montanhas
Mendiga diaſpros, alabaſtros puros;
Fomenta, alcançando máquinas eſtranhas,
Paſmo aos Futuros.
He limitado o liberal theſouro,
Que a Terra offrece ao avido Vivente,
Se Hebro, e Pactólo naõ lhe offertaõ de ouro
Larga corrente.
Aqui ſe lavraõ mil Eſtatuas raras
De altas virtudes, para adorno, e gloria,
Alli ſe eſculpe em Inſcripçôes preclaras
Eter-

Eterna Historia.

Cançaõ-se os Fidias nos sinzeis vaidosos,
Os Brontes suaõ na sonora incude;
Insta a vaidade, que a seus fins pomposos
Tod'Arte. estude.
Quando a fadiga attonito contemplo,
Digo: he memoria a triunfo dedicada?
Ou he de illustre venerando Templo
Ara Sagrada?
Se he (como inculca) tumulo sublime,
He certamente d'alto Heróe Celeste,
Cujo despojo, que á infecçaõ se exime,
Já gloria veste.
Naõ: he encerro (a verdade clama)
De cinzas torpes, de horrida ossadura
De quem pertende superar com fama
A morte escura.
Ostenta morto cultos ter de Nume
Quem vivo fora nos seus vicios bruto;
Immortal nome segurar presume
Na morte astuto.
Quanto te enganas, oh mortal vaidoso,
Nesse perdido pródigo thesouro!
Ess'urna altiva, esse Epitafio honroso
He teu desdouro.
Quando no ufano tumulo effeituas
Tanta soberba, mais em toda a idade
Teu ser caduco louco perpetúas
Nessa vaidade.
Ninguem, só estatuas, a tua morte sente,
Ninguem, só Versos, chora com espanto;
Qualquer que passa, quando os lê, prudente
Se ri do pranto:
E diz; tu vivo sempre desfrutaste
Torpes delicias, prodigos prazeres;

A

A melhor cousa, que na vida obraste,
Foi o morreres.
Se na alta urna a fama lisonjeira
Finge na tuba, que louvores sôa,
Por bocas cento logo verdadeira
Vaõ te apregôa:
Sem cessar clama: tudo está mentindo
Nesta dolosa lugubre morada;
Quem mil grandezas vos está fingindo,
He pó, he nada.

O Candido
Ao Garçaõ
Saude envia.

COMO hei de apparecer, Garçaõ amigo,
E chá beberriccar na coxa banca,
Senaõ posso sahir do meu cantinho,
Sempre assustado, mais do que receia
Os harpeos do falcaõ timida garça.
Que he isto? ris-te? cuidas por ventura
Que remoqueio a Harpia dos meus cóbres,
Que comtigo nasceo dos mesmos ovos?
Naõ, naõ he esse o medo que me incova,
Que eu déra liberal vintens aos centos,
E fora esse o meu susto: Ando escondido,
Porque temo me bispe, ou de encalhada
Me pilhe hum charlataõ, que me persegue
De dia, e noite, quando saiho, ou entro.
Dar naõ posso huma volta, dar hum passo,
Sem marrar infeliz com este duende:
Se á cerca vou, se o corredor passeio,
Se me ponho á janella, ou chego á porta;

Por

Por toda a parte me pesquisa o faro
Do apostado sabujo. Ai, ai que sinto
Petiscar na tranqueta: certamente
He elle; que farei? Abra, quem bate:
Oh enganei-me: és tu rapaz? espera;
Ora ahi tens o premio promettido,
E trata em ganhar sempre nos certames,
Moldando Versos pela fórma antiga.
Seguir sempre a Virgilio, sempre a Horacio,
Ao doce Ovidio pouco, aos outros nada.
 Porém tornando, Amigo, ao meu trambolho,
Eu o soffrêra em fim se elle de Versos
Naõ trouxera algibeiras atulhadas:
Já hoje me empurrou hum cadernorio,
Cosido n'hum cebento pergaminho,
Com *Acrosticos* mil, mil *Labyrintos*,
E hum contrapezo de *Écos*, e *Anagrammas*,
Que, quando os ví, as carnes me tremêraõ,
E o pacto renunciei pelo seguro.
 Muito mais crí ser magicas receitas,
Quando me leo huns Versos, que eu attento
Naõ pude perceber. Que? Naõ entendes?
Me disse elle sorrindo em tom de mófa;
Pois ouviste hum Soneto em quatro linguas,
Que mandei para o Porto á nova Arcadia.
Foi fornada feliz; armou-se todo
Na loje do barbeiro, que applaudio-o,
E huma copia lhe dei, que naõ quiz paga.
 A cada Verso, que elle vomitava
Com braços largos, olhos espantados,
Boca escumosa, gestos retorcidos,
E voz, que bombas imitar podia,
Eu comigo rosnava: oh venturoso
De quem vive entre alarves Topinambas,
Que ouve lingua mais clara, e mais polida.

Quem

Quem me dera lá vêr-me: antes seus monos;
Que este com seus trigeitos affectados.
Elle vendo-me sério, e pensativo,
Creio (me diz) que estás maravilhado
De tanto esforço de arte, e de juizo.
Para chegar aqui, muito suámos,
Muitas noites perdemos: estas unhas
Se roidas estaõ, estas pestanas
Se queimadas me vês, he tudo effeito
De accerrima liçaõ, de estudo a fundo.
Sei de cór o *Thesauro*; de *Graciano*
Repito a *Arte de Agudeza, y Ingenio*;
Gongoras, Calderões, Lopos, Candâmos,
Moretos, Salazares, e *Solizes*.
Com quantos por seus rastos caminháraõ
Saõ para mim lições mais decoradas,
Que as Novenas nos cegos trovadores.
Q'altos Poetas! delles treme Apollo,
Por isso nunca os quiz no seu Parnasso.
Grande Homem foi Virgilio, mas mesquinho,
Famoso Homero foi, mas paroleiro,
E ambos Poetas lá das priscas Eras,
Que naõ atura a moda destes tempos.
Por isso eu naõ querendo perder passo,
E atrazar-me na delfica carreira,
Deixei-os no seu vôo terra terra,
E impellido de hum éstro agongorado,
O Pegaso venci, e fui-me ás nuvens.
Dizem-me que entre os Gregos fora insigne
Hum tal Pindaro, hum certo Anacreonte,
E entre os Romanos ... naõ me lembra o nome ...
Ah já me occorre, Horacio, e mais Catullo;
Mas confesso que delles naõ sei nada,
Porque naõ sou freguez de Baccho, e Venus.
E se bons foraõ, naõ me fazem falta,

Co-

Como á manhã verás, que carregado
Aqui virei de Rimas, e Poemas.
Quando isto proferio, naõ pude ter-me,
E arrancando hum suspiro d'entro d'alma,
Disse-lhe em alta voz, e em tom severo,
Como quem já queria deshavir-se,
Destampando, qual brava regateira.
Carregado de Rimas, e Poemas!
Nunca cá chegues, caustico insoffrivel,
Câmba te dê nos pés, torpor na lingoa,
E marres n'huma esquina de improviso
Com torpe, e bruxa velha, ou torto asiago,
Q'a bafo, e olhado á terra te baqueem.
Contra mim indignadas sinto as Musas,
Pois com maõ taõ pezada me castigaõ:
Nada me accusa a consciencia; eu nunca
C'o a turba vil, que engatinhando intenta
Trepar ao alto Pindo, tive trato.
Os meus amigos saõ o illustre Pina,
O sublime Diniz, o terno Quita,
O arguto Feliciano, e esse ingrato
Ás Aonias Deidades, o Theotonio:
Mas sobre todos tu Garçaõ, que em faixas
Nas azas do alto Cisne de venosa
Foste levado aos braços de Thalia.
Ha longos annos (creio que saõ trinta)
Que eu a estante limpei de mil Poètinhas
Que inda os Confucios saõ da nossa China.
Oh quanto adubo, quanta alcomonia
Tem embrulhado a decantada *Phyllis*,
A Lusitana *Feniz Renascida*,
A barbara *Insulana*, o vil *Viriato*,
O *Virginodos* torpe, as *singulares*,
Generosas, e Anonimas palestras,
Com mil outros Latões, que eu estimava,
Mais

Mais do que prata velha hum fanco avaro.
Pois entaõ, Musas, se eu fiel vos sirvo,
Se eu gasto com *Camões* noites, e dias
E aprendo por Bernardes, e Ferreira,
Musicos immortaes, que em vossa orchestra
Fazem a voz segunda ao venusino,
E Mantuano Cantor sem competencia;
Porque haveis permittir, que hum importuno
Aio do vosso Palafrem alado,
De modo me persiga, que hum petardo
Nunca se agarrou tanto em ferrea porta,
Como se pega a mim este malvado?
Porque o naõ converteis em sanguisuga
Dos charcos de Aganippe, ou em morcego,
Q'da cimeria cova nunca saiha?
Aqui deo o velhaco outro sorriso,
Mostrando graça achar nos meus enfados,
E em branda voz me diz, Quanto quizeres,
Pódes fallar de mim; naõ desconfio,
Porque o teu genio sei; dos teus Amigos
Sabes ser soffredor. Oh mal o haja
Essa Arcadia, a quem segues, e apregoas
Pela mana mais intima das Musas.
Essa Senhora sempre desdanhosa
Tudo despreza, nem com flor se adorna,
Se a naõ semeaõ Gregos, e Romanos,
E a rega de Hypocrene o licor puro:
Jactar-se de ser bella per si mesma,
E posturas naõ quer, ou vãos enfeites,
Chama semsaboria aos saes agudos
Do decantado Owen; Paranomasias;
Anthiteses, equivocos frisantes,
Conceitos, que algum dia as sobrancelhas
Arquear faziaõ, como se os dissera
Lope em Castella, e Chapellain em França,

Su-

Tudo ella tem por vil quincalharia,
Que á Plebe do Parnasso só contenta,
Como ao simples Tapuia a vã missanga.
Se alguem do terço velho a voz levanta,
E em bons toantes diz huma exquisita
Metafora que saihe dos eixos dados,
E Hiperbole que exceda a já prescrita
Bitolla dos antigos, frioleira,
Pedantismo, ignorancia, insulso gosto,
Chamaõ da Arçadia os duros Rhadamantos,
E arreaõ-lhe a bandurra quasi todos,
Menos eu, que sou Gama de outros Mares.
Ora já que te devem tanta estima
Da antiguidade as lyras mais sonoras,
Quero á manhã trazer-te (naõ te assustes,
Nada de Rimas, nada de Poemas)
De sergidos Centões raro thesouro,
Minados em Marcial, Lucano, e Estacio,
Poetas de maõ cheia, que encováraõ
Quantos antes jactára ou Grecia, ou Roma.
Pois que? naõ digo bem? tenho máo gosto?
Tu franzes me o nariz, à testa enrugas?
Quem te ha de contentar? Ora paciencia
Tem por hum pouco, que eu vou já buscallos,
E espero desta vez dar te no goto.
Para á manhã naõ fique, a casa he perto:
Tenho gosto em que admires hum trabalho,
Que Seculos levará a outro engenho,
E a mim levou-me quasi o mesmo tempo,
Que a escrevellos precisava: eu volto.
Centões! e de Marcial, Lucano, e Estacio!
(Desabafei entaõ) vai-te em má hora
Insulso causticante, e só cá tornes,
Quando tornar ás chaminez o fumo.
Vai-te palestra armar, e arrotar Versos

Do

Do Arsenal no guindaste embasbacando
Quantos palrilhas fazem lá seu pouso.
Oh se ahi te pilhasse, e te mettesse
Na calceta com Rimas, e Poemas.
Esse illustre Mendonça arrimo, e sombra
De bons, de máos perseguidor sevéro;
Que prazer eu teria, se soubesse,
Que os Écos, os Centões, os Anagrammas,
E quanto escreve o meu arrumadiço
Serviaõ reduzidos a torcidas
Para accender os fetidos cachimbos!
Ditoso tu, Amigo, que perito
Na pintura que fallava na Poezia,
Que aos olhos bem se exprime em mudas vozes,
C'o a penna, ou c'o pincel as horas passas
Lonje do trato destes importunos,
E apenas sabes que inda a Terra os soffre,
Se bem que inutil pezo entre os viventes.
Lá retirado sempre em companhia
Do Pindaro Latino, que a dar passos
Te ensinou com seguras andaduras,
Por elle defendido estás seguro
De que te ataque hum charlataõ Poeta,
Porque ainda o teme, e temerá tal gente,
Mais que a Cocytia turba o austéro Minos.
Mas aï que avisto o meu fatal trambolho!
E como vem correndo; adeos, amigo,
Esconder-me vou já na Livraria;
Só nella posso dar-me por seguro,
Porque ahi nunca entrou, nem chega á porta.

ODE

Aos annos de duas Senhoras.

Não cantarei em minha branda lyra
Do luzo braço os golpes, que sentiaõ
Os membros Africanos.
Nem do temído vencedor de Ourique
O combate cruel cheio de mortos,
Que fez vermelho o corpo ao claro Téjo.
Nem como os mortos Batavos causáraõ
Total espanto aos Phocas moradores
Dos Mares de Malaca
Como tomou Joaõ aos Mouros Ceuta
Depois que segurou o Throno Luzo
Quasi cahido aos pés dos Castelhanos.
Fique para outros com saberba Histŏria
Tecer os louros de hum famoso Castro,
De hum rígido Albuquerque.
Os Collos Malabares sobmettidos
Ás armas de Pacheco dem embora
Nome ao seu braço, á sua fama vida.
Eu cantarei sómente os bellos annos
De Maria, e Joanna: o vivo lume
Dos engraçados olhos;
O talhe airoso, os braços torneados,
Que formosa menea quando dança,
Em si levaõ enlaçados os desejos.
Vaõ-lhe as graças movendo airosamente
O alternado pé: d'espanto cheias
Pasmaõ da Venus nova:
E olhando os bellos passos vai o filho

De Accidalca, lançando ſobre as almas
Redes mais finas, que as que fez Vulcano.
  Com voſſo Canto os Numes ſe ſuſpendem,
Minerva, a ſábia Deoſa, ſobre a boca
De Maria diſpondo.
Mil ſuaves prizões d'aureas palavras
Nellas lhes involve a graça o ſábio aviſo
As borrifa de Nectar ſaboroſo.
  Se brandas alternaes com doce acordo
As doces, as ſuaves harmonias,
Os Heróes, que me importaõ!
Quebro o plectro; vós ſois as minhas Muſas;
Vou á lyra entoar voſſos louvores,
E Apollo ao meu ouvido os vai dictando.
  Que faz entre as Eſtrellas a dourada
Coma de Berenice? A trança loura
Que deſce pelos hombros
De Joanna he mais precioſa do que juntas
As riquezas de Creſo, e quanto ouro
A Terra eſconde ainda aos avarentos.
  Embora dem prazer aos luminoſos
Moradores do Olympo, as doces lyras,
Ou de Orfeo, ou de Nyze
O inſtrumento, que as mãos eburneas tocaõ
De Maria, tivera ao Ceo ſubido,
Se a aguia de Jove ſe atrevaſſe ao roubo.

A HUM NOVO CAVALLEIRO
da Ordem de Christo.

ROMPEM curvadas quilhas atrevidas
Por Climas naõ usados
De Neptuno as espaldas insoffridas.
Por serros naõ trilhados,
Por fervidas arêas, crespos gelos
Devaça o affouto pé do Orbe os cancellos.
Co'a maõ segura ás roupas da virtude
Naõ teme o Varaõ forte
Da leoa, ou da ursa a garra rude.
Calca o semblante á morte,
Ou na ferrea peleija, ou na tormenta
As lanças quebra, os Euros amedrenta.
Sem mais que o seu valor, e tropas duras
Alexandre em Arbellas
Juncou o campo d'auréas armaduras.
As frontes amarellas
A tres Pretores fez voltar ousado
Viriato de astucia, e esforço armado.
Estremecem ao insolito rebate
Quando o ardido Soares
De Meca ás portas co'as trombetas bate.
Tremolaõ pelos ares
Nos nadantes baixeis farpadas quinas,
Quando avista o Cabral Brasil, e Minas.
Na Asia Alboquerque, na Africa Menezes,
Valentes retalháraõ
Indianos broqueis, Mouros arnezes.
Os Phocas se assustáraõ

Das

Das Lusitanas náos empavezadas
Trilhar de Eoo as humidas estradas.
Mas que furor se atea no meu peito!
Novo fogo me accende,
Hum Deos me inspira, e com pasmoso effeito
Minha alma se desprende,
Os ares vou fulhando, e voo solto.
Que Templo he este, que á direita eu vejo!
Que Altar de verde antigo!
Teu Santo Simulacro humilde beijo:
Salve ó Nume amigo.
Este he da gloria o Templo: aqui saõ Numes
Os Varões de honradissimos costumes.
Alli vejo eu Nun'Alvares.... si na lança,
Que foi da Patria o amparo,
O grave corpo impavido descança:
Alli se eu bem reparo
Está Manoel; está Jaõ Segundo,
Que ensinou a ser Reis aos Reis do Mundo.
Ouço os Almeidas, e Assumar valente
Castro, Cunha, S. Paio
Memorando as façanhas do Oriente
Do Achem, e do Malaio
Contaõ com gosto os feitos, que acabáraõ
Golpes que deraõ, Reis que avassalláraõ.
Dom Joaõ da Silva, que o baixo Mundo
Vejo olhar com cuidado,
O rosto tinge de prazer
C'o braço recostado
Na orla do escudo: o corpo sobranceiro
Assim te falla o novo Cavalleiro.
Á tua fé, aos teus Reis, á Patria amada,
Na guerra te ensinei
A defender com a tingida espada.
Mil perigos affrontei

Pela Fé, pelo Rei, e Patria a vida,
Se assim se perde 'he muito bem perdida.
Por acções de valor duras fadigas
Se ganha a fama honrada
Naõ por deleites vís, torpes intrigas.
Zona fria, e queimada
Víraõ de Cancro á ursa de Calisto
Cavalleiros da roxa Cruz de Christo.
Vencêraõ esforçados
Com valor nunca d'outra gente visto
Tantos Povos armados,
Tantos Reinos no Antipoda Hemisferio,
Que deraõ hum novo Imperio ao Luso Imperio.

PRIMAVERA.
ECLOGA.
AGRARIO, E FRONDOSO.

Agrario.

AGORA, que a viçosa Primavera
Bórda de flores mil estas campinas,
E cinge os ulmos de flexivel hera.
Porque entre as odoriferas boninas
Naõ te sentas aqui, caro Frondoso
Junto ás aguas do Moira chrystallinas?
Vê como no Oriente luminoso
Entre as douradas nuvens chammejando
Rompe o nocturno manto o Sol formoso
Vê como entre os arbustos sussurrando
Vai o brando favonio, e desta fonte

As

As crystallinas ondas encrespando.
Verdeja em torno o campo, a serra, e o monte,
Serena a manhã vem, nem denigrindo
Estaõ escuras nuvens o horisonte.
Olha quaõ doce sombra está cahindo
Desta faia frondosa, consagrada
Ás santas Nynfas pelo sabio Olindo.
Entrega a Melibeo tua manada,
Ou neste verde prado á minha unida,
Pascerá a herva tenra, é orvalhada.
Tudo aqui a recreio te convida
O rio murmurando, o prado hervoso,
Senta-te, meu Pastor, por tua vida.

Frondoso.

Aqui me tens, Agrario venturoso,
Prompto a passar em tua companhia
Toda a manhã por teu amor gostoso.
Feliz, ah meu Pastor, me chamaria
Se com tigo viver a todo instante
Me deixasse do Fado a tyrannia.
Mas minha estrella barbara, e inconstante,
E o despiedoso amor sempre me trazem
Por varias Regiões afflicto, e errante.
Em vaõ estes meus olhos se desfazem
Em triste chóro: em vaõ rógos ardentes
A Marilia, e ao Ceo meus labios fazem.
Pois sempre em meus pezares vehementes
Acho a Marilia dura, e empedernida,
E aos Ceos surdos, surdos, e inclementes.

Agrario.

Naõ consumas, Frondoso, a tua vida
Em tristes mágoas, ao prazer te entrega,
Que causa n'alma a Estaçaõ florida.
O atribulado espirito socega,
Que inda algum dia gozarás ditoso

Dos bens, que o teu destino hoje te nega,
Por tanto como Canto numeroso,
E com a companhia dos Pastores
Disfarçar esse tormento rigoroso.
Entoa já os sons encantadores,
Canta os Divinos Versos, que algum dia
Foraõ admiraçaõ dos mais Cantores.
Se cantasses agora, eu te daría
Hum novo tom d'hera fabricado,
Premio, que a ti, Pastor, te agradaría.
Obra, Amigo, d'artifice afamado,
Já mais bebi por elle, màs inteiro
O goardo sem o ter nunca tocado.
Vé-se gravado alli manso ribeiro,
Com as ceruleas ondas esmaltando
As verdes faldas de hum viçoso outeiro:
Onde por toda a parte verdejando
Se vem as tortas vides pampinosas,
Aos alvos choupos mil abraços dando.
No lugar, onde as cepas mais ramosas
Travadas denso bosque vaõ tecendo,
Se mostraõ duas Nynfas graciosas.
Huma nos seus gentís braços sostendo
Molle cestinho d'uvas peregrinas,
Parece esta-lo á outra offerecendo.
A qual expreme com as mãos divinas
Rochos cachos n'hum cópo marchetado
Das mais brilhantes côres, e mais finas.
Nelle pega hum mancebo delicado,
Que nas feições a Baccho se assemelha,
D'hera, e de crespas parras coroado.
Tinto o semblante tem de côr vermelho
E c'os olhos observa a Nynfa attento,
Sorrindo-se, e arqueando a sobrancelha.
Este novo, e bellissimo portento

De

De quem com attençaõ nelle repára,
Enleva a vista, enleva o pensamento.
Tyrsis, que lá no Menallo o comprára,
Asseguróu-me quando mo vendia,
Que o claro Alcimidonte o fabricára.
Mas se a tua sonora Melodía,
De que as Musas fazem tanto apresso,
Ouvisse agora, eu logo to darei.

Frondoso.

Naõ mais, Pastor, naõ mais, já t'obedeço,
Cessem louvores, de que naõ sou digno,
Tempéra a tua frauta, que eu começo.
Escuta hum novo Canto, alto, e divino,
Que á chegada da fresca Primavera,
Junto ao Téjo entoou o brando Alcino,
Que dizem, que de Apolo o aprendêra.

I.

Eis-vem a Aurora do Oriente abrindo
C'a linda maõ rosada
As purpureas janellas:
A bella Prmavera conduzindo
Na carroça esmaltada,
Cingidas de capellas
Trazem as alvas frentes,
Já lá nos Horizontes
Seus angelicos rostos triste vendo,
Vai-se o Inverno escondendo.

II.

Desce do Ceo o Padre Omnipotente
Em chuveiros fecundos
Ao regaço da Esposa,
E com ella se junta estreitamente:
Em abraços jocundos
Nesta uniaõ amorosa
Brotaõ dos ferteis seios

Os graminosos arreios
Os campos, e os bosques, que enverdecem
De mil flores guarnecem.

III.

Logo imitar começaõ á porfia
Taõ doce ajuntamento.
Os animaes, e as aves.
Descobrem com canora melodia.
Seu amante tormento
Os rouxinoes suaves
E vem-se em dura guerra
Pela loura bezerra
Os curvos cornos entre si travando
Os Touros peleijando

IV.

Os leves nevoeiros desbaratà
Com seus raios brilhantes
Apollo luminoso,
Eis-se desfazem já em miuda prata
Sobre as flores fragantes
Do prado deleitoso,
Que quaes Astros fuzilaõ
Com as gottas, que scintillaõ,
Ou quaes os olhos da gentil Pastora
A quem minha alma adora.

V.

Soltaõ já as correntes prateadas
Das urnas refulgentes
As Nayadas Divinas,
Humas serenas manaõ, marchetadas
Das arvores frondentes,
Dos lyrios, e boninas
Que em tornõ estaõ brotando,
Vem-se outras burbulhando,
No cume das montanhas pedragosas

Cor-

Correm ruidosas.

VI.

Já com Flora o Favonio ledo voa,
E o Corno de Amalthea
Entorna sobre o Mundo;
Já nos bosques a aura branda sôa
E nas searas ondea
Com sussurro jocundo;
Já ondas cento, e cento
Com leve movimento
No manso rio em circulos dilata
De crystallina prata.

VII.

Sobre hum carro de lucida Safira
Vem Amphitrite bella
Com seus olhos formosos,
Dos ventos amançando a cruel ira,
Tornaõ se á vista della
Os montes procellosos
Das Regiões salgadas
Em ondas socegadas
Cercando a Deosa no fervente estanho
Qual ballante rebanho.

VIII.

Os busios retorcidos que ao Sol luzem
Mil tritões escamosos
Sopraõ na vista torvos,
Gentis Nereidas sobre si conduzem
Os Delfins amorosos,
E com frequentes sorvos
O negro Mar chupando
Delle as vaõ rociando
Esmaltando-lhe as tranças d'ouro fino,
De aljofar chrystallino.

IX.

Baixa aos campos do Téjo cythara
Sobre nuvens brilhantes,
Dos amores cercada:
Já nos ares a ardente faxa ondea
Com chammas rutilantes,
Já ferve a turba irada
E em sanguinosa guerra
Dispáraõ sobre a terra
Nuvens de séttas, que zonindo voaõ,
Já mil alfaias soaõ.

X.

Mas que festiva, e rustica harmonia
Me fere nos ouvidos
De frautas ressonantes!
Eis sahir vejo em leda companhia
D'entre os louros floridos
Mil satyros saltantes
Com as Nynfas formosas:
Eis nas margens viçosas
Do Téjo o alegre coro já se enleia
Em rápida chorea.

IX.

Pastores destes campos deleitosos
Erguei novos Altares
Onde em continuos votos
Os fumos dos aromas mais cheirosos
Suba ondeando aos ares.
E com Hymnos devotos
Hum tenro cabritinho
Nelle sacrificai coroados d'hera
Á santa Primavera.

Agrario.

Qual o perdido afflicto caminhante,
Por fragosos desertos conduzindo

O lasso corpo seu com passo errante
  Quando Phebo no Mar se vai sumindo
Já de sima da rocha levantado
O desejado alvergue descubrindo,
  Tal minha alma ficou arrebatada
Ouvindo a tua doce melodia
E a graça desses Versos estremada
  Ergue-te, e vem em minha companhia
Que o merecido premio quero dar-te,
E na minha cabana todo o dia
De leite fresco, e fruta regalar-te.

IMITAÇAÕ DA ODE III. de Horacio.

AQUELLE, que o caminho, que mostrando
Lhe vaõ os resplandores
Da formosa Virtude,
Vai com passo seguro caminhando,
Immovel aos furores
Sempre he da Plebe rude
Immovel ao insano
Ameaço do Tyranno
Tendo a Virtude sempre comsigo
Intrepido no perigo.
  Qual o carvalho, que do mais possante
Vento as impetuosidades
Despresa, e quasi enfrea:
De Neptuno impollado, e do Tonante
Naõ teme as tempestades,
Os raios naõ receia;
Se cahir sacodido

O

O orbe do eixo, e opprimido.
Nas ruinas ficar: pódem matallo,
Porém naõ assustallo.
Por isso Hercules, Polus, e famosos
Mil outros habitando
(Premio devido, e justo)
Estaõ os apozentos luminosos.
Por isso descançando
Entre elles está Augusto:
Por isso, ó Baccho, ao Ceo
Subiste, ao carro teu,
Tigres juntando a todos formidaveis
Mas a tí só domaveis
Por isso, ó Romulo, podeste
No carro de Mavorte
Fugir o triste horror
Do Acheronte; por isso mereceste,
Que aos Deoses a Consorte
De Jove a teu favor
Dissesse. A Troia á scena
Paris incesto, e Elena
Mudáraõ, e o cruel fogo lhe pozeraõ,
E em cinza a desfizeraõ
Troia, a perjura Troia de opulenta
A cinzas reduzida,
E depois de huma guerra
Taõ longa, taõ funesta, taõ violenta
De todo destruida
Cahe infeliz por terra,
Sente, sente os supplicios
Ó Troia de teus vicios;
Sabe, que da virtude quem se esquece
Castigo igual padece.
Já Neptuno, e Apollo bem-vingados
Estaõ de Laomedonte,

E eu

E eu do vil Pastor,
Nos Troianos seus erros castigados
Estaõ: Da fatal fonte
De minha justa dor
Já tem bastantemente
Contra elles huma enchente,
Manado de infortunios, perseguido
Os tenho, e destruido.
  Quanto trabalho em vaõ, quanta fadiga
Naõ tenho eu empergado
Contra huma exigua parte
Desta infame gente minha inimiga,
Mas como contra o Fado
Nem força val, nem arte,
Vi-me a deixar forçada
A empreza começada,
Mas sempre conservei ao sangue imigo
No peito o odio antigo.
  No peito conservei, e conservára
Inda, se do famoso
Romulo a inimitavel
Virtude, e rectidaõ naõ mo apagáraõ.
Nelle o sangue odioso
Troiano m'he amavel,
Seja-lhe concedido
O premio merecido,
Eu consinto que venha, ó Marte, ao Ceo
O honrado filho teu.
  Venha; e o número dos Deoses accrescente
Feliz: os seus Romanos
Fortes, e bellicosos
Sejaõ sempre; e o Imperio seu s'augmente.
Vejaõ-se os Africanos
E os Parthos enganosos
Sempre a seus pés postrados

Seus

Seus nomes celebrados
Tema, e admire do Clima mais remoto
O habitador ignoto.
Presista o excelso Capitolio, d'onde
Os Pais da Patria honrados
As Leis estejaõ dando
Ao Persa, ao Indio, ao Mouro, ao... mas onde
Discursos sublimados
Dos Déoses arrastrando,
Vens louca Musa minha!
Á lyra naõ convinha
Taõ alto assumpto! Na tua humildade
Naõ perca a gravidade

SONETOS.

VERÁS Filis cruel, sahir correndo
Destas veias o sangue derramado,
E verás este peito trãspassado
Dar provas de leal, inda morrendo.
Verás o braço erguido, a maõ tremendo
O golpe repetir, e no rasgado
Peito estar o teu rosto idolatrado
Pela aberta ferida apparecendo.
Entaõ verás, tyranna, a crueldade,
Com que fazes perder-me a doce vida,
Sem ter mais outra culpa, que a lealdade.
Verás em fim, cruel, féra homicida,
Esta alma, que arrancaste sem piedade,
Beijar-te ainda a maõ na despedida.

II.

Da nuvem transparente, que rasgava,
A cytherea Venus, vem descendo
Com ella o filho iniquo apercebendo
Huma as iras crueis, outro a aljava.

Ah

Ah cupido! que affronta a Mãi fallava
Deſprezar-nos ſoberba... aſſim dizendo,
A voz, a viſta irada revolvendo,
Ira a Mãi, ſétta o filho diſparava.
Offendida da voſſa formoſura,
Que das aras lhe rouba a idolatría
Do filho acorre á ſétta iniqua, e dura.
O vento as iras leva, e vos deſvia
A mañ de Jove a ſétta; eſtai ſegura,
Que elle reſguarda voſſa galhardia.

Fim do Tomo Terceiro.

INDICE.

CARTA escrita ao Editor. 1
Manobra dos Navios. 5
Qualidades do Terreno mais proprio para a cultura das Arvores fructiferas. 23
Avisos economicos sobre a Cultura do Carvalho, e Castanheiro. 25
— *Natureza das terras incultas, suas propriedades para matos.* 26
— *Cultura do Carvalho em terras frias, que sómente produzem poucas moutas.* 27
— *Despeza em cultivar de matas huma geira de terra fria cheia de espinhos, e de fazer com que dentro em 25 annos dê 3 milheiros de feiches por geira.* 36
— *Modo de cultivar as Arvores depois dos 20 annos.* 40
— *Modo de governar os mátos de lenha, onde naõ ha páos para barrotes.* 46
— *Do modo de fazer caminhos sólidos entre as devezas, ou em parte, quando o terreno he barrento.* 47
— *Observações economicas sobre a Cultura dos Castanheiros.* 50
— *Das Lagartas, Bizouros, e outros animaes nocivos ás Arvores.* 53
— *Arvores, que nascem nas florestas entre os Carvalhos.* 56
Receita para salvar os trigos de toda a corrupçaõ. 59
Methodo de conservar a saude nos que andaõ embarcados. 64

Cor-

Correspondencia de Sir Carlos Wolban com Sir Jorge Bedfort, e Sir Oliveiro Stewert.

Sir Stewert a Sir Wolban. *Nova funesta. Doença singular, com tudo commum na Grã-Bretanha, e em outras partes.* 81

Jones a Sir Wolban. *Frenesi de Jones: Espantoso projecto, meditado em seu socego.* 85

Sir Wolban a Jones. *Humanidade de Sir Wolban. Seus mortaes desasocegos; prudentes conselhos que dá a Jones.* 87

Sir Stewert a Sir Wolban. *Acontecimento previsto. Cruel catastrofe. Questaõ difficultosa a resolver.* 89

Wolban a Stewert. *Reflexões ácerca do Suicidio. Suas causas. Gosto singular dos Romanos, e loucura dos Inglezes.* 91

Continuaçaõ das Fabulas Indianas. Desde a pag. 105 atê 117.

O quanto importa a huma Naçaõ ser bem instruido o Principe, que a governa. 117

Reflexões sobre o Direito Natural, e sobre as Leis positivas. 130

Memorias para ajuntar a vida de Uriel da Costa. 153

Memorias sobre o elemento terrestre. 161

Memoria sobre a origem da Impressaõ. 179

Dissertaçaõ sobre as Canas de Assucar. 187

Avisos economicos sobre o modo de curar os porcos. 197

Do Enxerto das Arvores. 206

Es-

— *Escolha dos ramos para o enxerto.* 207
— *O que se deve observar a respeito da situaçaõ dos olhos, ou botões do enxerto.* 208
— *Meios de fundar, e aperfeiçoar o fructo das arvores que se enxertaõ.* ibid.
— *Tempo, e maneira de enxertar as cepas.* 209
...rta a hum Naturalista sobre as Serpentes. 211
...nhecimentos Geraes acerca do Estado dos Meninos recem-nascidos. 213
— *Modo de pensar as Crianças.* 220
...so, e Economia das Cinzas. 233
...odo de escrever em segredo. 235
...eflexões ácerca das Taxas sobre as Terras. 237

POESIA.

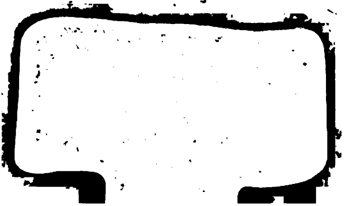
...ida, e Morte de Thomás Pinto Brandaõ. 240
...pina. Ecloga do R. P. Francisco José Freire. 279
...nho moral. Ode Epôdica pelo mesmo. 290
...de contra os Tumulos pelo mesmo. 293
Candido ao Garçaõ saude envia. 295
...de aos annos de duas Senhoras. 302
— *A hum novo Cavalleiro da Ordem de Christo.* 304
...imavera, Ecloga. 305
...nitaçaõ da III Ode de Horacio. 313
...onetos. 316

—— *Escolha dos ramos para o enxerto.* 207
—— *O que se deve observar a respeito da situaçaõ dos olhos, ou botões do enxerto.* 208
—— *Meios de fundar, e aperfeiçoar o fructo das arvores que se enxertaõ.* ibid.
—— *Tempo, e maneira de enxertar as cepas.* 209
Carta a hum Naturalista sobre as Serpentes. 211
Conhecimentos Geraes acerca do Estado dos Meninos recem-nascidos. 213
—— *Modo de pensar as Crianças.* 220
Uso, e Economia das Cinzas. 233
Modo de escrever em segredo. 235
Reflexões acerca das Taxas sobre as Terras. 237

POESIA.

Vida, e Morte de Thomás Pinto Brandaõ. 240
Alpina. Ecloga do R. P. Francisco José Freire. 279
Sonho moral. Ode Epòdica pelo mesmo. 290
Ode contra os Tumulos pelo mesmo. 293
O Candido ao Garçaõ saude envia. 295
Ode aos annos de duas Senhoras. 302
—— *A hum novo Cavalleiro da Ordem de Christo.* 304
Primavera, Ecloga. 305
Imitaçaõ da III Ode de Horacio. 313
Sonetos. 316

— Escolha dos ramos para o enxerto. 207
— O que se deve observar a respeito da situaçaõ dos olhos, ou botões do enxerto. 208
— Meios de fundar, e aperfeiçoar o fructo das arvores que se enxertaõ. ibid.
— Tempo, e maneira de enxertar as cepas. 209
Carta a hum Naturalista sobre as Serpentes. 211
Conhecimentos Geraes acerca do Estado dos Meninos recem-nascidos. 213
— Modo de pensar as Crianças. 220
Uso, e Economia das Cinzas. 233
Modo de escrever em segredo. 235
Reflexões acerca das Taxas sobre as Terras. 237

POESIA.

Vida, e Morte de Thomás Pinto Brandaõ. 240
Alpina. Ecloga do R. P. Francisco José Freire. 279
Sonho moral. Ode Epòdica pelo mesmo. 290
Ode contra os Tumulos pelo mesmo. 293
O Candido ao Garçaõ saude envia. 295
Ode aos annos de duas Senhoras. 302
— A hum novo Cavalleiro da Ordem de Christo. 304
Primavera, Ecloga. 305
Imitaçaõ da III Ode de Horacio. 313
Sonetos. 316